

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SANEAMENTO,
MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS

O PAPEL DO SUJEITO EM RELAÇÃO
À ÁGUA DE CONSUMO HUMANO:
UM ESTUDO NA CIDADE DE VITÓRIA-ES

Sara Ramos da Silva

Belo Horizonte

2007

**O PAPEL DO SUJEITO EM RELAÇÃO
À ÁGUA DE CONSUMO HUMANO:
UM ESTUDO NA CIDADE DE VITÓRIA-ES**

Sara Ramos da Silva

Sara Ramos da Silva

**O PAPEL DO SUJEITO EM RELAÇÃO
À ÁGUA DE CONSUMO HUMANO:
UM ESTUDO NA CIDADE DE VITÓRIA-ES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos.

Área de concentração: Saneamento

Linha de pesquisa: Impacto das condições do ambiente sobre a saúde

Orientador: Prof. Léo Heller

Co-Orientador: Prof. Jorge de Campos Valadares

Supervisor no Exterior: Prof. Sandy Cairncross

Belo Horizonte

Escola de Engenharia da UFMG

2007

Silva, Sara Ramos da
S536p O papel do sujeito em relação à água de consumo humano [manuscrito] : um estudo na cidade de Vitória-Es / Sara Ramos da Silva . — 2007.
(4), xvi, 285 f. , enc. : il.

Orientador: Léo Heller
Co-orientador: Jorge de Campos Valadares
Supervisor: Sandy Cairncross

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Engenharia.

Bibliografia: f. 212-227

Anexos: f. 228-230

1. Água – Qualidade – Vitória (ES) - Teses. 2. Vitória (ES) – Consumo de água - Teses. 3. Vitória (ES)- Abastecimento de água – Teses. 4. Água potável – Vitória(ES) – Teses. 5. Engenharia sanitária – Teses. I. Heller, Léo. II. Valadares, Jorge de Campos. III. Cairncross, Sandy. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Engenharia. V. Título.

CDU: 628.16 (043)

Ficha elaborada pelo Processamento Técnico da Biblioteca da EE/UFMG

Às milhares de pessoas que ainda não têm acesso
à água potável e às crianças que morrem diariamente
no mundo por doenças veiculadas pela água.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida,

a Livia pelo carinhoso apoio, compreensão da necessidade do afastamento físico e eterno amor,

a Tiago, à minha mãe, aos meus irmãos, familiares e amigos pela torcida,

ao Professor Léo Heller pela sempre presente, atenciosa e perspicaz orientação e incomparável dedicação,

ao Professor Jorge de Campos Valadares da ENSP/FIOCRUZ pela co-orientação e amizade,

ao Prof. Sandy Cairncross da LSHTM da *University of London* e a sua família pelo apoio e atenção imensuráveis,

ao Professor José Paulo Giovanetti da FAFICH/UFMG pelo incentivo na busca do saber sobre o sujeito,

aos Professores e Pesquisadores Fernando Lefèvre da FSP/USP, João Carlos Pinto Dias do CPRR/FIOCRUZ e Nilo de Oliveira Nascimento do SMARH/UFMG pela participação na banca examinadora e pelas valiosas contribuições,

a Maria Helena Rauta Ramos pelo incentivo e apoio na elaboração inicial do projeto de pesquisa,

a Marcia Lima pelo “vai, Sarinha!”,

a Marli Antunes, seus filhos Henrique e Luísa, e seus familiares pela carinhosa acolhida mineira e eterna amizade,

a Josiane Queiroz que acreditou e tanto contribuiu para o crescimento desta pesquisa,

a Claudia Nóbrega pela constante força e cuidado ‘online’,

a Marluce Aguiar pela longínqua amizade,

a Elizabete Madeira pela carinhosa amizade e apoio na escolha da área de Mangue Seco para realização do teste das entrevistas desta pesquisa,

a Núbia Alves pelo incentivo e apoio na escolha da área de São Geraldo, em Belo Horizonte, e dos entrevistados para a realização do pré- teste das entrevistas desta pesquisa,

a Carol Lanza, Carol Torres, Wesley, Maurício, Lenora, Jackson, Víviam, Florense, Carol Ventura, Susi e Cláudio pelo carinho e companhia mineira,

a Ângela e Adriana da ABES/MG pela companhia diária e atenção na Escola de Engenharia,
a Ruth Bastos, Rachel Avanza e Bernadete Alves pela possibilidade de reflexão e cuidado,
a Lau pela amizade, cuidado e atenção diária em Londres,
a Nadia Osman, Khatia Munguambe, Cristina Killinger, Ana Franco, Arantxa Felter,
Francesco Checchi, Joelma Queiroz e Virgílio Castro pelas dicas, companhia e os calorosos
cháns nos longos e frios dias londrinos,
a Mauren, Luke, Helena, Fevrona, Irini, Cristhian e aos colegas e funcionários do
International Lutheran Student Centre pela companhia, carinho e apoio diário,
aos amigos e colegas do Programa SMARH pelo companheirismo,
ao Programa SMARH pelo crédito, apoio de seus professores e dos funcionários Iara e
Márcio,
aos professores, funcionários, amigos e colegas da Pós-Graduação em Saúde Pública, do
Mestrado em Psicologia e da Pós-Graduação em Educação da UFMG pelo apoio,
aos professores, funcionários, colegas e amigos da LSHTM da *University of London* pela
acolhida pessoal e apoio no desenvolvimento da pesquisa,
a Sérgio Silveira Santos pelas adequações no programa de georreferenciamento utilizado pela
CESAN, que possibilitou as escolhas das áreas de estudo desta pesquisa,
aos funcionários do Instituto Jones dos Santos Neves e aos Professores Teixeira e Chico da
UFES pelo auxílio na pesquisa da história do saneamento da cidade de Vitória-ES,
aos moradores de São Geraldo em Belo Horizonte-MG e de Mangue Seco, Santa Teresa, Ilha
das Caieiras e Jardim Camburi em Vitória-ES que aceitaram participar desta pesquisa,
às equipes do PSF de Mangue Seco, Santa Teresa e Ilha das Caieiras pelo apoio,
aos agentes comunitários de saúde de Santa Teresa e Ilha das Caieiras e aos líderes
comunitários de Mangue Seco e Jardim Camburi pelo efetivo apoio à realização das
entrevistas,
ao Programa Bolsa Escola da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte pelo apoio,
à CESAN, Prefeitura Municipal de Vitória e Secretarias de Saúde do Estado do Espírito Santo
e Municipal de Vitória pelo apoio,
ao CEFETES e SESA pela permissão do afastamento e
ao CNPq pelo apoio financeiro.

PREFÁCIO

É necessário que uma causa sentimental, uma causa do coração se torne formal para que a obra tenha a variedade do verbo, a vida cambiante da luz. (BACHELARD, 2002, p. 1).

O objeto desta pesquisa emergiu em minha vida desde os tempos em que atuava como Visitadora Sanitária em uma Unidade de Saúde (US), na época vinculada à Secretaria Estadual de Saúde do Espírito Santo (SESA). Realizava trabalhos de campo - visitas domiciliares, reuniões e palestras em escolas, em termos de educação em saúde e atividades de atenção à saúde. A falta de condições mínimas de sobrevivência da população adscrita àquela US era para mim motivo de sofrimento e inquietação, dirigindo assim, a minha atenção para apreender melhor aqueles processos relacionados à saúde e ao saneamento.

Ao longo desses últimos vinte e tantos anos, no exercício da engenharia sanitária e ambiental nesse estado, acompanhei e participei de várias investigações de surtos e epidemias de doenças consideradas redutíveis por ações de saneamento. A falta de compromisso do poder público em praticar efetivamente o que preconizam suas leis junto àquela população desprotegida tem mostrado, a cada dia, grande incapacidade de sanar ou mesmo atenuar a dor de uma gente tão sofrida.

A oportunidade de atuar na coordenação da implantação do Programa de Monitorização das Doenças Diarréicas Agudas (MDDA) e na participação da implantação do Programa de Vigilância da Qualidade de Água para Consumo Humano (VIGIAGUA) nesse estado, despertou meu interesse em pesquisar o modo de vida da população, pelos seus hábitos e costumes em relação à água de consumo humano.

Essa vivência me fez desenvolver registros de observações, levantamento de indagações e mesmo exposição de algumas problemáticas, que passaram a permear meu leque de questões. Agora são envolvidos não apenas aspectos técnicos de saúde e saneamento, mas também alguns supostos sociais e políticos, na medida em que problematizava políticas públicas, lido através do qual naveguei adentrando-me na área das ciências sociais, procurando respaldos teóricos e formulando hipóteses para seus equacionamentos.

Por se tratar de uma pesquisa na área de engenharia sanitária e ambiental com interface na área das ciências sociais, busquei apresentar seu conteúdo de forma que atendesse às expectativas da academia nessas áreas. Assim, este volume está dividido em cinco capítulos.

A **introdução** mostra a relevância, justificativa, questões, hipóteses e objetivos relativos ao tema pesquisado.

O capítulo 1 apresenta a revisão de literatura realizada sobre a interface **saúde, ambiente e sociedade na modernidade**, o que representou o meu primeiro grande desafio, dada a necessidade de trilhar novos caminhos. Para investigar sobre o papel do sujeito em relação à água de consumo humano busquei conhecimentos em várias áreas e em autores que pudessem me dar suporte à interpretação, análise e discussão dos depoimentos obtidos nas entrevistas. Dada a diversidade de aspectos abordados nesta pesquisa considerei importante estudar sobre a constituição do sujeito na história para que me conduzisse na sua compreensão na modernidade. Para tanto, percorri o caminho da busca do saber sobre a subjetividade, o que me levou a estudar sobre cultura, comportamento e atitude. Também senti a necessidade de estudar sobre as representações sociais e os diferentes conceitos de discurso e de sua análise. Na apresentação dessa revisão considerei de igual forma importante mostrar esse caminho, pois acredito que, dado que esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola de engenharia, torna-se importante possibilitar aos profissionais dessa área conteúdos que facilitem a compreensão dos resultados e sua discussão.

A discussão sobre o emprego de metodologia qualitativa na área de saneamento, os procedimentos metodológicos empregados na realização desta pesquisa, bem como a caracterização das áreas de estudo e dos entrevistados estão descritos no capítulo 2: **a pesquisa sobre aspectos subjetivos**. A utilização de abordagem qualitativa representou para mim o segundo grande desafio desta investigação.

Apresento no capítulo 3, intitulado “**as percepções do sujeito coletivo sobre a água de consumo humano em Vitória-ES**”, os resultados obtidos, que foram subdivididos em oito partes, referentes aos oito sub-temas estudados. Considerando que os dados levantados geraram um grande volume de informações, optei por apresentar, em tabelas, uma síntese de cada sub-tema, de forma que facilitasse a leitura do conteúdo, bem como do número de entrevistados que apresentaram as mesmas idéias. Ainda neste capítulo, apresento dados de pesquisas sobre o tema em questão, realizadas no Brasil e em países estrangeiros.

O capítulo 4 trata da discussão dos principais resultados obtidos e é apresentado com o mesmo título da tese: **o papel do sujeito em relação à água de consumo humano em Vitória-ES.**

No capítulo 5, destaco as principais **conclusões** obtidas e as **recomendações**. Considerei importante destacá-las em dois níveis de realidade: global e local. As recomendações, considerei importante apresentá-las utilizando os discursos do sujeito coletivo, exemplificados por área de estudo.

Para finalizar, apresento as **referências** e o material necessário à realização da tese - **anexo e apêndice**. No apêndice, somente estão mostrados os discursos do sujeito coletivo obtidos em todas as áreas e por sub-tema da pesquisa, apesar da recomendação desta estratégia de metodologia sugerir que se apresente também o instrumento que gera os discursos. A decisão de apresentar somente os discursos deu-se pela grande quantidade de material produzido, o que tornaria este volume muito extenso. Entretanto, esse material está à disposição de quem tenha interesse em consultá-lo, solicitando pelo endereço eletrônico: sara@cefetes.br.

Bachelard (2002, p. 5) diz que “só olhamos com paixão estética as paisagens que antes vimos em sonho”, e refletindo sobre a argumentação de Freire (1996, p. 78) de que “o futuro é problemático e não inexorável, que outra tarefa se nos oferece que a de discutir a problemacidade do amanhã, que a mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação”, no fundo, como para estes autores, o meu sonho também é o de mudança, acreditando ser possível mesmo sabendo ser difícil. E acrescentando ainda o que diz Bachelard (2002, p. 2), “em vista dessa necessidade de seduzir, a imaginação trabalha mais geralmente onde vai a alegria – ou, pelo menos onde vai uma alegria!”, por sonhar em ver diminuir o sofrimento de tanta gente e ter alegria em trabalhar nesse sentido, espero com esta pesquisa, e com os desdobramentos que dela possam advir, contribuir, ainda que de uma forma minúscula, para a melhoria da qualidade de vida da humanidade. Entretanto, parafraseando Durkheim (1966, p. 136), estou ciente de que o dia em que se poderá ver o cenário que sonho seguramente está longe. Todavia, para alcançá-lo, é que se faz preciso desde agora trabalhar!

S.R.S.

Porque a água, ninguém é dona dela, é da natureza, ela é de Deus. Então, Deus não fez só pra um e outro não. Fez pra todo mundo. Ah, eu acho assim, uma injustiça, né? Porque a água tem que ser pra todos, não pode ser só pra alguns e outros não!

(DSC - Mangue Seco - Vitoria-ES)

RESUMO

A garantia da qualidade da água para consumo humano é regulamentada por legislação, mas a população tem um papel importante na conservação dessa qualidade no domicílio. O propósito desta pesquisa foi investigar aspectos pessoais de quatro grupos de sujeitos, moradores dos bairros de Mangue Seco, Ilha das Caieiras, Santa Teresa e Jardim Camburi, na cidade de Vitória-ES, Brasil, sobre a sua relação com a água de consumo humano e conseqüentes implicações na saúde. O objeto de investigação está inserido no campo de interface entre diferentes áreas - engenharia sanitária e ambiental, epidemiologia ambiental, filosofia, antropologia, psicologia social e sociologia - por meio do conhecimento de aspectos pessoais do sujeito - atitudes, comportamentos e percepções sobre a água de consumo humano. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi adotada uma abordagem qualitativa, empregando a estratégia do Discurso do Sujeito Coletivo, ancorada na pesquisa documental sobre os resultados divulgados por programas de saúde. Os resultados apontam principalmente para: Falta de confiança na qualidade da água recebida, associada à presença de sabor, de cor ou material sólido em suspensão que, em algumas situações, podem oferecer risco à saúde, ou propiciar gastos desnecessários com a aquisição de águas envasadas; desigualdade em termos de distribuição e intermitência no abastecimento de água e de serviços de esgotamento sanitário, da qual o sujeito está consciente, apesar de não reclamar por tais serviços; falta de entendimento esclarecido da higiene no que diz respeito às práticas de manutenção do filtro e do reservatório domiciliar de água, percebendo-se claramente a consciência da importância da higiene, mas não o conhecimento dos procedimentos recomendáveis a essas práticas. Esses resultados alertam para a necessidade de os órgãos públicos de saúde e das operadoras de serviços de saneamento investirem na divulgação de informações que promovam a confiança do sujeito no consumo da água do sistema de abastecimento. Ressaltam também a importância de se repensar de que modo as informações devem ser proporcionadas à população, já que a forma como têm sido prestadas não vem facilitando o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Água para consumo humano, discurso do sujeito coletivo, fatores de risco à saúde, pesquisa qualitativa, serviço de abastecimento de água, sujeito.

ABSTRACT

The guarantee of the quality of the drinking water is regulated by legislation, but the people have an important role in the household water management. The aim of this research was to investigate personal aspects of four groups of subjects, inhabitants of the districts of Mangue Seco, Ilha das Caieiras, Santa Teresa and Jardim Camburi, in the city of Vitória-ES, Brazil, and their relationship with the drinking water. In this sense, this research also analysed the implications of the drinking water in the health. For the research development, a qualitative approach was carried on, using the strategy of the Discourse of the Collective Subject, and anchored in the documentary research on the results divulged by health programs. The results mainly point to: the lack of reliance in the quality of the received water, associated to the presence of taste, color or solid material in suspension, which, in some situations, can offer risk to the health or lead to unnecessary expenses with the acquisition of bottled waters; inequality in distribution terms and lack of water supply and of sanitation services, of which the subjects are aware conscientious, although not to claim such services; unawareness of the hygiene procedures of maintenance of the domestic water filter and drinking water reservoir. The people under research express clearly to have conscience of the importance of hygiene, however they do not hold the correct knowledge of the necessary procedures about how to accomplish that. These results draw attention to the necessity of the public agencies of health and the sanitation companies investing in the spreading of information that promote the confidence of the subject in the consumption of the water supply system. The results also highlight the necessity of rethinking the ways of providing information to the population, which, the way they have been, do not facilitate the exercise of citizenship.

Keywords: Discourse of collective subject, health Risks, qualitative research, subject, water drinking, water supply.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 2.1 – Vista aérea da cidade de Vitória - ES - vôo no ano de 2001	84
FIGURA 2.2 – Vista aérea da área de Mangue Seco – Vitória - ES - vôo no ano 2003	84
FIGURA 2.3 - Vista da entrada da área de Mangue Seco – Vitória - ES - 10/2004	85
FIGURA 2.4 (A) e (B) - Imagens de casas em Mangue Seco - Vitória - ES – 10/2004	85
FIGURA 2.5 - Mapa do município de Vitória, com divisão por bairros, localização das US, dos pontos de coleta de amostras de água do VIGIAGUA e do CQA e das áreas escolhidas para a realização desta pesquisa (sem escala).....	88
FIGURA 2.6 (A) e (B) – Imagens de Ilha das Caieiras - Vitória - ES - 08/2005	89
FIGURA 2.7 – Imagem de Jardim Camburi - Vitória - ES - 09/2005.....	89
FIGURA 2.8 (A), (B) e (C) – Imagens de Santa Teresa - Vitória - ES - 08/2005	90
FIGURA 2.9 – Imagem do interior de uma casa em Mangue Seco	103
FIGURA 3.1 – Imagem de Mangue Seco antes da atuação do Projeto Terra.....	115
FIGURA 3.2 (A) e (B) - Imagens de casas em Mangue Seco antes da atuação do Projeto Terra	116
FIGURA 3.3 - (A) e (B) – Imagens de Santa Teresa.....	158
FIGURA 3.4 - (A) e (B) – Imagens de Ilha das Caieiras.....	158
FIGURA 3.5 – (A) e (B) - Imagens de Mangue Seco e de Ilha das Caieiras.....	160
FIGURA 3.6 – Imagem de casas em Mangue Seco construídas pelo Projeto Terra -PMV ..	165
FIGURA 3.7 - Imagem de uma casa em Mangue Seco que não sofreu melhoria.....	166

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.1 – Considerações, perguntas, objetivos e hipóteses sobre o tema da pesquisa....	3
---	---

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.1 - Classificação ambiental das infecções relacionadas com a água	60
TABELA 2.1 - Informações geoeconômicas de Vitória-ES	83
TABELA 2.2 - Informações gerais sobre os sujeitos selecionados para a pesquisa - Mangue Seco - Vitória - ES	97
TABELA 2.3 - Informações gerais sobre os sujeitos selecionados para a pesquisa - Ilha das Caieiras - Vitória - ES	98
TABELA 2.4 - Informações gerais sobre os sujeitos selecionados para a pesquisa - Santa Teresa - Vitória - ES.....	99
TABELA 2.5 - Informações gerais sobre os sujeitos selecionados para a pesquisa - Jardim Camburi - Vitória - ES	100
TABELA 2.6 - Resumo quantitativo das perguntas, Idéias Centrais e Discursos do Sujeito Coletivo por área de estudo.....	104
TABELA 3.1 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 1: Importância da água.....	108
TABELA 3.2 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 2: Origem e características da água de consumo utilizada no domicílio.....	123
TABELA 3.3 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 3: Importância da água de boa qualidade	137
TABELA 3.4 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 4: Formas de uso da água no domicílio.....	146
TABELA 3.5 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 5: Esgoto Sanitário. 155	
TABELA 3.6 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 6: Aspectos legais da qualidade da água.....	172
TABELA 3.7 – Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 7: Relação com o serviço de abastecimento de água	176
TABELA 3.8 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 8: Existência e participação em alguma associação/entidade no bairro	188

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A - Ancoragem

ANA - Agência Nacional de Águas

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

BH - Belo Horizonte

CESAN - Companhia Espiritossantense de Saneamento

Cf. - Conferir

COEP - Conselho Superior de Ética e Pesquisa

COMEST- Comissão Mundial de Ética do Conhecimento Científico e Tecnológico

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa

CQA - Controle da Qualidade da Água para Consumo Humano

DALY - Disability-Adjusted Life Years

DCS - Discurso do Sujeito Coletivo

DNPM - Departamento Nacional de Produtos Minerais

ECH – Expressões-Chave

EEE - Estação elevatória de esgoto

ES - Espírito Santo

ETE - Estação de tratamento de esgoto

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde

IAD 1 - Instrumento de Análise do Discurso 1

IAD 2 - Instrumento de Análise do Discurso 2

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC - Idéia Central

ICa - Ilha das Caieiras

IPES - Instituto Jones dos Santos Neves

JC - Jardim Camburi

LSHTM - *London School of Hygiene and Tropical Medicine*

MDDA - Programa de Monitorização de Doenças Diarreicas Agudas

MG - Minas Gerais

MS - Ministério da Saúde

MSe - Mangue Seco

NI - Não informado

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde

PBE - Programa Bolsa Escola

PBH - Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

PMV - Prefeitura Municipal de Vitória

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PRODESAN - Programa de Despoluição e Saneamento do Espírito Santo

PRODESPOL - Programa de Despoluição dos Ecossistemas Litorâneos do Espírito Santo

PSF - Programa de Saúde da Família

SAA - Sistema de Abastecimento de água

SEAMA - Secretaria de Estado do Meio Ambiente

SMARH - Programa de Pós-Graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos
- Escola de Engenharia - Universidade Federal de Minas Gerais

ST - Santa Teresa

SESA - Secretaria de Estado da Saúde

S^{1,.....n}_{NB} - Sujeito ^{Nº de ordem do entrevistado} _{Nome do Bairro}

UL - *University of London*

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

US - Unidade de Saúde

VIGIAGUA - Programa de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 SAÚDE, AMBIENTE E SOCIEDADE NA MODERNIDADE	5
1.1 A INFLUÊNCIA DAS CONDIÇÕES AMBIENTAIS NA SAÚDE.....	7
1.2 A GLOBALIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE.....	11
1.3 A SOCIEDADE NA MODERNIDADE	16
1.4 COMO PENSAR A GLOBALIZAÇÃO NA SAÚDE PÚBLICA.....	21
1.5 POBREZA, EXCLUSÃO SOCIAL E SANITÁRIA	26
1.6 CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS	30
1.7 SUBJETIVIDADE E SUJEITO.....	34
1.7.1 <i>Cultura e Identidade</i>	40
1.7.2 <i>Comportamento e atitude</i>	44
1.7.3 <i>Representação</i>	45
1.7.4 <i>Discurso</i>	48
1.8 A ÁGUA DE CONSUMO HUMANO: QUESTÃO DE SAÚDE.....	50
1.8.1 <i>O crescente uso das águas envasadas</i>	56
1.8.2 <i>A água na transmissão de doenças</i>	58
1.8.3 <i>A água e suas formas domésticas de uso: a higiene</i>	62
1.8.4 <i>A qualidade da água para consumo humano e a diarreia</i>	64
1.9 O SUJEITO E A ÁGUA DE CONSUMO HUMANO.....	65
2 A PESQUISA SOBRE ASPECTOS SUBJETIVOS	71
2.1 A CIÊNCIA E A CRÍTICA AO RACIONALISMO	71
2.2 A PESQUISA: QUANTITATIVA E QUALITATIVA.....	74
2.3 APLICABILIDADE DA PESQUISA QUALITATIVA NA ÁREA DE SANEAMENTO	77
2.4 A INVESTIGAÇÃO SOBRE O PAPEL DO SUJEITO EM RELAÇÃO À ÁGUA DE CONSUMO HUMANO EM VITÓRIA-ES	79
2.4.1 <i>Aprovação da pesquisa no Conselho de Ética em Pesquisa</i>	79
2.4.2 <i>Revisão da literatura</i>	79
2.4.3 <i>Pesquisa documental</i>	80
2.4.4 <i>Procedimentos metodológicos</i>	80
2.4.5 <i>Amostra</i>	82
2.4.6 <i>Elaboração do questionário</i>	91
2.4.7 <i>Coleta de dados</i>	92
2.4.8 <i>Análise de Dados</i>	95

2.4.9	<i>Características dos grupos entrevistados</i>	96
2.4.10	<i>Comentários sobre a investigação e os procedimentos metodológicos adotados</i>	104
3	AS PERCEPÇÕES DO SUJEITO COLETIVO SOBRE A ÁGUA DE CONSUMO HUMANO EM VITÓRIA-ES	107
3.1	IMPORTÂNCIA DA ÁGUA	108
3.1.1	<i>A importância da água na vida do sujeito</i>	108
3.1.2	<i>O acesso ao serviço de água em casa</i>	109
3.1.3	<i>A água é um direito humano</i>	113
3.1.4	<i>A necessidade de apoio aos excluídos por parte das autoridades</i>	114
3.1.5	<i>As percepções sobre as pessoas que não têm acesso à água em casa</i>	116
3.1.6	<i>A comunidade desperdiça água</i>	119
3.1.7	<i>Mudança no modo de vida</i>	120
3.1.8	<i>A responsabilidade do acesso ao serviço de água</i>	121
3.2	A ORIGEM E AS CARACTERÍSTICAS DA ÁGUA DE CONSUMO UTILIZADA NO DOMICÍLIO	123
3.2.1	<i>A origem da água da CESAN</i>	123
3.2.2	<i>A qualidade da água da CESAN</i>	125
3.2.3	<i>Diferença entre a água de beber e a água para outros usos</i>	129
3.2.4	<i>A água que se bebe</i>	129
3.2.5	<i>A água que é considerada boa para o consumo humano</i>	134
3.3	IMPORTÂNCIA DA ÁGUA DE CONSUMO DE BOA QUALIDADE	137
3.3.1	<i>O consumo de água tratada</i>	137
3.3.2	<i>A diarreia</i>	140
3.3.3	<i>O atendimento na US</i>	143
3.3.4	<i>O responsável pela US</i>	144
3.4	FORMAS DE USO DA ÁGUA NO DOMICÍLIO	146
3.4.1	<i>O uso da água na higiene doméstica e pessoal</i>	146
3.4.2	<i>A quantidade de água</i>	147
3.4.3	<i>Mudança de comportamento no uso da água</i>	148
3.4.4	<i>O uso do filtro domiciliar</i>	149
3.4.5	<i>A fervura elimina os microrganismos da água</i>	151
3.4.6	<i>O uso do reservatório de água domiciliar</i>	151
3.4.7	<i>Na ocorrência de vazamentos</i>	152
3.4.8	<i>O atendimento da CESAN</i>	154
3.5	ESGOTO SANITÁRIO	155
3.5.1	<i>O destino dos esgotos</i>	155

3.5.2	<i>Mudança no modo de vida.....</i>	163
3.5.3	<i>O acesso ao serviço de esgoto.....</i>	166
3.5.4	<i>A importância do serviço de esgoto.....</i>	170
3.6	ASPECTOS LEGAIS DA QUALIDADE DA ÁGUA	172
3.6.1	<i>A legislação sobre a qualidade da água para consumo humano</i>	172
3.6.2	<i>A água e o SUS.....</i>	173
3.6.3	<i>O VIGIAGUA.....</i>	174
3.6.4	<i>O MDDA.....</i>	175
3.7	RELAÇÃO COM O SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA	176
3.7.1	<i>O gerenciamento da CESAN</i>	176
3.7.2	<i>A ligação predial de água.....</i>	177
3.7.3	<i>O pagamento da conta mensal de água.....</i>	179
3.7.4	<i>A intermitência do serviço de água</i>	182
3.7.5	<i>A suspeita quanto à qualidade da água.....</i>	185
3.8	EXISTÊNCIA E PARTICIPAÇÃO EM ALGUMA ASSOCIAÇÃO NO BAIRRO	188
3.8.1	<i>Associação de bairro.....</i>	188
4	O PAPEL DO SUJEITO EM RELAÇÃO À ÁGUA DE CONSUMO HUMANO EM VITÓRIA-ES.....	192
5	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	204
	REFERÊNCIAS	212
	ANEXO	228
	APÊNDICE	231

INTRODUÇÃO

O homem cujo conhecimento do mundo não o leva além do que a ciência conduz jamais compreenderá o que o homem com visão espiritual encontra nesses fenômenos naturais. A água não só lava as mãos, mas também purifica o seu coração, porque ela toca a sua alma (TAGORE, 1994, p. 17).

A associação dos fatores ambientais com a saúde humana é relatada desde há muito tempo. Apesar disso, a realidade do quadro de saúde das camadas mais empobrecidas da população brasileira vem demonstrando uma desarticulação entre os órgãos fomentadores de saneamento e aqueles indutores de políticas de saúde, como também uma lacuna na valorização do envolvimento da população na gestão dos serviços de saúde e saneamento. Esses fatores estão presentes tanto nas políticas públicas como no debate acadêmico, mesmo que possam ser identificadas práticas políticas diferenciadas e pesquisas pautadas justamente na valorização do controle social. Esta limitação, do ponto de vista adotado, contribui para muitos agravos à saúde da população, em especial daqueles setores que não dispõem de adequados serviços públicos de saneamento.

Os pontos de partida desta pesquisa são: a investigação de John Snow, devido à importância concedida por seus estudos ao cotidiano, aos hábitos e modos de vida, aos processos de trabalho e às políticas, à maneira de transmissão da cólera (SNOW, 1999); a ocorrência da epidemia de febre tifóide na sede do município de Laranja da Terra-ES, apesar de a população contar com o serviço de abastecimento público de água (ARRUDA; ARAÚJO, 1997); e a necessidade de elaboração de indicadores referentes à avaliação das políticas públicas e intervenções relacionadas com a saúde ambiental, conforme relatada em pela Organização das Nações Unidas (OMS) (OMS, 1999).

No Brasil, o processo de construção e definição dos indicadores de vigilância ambiental em saúde, na medida em que diz respeito a perspectivas políticas diferenciadas, passa pela discussão de questões teórico-conceituais. O debate inicialmente ocorreu no âmbito da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) envolvendo a Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) e a OMS, sendo a seguir ampliado, incluindo outros setores; desde 1998, vêm sendo realizadas oficinas de trabalho em congressos da área de saúde pública e engenharia sanitária e ambiental (MACIEL FILHO *et al.*, 1999, p. 62-63). As discussões têm apontado para o desafio da busca de novos caminhos para a melhor compreensão dos efeitos do ambiente sobre a qualidade de vida da população:

Os indicadores podem ser a expressão do nexo entre a saúde e o ambiente e serem expressos de forma a facilitar a interpretação dos problemas para uma tomada de decisão efetiva e eficaz. [...] Como estabelecer os nexos entre fatores ambientais e a saúde da população? Como identificar com praticidade e precisão, a ocorrência de riscos à saúde a partir dos dados coletados junto às populações? [...] Para lidar com os novos desafios são necessárias novas formas que se baseiem em mecanismos integrados, dentro de uma visão holística, visto que os problemas têm se tornado cada vez mais complexos e abrangentes. Os efeitos sobre a saúde relacionados ao meio ambiente se transformam cada vez mais em uma preocupação maior, que nos leva a uma nova reflexão e necessidade de informações melhoradas, que dêem suporte a uma nova forma de pensar e abordar problemas (MACIEL FILHO *et al.*, 1999, p. 61-66).

Como resultado dos debates nas oficinas de trabalho, além dos indicadores epidemiológicos, foram considerados outros indicadores, passíveis de serem utilizados em vigilância ambiental, relativos à qualidade da água para consumo humano, obtidos por meio das informações referentes à cobertura dos serviços existentes e aos parâmetros dessa qualidade, tais como: cloro residual, índices de coliformes e quantidade de água/habitante. Concluíram que:

Há pouca experiência acumulada no setor saúde em se trabalhar com problemas ambientais mais amplos que exigem outros modelos de análise distintos do biológico, tradicionalmente utilizado pelo setor de saneamento e endemias. [...] Devem-se buscar metodologias para criar indicadores associativos que permitam a visão integral do problema. [...] O grupo destaca a importância de considerar na definição dos indicadores a metodologia e os passos que precisam ser dados para a busca de um indicador que aponte o grau de participação da comunidade. Assim, os indicadores que vêm da comunidade devem ser valorizados (GALVÃO *et al.*, 1998, p. 47-48, 51).

Esta pesquisa se propõe a dar suporte à necessidade de conhecimento de aspectos pessoais dos sujeitos quanto ao modo de vida e hábitos relativos à água de consumo humano. Espera-se, assim, que esses aspectos possam contribuir na construção de novos indicadores - orientados por aspectos advindos da comunidade. Outra necessidade contemplada neste trabalho é a busca de uma nova forma de pensar e abordar as questões sobre o consumo de água com qualidade pela população. As considerações, perguntas, objetivos e hipóteses sobre o tema estudado estão explicitados no quadro 1.1.

O campo empírico para a realização dessa investigação é o município de Vitória-ES. A escolha desse município deve-se ao fato de apresentar particularidades que oferecem adequadas condições de ordem técnica e institucional para o desenvolvimento da pesquisa, além de se constituir num campo sensível para a incorporação dos resultados, para subsidiar futuras avaliações das ações públicas voltadas à melhoria da saúde de seus munícipes.

QUADRO 1.1 – Considerações, perguntas, objetivos e hipóteses sobre o tema da pesquisa

Considerações	Perguntas	Objetivos	Hipóteses
<p>1- A água é essencial à vida e o acesso à água potável é direito de todos.</p> <p>2- A água de consumo humano passa por processo de tratamento antes de ser distribuída aos domicílios.</p> <p>3- A água pode veicular doenças ao homem. A implantação do Programa MDDA¹ busca instituir um novo comportamento de orientação e manejo das diarreias.</p> <p>4- A água possui diversas formas de uso no domicílio.</p> <p>5- Os esgotos domésticos devem ser coletados e tratados antes de serem lançados no ambiente.</p> <p>6- A implantação do Programa VIGIAGUA² busca a garantia do consumo de água com qualidade pela população.</p> <p>7- O consumidor tem direito de receber água com qualidade e acesso a essas informações, mas também tem deveres de manter essa qualidade no domicílio.</p> <p>8- A existência e a participação dos moradores em associação de bairro contribuem para o desenvolvimento e bem estar da comunidade.</p>	<p>- Quais as percepções do sujeito sobre a importância, origem, formas de uso, direitos e deveres em relação à água que consome? (1, 2, 3 e 4)</p> <p>- Quais são as representações sobre as diarreias, práticas de manejo, importância da qualidade e quantidade da água na transmissão de doenças e sobre as ações das instituições de saúde? (3)</p> <p>- Quais as percepções do sujeito sobre a importância, acesso, destino, direitos e deveres em relação ao serviço de esgotamento sanitário? (5)</p> <p>- O direito ao acesso às informações da qualidade da água consumida estabelecido pela Portaria N^o 518/2004³ e o Decreto N^o 5.440/2005⁴ é exercido pelo sujeito? (6 e 7)</p> <p>- Existe associação de bairro na comunidade? Qual o nível de participação dos moradores? (8)</p>	<p>- Investigar as atitudes, comportamentos, percepções e representações do sujeito quanto à importância, qualidade, origem, usos, direitos e deveres em relação à água de consumo humano e a importância, acesso e destino dos esgotos domésticos e de sua relação com as instituições de saúde e com o prestador de serviço de saneamento. (1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7)</p> <p>- Captar as representações sobre as diarreias, práticas de manejo e a importância da qualidade e quantidade da água na transmissão de doenças e das ações das instituições de saúde. (3)</p> <p>- Levantar as percepções sobre a existência de associação de bairro e a participação comunitária. (8)</p> <p>- Apontar diretrizes para a Vigilância Ambiental em Saúde e para o Serviço de Saneamento, advindos do modo de vida do sujeito em relação aos serviços de água e esgoto. (1 a 8)</p>	<p>- Grande parte da população associa a qualidade da água de consumo com a saúde. (1)</p> <p>- Grande parte da população desconhece a origem da água de consumo e o destino dos esgotos, a manutenção do filtro domiciliar e do reservatório de água domiciliar. (2, 4 e 5)</p> <p>- Apesar da existência do MDDA, a diarreia não é concebida como doença, o que influencia os hábitos do sujeito quanto ao tratamento, sua busca ou não pelo atendimento médico nas Unidades de Saúde. (3)</p> <p>- A distribuição de água com qualidade não implica necessariamente seu consumo pela população atendida. (4 e 6)</p> <p>- Apesar dos direitos de receber água com qualidade e de ter acesso a informações, o consumidor não reclama por isso. (6 e 7)</p> <p>- Quanto maior a participação dos moradores em associação de bairro, maiores são os benefícios alcançados pela comunidade. (8)</p>

¹ Programa de Monitorização das Doenças Diarréicas Agudas (MDDA).

² Programa de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano (VIGIAGUA).

³ Portaria que regulamenta sobre a qualidade da água para consumo humano no território nacional (BRASIL, 2004).

⁴ Decreto que regulamenta o acesso da população às informações sobre a qualidade da água para consumo humano no território nacional (BRASIL, 2005).

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar sobre a relação do sujeito com a água de consumo humano, por meio do conhecimento de aspectos pessoais do sujeito - atitudes, comportamentos e percepções sobre a água de consumo humano em Vitória-ES.

Pelo exposto, o objeto de investigação do presente estudo está inserido no campo de interfaces entre diferentes áreas – engenharia sanitária e ambiental, epidemiologia ambiental, filosofia, antropologia, psicologia social, sociologia e outras – mediante uma investigação com abordagem qualitativa. Foram investigados conteúdos e modalidades de apreensão da realidade que abarcassem aspectos subjetivos individuais em relação à água de consumo humano – encontrados no cotidiano, hábitos e modos de vida.

1 SAÚDE, AMBIENTE E SOCIEDADE NA MODERNIDADE

[...] O futuro é problemático e não inexorável, outra tarefa se nos oferece. A de, discutindo a problemacidade do amanhã, tornando-a tão óbvia quanto a carência de tudo na favela, ir tornando igualmente óbvio que a adaptação à dor, à fome, ao desconforto, à falta de higiene que o eu de cada um, como corpo e alma, experimenta é uma forma de resistência física a que vai se juntando à outra, a cultural. Resistência ao descaso ofensivo de que os miseráveis são objeto. No fundo, as resistências – a orgânica e/ou a cultural – são *manhas* necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos. [...] É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na *compreensão* do futuro como *problema* e na vocação para o *ser mais* como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa *rebeldia* e não para a nossa *resignação* em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na *rebeldia* em face da injustiças que nos afirmamos. [...] A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. [...] *Mudar é difícil mas é possível* [...] (FREIRE, 1996, p. 78, grifos do autor).

A urbanização é um fenômeno irreversível em nível mundial. A compreensão dos processos urbanos das grandes cidades é fundamental para entender as transformações econômicas, sociais, políticas e de saúde de um país. Os países do hemisfério sul possuem um padrão de urbanização caracterizado por uma ocupação do espaço de maneira caótica e anárquica, sem contemplar as infra-estruturas mínimas necessárias. Nas cidades desses países, a proporção de favelas representa uma média de 30%, assimilando a pobreza em seus bairros periféricos como consequência de fatores como o aumento do custo de vida, o aumento de desemprego, a diminuição das redes sociais e mais recentemente a globalização e a migração⁵, o que tem levado esses bairros a apresentarem os mais baixos indicadores socioeconômicos e de saúde (BORRELL; PASARIN, 2004, p. 1-2 ; FERRAZ, 2004, p. 45).

O crescimento populacional e o desenvolvimento humano exercem muitas e diversas pressões sobre a qualidade da água, a quantidade dos recursos hídricos e sobre o seu acesso. Em nenhum segmento foi apresentada tão forte pressão como na interface da água com a saúde humana. A maior causa de morbidade e mortalidade no mundo são as doenças infecciosas veiculadas pela água. Entre 1972 e 1999, 35 novos agentes patológicos foram descobertos e muitos outros têm re-emergido depois de longos períodos de inatividade, ou estão se expandindo dentro de áreas onde anteriormente não tinham sido registrados. Entre esses

⁵ “Impulsionadas pela pobreza, pela seca, pela fome, pelo subdesenvolvimento econômico e por colheitas fracassadas, pela guerra civil e pelos distúrbios políticos, pela dívida externa acumulada de seus governos para com os bancos ocidentais, as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na ‘mensagem’ do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os ‘bens’ e onde as chances de sobrevivência são maiores” (HALL, 2003, p. 81, grifos do autor).

grupos estão os patógenos que podem ser transmitidos pela água. Existem muitas razões para essa emergência e re-emergência dos patógenos humanos depois de longo período de inatividade, mas muitas delas têm algo em comum e podem ser agrupadas sob tópicos gerais: novos ambientes, novas tecnologias, avanços científicos e mudanças e vulnerabilidade no comportamento humano (WHO, 2003b, p. 3-9).

A complexidade dos conceitos representados nas expressões ‘condições de saúde’ e ‘qualidade de vida’ é tal que requer uma avaliação das condições do ambiente, das necessidades da comunidade e a medida dos efeitos sobre a saúde e suas associações com as intervenções ambientais (MORAES, 1997). A questão do saneamento, como ação básica de saúde, vem sendo objeto de estudo por vários autores. Arruda e Araújo (1997); Curtis (1998); Curtis, Cairncross e Yonli (2000); Heller (1995, 1997a, 1997b); Jensen *et al.* (2002); Kjellén (2001); Luby *et al.* (2004); Mertens *et al.* (1990); Moraes (1996, 1997); Rezende e Heller (2002); White, Bradley e White (1972); Young e Briscoe (1987) apresentam uma extensa revisão da literatura mundial sobre o papel do saneamento como um importante fator na exposição de diversas doenças ao homem, comparando populações com ou sem provisão de serviços.

As projeções para as 15 principais causas de carga de doença para o ano 2020, usando o indicador DALY (Disability-Adjusted Life Years)⁶, entendido como ‘anos de vida perdidos ou com incapacidade’, realizadas por especialistas da OMS e o Banco Mundial, com a base de dados de 1990, indica as doenças diarreicas ocupando a 9^a posição na ordem de importância relativa. Esse indicador expressa um somatório de anos de vida perdidos por morte prematura e anos de vida vividos com uma doença de duração e severidade especificadas (CHAVES, 1998, p. 7-9 *passim*).

Prüss *et al.* (2002, p. 537) estimam que a ausência ou deficiência do abastecimento de água, do esgotamento sanitário e da higiene é responsável por 2.200.000 mortes e 82.200.000 anos de vida perdidos ou com incapacidade no mundo, correspondendo a 4,0% de todas as mortes e a 5,7% de todos os DALY.

Quanto aos fatores de risco de grande importância sob o aspecto preventivo, o estudo da OMS mostra que 40% da carga de doença ocorrida em 1990 pode ser atribuída a 10 fatores de risco

⁶ Expressão original em Inglês.

e, por ordem de importância, indica a posição de 2º lugar a água, esgotos, higiene pessoal e doméstica deficientes. Esses dados mostram o reflexo do setor educacional sobre o setor saúde (CHAVES, 1998, p. 7-9 *passim*). Esse autor afirma que:

[...] O comportamento dos indivíduos em seu cotidiano, nos seus microambientes, é dependente ou influenciado em grande parte por fatores sociais, culturais e psicológicos e representa dimensão fundamental para a análise setorial. O comportamento é um resultado final das opções feitas pelo indivíduo exposto à pressão consumista, costumes enraizados na classe e subclasse social a que pertence, e à ânsia de pertencer e ser reconhecido por seu pequeno grupo, de esquina, de clube, de trabalho em horas pós-trabalho. O conceito de liberdade individual tem que ser relativizado numa cultura de massa, como a que vivemos. Do mesmo modo que enfatizamos o auto-cuidado em saúde, outras forças, às vezes mais poderosas, conduzem à auto-destruição (*Ibidem*, p. 9).

1.1 A influência das condições ambientais na saúde

Desde os primórdios da civilização, é evidente a preocupação com os efeitos provocados na saúde pelas condições ambientais. No estudo das doenças infecciosas, Hipócrates associou as alterações do meio ambiente ao surgimento de doenças, envolvendo questões tais como os efeitos do clima no balanço dos humores do corpo, os miasmas, as ‘sujeiras’ e os odores. Por meio de observações clínicas, ainda sem o conhecimento da existência de microrganismos, esse filósofo, considerado o Pai da Medicina, concluiu que as alterações climáticas, como chuvas e ventos, podiam causar determinadas infecções. Responsabilizava um inverno úmido, seguido de primavera e verão não tão abafados, por diarreias e vômitos (ROSEN, 1994, p. 37-39 *passim*; UJVARI, 2004, p. 38-39).

Na identificação da existência de relações entre a saúde das populações humanas e o meio ambiente, vale ressaltar que as descobertas no século XIX, no auge da hegemonia das teorias miasmáticas das doenças, “foram vitais para se pensar a necessidade de melhorias ambientais nos grandes centros urbanos do mundo desenvolvido” (BARRETO, 1998, p. 21), destacando-se os estudos de Snow, seguidos pela teoria de Pasteur e pela identificação dos organismos patológicos por Koch.

O médico John Snow foi um dos primeiros pesquisadores a associar a transmissão da cólera à qualidade da água consumida pela população de Londres, em meados do século XIX. Um exaustivo e minucioso trabalho de busca e análise das informações mostra a necessidade da interdisciplinaridade para o entendimento do fenômeno, apontando para a importância do conhecimento do comportamento do indivíduo nessa transmissão (SNOW, 1999).

Os estudos sobre essa temática (BARRETO, 1994; COSTA *et al.*, 1994; KOIFMAN, 1999) consideram este trabalho pioneiro. Desse modo, Costa *et al.* (1994, p. 169) destacam, em relação à preservação da saúde, o olhar de Snow “sobre o cotidiano, os hábitos e modos de vida, os processos de trabalho e a natureza das políticas públicas”:

[...] Ainda que efetivamente Snow tenha descoberto que a água é o mecanismo de transmissão do cólera, não resta também dúvida de que sua obra não se restringe a esse fato. Pelo contrário, Snow busca precisar a rede de processos que determinam a distribuição da doença nas condições concretas de vida da cidade londrina. A leitura restrita sobre o trabalho de Snow fixa atenção nos achados a respeito dos mecanismos de transmissão em detrimento do significado do olhar do autor sobre o cotidiano, os hábitos e modo de vida, os processos de trabalho e a natureza das políticas públicas. É pensando a doença em todas as suas dimensões que o autor consegue integrar essas expressões do social em seu raciocínio sobre o processo de transmissão (*Ibidem*, p. 169).

Mesmo que, de acordo com Koifman (1999, p. 13), essa pesquisa "marca o início de uma nova era na análise das condições de saúde e doença dos grupos humanos. [...] por sua riqueza metodológica, consagrou de forma definitiva o nascimento da epidemiologia", os indicadores básicos de saúde elaborados por esta disciplina estão limitados, quase que exclusivamente aos dados referentes à mortalidade⁷. Chaves (1998, p. 7) comenta que, mesmo parecendo estranho que com todas as afirmações positivas feitas desde a instituição do conceito positivo de saúde pela OMS, “não temos ainda instrumentos adequados para medir a saúde, e sim o seu oposto, a doença”.

Para Barreto (1994, p. 19), o atual momento histórico afirma a Epidemiologia “como disciplina científica, na medida em que tem demonstrado ser capaz de produzir conhecimentos substanciais sobre os fatores determinantes das doenças e outros agravos à saúde”. No entanto, dadas as características de seu objeto, ela apresenta “uma necessidade peculiar de criar interfaces com uma série de outras disciplinas retirando-lhes conceitos, métodos e técnicas”, sendo-lhe imprescindível articulações interdisciplinares, o que lhe “permitirá entender de que modo conceitos tão vitais para a disciplina, como os de individual, coletivo, biológico e social, vêm sendo abordados, utilizados e inter-relacionados” (BARRETO, 1994, p. 19-29).

⁷ “A saúde é, portanto, o primeiro item, senão o mais importante, para a mensuração do nível de vida. Paradoxalmente, essa avaliação do nível de vida é efetuada através da quantificação de óbitos, ou seja, os chamados ‘indicadores de saúde’ representam uma medida indireta da saúde coletiva através do uso de coeficientes e índices de mortalidade” (KERR- PONTES; ROUQUAYROL, 1999, p. 53).

Atualmente, no esforço de considerar as dimensões sociais, a epidemiologia tem utilizado amplamente as modernas técnicas estatísticas de análise da informação que criaram possibilidades praticamente ilimitadas para o estudo dos problemas de saúde⁸, tendo sido a dimensão qualitativa substituída por modelos matemáticos cada vez mais sofisticados e assim, como lembra Barreto (1994),

[...] Lentamente foi sendo abandonada a herança clássica de Snow, orientada para a exaustiva descrição preliminar dos fatos que envolvem os problemas de saúde, como necessária etapa prévia à formulação de uma hipótese. Cada vez com maior intensidade, esses passos foram sendo colocados em plano secundário, sendo substituídos por uma abordagem eminentemente estatística da análise do objeto de estudo, em termos da mensuração das probabilidades de ocorrência ao acaso de determinado fenômeno. Essa dualidade de opções tem acarretado um tributo científico, na medida em que, ao relegar ao segundo plano a minuciosa e por isto mesmo lenta etapa descritiva necessária à apreensão de um tema sob análise, muitos epidemiologistas têm chegado a conclusões pouco comprometidas com os dados da realidade do problema em estudo (*Ibidem*, p. 19).

Na identificação do objeto de estudo das disciplinas que atualmente são localizadas na área da saúde, Samaja (2000) o estabelece como compreendendo os problemas, as representações e as estratégias de ação que são apresentadas no desenvolver da reprodução da vida social e, mesmo afirmando ser uma posição difícil de sustentar, acrescenta:

[...] Creio que se deve assumir esse desafio que em seus traços gerais consiste em “desmedicalizar a saúde” e agregar a todas as disciplinas sociais uma perspectiva particular de “engenharia da saúde”, se me permitem a dureza do termo “engenharia”. Todas essas profissões, a Sociologia, a Antropologia, o Direito, a Arquitetura, a Economia, tiveram que incluir uma perspectiva da análise do normal e do patológico como área de encontros interdisciplinares nas resoluções dos problemas da reprodução e transformação social (*Ibidem*, p. 72).

Ainda na discussão de uma Teoria Geral da Saúde, Samaja (*Ibidem*, p. 96) aponta como uma consequência interessante “uma conceitualização da saúde que a torne coextensiva ao conjunto de problemas da reprodução social – isto ultrapassa o espaço disciplinar da medicina e nos força a falar de uma epidemiologia ecológica, antropológica, sociológica, jurídica, econômica, ambientalista, etc.; [...]”.

⁸ "Graves problemas de saúde para os quais não há barreiras técnicas de resolução continuam existindo, e seria ingênuo esperar que elas o solucionassem, uma vez que seu encaminhamento depende essencialmente de ação política da sociedade que acarrete ampla transformação das condições de vida" (BARRETO, 1994, p. 19).

Um dos grandes desafios que a epidemiologia contemporânea enfrenta está situado no campo teórico e consiste essencialmente na exigência de revisão da conceitualização do objeto da epidemiologia dominante, que reduz a saúde das populações ao comportamento de risco, sem considerar os vínculos particulares que os sujeitos guardam com as corporiedades geográficas e ambientais. Havendo, assim, a necessidade de reintroduzir a perspectiva dialética, que desconsidera a visão substancialista da realidade das populações de um lado e o meio ambiente de outro, para propor uma visão estrutural, funcional e histórica de ambos conceitos (SAMAJA, 2003, p. 105).

Os fatores de risco ambientais contribuem para 85 categorias das 102 principais doenças conhecidas. A fração específica da doença atribuída ao ambiente varia muito de acordo com as diferentes condições das doenças e nas diferentes partes do mundo. Essas diferenças resultam de variações em exposição aos riscos ambientais e no acesso ao serviço de saúde. A população que mais sofre com os riscos ambientais são as crianças. O número de anos perdidos de vida *per capita*, devido a fatores ambientais, foi cerca de 5 vezes maior em crianças menores de 5 anos de idade do que em toda população. Aproximadamente um quarto da carga de doença global e mais de um terço da sua carga entre crianças é devido aos fatores ambientais modificáveis. De acordo com a OMS faz-se necessária uma análise sistemática de ‘como’ e ‘por quanto’ diferentes doenças são impactadas pelos riscos ambientais. A diarreia lidera essa lista, seguida pelas infecções respiratórias, várias formas de danos involuntários e malária. Uma estimativa de 94% da carga das doenças diarreicas é atribuída ao ambiente, e associado a fatores de risco como água para consumo humano insegura e inadequados sistema de esgotamento sanitário e higiene (WHO, 2006, p. 2-5).

A carga de doenças relacionadas ao meio ambiente é muito mais alta em países em desenvolvimento do que nos países desenvolvidos, embora no caso de certas doenças não transmissíveis, como as doenças cardiovasculares e os vários tipos de câncer, a carga de doença *per capita* é maior em países desenvolvidos. Entre as crianças está o maior número de mortes, com mais de 4 milhões de mortes causadas pelo ambiente, a maior parte dessas em países em desenvolvimento. A taxa de mortalidade infantil por causas ambientais é 12 vezes maior em países em desenvolvimento do que nos países desenvolvidos, refletindo um ganho na saúde humana que poderia ser alcançado por ambientes saudáveis sustentáveis (WHO, 2006, p. 2).

O acesso às fontes de água de consumo humano reduziria consideravelmente o tempo perdido por mulheres e crianças na coleta de água. O provimento de um adequado destino aos esgotos e bons comportamentos de higiene poderiam auxiliar a interromper o ciclo da contaminação feco-oral dos corpos d'água, produzindo benefícios à saúde, redução da pobreza, bem estar e desenvolvimento econômico. As estratégias públicas e preventivas de saúde devem considerar que as intervenções de saúde ambiental são muito importantes. Tais intervenções têm um custo efetivo e apresentam benefícios que também contribuem para o bem estar geral das comunidades (WHO, 2006, p. 10). Atualmente, cerca de 1,1 mil milhões de pessoas dos países em desenvolvimento têm um acesso inadequado à água e 2,6 mil milhões não dispõem de saneamento básico (PNUD, 2006, p. 2).

A busca de encaminhamentos para essa questão pode ser considerada complexa e requer uma variedade de especialistas. Portanto, vale lembrar a sugestão de Waterson (2003, p. 187) de que seria desejável considerar o modelo da orquestra para expressar a habilidade requerida para isso, onde cada seção tem seu papel individual a desempenhar, definido pelos limites da partitura, sob uma hábil coordenação.

1.2 A globalização e seus impactos na sociedade

O fim do século XX foi marcado por grandes mudanças na face da Terra. Observou-se uma grande quantidade de acontecimentos no mundo, que segundo Tarride (2002, p. 17, grifo do autor), “conferiram um tom quase dramático à sensação de passagem do tempo [...] O mundo parece tornar-se menor. Mas esse ‘encolhimento’ o fez mais complexo”. A unificação do planeta, devido ao avanço das novas condições técnicas, levou a uma ação humana globalizada, sendo que, segundo Santos (2002a),

[...] Nos últimos cinquenta anos criaram-se mais coisas que nos cinquenta mil precedentes. Nosso mundo é *complexo* e confuso ao mesmo tempo, graças à força com a qual a ideologia penetra objetos e ações. Por isso mesmo, a era da *globalização* mais do que qualquer outra antes dela, é exigente de uma *interpretação sistêmica* cuidadosa, de modo a permitir que cada coisa, natural ou artificial, seja redefinida em relação com o todo planetário. Essa totalidade-mundo se manifesta pela unidade das técnicas e das ações. [...] A *globalização mata a noção de solidariedade*, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais de selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada. [...] Nossa grande tarefa, hoje, é a *elaboração de um novo discurso*, capaz de desmitificar a competitividade e o consumo e de atenuar, senão desmanchar, a *confusão dos espíritos* (*Ibidem*, p. 171, 65, 55, grifos nossos).

O termo globalização está na ordem do dia e segundo alguns autores (BAUMAN, 1999, p. 7; GIDDENS, 2003, p. 18; LAIDI, 2003, p. 183), dada a sua popularidade, o seu significado nem sempre é claro. Até o final da década de 1980 esse termo quase não era empregado tanto na literatura acadêmica como na linguagem cotidiana, que segundo Giddens (2003, p. 15) “surgiu de lugar nenhum para estar em quase toda parte”. Entretanto, somente o termo é recente, pois esse mesmo autor afirma que esse fenômeno não é recente dado que “a modernidade é inerentemente globalizante” (*Idem*, 1991, p. 69, 175). Castiel (2003, p. 80) diz que o etnólogo francês Georges Balandier (1999) “ênfatiza a grande fragilidade das palavras quando se tenta explicar estes tempos vertiginosos. O vocabulário disponível consegue apreender precariamente tão-somente partes limitadas do que acontece ao nosso redor”.

Na transição do novo milênio, a globalização aparece como a mudança mais importante da ordem mundial. Segundo Leff (1998, p. 124) “este processo tende a dissolver as fronteiras nacionais, homogeneizando o mundo através da extensão da racionalidade do mercado a todos os confins do orbe”.

Bauman (1999, p. 7-9 *passim*) vê a globalização como uma encantação mágica, como uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presente e futuros. Busca mostrar que no fenômeno da globalização existem mais coisas do que o olho possa apreender. No exame das causas e consequências sociais da compressão tempo/espço, e os seus efeitos na estruturação das sociedades, evidencia que os processos globalizadores não têm a unidade de efeitos que se supõe comumente, “a globalização divide tanto como une; divide enquanto une - e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade no globo”. Destaca como uma parte integrante dos processos de globalização a própria segregação espacial, a progressiva separação e exclusão. Salienta ainda que uma causa específica de preocupação na cultura globalizada é a progressiva ruptura entre as elites extraterritoriais cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais localizada.

Quanto às consequências culturais das transformações por que a humanidade vem passando, Bauman (*Ibidem*, p. 11; *Idem*, 2001, p. 30) cita Castoriadis: “o problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de se questionar” e acrescenta que “questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos” e alerta para a afirmação de que “o preço do silêncio é pago na dura moeda corrente do sofrimento humano”, ao que Freire lembra que:

[...] O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (FREIRE, 1996, p. 128).

Com a mesma opinião de Bauman, Laidi (2003, p. 183) alerta que “não devemos nos iludir, a globalização também vem acompanhada por uma fragmentação perante a qual, ou contra a qual, devemos lutar”. Ao que Giddens (1991, p. 25) afirma que “a globalização não está se desenvolvendo de uma forma equitativa, e está longe de ser inteiramente benéfica em suas conseqüências”.

A globalização, segundo Laidi (2003, p. 184-186 *passim*), possui três dimensões complementares. A primeira, o autor atribui ao processo de transformação das condições de produção da identidade individual e coletiva pela intensificação da interatividade dos indivíduos ou pelos fatos sociais. A segunda dimensão, que considera mais clássica, é a mundialização, que é a que se refere à compressão tempo/espaço. A terceira dimensão é a interpenetrabilidade das sociedades. Afirma ser:

[...] Um momento em que as sociedades humanas renegociam seu vínculo com o tempo e com o espaço para fundar, se assim preferirem, um novo imaginário; sendo que a construção desse imaginário decorre de um determinado número de encadeamentos bastante decisivos que facilitam a sua construção (LAIDI, 2003, p. 186).

Esse autor assinala que a globalização desenvolve um imaginário de forma comum, um imaginário de similaridades, de conformismo. Aponta para a semelhança dos centros urbanos, formas de modernização padronizadas, a exemplo dos aeroportos e shoppings (*Ibidem*, p. 186).

Sobre essas características de tempo e espaço que resultam na compressão de distâncias e de escalas de tempo, Giddens (1991, p. 69, grifo do autor) diz que “na era moderna, o nível de distanciamento tempo-espaço é muito maior do que em qualquer outro período precedente, e as relações entre formas sociais e eventos locais e distantes se tornam correspondentemente ‘alongadas’”. O autor, ainda, se refere à globalização como “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”.

Sobre a globalização da economia e suas conseqüências macroeconômicas, Paim e Almeida Filho (2000) dizem que:

Ao mesmo tempo, verifica-se um aumento das desigualdades entre os povos e os grupos sociais, a eclosão de movimentos nacionalistas, a exacerbação dos conflitos étnicos, a agressão ao meio ambiente, a deterioração do espaço urbano, a intensificação da violência e o desrespeito aos direitos humanos (PAIM; ALMEIDA FILHO, 2000, p. 12).

A respeito da transformação das cidades e de seus entornos pelo processo de industrialização, Feltmann (2002, f. 22) comenta que a população urbana multiplicou e, citando Argan (1999), destruiu “a coesão das comunidades urbanas tradicionais. Multiplicou-se, portanto, a quantidade e, paralelamente, degradou-se a qualidade urbana”.

Bouguerra (2004, p. 122, grifo do autor) diz que “à medida que a ‘cidade planetária’ se expande, terras agrícolas são transformadas em desertos devido à salinização e ao hidromorfismo consequentes de uma irrigação duvidosa ou mal conduzida” e para demonstrar os sofrimentos humanos e os dramas que os povos experimentam por causa disso, apresenta dados estimados pela ONU: 135 milhões de pessoas são severamente atingidas pela desertificação, e 850 milhões são afetadas, de algum modo, por esse fenômeno. Diz ainda que “em escala planetária, são os ricos que desperdiçam e poluem mais; e a grande maioria entre eles se recusa o mínimo de austeridade” (*Ibidem*, p. 130).

Apesar da compreensão de alguns grupos de que a globalização seja um fenômeno exclusivamente econômico, Giddens (1991, p. 15) afirma que, a globalização é política, tecnológica e cultural, tanto quanto econômica. Portanto, “não é um processo singular, mas um conjunto complexo de processos”. Morin (2001, p. 46) diz que “nas misérias das favelas africanas, asiáticas e da América Latina também há a presença do mercado mundial, porque é o mercado que afeta o custo do cacau, do açúcar e do café”.

Giddens (2003, p. 29) assinala que a globalização está sacudindo o nosso modo de vida atual, que está emergindo de uma forma anárquica, fortuita, trazida por uma mistura de influências. Acrescenta que a globalização não é firme e nem segura, mas repleta de ansiedades, como também marcada por profundas divisões, e atribui a impotência que hoje vivenciamos à incapacidade das instituições e não a considera como um sinal de deficiências individuais. Alerta para a necessidade de reconstrução das instituições existentes bem como da criação de novas. Conclui que “a globalização não é um acidente em nossas vidas hoje. É uma mudança de nossas próprias circunstâncias de vida. É o modo como vivemos agora”. E, segundo Castiel (2003),

[...] Nossos tempos labirínticos se caracterizam pela produção incessante e engenhosa de novas tecnologias e correspondentes repercussões na ampliação e na velocidade de circulação de trocas econômicas, na proliferação de estratégias de mediação comunicacional, na multiplicação e diluição das matrizes identitárias, no clima generalizado de ambigüidade quanto às perspectivas de orientação em curto prazo e na crise de sentido (CASTIEL, 2003, p. 80).

Giddens (1991, p. 69) comenta ainda que a globalização implica um movimento de distanciamento do conceito clássico de sociedade: “a importância indevida que os sociólogos têm conferido à idéia de ‘sociedade’, no que ela significa um sistema limitado, deveria ser substituída por um ponto de partida que se concentra em analisar que a vida social é ordenada através do tempo-espaço”.

A sociedade não é a simples soma de indivíduos; segundo Durkheim (1966, p. 96), é um sistema constituído pela associação dos indivíduos, que representa uma realidade específica com suas características próprias, onde o grupo pensa, sente e age diferentemente do modo de pensar, sentir e agir dos seus membros, quando separados. “As representações, as emoções, as tendências coletivas não têm por causas geradoras determinados estados de consciência dos indivíduos, mas sim as condições em que se encontra o corpo social em conjunto” (*Ibidem*, p. 98). “Para compreender a maneira pela qual a sociedade se vê a si mesma e ao mundo que a rodeia, é preciso considerar a natureza da sociedade, e não a dos indivíduos” (DURKHEIM, 1966, p. xxv). Refere-se a fato social como “tudo aquilo que se produz na sociedade”, ou ainda, “o que interessa e afeta de algum modo o grupo social” (*Ibidem*, p. xxix). Acrescenta que os fatos sociais são constituídos por crenças, tendências, práticas do grupo tomadas coletivamente; e não são fatos sociais um pensamento encontrado em todas as consciências particulares, ou mesmo um movimento que todos os indivíduos repitam (*Ibidem*, p. 6).

Adorno e Horkheimer (1969) entendem sociedade em seu sentido mais importante como:

[...] Uma espécie de contexto inter-humano na qual todos dependem de todos; na qual o todo subsiste graças à unidade das funções assumidas por seus co-participantes, a cada um dos quais, por princípio, se disciplina uma função; e de onde todos os indivíduos, a sua vez, são determinados em grande medida pelo pertencimento ao contexto em sua totalidade. O conceito de sociedade, pois, designa melhor as relações entre os elementos e as leis às quais essas relações estão subjacentes, e não aos elementos e suas descrições simples⁹ (*Ibidem*, p. 23, tradução nossa)

⁹ Do original em espanhol.

Esses autores afirmam que o conceito de sociedade é essencialmente dinâmico e que abarca precisamente a unidade do geral e o particular na correlação total e autoreprodutiva dos seres humanos (ADORNO; HORKHEIMER, 1969, p. 33-37 *passim*). Hall (2003, p. 16-17) argumenta que a sociedade está constantemente sendo “deslocada por forças fora de si mesma” e critica os sociólogos que muitas vezes pensaram a sociedade como uma totalidade, em um todo unificado e bem delimitado, pois, como diz Morin (1999, p. 28), “a sociedade nasce das interações entre os indivíduos, mas com sua cultura, com seu saber, ela retroage sobre os indivíduos e os produz para tornarem indivíduos humanos”.

1.3 A sociedade na modernidade

Na descrição da sociedade moderna no Brasil, Pena-Vega e Nascimento (1999, p. 11) o expressam como um país complexo e que nele Morin “encontra a sociedade em que se observam as mais profundas contradições, visíveis e cotidianas”, e ainda citando Cristovam Buarque (*Ibidem*, p. 12) dizem que “o Brasil é uma espécie de síntese do nosso planeta. Temos praticamente todos os problemas do mundo e, simultaneamente, todos os recursos para resolvê-lo”, e acrescentam “temos tudo para dar certo, salvo uma cultura política predominantemente populista, autoritária e elitista. E um conjunto considerável de pessoas condenadas a um processo atroz de exclusão social” (*Ibidem*, p. 12). A impressão e preocupação de Josué de Castro sobre a sociedade brasileira da década de 1950 e de seu futuro na modernidade está expressa em seu depoimento:

[...] Tenho a impressão de que o povo brasileiro hoje imbuído da idéia do desenvolvimento e do progresso social está disposto a dar a sua cota de sacrifício, a fim de que o país se desenvolva e se emancipe economicamente. Mas é preciso que este povo esteja convicto de que o sacrifício está igualmente distribuído por todos os grupos e classes sociais que compõem a nacionalidade. E não estou seguro de que isto esteja acontecendo (CASTRO, 2004, p. 283).

A modernidade é apresentada por Azevedo (1993, p. 21-27 *passim*) como uma época histórica, uma construção filosófica e um paradigma cultural. O início da modernidade na história se deu com o advento dos europeus às Américas. Na filosofia, apesar de se insinuar com o nominalismo do século XIV, se inicia de fato, com Descartes. Na antropologia social e cultural, teve sua tematização e difusão maior a partir do Iluminismo e da Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX. A cultura moderna que permeia a estrutura dessa sociedade é centrada sobre o indivíduo e a subjetividade não tem mais a religião como função legitimadora, como acontecia nas culturas não-modernas ao longo da história da humanidade.

Hall (2003, p. 14) afirma que as sociedades modernas são “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”, e isso é que as distingue das sociedades tradicionais, como comenta Giddens (1991),

[...] Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência das gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes (*Ibidem*, p. 44).

Da percepção da crise da modernidade surge o pós-moderno, caracterizando-se pela reação crítica ao moderno e à hegemonia da racionalidade instrumental. Apesar de apresentar um estilo de pensamento desencantado da razão moderna, a pós-modernidade comporta uma continuidade em relação a muitos elementos do moderno, propondo uma nova concepção da razão e da racionalidade como elemento central ou único e pleiteia que o homem seja verdadeiramente livre e autônomo para determinar a sua própria história e vida (AZEVEDO, 1993, p. 29-33 *passim*). O período referente à segunda metade do século XX, Hall (2003, p. 34) chama de modernidade tardia.

O pós-modernismo, segundo Santos (1986, p. 7-8), é o nome dado às transformações ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas, desde a década de 1950 quando, por convenção, termina o modernismo. O pós-modernismo nasce com a arquitetura e a computação,

[...] Toma corpo com a arte pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência [...] Sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural (*Ibidem*, p. 8)

Para exemplificar o que significa o ambiente pós-moderno, Santos (1986, p. 12) comenta a seguinte situação: “ ‘Que criança linda’ - disse a amiga à mãe da garota. – ‘Isto é porque você não viu a fotografia dela a cores’ - respondeu a mãe!” Esse autor diz que essa piada mostra a essência da pós-modernidade, onde o sujeito prefere a imagem ao objeto, ou seja, a cópia ao original – o simulacro do real, que embeleza, intensifica o real, fabrica um hiper-real, espetacular, um real mais interessante que a própria realidade. Bauman (1999, p. 31) diz que prefere chamar a sociedade contemporânea de ‘sociedade da modernidade líquida’ e cita Baudrillard que, para uma experiência como essa, captou a imagem da hiper-realidade, na

qual “o virtual e o real não são mais separáveis, pois ambos partilham ou carecem na mesma medida da ‘objetividade’, da ‘externalidade’ e do ‘poder punitivo’ que Émile Durkheim enumerou como os sintomas de toda a realidade” (BAUMAN, 1999, p. 79). Giddens (2002, p. 10) chama esse período de modernidade alta ou tardia.

A globalização pode ser vista como perversidade para Santos (2000a, p. 18), que, por meio de um mercado avassalador, é apresentada como uma capacidade de homogeneizar o planeta quando, na realidade, aprofunda as diferenças locais, tornando o mundo menos unido, mais distante do “sonho de uma cidadania verdadeiramente universal”. Destaca o estímulo ao culto ao consumo:

[...] O consumo é o grande emoliente, produtor ou encorajador de imobilismos. Ele é, também, um veículo de narcisismos, por meio de seus estímulos estéticos, morais, sociais; e aparece como o grande fundamentalismo do nosso tempo, porque alcança e envolve toda gente. Por isso, o entendimento do que é o mundo passa pelo consumo e pela competitividade, ambos fundados no mesmo sistema de ideologia. [...] A competitividade toma o lugar da competição (*Ibidem*, p. 49, 46).

Sobre essa questão, Santos (2000a, p. 94) comenta que “esse caldo de cultura pode levar à quebra da solidariedade nacional e conduzir a uma fragmentação do território e da sociedade”.

Baudrillard (2004, p. 9) diz que a civilização urbana tem visto se sucederem gerações de produtos, em ritmo acelerado, diante dos quais o ser humano parece uma espécie particularmente estável e acrescenta:

[...] Somos praticamente inconscientes, na vida de todo o dia, da realidade tecnológica dos objetos. [...] O meio ambiente cotidiano permanece, em larga medida, um sistema abstrato: nele os múltiplos objetos acham-se em geral isolados de sua função, e o homem que lhes assegura, na medida de suas necessidades, sua coexistência em um contexto funcional [...] (*Ibidem*, p. 11, 14).

Quanto a esse consumo desenfreado, Feltmann (2002, f. 77, 25 grifos da autora) comenta sobre o papel da mídia na influência no modo de vida do sujeito, dizendo que a mídia faz com que “ele passe a desejar os desejos que ela, a ‘mídia’, quer para ele, e decida por ele, o que o fará feliz, moldando-lhe o tipo de vida e acabando com a sua possibilidade de sonhar”. E acrescenta: “Formando uma sociedade quase que anestesiada, sem raciocínio, quase teleguiada, sem muito se preocupar com o que realmente seria o seu desejo e sim fazendo o que está sendo ditado pelo ‘suposto progresso’ ”, e alerta para a necessidade do repensar as opções da sociedade como um todo. Para isso cita Cynamon (1992):

[...] Abusa-se do transporte diário e faz-se o teste de Cooper; reduz-se o esforço físico e exercitam-se os músculos; torna-se a cidade barulhenta e apela-se a exercícios anti-stress e proteção contra o ruído; promove-se a gulodice e receitam-se dietas e comidas sem calorias; produzem-se máquinas, adubos organocidas, técnicas e métodos que depredam o ambiente e procura-se reduzir o impacto ambiental; buscam-se novos instrumentos que diminuam o esforço mental, e pergunta-se como se vai desenvolver o pensamento das gerações futuras? (CYNAMON, 1992 *apud* FELTMANN 2002, f. 25).

“Nossa sociedade é uma sociedade de consumo” afirma Bauman (1999, p. 88), mas lembra que mesmo que potencialmente seja para todos, a sociedade de consumo pós-moderna é estratificada. Desejar não é suficiente, pois o potencial de consumo dos menos favorecidos é tão limitado quanto seus recursos. Existe uma diferença entre os que podem e aqueles que não podem e acrescenta que “as cidades contemporâneas são locais de um ‘*apartheid* ao avesso’: os que podem ter acesso a isso abandonam a ‘sujeira’ e pobreza das regiões onde estão presos aqueles que não têm como se mudar”. Pobres e ricos habitam numa mesma cultura. A pobreza é agravada tanto pelo crescimento econômico quanto pela recessão, uma vez que os pobres não têm acesso às opções sofisticadas de consumo a que têm os mais favorecidos. Os pobres são consumidores frustrados (*Ibidem*, p. 104).

Giddens (2003, p. 16) diz que a modernidade produz diferença, exclusão e marginalização e, com relação à identidade, comenta sobre “a falta de sentido pessoal – a sensação de que a vida não tem nada a oferecer – torna-se um problema psíquico fundamental na modernidade tardia”.

Taylor (1991, p. 37-47 *passim*) discute sobre o declínio da liberdade moderna e aponta três formas de mal-estar na modernidade. Como primeira fonte de preocupação, ele apresenta o individualismo. Vive-se num mundo em que as pessoas têm direito a eleger para si mesmas o seu próprio modo de vida, e esses direitos estão em geral defendidos pelos sistemas legais. Essas ordens, apesar de consideradas por muitos a mais admirável das conquistas da modernidade e de darem sentido ao mundo e às atividades sociais são, ao mesmo tempo, limitantes das pessoas, levando ao chamado desencantamento do mundo. Com isso as coisas perderam parte de sua magia, é o “desapontamento dos ideais”, como citado por Giddens (2003, p. 16).

Outra fonte de preocupação para este autor, que está relacionada a esse desencantamento do mundo, é a razão instrumental. Processo que vai explicando, gerenciando tudo e racionalizando a vida da pessoa. A preocupação é que coisas que deveriam ser determinadas

Programa de Pós-graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos da UFMG 19

por meio de outros critérios são decididas em termos da análise custo-benefício, privilegiando-se a tecnologia, no desejo de se obter o máximo rendimento. Aliada a essas preocupações, o autor acrescenta a perda de liberdade, dado que a sociedade está estruturada em torno da razão instrumental. A sociedade de consumo pensa que escolhe, mas na verdade o mercado é que estabelece as escolhas que as pessoas podem fazer. Sendo, assim, difícil manter um estilo de vida individual, contra a corrente (TAYLOR, 1991, p. 40).

Quanto à nossa falsa impressão de liberdade de escolha no cotidiano, Durkheim (1966) diz que:

[...] Não podemos escolher a forma de nossas casas, nem a de nossas roupas; pois uma é tão obrigatória quanto a outra. As vias de comunicação determinam de maneira imperiosa o sentido em que se fazem as migrações interiores e as trocas, e mesmo até a intensidade de tais trocas e tais migrações, etc. (*Ibidem*, p. 11).

Quanto à saída para essa falta de liberdade de escolha e de decisão pelo indivíduo, Argan (1999), citado por Feltmann (2002), diz que:

[...] A única possibilidade de conservar ou restituir ao indivíduo uma certa liberdade de escolha e decisão e, portanto, de liberdade e disponibilidade para engajamentos decisivos, inclusive no campo político, é colocá-lo em condições de não consumir as coisas que gostariam de fazê-lo consumir ou de consumi-las fora daquele tipo de consumo imediato. Indiscriminado e total que é prescrito, como sistema de poder, pela sociedade de consumo (ARGAN, 1999 *apud* FELTMANN, 2002, f. 77).

Segundo Renaut (1998, p. 6) “há muito tempo estabeleceu-se a convicção de que uma inédita representação da liberdade humana se deu na modernidade”. Quanto a essa chamada liberdade humana, Prigogine (1996) diz sempre sorrir quando lembra as palavras de Einstein, numa carta que dirigiu ao seu amigo Tagore:

Se perguntássemos à Lua porque é que ela se move, ela responderia sem dúvida que é porque gosta de tomar ar. Mas, a nós, isso faz rir porque nós sabemos que ela se move para obedecer às leis de Newton. De igual forma, deveríamos sorrir quando vemos que o homem acredita, na sua presunção, que age livremente. Não existe razão para o determinismo parar na fronteira dos cérebros (*Ibidem*, p. 231).

Das rápidas e profundas transformações, em todas as esferas da vida, que a humanidade tem experimentado, Paim e Almeida Filho (2000, p. 12) afirmam que, além de uma certa perplexidade que essas mudanças têm provocado, ocorre também um grande esforço de

reflexão e ação no sentido de compreender e explicar o que está acontecendo, com o objetivo de intervir sobre a realidade.

1.4 Como pensar a globalização na saúde pública

A globalização da saúde pública apresenta grandes oportunidades, ameaças e desafios para os seus avanços. A saúde pública, a nova e a antiga, precisam dirigir seus caminhos e se estabelecer em evidências, em termos de boas práticas ancoradas por evidências e metodologias relevantes. As práticas efetivas devem ser embasadas numa variedade de evidências avaliadas criticamente, cautelosos princípios de abordagem e uso de teoria significativa para informar à política (WATERSON, 2003, p. 21).

Quanto à diversidade dos modos de pensar essa globalização na vida cotidiana, se reducionista, holística, sistêmica ou complexa, Mariotti (2004) apresenta seu entendimento sobre os quatro termos. Chama de reducionismo ao ponto de vista de Descartes, onde o todo é estudado pela divisão em partes, e holismo ao oposto à abordagem cartesiana, ou seja, estuda o todo sem dividi-lo, o que deu origem ao pensamento sistêmico. Ao pensamento complexo, destaca as possíveis variações de terminologia em diferentes escolas, mas entende a complexidade pela proposta de Edgard Morin, lembrando da correspondência desta ao que Humberto Maturana chama de pensamento sistêmico.

Ao abordar as características fundamentais da complexidade moriniana, González (1999, f. 53) diz que Morin não dá, e nem poderia, uma definição clara e distinta do termo complexidade, pois no seu entender acabaria sendo uma contradição.

Sobre os princípios e idéias que possibilitam gerar o pensamento complexo, Morin busca a união da simplicidade com a complexidade, pois considera que o problema não é reduzir nem separar, mas diferenciar e juntar, diz que “o pensamento complexo é um pensamento que busca distinguir (mas não separar), ao mesmo tempo que busca reunir”. A idéia sistêmica, contrária à idéia reducionista, é que “o todo é mais que a soma das partes” e que “o todo é igualmente menos que a soma das partes, cujas qualidades são inibidas pela organização do conjunto”. Morin diz que o pensamento complexo é essencialmente o pensamento que lida com a incerteza e que é capaz de conceber a organização, sendo capaz de reunir, contextualizar, globalizar e, ao mesmo tempo, reconhecer o singular, o individual, o concreto (MORIN, 2003, p. 71-72, 77).

A área de saúde pública não tem se mostrado indiferente ao novo pensamento, mas apesar de a aproximação de enfoques ter começado a se produzir, o reducionismo persiste dominante hegemonicamente, tanto no campo prático, como no teórico (TARRIDE, 2002, p. 17). Esse autor apresenta uma ampla discussão sobre os conceitos de saúde e saúde pública, e da atual crise¹⁰ de identidade por que a área passa, lembrando que a discussão dessa crise deva considerar os problemas que a ciência enfrenta e que o estudo de uma saúde pública complexa deve considerar os avanços dos pensamentos sistêmico e complexo (*Ibidem*, p. 35-40). Na opinião de Paim e Almeida Filho (2000, p. 26), “o campo da saúde também passa por uma profunda crise epistemológica¹¹, teórica e metodológica, uma crise paradigmática¹²”. Para Barreto (1998, p. 21, 22), “na epidemiologia, construíram-se modelos causais inspirados pela crença em sistemas lineares, funcionais, mecanicistas e previsíveis” e ainda que “as bases ideológicas de muitas ciências contemporâneas encontram-se abaladas, portanto a saúde coletiva, e em especial a epidemiologia, não estão fora desse vendaval”.

Buscando a discussão nas ciências humanas, vale ressaltar o que diz Rey (2003) sobre o desenvolvimento da psicologia dentro do modelo natural da ciência, com uma visão reducionista, determinista, quantitativa e mecanicista:

[...] O paradigma cartesiano-newtoniano tem sido tão forte no desenvolvimento da cultura ocidental e tem influído tanto em esferas dominantes da produção do conhecimento como a medicina, que nenhuma ciência social escapou dessa influência, que se manteve nas ciências sociais, e em particular na psicologia, muito tempo depois que o mencionado paradigma fosse superado mesmo dentro das ciências naturais (*Ibidem*, p. 69).

Esse autor cita Giorgi (1978, p. 69) que, além dos aspectos citados anteriormente, diz que a abordagem da psicologia, entendida como ciência natural, caracteriza-se essencialmente também por ser empirista, positivista, genérica, e por postular as idéias de um observador independente (REY, 2003, p. 71).

Kaës (1997, p. 115) afirma que a teoria psicanalítica foi notavelmente antecipatória na capacidade de pensar o aparelho psíquico e seu funcionamento em termos de um sistema complexo, quando diz:

¹⁰ Sobre a crise da saúde pública cf. Paim e Almeida Filho (2000).

¹¹ Cf. em Badaró (2005, p. 33-66 *passim*) sobre as concepções epistemológicas de ciência.

¹² Sobre o sentido técnico de paradigma no campo teórico da filosofia, particularmente na abordagem de crítica histórica, cf. Khun (2003).

[...] A concepção de determinismo psíquico antecipa de igual modo as noções modernas da complexidade: os conceitos de superdeterminação, *de a posteriori*, de reversibilidade dos encadeamentos de causalidade, deslocamento, transferência e substituição são testemunhas dessa apreensão imediata por parte da psicanálise da complexidade do funcionamento e da organização intrapsíquica (KAËS, 1997, p. 15).

Como os demais setores da sociedade, o setor da saúde apresenta fronteiras imprecisas, sendo ligado intimamente a outros setores sociais e dependente dos setores econômicos. Sendo a saúde parte integrante do bem-estar social, os seus indicadores são, portanto, componentes essenciais de indicadores mais complexos da qualidade de vida (CHAVES, 1998, p. 4). A partir das divisões que a atual medicina apresenta – preventiva, comunitária e social – e das divisões estabelecidas para a saúde – individual, pública e coletiva – Chaves (*Ibidem*, p. 14, grifo do autor) questiona: “será que em vez de falarmos na *nova saúde pública*¹³, num novo paradigma para o ensino médico, num outro para o sistema de atenção à saúde, não devemos falar de um só paradigma aglutinador que nos permita unir forças dispersas, juntar, religar partes que nunca deveriam ter sido separadas, porém mantendo sua identidade própria?” Em contraste ao paradigma newtoniano-cartesiano, que na educação médica foi denominada de paradigma flexneriano, sugere se adotar provisoriamente a denominação de “paradigma da complexidade”, que o autor acredita tomar sua forma final neste século.

Dos movimentos no campo social da saúde é importante destacar a promoção da saúde, o que vem sendo entendido, no último quarto de século, como uma estratégia promissora para enfrentar os múltiplos problemas de saúde que afetam as populações humanas e seus entornos. A partir de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, propõe-se a articulação de saberes técnicos e populares, e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para o seu enfrentamento e resolução. Os conceitos, reflexões, tendências bem como a recuperação histórica do movimento da promoção da saúde, desde a década de 1970 aos dias atuais podem ser

¹³ Sobre os movimentos no campo social da saúde e a discussão da *Nova Saúde Pública*, cf. Paim e Almeida Filho (2000).

encontrados encontrados em Buss¹⁴ (2000), Czeresnia e Freitas (2003)¹⁵ e Lefèvre e Lefèvre (2004)¹⁶.

Nas discussões da temática da política de saúde é importante ressaltar a contribuição da geografia brasileira. Guimarães (2001, p. 155-181 *passim*) apresenta uma reflexão a respeito das condições de saúde urbana com o olhar na contribuição no pensamento crítico desenvolvido por essa disciplina. Assinala que Max Sorre¹⁷ foi quem mais aproximou a pesquisa geográfica da temática higienista no início do século passado. Na opinião desse autor, a obra de Sorre possibilitou a apreensão da doença em termos da localização do fenômeno, passível de delimitação da área de ocorrência. Quanto à complexidade do estudo da doença, cita esse mesmo autor: “a constituição dos complexos patogênicos depende em grande parte, do gênero de vida dos grupos humanos e dos costumes que este gênero de vida exerce sobre vestuário, alimentação e condição de moradia” (SORRE, 1955, p. 279 *apud* GUIMARÃES, 2001, p. 161). Em análise ao avanço da pesquisa em geografia médica ao longo da história, acrescenta que o paradigma da análise espacial desde a década de 50 vem permitindo maior compreensão do papel dos diferentes elementos que contribuem no adoecimento dos indivíduos (GUIMARÃES, 2001, p. 161).

Uma contribuição da geografia à reconstrução da teoria social é apresentada por Santos (2002b), que fez a sua reflexão ancorada na história, na filosofia, na sociologia e em outras disciplinas humanas, observando as relações entre a técnica e o espaço e entre o espaço e o tempo, com o objetivo de definir o espaço geográfico e seu ativo papel na dinâmica social. Esse autor afirma que os anos 1960 e 1970 marcaram um considerável progresso na busca de explicações geográficas, incluindo a noção do tempo, e que este debate, de forma direta ou indireta, deu origem à maior parte das questões que ora enfrentamos (*Ibidem*, p. 51, 21). Já na década de 1950, o médico, cientista e professor Josué de Castro alertava:

¹⁴ Esse autor apresenta uma revisão da emergência e desenvolvimento da promoção da saúde, com análise centrada nas estratégias promocionais do incremento da qualidade de vida, sobretudo em formações sociais com alta desigualdade sócio-sanitária.

¹⁵ Coletânea de textos que assinala a diversidade e a vitalidade da produção científica da saúde coletiva brasileira, tratando-se de uma contribuição crítica para a reflexão acerca dos discursos e práticas de promoção da saúde.

¹⁶ Neste livro os autores buscam desvendar as influências políticas, culturais e ideológicas que vêm condicionando o significado do movimento da promoção da saúde ao longo dos últimos anos.

¹⁷ Segundo Santos (2002b, p. 35), “Sorre foi o primeiro geógrafo a propor, com detalhe, a consideração do fenômeno técnico, em toda sua plenitude” e que Sorre entendia a noção de técnica como tudo aquilo que pertence à indústria e à arte, em todos os domínios da atividade humana.

[...] Sem um bom conhecimento geográfico, que transcenda do geral para o regional e penetre para além do mundo das aparências até as raízes dos fatos ocultos, nenhum plano nem ação política ou administrativa poderá alcançar qualquer sucesso duradouro (CASTRO, 2004, p. 242).

Na última década tem-se ampliado os estudos que consideram a área geográfica como um determinante de saúde, dada a complexidade das possíveis causas associadas¹⁸. Nesse sentido, Borrell e Pasarín (2004, p. 1-2) consideram de grande relevância os estudos das desigualdades socioeconômicas relacionados à saúde que levem em conta o território¹⁹ e, para isso, destacam três razões: a existência de fatores contextuais da área geográfica que explicam a saúde, independentemente dos fatores individuais, como o meio ambiente, a urbanização, o setor produtivo, os equipamentos de lazer, a existência de serviços tanto públicos como privados e os aspectos socioculturais; a detecção de áreas geográficas com piores indicadores socioeconômicos e de saúde facilita a política de intervenção; e o fato de que, às vezes, é mais fácil dispor de dados da área geográfica do que dos próprios indivíduos. Acreditam que, por essas razões, as descrições das desigualdades em diferentes territórios de uma cidade adquirem uma grande importância, tanto para os investigadores como para os planejadores.

Na discussão da díade entre o campo do saneamento e da saúde, considerando as preocupações com as enfermidades que atingem as populações, a degradação do meio ambiente, os ambientes sociais, a promoção da saúde, a prevenção e tratamento das doenças, bem como a reabilitação das pessoas, a fragmentação nos campos teórico e prático da saúde pública, onde as relações entre os conteúdos foram praticamente esquecidas, conduziu a uma forma de reducionismo, em que induzir a parte ao todo levava a compreender uma totalidade a partir do que acontecia a algumas de suas partes, isoladamente.

Assim como Chaves (1998, p. 14), Tarride (2002, p. 89-91 *passim*) também sugere aceitar que a saúde é uma complexidade, e que esta não deve ser praticada com reducionismo e tampouco seguir o caminho da fragmentação. Ele entende a saúde como uma totalidade irredutível, observando, assim, a complexidade gerada pelas interações indivíduo/sociedade/ambiente. Ressalta ainda que a saúde pública deve ser exercida com essa visão, capaz de provocar uma

¹⁸ (BARCELOS *et al.*, 2003; BLAKELY; WOODWARD, 2000; CÂMARA; MONTEIRO, 2001; COSTA; TEIXEIRA, 1999; CZERESNIA; RIBEIRO, 2000; KAWACHI; KENEDY; GLASS, 1999; KRIEGER, 2001; ROJAS, 1998; ROUX, 2004; SAMAJA, 1996; SCHWARTZ; SUSSER; SUSSER, 1999; STAFFORD; MARMONT, 2003; SUSSER, 1994 a, 1994b).

¹⁹ Para Santos (2000a, p. 96) “o território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi”.

mudança de atitude nos profissionais da área e na solução dos problemas, dando lugar à compreensão dos mesmos e favorecendo o desabrochar da complexidade presente.

A contribuição da saúde para a qualidade de vida dos indivíduos e das populações está registrada na produção científica. Apesar disso, os estudos²⁰ de saúde que visam buscar a relação entre saúde, ambiente e sociedade na modernidade são ainda um desafio para vários pesquisadores, dadas as características marcantes da modernidade, destacando a centralidade do indivíduo que o revela como sujeito - sendo expressão disto as formulações dos direitos humanos. Esses estudos envolvem uma quantidade de variáveis que interferem direta ou indiretamente nesses impactos, tais como informação, educação, condições socioeconômicas e cultural, entre outros, pois, como ressalta Heller (1997a, p. 24), "a escolha de uma variável ou de um indicador, que reflita o estado de saúde de um grupo populacional, deve conciliar o compromisso entre a necessidade de efetivamente expressar a condição de saúde coletiva, por um lado, e a sua adequação à pesquisa em questão, por outro".

1.5 Pobreza, exclusão social e sanitária

A pobreza está associada à carência de fatores multidimensionais tais como educação, emprego, habitação, alimentação e infra-estrutura básica. A falta desses componentes, considerados básicos à existência humana, torna as populações vulneráveis ao risco de adoecimento. O Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) de 2006 declara que “as pessoas necessitam de água potável e de saneamento para manterem a sua saúde e dignidade” (PNUD, 2006, p. 2).

A pobreza das condições sanitárias está intimamente ligada a quase todos e a cada um dos aspectos da vida. O fato de que a melhoria das condições de saúde tenha um valor independente para os indivíduos sugere que os serviços de saneamento disponíveis sejam um capítulo importante para o nível de vida de um país, na mesma relevância da disponibilidade dos bens de consumo, entre os quais se encontram a alimentação, a habitação, o vestuário, os serviços de saúde e a educação (MYRDAL, 1975, p. 362).

²⁰ Como ressalta Heller (1997a, p. 45), "identificam-se na literatura diversos estudos epidemiológicos sobre condições de saneamento, desenvolvidos em vários contextos [...]. A despeito de eventuais questionamentos, um número importante deles mostra associação entre condições de saneamento e indicadores de saúde".

Nenhuma pesquisa sobre a pobreza dos países pode ser completa sem um estudo da qualidade de vida da população e seus elementos básicos, que são a saúde e a educação. Para melhorar sua vida econômica e social, o ser humano deve melhorar também seu nível de atenção à saúde e educação, (MYRDAL, 1975, p. 349). Contudo, os níveis médios de saúde e de educação não são de fácil mensuração. Para a análise das condições sanitárias usa-se com frequência a mortalidade como referência, sendo igualmente difícil definir os níveis relativos da educação. As reformas nas áreas da saúde e da educação são necessariamente reformas sociais, que incluem reformas comunitárias e familiares. A saúde é um importante elemento de bem-estar para cada indivíduo, como também para as populações, tanto que o gozo da saúde tem seu lugar na declaração dos direitos humanos (*Ibidem*, p. 351-353 *passim*).

Com a mesma opinião de Myrdal, Bouguerra (2004, p. 122) afirma que, atualmente, ao olhar para a realidade dos países em desenvolvimento, acredita ser visível que as origens da pobreza estão diretamente ligadas à falta de água e dos serviços de esgotamento sanitário, e acrescenta: “lá onde a água é rara, vingam a pobreza e a miséria”.

Segundo Heller (2006a, p. 50), um número significativo de crianças morrem anualmente no mundo, vítimas de doenças diretamente relacionadas às condições deficientes de abastecimento de água e de esgotamento sanitário. Lembra que essas doenças, quando associadas com a desnutrição, podem enfraquecer as defesas orgânicas a ponto de contribuir com doença e morte por outras causas, como o sarampo e a pneumonia. E acrescenta: “Este quadro está estreitamente associado à pobreza” (*Ibidem*, p. 50).

Assim, as pessoas que mais sofrem com as doenças causadas por riscos ambientais são aquelas que vivem na pobreza. Os fatores ambientais estão relacionados a 30% da ocorrência de doenças nos países pobres. Os problemas mais comuns são a falta de qualidade da água de consumo, a falta de serviço de esgoto e também a poluição do ar (KJELLÉN, 2001, p. 1).

Prüss *et al.* (2002) afirmam que a proporção de doenças relacionadas ao abastecimento de água e ao esgotamento sanitário em crianças menores de cinco anos de idade, na África, é mais de 240 vezes superior à dos países ricos.

Vários exemplos onde as condições sanitárias afetam a qualidade de vida das pessoas são apresentados por Bouguerra (2004). Esse autor comenta que em alguns países do sul “as mulheres (meninas, mais frequentemente) gastam 85% das calorias de sua alimentação diária

para prover água às suas famílias... Sem chegar, mesmo assim, a garantir os cinquenta litros de água que cada pessoa necessita diariamente” (BOUGUERRA, 2004, p. 117) e que,

[...] Tanto na Argélia quanto em outras partes, a distribuição da água é inseparável dos problemas das desigualdades sociais e espaciais (ricos e pobres, homens e mulheres, favelas e bairros nobres) [...] A fragilidade e a carência do estado têm sua parte de responsabilidade (*Ibidem*, p. 118).

Dentre os relatos apresentados pela WaterAid – water for life²¹ sobre o modo como vivem crianças sem as condições mínimas de sobrevivência, observa-se a realidade da menina Napoga Gurigo:

Napoga Gurigo vive na área rural de Gana. Ela não sabe sua idade, mas provável que seja próxima a 12 anos. Todos os dias, às 5:30 horas, ela inicia a coleta de água no poço, levando em torno de três horas para abastecer sua família. Napoga não vai à escola. Ela não ferve a água antes de beber (dizem por lá que não é necessário, pois a água não contém coisas vivas...). Animais abastecem-se da mesma fonte.

Bouguerra comenta que “o desafio é muito mais forte para os pobres que para os ricos, pois alguns não têm água para beber e outros lamentam não ter bastante água para regar seu jardim, lavar seu carro ou encher sua piscina” (BOUGUERRA, 2004, p. 129). Em 1994, quando a Indonésia sofreu uma terrível seca, os habitantes de Jacarta ficaram sem água, “mas os campos verdes dos clubes de golfe da capital, terrenos de jogos de turistas ricos, nunca foram privados de seus milhares de metros cúbicos de água cotidianos” (*Ibidem*, p. 159).

Oliveira (1996, p. 67), ao pesquisar sobre saneamento básico nas favelas, apresenta os seguintes relatos de moradores de favela no Rio de Janeiro:

Primeiro você pega as panelas, areia tudo – as panelas maiores – e enche com água e tampa, enche as garrafas da geladeira, deixa um balde cheio no cantinho só para beber, outro só para lavar louça. [...]

A água para jogar no banheiro, você vai lavando a roupa e vai jogando aquela água suja da roupa no banheiro. Quando você vai tomar banho, tem que pôr um balde cheio e vai tomando banho de 3 em 3. Todo mundo toma banho junto pra água poder dar... [...]

Você faz limpeza na casa só aos domingos: como a água só cai no sábado, você tem que aproveitar ou, então, ficar limpando na madrugada de sábado. Enquanto a água está caindo você tá lavando roupa, areando as panelas ou fazendo faxina na madrugada. Isso tudo para economizar água, porque até às

²¹ Do original em inglês. Tradução nossa. Disponível em < http://www.wateraid.org.uk/documents/Education_Media_Report_%5B3%5D.pdf>. Acesso em 17 jun. 2005.

seis horas da manhã de Domingo a água tá caindo, e quando parar a caixa vai estar cheia para a semana toda. Querendo ou não você tem que trabalhar de madrugada.

Afirma ainda que:

[...] Uma análise das carências urbanas e das reivindicações sociais será incompleta se não levar em consideração tanto as relações macro como microsociais, uma vez que a constituição dos sujeitos que as transformam se dá simultaneamente, dentro das relações sociais e culturais no qual estão inseridos. Suas ações são, portanto, reflexos e refletem as ações do outro com quem negociam (OLIVEIRA, 1996, p. 69).

Essa autora conclui na pesquisa que o processo de conquista dos serviços de abastecimento de água pelos grupos sociais excluídos se dá pela luta cotidiana ligada às relações microsociais e pela luta política (*Ibidem*, p. 69).

Heller (2006a, p. 56) acredita que uma das maiores dívidas sociais ainda persistentes no mundo é a carência de instalações suficientes de abastecimento de água para as populações. Esse autor afirma que permanece um contingente considerável da população mundial ainda afastada ao acesso a esse bem, e acrescenta: “deveria ser assumido como um direito indiscutível das pessoas”. Afirma que, claramente, “essa carência está indissociavelmente relacionada com a pobreza mundial, havendo uma convergência entre a localização dos pobres e a dos excluídos do acesso ao abastecimento de água”. Ainda lembra que “não há sequer consenso sobre os números dessa carência, uma vez que esses dependem do próprio conceito do que seria um fornecimento suficiente de água”.

Na mesma perspectiva de discussão sobre a exclusão daqueles que vivem sem as mínimas condições de sobrevivência, Garcia e Valla (1996, p. 15) mostram-se preocupados com o aparecimento de uma tendência em aceitar os reflexos cruciais da “nova ordem mundial como naturais e inevitáveis”. Citam que:

[...] Num encontro internacional de ONGs, um dos expositores afirmou estar ouvindo com certa frequência em Países do Primeiro Mundo a idéia de que crianças do Terceiro Mundo, acometidas por doenças como diarreia aguda, não deveriam ser salvas, pois tal recurso só prolongaria uma vida já destinada à miséria e ao sofrimento. Uma afirmação semelhante já apareceu em artigo científico no qual o autor recomenda que, se num determinado país ou região, o número de nascimentos ameaçar a ‘deterioração ecológica’, medidas de saúde pública como reidratação oral não deveriam ser socializadas, já que aumentariam os anos/homens de miséria (*Ibidem*, p. 15).

Esses autores sugerem a busca de novos caminhos, na teoria e na prática, para resolver os problemas emergentes, envolvendo apoio mútuo e solidariedade entre profissionais/mediadores e grupos populares (GARCIA E VALLA, 1996, p. 16).

De acordo com o RDH 2006 (PNUD, 2006, p. 6) a distribuição do acesso adequado à água e ao serviço de esgoto reflete a distribuição de riqueza em muitos países. O acesso à água canalizada nos domicílios é, em média, de 85% para os 20% mais ricos, em comparação com 25% para os 20% mais pobres. As pessoas mais pobres que vivem em bairros degradados pagam frequentemente 5 a 10 vezes mais por litro de água do que as pessoas mais ricas que vivem na mesma cidade. E ainda que:

A crise da água e do saneamento é, acima de tudo, uma crise dos pobres. Quase duas em cada três pessoas sem acesso à água potável sobrevivem com menos de 2 dólares por dia, com uma em cada três a viver com menos de 1 dólar por dia. Mais de 660 milhões de pessoas sem saneamento vivem com menos de 2 dólares por dia e mais de 385 milhões com menos de 1 dólar por dia (PNUD, 2006, p. 3).

1.6 Cidadania e direitos humanos

O conceito de cidadania surgiu há mais de dois milênios e tem passado por importantes modificações ao longo da história, acompanhando a evolução da humanidade e das diferentes formas pelas quais o homem vem se organizando na sociedade, na busca do atendimento às suas necessidades materiais e espirituais, nas dimensões cultural, política, econômica ou ideológica. Apesar das modificações ocorridas no tempo, as diferentes formas e concepções de cidadania contêm características fundamentais comuns, podendo-se destacar a reciprocidade de direitos e deveres que se estabelece entre uma comunidade e seus indivíduos, a maior ou menor participação política de seus membros, a tensão permanente que se contrapõe entre indivíduo e coletivo, representação e territorialidade. “A cada momento histórico e a cada sociedade determinada correspondem direitos que se distinguem por seu conteúdo, sua amplitude e pelo universo de segmentos sociais que abrangem” (CAMPOS, 2002, p. 35)²².

Nessa perspectiva, a discussão dos direitos humanos passa, necessariamente, pela remissão ao processo histórico de sua conquista. A Declaração dos Direitos Humanos, promulgada na

²² Campos (2002, p. 35-71 *passim*) apresenta as mais significativas transformações históricas do conceito de cidadania: as cidades-estados gregas e romanas da antiguidade, o processo de construção e consolidação do Estado Nacional Moderno e a emergência dos Estados Supranacionais.

Assembléia Geral das Nações Unidas²³, em 10 de dezembro de 1948, estabelece, em seu artigo XXV, item 1, que:

Todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e o bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle (ONU, 1948).

Mesmo que produto de um processo histórico, os direitos humanos, segundo Doise e Clémence (1996) citados por Campos (1998, p. 47), podem ser definidos como “os direitos inalienáveis dos quais deve se beneficiar cada indivíduo de nossa espécie, independentemente do lugar que ele ocupa e da maneira como ele se comporta em sociedade”. Nesse sentido, Campos afirma que, produto da modernidade, esta concepção é “resultado de um grande esforço de reflexão filosófica e política sobre as relações interindividuais e entre indivíduos e instituições”, e decorre de lutas sociais ocorridas principalmente ao longo do século XIX.

No Brasil, pelas lutas que se sucederam – processo mais de natureza político-institucional que baseado em lutas sociais – a Constituição de 1988, dada a nova relação estabelecida entre o Estado e a Sociedade civil, foi qualificada de “Constituição Cidadã”²⁴ porque incorporou conquistas sociais inéditas, como pode se observar na sua enunciação do Capítulo II, “Dos Direitos Sociais”, particularmente o Art. 6º - “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Apesar de traduzir o direito e dever de todos à sobrevivência, observa-se, na modernidade, uma distância entre os seus ideais e suas perspectivas otimistas e criativas e a contradição que existe entre elas (AZEVEDO, 1993, p. 29). Segundo Leff (1998):

²³ “[...] É preciso admitir o importante avanço registrado neste século, com o reconhecimento dos Direitos Humanos nas declarações e pactos subscritos pela maioria das nações do mundo, sob o amparo da ONU. [...] A história revela que os Direitos Humanos, na forma atual, não podem e nem devem ser atribuídos, com caráter particularista, a uma só época, sociedade ou nação. Existe um núcleo entre eles que é resultado, sedimentação, acumulação de evolução de toda a humanidade em seu conjunto [...] Porque nasce do conflito que nasce entre os que lutam por uma nova ordem, e os que procuram manter seu predomínio na ordem vigente” (SORONDO, 1991).

²⁴ “Na segunda metade da década dos 80, no bojo do processo de democratização, há um movimento de redefinição dessa relação entre o Estado e a Sociedade, buscando transformar o que era tratado como carência em direitos. Esse movimento ocorreu no processo da Constituinte e resultou na chamada ‘Constituição Cidadã’ de 1988, que consagra como direitos sociais: a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados” (INOJOSA, 1997, grifo do autor).

[...] Face à globalização econômica, os movimentos da cidadania estão legitimando novos valores e direitos humanos que estão detonando o surgimento de projetos sociais inéditos na história. A cidadania emerge configurando novos atores sociais fora dos campos de atração das burocracias estatais e dos círculos empresariais, que reclamam a auto determinação de suas condições de existência e a autogestão de seus meios de vida. A cidadania surge como uma reação contra a ordem estabelecida, mas sem uma clara condução estratégica de suas ações (LEFF, 1998, p. 125).

Na discussão dos problemas que acompanham a modernidade, Bauman (2001, p. 45-46 *passim*) destaca a individualização, que diz trazer problemas para a cidadania. Para abordar essa questão, o autor cita Tocqueville:

[...] O indivíduo é o pior inimigo do cidadão [...] O ‘cidadão’ é uma pessoa que tende a usar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade – enquanto o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação à ‘causa comum’, ao ‘bem comum’, à ‘boa sociedade’ ou à ‘sociedade justa’ (*Ibidem*, p. 45).

Petraglia (2002, p. 5) alerta para a importância da reflexão sobre a crise da modernidade, para que o indivíduo possa participar das decisões sociais e políticas de seu tempo, como cidadão social e cultural, resguardando o seu direito e a sua possibilidade de intervenção, transformação, emancipação e reconstrução. Acrescenta, ainda, que o incentivo e estímulo do direito de cidadania e do dever de cidadão é papel de toda organização de aprendizagem e de todas as linguagens, quer artísticas, quer místicas, racionais ou empíricas, pois como lembra Leff (1998, p. 118-119), “frente ao poder do Estado e do mercado, a cidadania reclama seu direito de participar nos processos de produção e abastecimento de serviços básicos, assim como na tomada de decisões que afetam suas condições e sua qualidade de vida”.

A sociedade, de forma progressiva, precisa construir a cidadania real²⁵ pois, como alerta Leff (1998),

[...] A emergência da cidadania como novo projeto social coloca a possibilidade de forjar novas utopias face ao mundo homogeneizado que anuncia o fim das ideologias e da história; a imaginação sociológica e a criatividade política se confrontam com o desafio de gerar novas estratégias de poder, capazes de vulnerar as fortalezas construídas em torno dos interesses do capital, para arraigar na natureza e na cultura uma nova

²⁵ “A noção de cidadania, do ponto de vista formal, pode ser encontrada em Marshall, na medida em que é concebida como “um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o status são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao status. Não há nenhum princípio universal que determine o que estes direitos e obrigações serão, mas as sociedades nas quais a cidadania é uma instituição em desenvolvimento criam uma imagem de uma cidadania em relação à qual o sucesso pode ser medido e (...) a aspiração pode ser dirigida.” (MARSHALL, 1967, p. 76, grifos do autor, *apud* LEITE, 2002).

racionalidade produtiva. Trata-se da criação de novos sentidos para a existência, cujo impulso inicial surge da sacudida da pressão física e moral gerada pela racionalidade social dominante (LEFF, 1998, p. 126).

Sobre a existência de um direito humano de acesso à água, Bouguerra (2004) cita a jurista do Québec Sylvie Paquerot, que declara:

Se o acesso à água é uma condição essencial para a dignidade humana, então existe, com certeza, um direito de acesso à água. E este, como todos os outros direitos humanos, é universal, pois é inerente a todos os seres humanos; é também interdependente e inseparável de todos os outros direitos essenciais à dignidade humana. É, ainda, inalienável, ou seja, não nos pode ser tirado, nem podemos ser coagidos a renunciar a ele. A verdadeira questão, portanto, passa a ser do reconhecimento político, primeiramente, depois formalização jurídica (*Ibidem*, p. 228-229).

E esse autor acrescenta:

[...] É preciso promover uma nova sociedade, uma 'sociedade econômica da água' que perceba o quanto esse recurso é precioso, e é urgente utilizá-la de maneira responsável em respeito àqueles que não dispõem suficientemente dela e às gerações futuras (*Ibidem*, p. 235, grifo do autor).

O Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, declara a água como direito humano: “O acesso à água segura é uma necessidade humana fundamental e, portanto, um direito humano. A água contaminada põe em risco tanto a saúde física e social das pessoas. Isto é uma afronta à dignidade humana”²⁶ (WHO, 2003b, tradução nossa).

Na discussão sobre o direito ao acesso igual à água, de acordo com o RDH 2006, a insegurança da água viola alguns dos princípios mais básicos da justiça social, para além de impactos destrutivos altamente visíveis sobre as pessoas, e destaca a necessidade de uma *cidadania igual*:

Cada pessoa tem direito a um conjunto igual de direitos civis, políticos e sociais, incluindo o meio de exercer estes direitos de forma eficaz. A insegurança da água compromete estes direitos. Uma mulher que passa horas a fio a recolher água ou que sofre de constantes doenças relacionadas com a água tem menos capacidade de participar na sociedade, mesmo que possa participar da eleição do seu governo (PNUD, 2006, p. 3).

²⁶ Do original em inglês.

A construção da cidadania real, no que diz respeito à saúde²⁷ e à implementação de suas condições básicas (relacionadas ao objeto desta pesquisa), tem a sua conquista decorrente de um processo histórico muito longo, seja nas suas concepções, seja na sua realização, especialmente por meio daquelas intervenções relativas ao provimento de equipamentos coletivos de suprimento de água e de mecanismos de controle social de fatores ambientais. No entanto, “o direito humano à água é violado impunemente de uma forma generalizada e sistemática - e são os direitos humanos das pessoas carenciadas que estão sujeitos aos abusos mais graves” (PNUD, 2006, p. 3). Portanto, há ainda muito a realizar, dado o panorama mundial de desigualdade dos direitos básicos do cidadão. Para tanto, faz-se necessário observar a afirmação do RDH 2006:

A preservação do direito humano à água é um fim em si mesmo e um meio de consubstanciar os direitos mais genéricos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e outros instrumentos com vínculo jurídico — incluindo o direito à vida, à educação, à saúde e a um alojamento adequado (PNUD, 2006, p. 3).

1.7 Subjetividade e sujeito

Com o fim do modelo centralizador na formulação de políticas públicas e a instituição da Constituição Cidadã, a participação popular é valorizada e o sujeito é chamado a atuar. Essa participação está garantida na medida em que se constituem fóruns legítimos para a expressão de suas necessidades, por meio de instâncias de representação popular, tais como conselhos setoriais - saúde, educação, habitação, direitos humanos, entre outros, além de comissões locais de representação. Institui-se assim, a representação do sujeito na formulação e avaliação das políticas públicas.

Hall (2003, p. 26, 23, grifo do autor) atribui a Descartes a formulação primária da concepção do sujeito. Afirma que o sujeito humano emergiu pela primeira vez na idade moderna, onde “ele se tornou ‘centrado’, nos discursos e práticas que moldaram as sociedades modernas”. Entretanto, acrescenta que “tentar mapear a história da noção de sujeito moderno é um

²⁷ A OMS, em sua Carta Magna de 07 de abril de 1948, propõe um conceito de saúde: “Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Ferrara *et al.* (1976, p. 6) citados por Rezende (1989, p. 87), elaboraram uma crítica a esta definição. Nessa análise, argumentam a concepção de saúde na área física – que bem-estar tem sido visto como uma adaptação do homem ao ambiente, reduzindo o fenômeno saúde a uma circunstância essencialmente estática; na área mental – usualmente os critérios de adaptabilidade são mais freqüentemente empregados; e na área social – a contradição entre as necessidades gregárias e individualistas do homem são determinantes de conflitos. Esses autores conceituam saúde como “um contínuo agir do homem frente ao universo físico, mental e social em que vive, sem regatear um só esforço para modificar, transformar e recriar aquilo que deve ser mudado” (FERRARA *et al.*, 1976, p. 6 *apud* REZENDE, 1989, p. 87). Rezende (1989, p. 87) conclui que “saúde é uma postura humana ativa e dialética frente às permanentes situações conflituosas geradas pelos antagonismos entre o homem e o meio”.

exercício extremamente difícil” (HALL, 2003, p. 24). Esse autor afirma que, segundo Descartes, as coisas devem ser explicadas a partir de uma redução aos seus elementos irreduzíveis, e que ele colocou o sujeito no centro da mente. Acrescenta, ainda, que a partir daí estabeleceu-se “essa concepção do sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, que tem sido conhecida como o sujeito ‘cartesiano’” (*Ibidem*, p. 24, grifo do autor). Contudo, o autor comenta que Freud, com a descoberta do inconsciente, arrasa com o conceito do sujeito de Descartes, provido de uma identidade fixa e unificada (*Ibidem*, p. 36). De acordo com Freud, “a subjetividade é o produto de processos psíquicos inconscientes” (*Ibidem*, p. 37).

O homem pensado como *subjectum*, sujeito reflexivo ou transcendental, segundo Giovanetti (2000, p. 291-293 *passim*), está ancorado no conceito de subjetividade que é recente, data de alguns séculos, surge com o racionalismo cartesiano, em que o sujeito é tomado como o fundamento de todo o sistema, na expressão do sujeito pensante – *cogito, ergo sum* (penso, logo existo). A seguir, destacam-se o empirismo inglês e o criticismo kantiano, que apresentam outras duas concepções da subjetividade: o século XX é marcado pelos paradigmas da ilustração, onde a racionalidade passa a ser a força condutora de toda a vida do homem, e pelo movimento romântico, que nasce como uma reação ao domínio da razão levado a cabo pela ilustração. Esses dois movimentos, associados às grandes transformações da sociedade, tiveram um papel significativo nas duas grandes crises da era moderna. A primeira, no início do século XX, e a segunda, mais radical e perturbadora, a partir dos anos 1960-1970. Hoje, a denominada a era pós-moderna caracteriza-se como a ampla suspeita sobre os ideais da modernidade, que segundo Renaut (1998) são,

[...] Sem dúvida, a maneira como o ser humano é nela concebido e afirmado como fonte de suas representações e de seus atos, seu fundamento (*subjectum*, sujeito) ou, ainda, seu autor: o homem do humanismo é aquele que não concebe mais receber normas e leis nem da natureza das coisas, nem de Deus, mas que pretende fundá-las, ele próprio a partir de sua razão e de sua vontade (*Ibidem*, p. 10).

Brant (2001, p. 222) afirma que falar em subjetividade significa necessariamente falar em Descartes, “o que não significa dizer que essa questão tenha surgido com a filosofia moderna” e se referindo ao *cogito, ergo sum*, diz que essa máxima cartesiana, enquanto problema filosófico “assinala a emergência da subjetividade, mas não do sujeito”. Rey (2003, p. 73) também se posiciona contrário àquele pensamento, diz que os traços do pensamento moderno

são representações que afastaram os psicólogos do tema da subjetividade e acrescenta que, na sua opinião,

[...] As condições epistemológicas para o desenvolvimento do tema subjetividade na psicologia aparecem com a ruptura que significou a apropriação da dialética pelos psicólogos, a qual se produziu também em condições sociais muito particulares para a produção do conhecimento, como foram, mais concretamente, as condições geradas pela Revolução Russa (REY, 2003, p. 73),

que é por ele considerada como

[...] O sistema de significações e sentidos subjetivos em que se organiza a vida psíquica do sujeito e da sociedade, pois a subjetividade não é uma organização intrapsíquica que se esgota no indivíduo, mas um sistema aberto e em desenvolvimento que caracteriza também a constituição dos processos sociais (*Idem*, 2002, p. viii).

Enquanto Castoriadis (1999, p. 35-37 *passim*, 45) chama de subjetividade à “capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo”. Define a subjetividade humana por dois aspectos: a reflexividade e a capacidade de atividade deliberada (ou vontade). A reflexividade diz que “é o saber que sabemos, e interrogar-se sobre tal saber é transformar uma atividade em objeto e explicitar o si sob a forma estranha de um objeto não objetivo, ou de pseudo-objeto, do qual sabemos que ele é objeto por posição, e não por natureza”, e chama de vontade ou capacidade deliberada “à possibilidade – nem fatalidade nem necessidade – que o ser humano tem de fazer entrar no encadeamento que determina seus atos, num sentido amplo, os resultados de seu processo de reflexão e outros resultados que não os que dependem de um cálculo, de *reckoning* ou de *computo*”. Quanto ao sujeito diz que “é essencialmente aquele que faz perguntas e que se questiona, seja no plano teórico, ou no que chamamos prático”.

Sujeito e indivíduo são termos que aparecem no interior dos discursos de forma indiscriminada que, segundo Brant (2001, p. 222), “compõem uma tessitura onde, aparentemente, não há diferença um do outro”. E acrescenta que, “no entrelaçamento de linhas de pesquisa e desenhos de estudo, indivíduo e sujeito se mesclam dando um nó, ponto nevrálgico e desconhecido por algumas intervenções”. Assim torna-se necessário se questionar pela diferença entre sujeito e indivíduo.

Segundo Renaut (1998, p. 5), a noção de indivíduo surge do mais longínquo passado da reflexão filosófica, para tanto cita as denominações usuais de indivíduo em Cícero, Demócrito

e Epicuro. Em Bachelard (2002, p. 8) “o indivíduo não é a soma de suas impressões gerais, é a soma de suas impressões singulares”. Hall (2003, p. 27-28) diz que John Locke definia indivíduo em termos de “mesmidade (*sameness*) de um ser racional”, ou seja, uma identidade constante e contínua com seu sujeito e, citando este autor, diz que “a identidade da pessoa alcança a exata extensão em que sua consciência pode ir atrás, para qualquer ação ou pensamento passado” (LOCKE, 1967, p. 212-213 *apud* HALL, 2003, p. 27- 28).

Vernant (2001, p. 12-13) diz que “existem formas bem diversas de individualidade” e que “a sociedade não se constrói pela existência de indivíduos que se associam em comunidades. Absolutamente não. O que existe é a totalidade, a comunidade com sua hierarquia”. Hall (2003, p. 31) comenta que tinha sido uma preocupação de longa data da sociologia a integração do indivíduo na sociedade e que, apesar de a sociologia ter fornecido uma crítica do individualismo racional do sujeito cartesiano, coube à psicologia o estudo especial e privilegiado do indivíduo e de seus processos mentais.

Nancy (2001, p. 27) aponta para os debates de conceitos ou mal-entendidos em torno da palavra sujeito, ou debates tipo “morte do sujeito”, “retorno do sujeito”, e para a confusão entre as significações, ou ainda à falta de significações claras e nítidas, “onde o sujeito se torna uma espécie de estranho bumerangue que vai e volta de forma desordenada”. Diz acreditar tratar-se inicialmente de uma confusão singular quanto ao sentido dessa palavra e alerta para o que se entende por sujeito em filosofia, em psicologia e ainda na psicanálise.

Quanto ao debate colocado no interior da filosofia, este mesmo autor também aponta freqüente confusão acerca dessa palavra, apesar de haver uma oposição entre certas escolhas, decisões ou engajamentos filosóficos. Destaca como um dos traços mais marcantes dessa confusão a tradição à qual se está filiado e acrescenta que será difícil encontrar a palavra sujeito com o sentido ou os sentidos que sejam a ela atribuídos. Afirma que é em Leibniz que a palavra sujeito toma seu primeiro sentido moderno na filosofia (*Ibidem*, 2001, p. 27).

Nancy (*Ibidem*, p. 28) destaca ainda quatro exemplos de principais autores importantes na história da construção da subjetividade e dos debates atuais sobre este tema, segundo os quais a palavra sujeito não tem, ou quase não tem, nenhum dos significados atuais, que são Santo Agostinho, Descartes, Rousseau e Freud. Acrescenta que:

[...] Num certo sentido, não há subjetividade antes de Santo Agostinho, o que quer dizer que não há subjetividade antes do cristianismo. Alguns podem

dizer, situando-se no domínio grego, não há subjetividade antes de Eurípides. Nada disso é falso e podemos dizer também que não há subjetividade antes de Descartes, propriamente dito. Temos, entretanto, ainda mais razões para dizer que a subjetividade não se encontra totalmente formulada antes de Hegel. Disso, no mínimo podemos dizer que, se a subjetividade, como tal, não está presente no nascimento do ocidente e se é totalmente verdade que a antiguidade é o mundo sem subjetividade (assim como parte da idade média), então, o sujeito na estrutura mais genérica, quer dizer, na estrutura da suposição, pode ser pensado em termos da origem no ocidente. A esse respeito, creio que se pode dizer que, para Heidegger, a determinação do momento cartesiano, como sendo o momento da irrupção do sujeito, opera redução sensível na concepção do termo sujeito (NANCY, 2001, p. 34).

Nancy (*Ibidem*, p. 29-31 *passim*) afirma que não existiu apenas uma suposição da palavra sujeito, sendo preciso, portanto, tratar essa palavra segundo uma multiplicidade de sentidos, o que se revelará irreduzível em algumas considerações. A essa multiplicidade de sentidos chama de “confusão diacrônica e sincrônica do sujeito”, aponta para uma definição ampla lembrando que, “por trás de todos os usos de uma palavra, há o mínimo de sentimento lingüístico”. Nesse sentido, apresenta as designações de “o ser próprio de um agente de representação ou desejo, de gênero de coisas, representações e/ou desejos, supõe também uma propriedade bem precisa que é a propriedade de apropriação”, de “assujeitado, o que é submetido a alguma coisa, a uma autoridade ou a uma coação” e de “a matéria sobre a qual tratamos”, que aqui se trata do sujeito, que diz “estar subjacente ao sentido de objeto de um discurso, de uma análise”. E acrescenta: “é uma submissão à tomada e à inspeção de um entendimento que confere à coisa sua unidade de objeto”.

Nancy (*Ibidem*, p. 33-51 *passim*) apresenta um exame da “proveniência desse regime plural, complexo e artificial do suposto sujeito”. Parte de Anágoras, Sócrates e Platão, Plotino, Santo Agostinho, Descartes, Kant (“com este pode-se dizer que se tem o desdobramento e a instalação do sujeito moderno da filosofia nas suas características, as mais importantes”), e Hegel (“no lugar onde o sujeito kantiano é explodido entre a multiplicidade empírica da existência e a determinação transcendental”).

O termo sujeito é usado no cotidiano quando se quer referir a um determinado indivíduo ou a uma pessoa, mas, como lembra Durkheim (2003, p. 11), “na realidade, porém, as palavras da linguagem corrente, tal como os conceitos, são sempre ambíguas, e o seu emprego científico, partindo do uso do senso comum, sem as submeter a nenhuma transformação, causaria as mais graves confusões”.

Encontra-se na literatura uma pluralidade de conceitos sobre o sujeito, dentre os quais se podem citar: sujeito humano (HALL, 2003, p. 23), sujeito individual (*Ibidem*, p. 24), sujeito cartesiano (*Ibidem*, p. 27), sujeito moderno (*Ibidem*, p. 31), sujeito singular, sujeito do inconsciente, sujeito psicanalítico, sujeito psíquico, sujeito do grupo, sujeito social e sujeito coletivo (KAËS, 1997, 100-102 *passim*). Observando ainda o que ensina Durkheim (2003, p. 12, 36), “o investigador é forçado a construir, ele próprio, os grupos que pretende estudar, de modo a conferir-lhes a homogeneidade e a especificidade necessárias para poderem receber um tratamento científico”, e ainda acrescenta que “a única maneira de proceder metodologicamente consiste em classificar, segundo as propriedades essenciais”. Portanto, faz-se necessário destacar os dois últimos conceitos que são focos nesta pesquisa. Para isso, estão apresentados a seguir alguns conceitos que, pela suas elucidações, possibilitam uma melhor compreensão neste estudo.

Para o conceito de sujeito, Kaës (1997, 100-102 *passim*), “qualifica o arranjo singular de realidade psíquica, sob o aspecto de estar sob a dependência e imposição de uma ordem irreduzível que o constitui”. Quanto ao sujeito psíquico, diz “está subjugado, sem escolha, à ordem do inconsciente e à ordem da realidade externa, especialmente à ordem da realidade inconsciente inter e transpsíquica”. A esse conceito associa o sujeito do inconsciente. O conceito de sujeito coletivo diz estar ligado ao campo social - das relações sociais de produção, - ao político – ato de poder-, e ao jurídico – da instituição das leis e de sua aplicação. E apresenta o sujeito social “no sentido em que ele se define por sua submissão à ordem dos processos e das funções sociais”. Para o conceito de sujeito do grupo, diz “o sujeito aí é constituído do ponto de vista em que, enquanto sujeito do inconsciente, é não apenas ‘seu fim para si próprio’ mas também e correlativamente elo, herdeiro, servidor e beneficiário dos conjuntos inter e intra-subjetivos, conjuntos do qual é o grupo um notório paradigma” (KAËS, 1997, p. 102, grifo do autor).

O ser humano é um *homo complexus*, é constituído de um conjunto de características antagônicas e bipolares, é simultaneamente sábio e louco; é prosaico e poético; é trabalhador e lúdico; é empírico e imaginário. É unidade e diversidade; é multiplicidade, pluralidade e indissociabilidade; é corpo, idéias e afetividade (PETRAGLIA, 2002, p. 2-5 *passim*). Dentre as características que Petraglia apresenta do pensamento complexo de Morin, destaca o seu entendimento do ser humano:

[...] Um ser complexo, capaz de se auto-organizar e de estabelecer relações com o outro, e é nessa relação de alteridade que o sujeito encontra a autotranscendência, superando-se, interferindo e modificando o seu meio num processo de auto-eco-organização a partir de sua dimensão ética que reflete seus valores, escolhas e percepções do mundo (PETRAGLIA, 2002, p. 5).

Essa autora acrescenta que, ainda que o indivíduo apresente semelhanças étnicas e culturais, ele tem também características químicas, sociais e do ecossistema peculiares. É um ser ímpar. Na construção de sua identidade, que pressupõe liberdade e autonomia, o indivíduo torna-se sujeito, a partir da dependência que traz da família, da escola, da linguagem, da cultura e da sociedade, e lembra que Morin alerta que “[...] há algo mais do que a singularidade ou que a diferença de indivíduo para indivíduo, é o facto que cada indivíduo é um sujeito”²⁸ (*Ibidem*, p. 5).

1.7.1 Cultura e Identidade

A marca registrada da espécie humana é a capacidade de aprender e de se adaptar. A diversidade das línguas, costumes e comportamentos expressivos sugere que muito do comportamento das pessoas é socialmente programado, sendo que as culturas fornecem as regras específicas para que os elementos da vida social sejam elaborados. É cada vez maior a diversidade cultural, inter e intra-nações, dada ao avanço da aldeia global pelas telecomunicações, pelo transporte aéreo e pela internacionalização do comércio (MYERS, 2000, p. 93-94). Esse processo de globalização, Hall (2003, p. 14) relaciona ao caráter de mudança da identidade²⁹ na modernidade tardia e ao seu impacto sobre a identidade cultural.

Myers (2000, p. 16) assinala que se pode distinguir entre o conteúdo do pensamento e o da ação, pelo qual pensam e agem as pessoas (por exemplo, como as atitudes afetam as ações e vice-versa). Pessoas de diferentes culturas podem ter opiniões diferentes, embora as formem de maneiras similares. Afirma ainda que os comportamentos possam diferir e ainda assim serem influenciados pelas forças sociais:

[...] O tráfego entre o eu e a sociedade se dá nos dois sentidos. Suas idéias e sentimentos sobre si mesmo afetam o modo como você interpreta os acontecimentos, como recorda deles e como reage aos outros. Mas também os outros, por seu turno, ajudam a moldar seu senso do eu. [...] Nosso senso do eu organiza nossos pensamentos, sentimentos e ações” (MYERS, 2000, p. 22).

²⁸ Transcrito do original em português de Portugal.

²⁹ Castiel (2003b, p. 81) diz que o “primeiro nome da identidade na dita era moderna é subjetividade”.

A identidade é uma questão que vem sendo discutida na teoria social. O conceito de identidade, segundo Hall (2003, p. 8), é demasiadamente complexo, além de muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea. É algo formado ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, e não algo inato, presente na consciência no momento do nascimento, que permanece sempre incompleta, em processo de formação (*Ibidem*, p. 38). Para falar da identidade como algo acabado, sugere chamar de identificação, considerando que essa é um processo em andamento (*Ibidem*, p. 39). Esse autor discute a chamada ‘crise de identidade’ usando o argumento de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (*Ibidem*, p. 8).

Na discussão das mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito, Hall (*Ibidem*, p. 8-13 *passim*) distingue, de uma forma que chama de simplificada, três concepções muito diferentes de identidade. Inicia pelo sujeito do iluminismo, em que “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa” (*Ibidem*, p. 8), que estava apoiado “numa concepção de pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior” (*Ibidem*, p. 10). O indivíduo surgia por ocasião do nascimento do sujeito e, com ele, se desenvolvia, mas permanecia o mesmo na essência ao longo de sua existência - “contínuo ou idêntico a ele”. Lembra que o sujeito do iluminismo era usualmente descrito como masculino.

Como segunda forma, mostra a identidade na concepção sociológica, em que é preenchido o espaço entre o interior (mundo pessoal) e o exterior (mundo público). Na noção de sujeito sociológico a identidade “é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 2003, p. 11, grifo do autor), e modificada em um contínuo diálogo com mundos culturais exteriores e as identidades desses mundos, e

[...] Refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava (*Ibidem*, p. 11, grifo do autor).

Como terceira forma, mostra a mudança de sujeito unificado e estável para um sujeito fragmentado, agora composto de não mais uma identidade, mas de várias identidades, sendo

algumas delas às vezes contraditórias, ou até mesmo não resolvidas, que produz o sujeito pós-moderno. A identidade do sujeito pós-moderno é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2003, p. 13). Assim, o sujeito assume, em diferentes momentos, diferentes identidades “que não são unificadas ao redor do ‘eu’ coerente” (*Ibidem*, p. 13). No interior do sujeito pós-moderno há identidades contraditórias, que o empurram em diferentes direções, de tal forma que as suas identificações estarão sendo continuamente deslocadas (*Ibidem*, p. 13).

A cultura nacional é constituída por símbolos e representações e tornou-se uma característica-chave da modernidade, pois contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, a generalização de uma única língua de comunicação dominante, a criação de uma cultura homogênea e a manutenção de instituições nacionais diversas (*Ibidem*, p. 49-50).

A identidade cultural nacional do sujeito é formada a partir da cultura nacional em que ele nasce. Apesar de não estar impressa em seus genes, o sujeito pensa nessa identidade como se fosse parte de sua natureza essencial. É formada e transformada no interior de suas representações (*Ibidem*, p. 49). A identidade do sujeito é construída pelos sentidos com os quais possa se identificar na sua cultura nacional e, segundo Hall (*Ibidem*, p. 51), “esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. E, citando Anderson (1966), diz que “a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’” (*Ibidem*, p. 51, grifo do autor). Mas Hall (*Ibidem*, p. 51) também comenta que na modernidade as nações são todas híbridas culturais.

Giddens (1991, p. 15) comenta que a globalização é “a razão de ressurgimento de identidades culturais em várias partes do mundo”. Isso pode ser mostrado pelo exemplo dado por Morin (2001, p. 46) sobre o modo de vida de um europeu médio: “de manhã, liga seu rádio japonês, toma café da manhã da América Latina, põe a camisa de algodão da Índia, uma calça de lã da Austrália, uma carteira de réptil africano. Tem rum da Martinica, tequila mexicana, saquê e talvez cachaça brasileira. Escuta sinfonia alemã, com a direção de um maestro coreano ou japonês”. Hall (2003, p. 74-75) também comenta sobre a influência das culturas e mostra, como exemplos, a onipresença das calças e jaquetas jeans, a que chama de ‘uniforme’ do jovem da cultura ocidental. Além disso, diz ser difícil pensar em uma comida indiana como algo característico das tradições étnicas da Índia, já que é possível encontrá-la nos grandes

centros do mundo, sem que necessariamente para isso tenha que se deslocar àquele país. E complementa: “Se quisermos provar as cozinhas exóticas de outras culturas em um único lugar, devemos ir comer em Manhattan, Paris, ou Londres e não em Calcutá ou em Nova Deli” (HALL, 2003, p. 79).

Esse mesmo autor (*Ibidem*, p. 76-77, grifo do autor) chama esse fenômeno de “homogeneização cultural” e a ele se refere como “o grito angustiado daqueles/as que estão convencidos/as de que a globalização ameaça solapar as identidades e a ‘unidade’ das culturas nacionais”, e acredita que seja mais provável que não ocorra simplesmente a destruição das identidades nacionais, mas sim que se produzam, simultaneamente, “*novas* identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’” (*Ibidem*, 78, grifos do autor).

Hall (2003, p. 74) alerta para as conseqüências dessa mediação do mercado global, quando pessoas pobres que moram nos países em desenvolvimento podem receber, em seus ambientes domésticos, mensagens e imagens das culturas ricas do ocidente, consumistas, fornecidas pelos meios de comunicação, seja televisão ou rádio. Esses meios as conectam à aldeia global, expondo-as a influências externas, sendo assim difícil conservar as suas identidades culturais nacionais intactas ou mesmo impedir o seu enfraquecimento por meio desse “bombardeamento e da infiltração cultural”.

A identidade é bastante pessoal e, para algumas pessoas, especialmente as que vivem nas culturas ocidentais industrializadas, o individualismo é o que prevalece. As culturas nativas da Ásia, África e Américas do Sul e Central atribuem um valor maior ao coletivismo, em que a identidade é definida mais em relação aos outros, o coletivismo mais floresce onde as pessoas enfrentam ameaças partilhadas, como a fome, onde as famílias são grandes, e onde a vida exige cooperação (MYERS, 2000, p. 24-25).

A cultura sanitária nacional é influenciada pelo modo de vida da sociedade. No Brasil, a cultura sanitária foi formada pelas atitudes, comportamentos, hábitos e costumes da miscigenação das etnias indígenas, branca e negra, durante o período colonial. O termo identidade sanitária significa um conjunto de ações de caráter individual ou coletivo associado à preservação da saúde do homem e do ambiente (REZENDE; HELLER, 2002, p. 65).

1.7.2 Comportamento e atitude

A maneira como as pessoas se comportam em grupo interessa à sociologia e à psicologia social. A sociologia estuda as sociedades e suas tendências, enquanto a psicologia social estuda indivíduos - a maneira como as pessoas pensam, influenciam e se relacionam com as outras (MYERS, 2000, p. 2- 4 *passim*).

Esse autor (*Ibidem*, p. 69) citando Olson e Zanna (1993), diz que a atitude está atrelada às convicções e sentimentos relacionados com uma pessoa ou evento e o comportamento resultante. A atitude de uma pessoa em relação a alguma coisa é definida pelas reações avaliadoras favoráveis ou desfavoráveis, quer sejam expressas em sentimentos ou inclinações para agir. Ainda citando Breckler e Wiggins (1989) e Sanbonmatsu e Fazio (1990), assinala que um meio eficiente de avaliar o mundo é pelas atitudes. Quando uma pessoa tem que reagir rapidamente a qualquer coisa, a maneira como ela se sente a respeito dessa coisa pode orientar a reação. Acrescenta ainda que, para avaliar a atitude, podem ser usadas três dimensões: o afeto (sentimento), o comportamento (intenção) e a cognição (pensamento).

Ao questionar sobre a relação existente entre o que a pessoa é (por dentro) e o que faz (por fora), Myers (2000, p. 70) diz que a suposição dominante que orienta a maior parte do ensino tem sido a de que os sentimentos e convicções pessoais determinam o comportamento público das pessoas e acrescenta que, se se desejar alterar a maneira como as pessoas agem, é preciso mudar seus corações e mentes. Alerta para o que diz Robert Abelson (1972): “somos muito bem treinados e muito bons em encontrar razões para o que fazemos, mas não muito bons em fazermos aquilo para o qual encontramos razões”. Myers (*Ibidem*, p. 70-79 *passim*) comenta, ainda, que “se as pessoas não fazem o que dizem, não é de admirar que muitas vezes fracassem as tentativas de mudar o comportamento através da mudança de atitudes”. Assinala para o fato de que aquilo que as pessoas dizem muitas vezes difere do que fazem e lembra o princípio da agregação, em que os efeitos de uma atitude sobre o comportamento tornam-se mais visíveis quando se verifica o comportamento agregado ou médio de uma pessoa, em vez de se ver apenas o ato isolado. Registra três condições sob as quais as atitudes podem prever o comportamento de uma pessoa: quando se minimizam outras influências sobre as suas declarações da atitude e comportamento (princípio da agregação); quando a atitude é especificamente relevante para o comportamento observado; e quando uma atitude potente prevê com maior precisão o comportamento (ação de forma automática). Conclui que há uma ligação entre o que pensa e sente uma pessoa e o que esta faz, mas em muitas situações essa

relação é mais tênue do que se gostaria de acreditar. Essa relação atitude-ação também funciona na direção oposta, pois existe a probabilidade de não apenas se pensar para se chegar à ação, mas também de agir para se chegar a uma maneira de pensar (MYERS, 2000, p. 70-79 *passim*).

1.7.3 Representação

O conceito de representação é discutido por vários autores. Moscovici (2003) cita Bower (1977, p. 58), que diz:

[...] Por representação eu quero dizer um conjunto de estímulos feitos pelos homens, que têm a finalidade de servir como um substituto a um sinal, ou som que não pode ocorrer naturalmente. Algumas representações funcionam como substitutos de estímulos; elas produzem a mesma experiência que o mundo natural produziria (MOSCOVICI, 2003, p. 32).

Spink (1993, p. 303) define representação como “uma construção do sujeito enquanto sujeito social. Sujeito que não é apenas produto de determinações sociais nem produtor independente, pois as representações são sempre construções contextualizadas, resultados das condições em que surgem e circulam”, e acrescenta: “as representações sociais não são meras (re)combinações de conteúdos arcaicos sob pressão das forças de grupo. Elas são também alimentadas pelos produtos da *ciência*, que circulam publicamente através da mídia e das inúmeras versões populares destes produtos” (*Ibidem*, p. 305, grifo da autora).

Goffman (1975, p. 29) diz que usa o termo representação para “referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”.

Moscovici (2003, p. 34-40 *passim*) afirma que as representações intervêm na atividade cognitiva dos indivíduos e discute sobre até que ponto essas a determinam. Assume que as representações possuem duas funções. A primeira sendo a convencionalização de objetos, acontecimentos e pessoas, dando-lhes forma definitiva, localizando as representações em uma determinada categoria e gradualmente as estabelecendo como modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. E afirma:

Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as

convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções (MOSCOVICI, 2003, p. 35).

Para a segunda função das representações, Moscovici (*Ibidem*, p. 36) diz serem prescritivas, ou seja, elas se impõem sobre as pessoas com uma força irresistível, sendo essa força uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que a pessoa comece a pensar, e de uma tradição que estabelece o que deve ser pensado.

Esse autor (*Ibidem*, p. 40-41) afirma que as representações não são criadas por um indivíduo isoladamente, surgem de duas ou mais pessoas ou entre grupos e que, uma vez criadas, “adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de outras representações, enquanto velhas representações morrem” (*Ibidem*, p. 41). Acredita que estudar essas representações, suas origens, propriedades e seu impacto é a tarefa principal da psicologia social (*Ibidem*, p. 41).

Moscovici (*Ibidem*, p. 13) atribui a Durkheim a separação radical entre as representações individuais e as representações coletivas, sendo as primeiras do campo da psicologia e, as últimas, do campo da sociologia.

As representações coletivas, no sentido clássico, segundo Moscovici (2003),

[...] Se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de idéias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar - um modo que cria tanto a realidade como o senso comum (*Ibidem*, p. 49).

A representação social é definida por Moscovici (2003) como:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (*Ibidem*, p. 21).

Segundo Moscovici (2003), a finalidade das representações sociais é:

[...] Tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade. [...] A dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. [...] O pensamento social deve mais à

convenção e à memória do que à razão; deve mais às estruturas tradicionais do que às estruturas intelectuais ou perspectivas correntes (MOSCOVICI, 2003, p. 54-55, 57).

As representações sociais e a ciência são diferentes entre si, mas ao mesmo tempo são complementares. Moscovici (*Ibidem*, p. 60) diz que Bachelard “observou que o mundo em que nós vivemos e o mundo do pensamento não são um só e o mesmo mundo”.

Para tornar familiar o não-familiar, Moscovici (*Ibidem*, p. 60-78 *passim*) diz que é necessário pôr em funcionamento dois mecanismos, ou seja, maneiras de lidar com a memória, que são a ancoragem e a objetivação. A ancoragem “mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome” (*Ibidem*, p. 78). A objetivação “sendo mais ou menos voltada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer coisas conhecidas a partir do que já é conhecido” (*Ibidem*, p. 78).

Sá (1998, p. 62-63) diz que Jodelet (1984) delinea pelo menos seis diferentes perspectivas de estudo para representações sociais, em diferentes tradições de estudo do pensamento social. Assim, esse autor aconselha ao pesquisador iniciante que não se preocupe muito com essa profusão de diferentes maneiras de conceituar os fenômenos da representação social, apesar de elas existirem de fato e não haver como excluir algumas delas simplesmente por não serem compatíveis com a perspectiva teórica que se prefira. Acrescenta que todos podem argumentar, “mas definitivamente ninguém tem autoridade ou poder para legislar sobre os limites do campo de estudo, em termos de quais perspectivas devem ou não fazer parte dele” (*Ibidem*, p. 64).

Para sintetizar as representações sociais, Moscovici (2003, p. 242) diz que “todos nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas. É uma questão de palavras, mas também de imagens mentais, crenças, ou pré-concepções”.

Buscando pontuar as diferenças sobre representações sociais, Spink (1993, p. 301) citando Sperber (1989) apresenta as abordagens na psicologia e antropologia. Dentre essas, caracteriza as representações como “elementos coletivos, comunicados repetidamente e

distribuídos igualmente numa determinada formação social”, sendo então representações culturais que diz serem objeto de estudo da antropologia.

1.7.4 Discurso

Altusser (1965) citado por Pêcheux (2002), diz que:

Foi a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este ‘quer dizer’ do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e do escutar descobre, a profundidade determinada de um fundo duplo, o ‘que quer dizer’ do discurso do inconsciente – este fundo duplo do qual a lingüística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e condições formais (ALTUSSER, 1965, p. 14-15 *apud* PÊCHEUX, 2002, p. 45).

Sobre a organização dos pensamentos e das palavras segundo o seu arranjo, Pascal (1979) diz que:

E assim como os mesmos pensamentos, se diferentemente dispostos, constituem um corpo de discurso diferente, as mesmas palavras formam pensamentos diversos, segundo o seu arranjo. Diversamente arranjadas formam as palavras um sentido diverso; e os sentidos, diversamente arranjados, produzem efeitos diversos (*Ibidem*, p. 42-43).

Pêcheux (2002, p. 48) comenta que cada vez mais aparece explícito nos estudos literários a preocupação de se colocar em posição de se entender um discurso, “a maior parte das vezes silencioso”. Acredita tratar-se da necessidade de uma leitura “para além dos Grandes Textos (da Ciência, do Direito, do Estado)” e sugere “se pôr na escuta das circularidades cotidianas, tomadas no ordinário sentido”.

O conceito de discurso segundo Iñiguez (2004, p. 122) é “extraordinariamente polissêmico” e acrescenta que existem tantas definições de discursos quantos são os seus autores e tradições de análise.

Esse autor apresenta algumas noções de discurso em três tradições, que diz serem mais comuns: na tradição da lingüística - destaca a tradição da filosofia lingüística associada à Escola de Oxford; na tradição que possui a sua origem na obra de Michel Foucault; e na tradição da pragmática francesa e da análise do discurso francesa. Das concepções mais comuns que são expressas nas ciências sociais, apresenta a seguinte classificação para discurso (IÑIGUEZ, 2004, p. 123):

- a) como enunciado ou conjunto de enunciados efetivamente falados por um/a falante;
- b) como conjunto de enunciados que constroem um objeto;
- c) como conjuntos de enunciados falados em um contexto de interação – nesta concepção é ressaltado o poder da ação do discursos sobre outra pessoa ou outras pessoas, o tipo de contexto (sujeito que fala, momento e espaço, historia, etc.);
- d) como conjunto de enunciados em um contexto conversacional (normativo);
- e) como conjunto de restrições que explicam a produção de um conjunto de enunciados a partir de uma posição social ou ideológica específica;
- f) como conjunto de enunciados em que é possível definir as condições de sua produção.

Define enunciado como “a sucessão de frases emitidas entre dois brancos semânticos”, e diz que a definição de discurso “se concebe como o enunciado considerado do ponto de vista do mecanismo discursivo que o condiciona”. Comenta ainda que as concepções apresentadas do conceito de discurso não são exclusivas e incompatíveis, pois umas noções podem ser superpostas a outras, sendo que nenhuma delas poderia ter a pretensão de se estabelecer como a concludente, sendo que cada uma delas satisfaz as próprias preocupações do autor e dá ênfase a aspectos diferentes (IÑIGUEZ, 2004, p. 123-124).

Iñiguez (*Ibidem*, p. 153) diz que os termos discurso e análise não são unívocos, pois são cheios de diferentes sentidos em cada uma de suas variedades, tradições e práticas de discurso, mas faz a opção pelas definições indicadas por Iñiguez e Antaki (1994, p. 63), de que discurso é constituído de “um conjunto de práticas lingüísticas que mantêm e promovem certas relações sociais”; e de que a análise de discurso “consiste em estudar como essas práticas atuam no presente, mantendo e promovendo essas relações: e trazer à luz o poder da linguagem como uma prática constituinte e reguladora” (*Ibidem*, p. 124).

O discurso, segundo Foucault (1996):

[...] Nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma de discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (*Ibidem*, p. 49).

Os discursos produzidos na sociedade guardam relação entre si. Iñiguez (2004, p. 135) diz que em quase todas as correntes discursivas é aceita a idéia de que “não existe nenhum discurso que seja independente dos demais, um discurso nunca existe por si mesmo sem estar ancorado em algum outro”. Quanto à forma como o discurso é produzido, Tarride (2002) comenta que

[...] Os observadores de sistemas constroem na linguagem os acordos sobre o que observam, adjudicando os objetivos indicados por seus desejos. [...] É preciso lembrar que, atrás de cada discurso, há um emissor que o constrói. Tudo o que se diz sobre saúde é dito por alguém; as formas de definir, os componentes que forem reconhecidos, as relações estabelecidas, os objetivos visados... Tudo está relacionado conosco, seres humanos (*Ibidem*, p. 92).

1.8 A água de consumo humano: questão de saúde

A água é um elemento finito e essencial a todas as formas de vida, cuja simbologia³⁰ está presente nas culturas e religiões. A falta de água para o consumo humano, com qualidade e quantidade adequadas, constitui um sério problema à saúde da população e em especial àqueles que compõem as classes sociais mais pobres.

Uma belíssima e preciosa reflexão sobre os significados da água³¹ na vida do ser humano é apresentada por Bachelard (2002) em sua obra “A água e os sonhos”. Esse autor se refere a sua obra como “um ensaio de estética literária” (*Ibidem*, p. 11). O significado da água também foi tema de pesquisa antropológica realizada por Veronica Strang (STRANG, 2004) no Vale do Dorset, na Inglaterra, que afirma: “A água representa uma parte vital na construção da identidade nos níveis nacional, local e individual e na conceitualização das idéias universais da humanidade”³² (*Ibidem*, p. 5, tradução nossa).

Um panorama atual sobre a situação e as principais questões a que a água se liga é apresentado, com riqueza de informações, pelo geógrafo e psicopedagogo Mohamed Lardi Bouguerra, em “As batalhas da água” (BOUGUERRA, 2004). Essa obra fornece elementos sólidos que possibilitam uma séria reflexão sobre a importância da água, por meio de exemplos positivos e negativos de vários países, e convida a sociedade a compartilhar de uma gestão global sábia, econômica e solidária dos recursos hídricos.

³⁰ Sobre a simbologia, moralidade e gestão dos recursos hídricos no curso da água na história cf. Silva (1998).

³¹ Segundo esse autor (BACHELARD, 2002, p. 6) a água é “elemento mais feminino e mais uniforme que o fogo, elemento mais constante que simboliza com as forças humanas mais escondidas, mais simples, mais simplificadoras”.

³² Do original em inglês.

O valor simbólico da água está presente no imaginário das pessoas, na linguagem com suas metáforas, no modo de vida, no comportamento e na história dos países e civilizações (BOUGUERRA, 2004, p. 12). Bachelard (2002), percorrendo a história da vida humana na sua relação com a água nas suas “imaginação formal” e “imaginação substancial” (*Ibidem*, p. 1), diz que “o poeta mais inovador que explora o devaneio mais livre dos hábitos sociais transporta para os seus poemas germes que vêm do fundo social da língua” (*Ibidem*, p. 140).

Entre as questões de discussão da água na modernidade, está o fenômeno de crescimento da população mundial, que triplicou durante os últimos cinquenta anos. Com isso as superfícies irrigadas aumentaram seis vezes e a demanda de água foi multiplicada em sete vezes. Nos últimos dez anos, quadruplicou-se o consumo de água no mundo. Por ser um recurso natural crítico, a água pode provocar tanto problemas quanto oportunidades de colaboração nos diversos níveis - local, regional e internacional (BOUGUERRA, 2004, p. 102). Strang (2004, p. 1 e 42) discute sobre a combinação da redução dos níveis de água e o incremento na produção de esgotos, que têm levado a problemas de saúde para os seres humanos. A autora levanta ainda a questão de que, nas últimas décadas, outra grande preocupação, além da qualidade, tem sido a quantidade da água.

Bouguerra (2004) afirma que a água pode ser potencialmente portadora de discórdia nas sociedades, pois a água pode matar pessoas, seja pela diarreia ou mesmo pela luta em consegui-la e acrescenta:

Após 11 de setembro, a água é vista como o calcanhar de Aquiles das sociedades desenvolvidas: ela é cercada com mil cuidados e outros tantos guardas nos Estados Unidos e por toda parte, e na França o Plano Vigipirata quis precaver o país contra algum ato maldoso aumentando a quantidade de cloro na água (*Ibidem*, p. 13).

“A água contaminada mata 6.000 crianças por dia”, afirma Bouguerra (*Ibidem*, 16-17), e reflete sobre a gravidade de tal situação: “imagine que uns quinze boeing explodam ou caiam no mar por dia... e que o jornal televisivo das oito não diga sequer uma palavra a respeito!” e acrescenta:

[...] A questão da água interpela a humanidade no plano ético e no da justiça e da solidariedade [...] A água é, primeiramente, uma questão política e ética. Nenhuma outra questão merece mais atenção por parte da humanidade. Ela determina a paz universal e o futuro de todos os seres vivos [...] Se a política da água precisa ser integrada à viabilidade econômica, não é menos indispensável que ela englobe também a solidariedade social, a cooperação com os países desprovidos, a responsabilidade ecológica e a utilização

racional desse recurso, para não comprometer as necessidades das gerações futuras e dos demais seres vivos que partilham conosco a água. [...] Somente um olhar universal e humanista sobre a água nos permitirá compreender sua importância excepcional para nossa perenidade sobre a terra (BOUGUERRA, 2004, p. 17, 23).

Uma importante questão colocada por Bouguerra (*Ibidem*, p. 16) é a crescente onda de privatização do serviço de água. O autor responsabiliza a pressão da mundialização neoliberal, diz que “a gestão da água está passando às empresas privadas, geralmente com aumento de preços, opacidade nas transações e superendividamento dos países pobres, intimados pelos organismos financeiros internacionais a cederem seus reservatórios”. Com relação ao atendimento da área rural, esse autor apresenta o depoimento de um especialista, Patrick Point, que diz que “não se pode ignorar que o fornecimento de água nas zonas rurais dos países em desenvolvimento raramente interessa aos grupos privados” (*Ibidem*, p. 132). Bouguerra acrescenta: “de fato, em todos os ambientes, a privatização é acompanhada pela corrupção como a tempestade é trazida pelas nuvens” (*Ibidem*, p. 148). Para enfrentar essa séria, preocupante e crescente situação, parafraseando esse autor (*Ibidem*, p. 123), faz-se necessário que as comunidades se unam e demonstrem um grande espírito de solidariedade, na tentativa de aliviar as deficiências do estado e assim “puxem o tapete de sob os pés daqueles que querem transformar a água em uma mercadoria”. De acordo com o RDH 2006, esse debate sobre a privatização do serviço de abastecimento de água desviou algumas vezes a atenção da questão mais urgente que é a sua reforma (PNUD, 2006, p. 10).

Com relação ao modo como os seres humanos associam o aspecto da água que consomem a sua qualidade, Bachelard (2002, p. 140) diz: “por mais poderosos que sejam os ritos de purificação, é normal que eles se dirijam a uma matéria capaz de simbolizá-los. A água clara é uma tentação constante para o simbolismo fácil de pureza” (*Ibidem*, p. 140). E acrescenta como isso se processa, “cada homem encontra sem guia, sem convenção social, essa imagem natural” (*Ibidem*, p. 141). Isso pode ser exemplificado com o depoimento do cientista germânico von Martius sobre área do sertão do nordeste do Brasil, citado por Josué de Castro, que diz: “A água é às vezes clara, às vezes um pouco opascelente, se bem que morna e de gosto resinobalsâmico *desagradável*, algum tanto *amarga*, é, entretanto, *potável*” (CASTRO, 2004, p. 165, grifos nossos).

Bachelard (2002, p. 141) alerta para a importância de se considerar essa ‘descoberta natural’ do ser humano, “uma física da imaginação deve pois levar em conta essa descoberta natural e direta. Deve examinar com atenção essa atribuição de um valor a uma experiência material

que se revela assim mais importante que uma experiência comum”. Não se deve, por outro lado, desconsiderar a grande importância das análises físico-químicas e bacteriológicas rotineiras que são realizadas nos controles de qualidade das águas distribuídas às populações. No Brasil, a objetividade da água pela população, devido aos aspectos de cor e sabor, está prevista pelo programa da qualidade da água de consumo humano, instituído pela Portaria N^o 518/2004 (BRASIL, 2004), que regulamenta sobre os padrões de potabilidade para a água de consumo humano no território nacional.

Bachelard (2002, p. 141-142) argumenta sobre o entendimento dos especialistas na modernidade sobre a qualidade da água:

[...] Para uma mente moderna, a diferença entre uma água pura e uma água impura é inteiramente racionalizada. Os químicos e os higienistas passaram por aí: um letreiro em cima de uma torneira designa uma água potável. E tudo está dito, todos os escrúpulos terminaram” (*Ibidem*, p. 141).

Os especialistas aparentam uma tranquilidade quando afirmam que a população atendida pelo sistema de abastecimento público consome água de qualidade. Afirmam isso diante de uma situação ideal de serviços de abastecimento de água operados por técnicos especializados, obedecendo às técnicas e procedimentos recomendados pelas legislações vigentes. Entretanto, deve-se atentar para a real situação de consumo do sujeito, seja por não acreditar nessa qualidade e fazer uso de fontes inseguras, seja pelo seu mau uso no ambiente doméstico, seja pelos hábitos e costumes, ou ainda, seja pela falta de garantia da qualidade da água distribuída à população.

Bachelard (2002) apresenta crítica ao desempenho da academia, com seus ensinamentos fragmentados e tecnicistas:

Uma mente racionalista - de magros conhecimentos psicológicos, como tantos fabricados pela cultura clássica -, meditando sobre um texto antigo, transporta então, como uma luz recorrente, seu conhecimento preciso sobre os dados do texto. Sem dúvida ele se dá conta de que os conhecimentos sobre a pureza das águas eram outrora deficientes (*Ibidem*, p. 141).

Essa questão abordada por Bachelard (2002) traz à memória a grande descoberta de John Snow (SNOW, 1999), que, numa época em que não existiam os sofisticados aparatos e técnicas presentes na modernidade, apenas pela observação do modo de vida londrina e com o emprego de técnicas, hoje consideradas rudimentares, decifrou o ‘veneno’ da cólera, contribuindo de forma substancial para a vida da humanidade.

Bachelard (2002) considera ato de inteligência o daqueles especialistas que observam as experiências bem sucedidas herdadas pelos antigos, e alerta para a temporariedade e superficialidade dos conhecimentos modernos, e a necessidade da religação dos conhecimentos,

Mas acredita que esses conhecimentos correspondam ainda assim às experiências bem sucedidas, bem claras. Nessas condições as leituras de textos antigos são por vezes *lições demasiado inteligentes*. O leitor moderno, com muita frequência, atribui aos antigos ‘conhecimentos naturais’. E esquece que os conhecimentos que se supõem ‘imediatos’ estão envolvidos num sistema que pode ser muito artificial; esquece também que os ‘conhecimentos naturais’ estão implicados em devaneios ‘naturais’. São esses devaneios que um psicólogo da imaginação deve reencontrar. São esses *devaneios* que deveríamos sobretudo reconstituir quando interpretamos um texto de uma civilização desaparecida. Seria preciso não apenas pesar os fatos como também determinar o peso dos sonhos. Pois, na ordem literária, tudo é sonhado antes de ser visto, ainda que seja a mais simples das descrições (*Ibidem*, p. 141-142, grifo do autor).

Cairncross e Feachem (2005, p. 52) alertam para a necessidade de se buscarem técnicas apropriadas para o acesso à água potável em países em desenvolvimento. Essas tecnologias devem ser apropriadas em termos de custo e desempenho, de tal forma que tenham simplicidade na manutenção e operação. Esses autores discutem sobre o procedimento incorreto de engenheiros nos países desenvolvidos, que pensam em aplicar as mesmas tecnologias de seus países em todo lugar. Afirmam que a boa engenharia envolve bom senso, aplicação de princípios básicos para cada problema particular, sendo assim, apropriada para o contexto, o que representa um desafio. Heller (2006a) comenta que:

[...] ‘A boa engenharia’ é aquela capaz de enxergar mais de um caminho para a solução de um problema, de ponderar os aspectos positivos e negativos de cada caminho e de tomar decisões as mais conscientes possíveis. Essa ‘boa engenharia’ tem a percepção de que cada decisão tomada traz implicações de diversas ordens – econômicas, sociais e operacionais (*Ibidem*, p. 65, grifo do autor).

Heller (2006b, p. 817, grifo do autor) lembra que, para que um serviço de abastecimento de água atenda à população de forma universal, com qualidade e atuando na promoção da saúde, seria insuficiente obedecer apenas aos requisitos técnicos e acrescenta: “De nada vale um sistema concebido de forma apropriada, projetado e construído segundo as técnicas modernas e mesmo operando adequadamente, se o serviço não se organiza para assegurar sua *sustentabilidade*”.

A qualidade e o acesso à água dos sistemas de abastecimento são muito importantes, dadas a quantidade e diversidade de doenças que podem ser veiculadas à população. O maior benefício resultante da disponibilidade e acessibilidade à água é o incremento do volume de água para ser usado na higiene. Observações feitas sobre o comportamento das pessoas em ambientes rurais sugerem que, quando a água é disponível a cerca de 1 km ou no tempo de meia hora de jornada de retorno a casa, o uso da água não mostrou significativo aumento quando a distância ou o tempo foi reduzido em menos 100m. Entretanto, quando o ponto utilizado foi a torneira no quintal da casa, o uso da água aumentou drasticamente de 10-30 l para 30-100 l/pessoa.dia. Assim, medidas simples para melhorar a qualidade da água e aumentar o seu acesso têm efeitos altamente benéficos à saúde da população (CAIRNCROSS; FEACHEM, 2005, p. 51-53).

Segundo Cairncross [1999?], as tentativas de medir o impacto produzido na saúde pelos sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário representam uma história longa e cheia de altos e baixos. Esse autor acrescenta que muitas dessas tentativas foram feitas por epidemiologistas amadores, atendendo a agências financiadoras desses serviços e ainda com planejamento e rigor insuficientes. Até mesmo alguns estudos supervisionados por especialistas têm produzido resultados quase inúteis e insignificantes. Entretanto, afirma que o sistema de esgoto tem um papel óbvio, pois os excretas são a principal causa da infecção das pessoas. Considera a higiene também muito importante, pois estudos recentes têm mostrado que a disposição higiênica das fezes das crianças foi associado com 30-40% de menos risco de diarreia. “Estudos recentes no Brasil e nas Filipinas concluíram que, uma vez que o saneamento na comunidade reduziu o nível de contaminação fecal no ambiente, outras medidas, como a melhora no abastecimento de água, também tiveram um aumento em seu impacto na saúde infantil” (CAIRNCROSS, 1999?).

Heller (2006a, p. 48) comenta que, a partir da década de 1980, denominada a Década Internacional do Abastecimento de Água e do Esgotamento Sanitário, é que foi observado um esforço mais sistemático de compreensão das relações entre o saneamento e a saúde. Afirma que a partir dessa década é que passou a existir um conjunto mais numeroso e consistente de estudos epidemiológicos que avaliavam essa relação, permitindo, assim, extrair valores médios da possível redução na ocorrência de doenças, advinda da implantação de serviços de abastecimento de água e de outras medidas de caráter sanitário.

1.8.1 O crescente uso das águas envasadas

A terminologia água envasada é dada àqueles produtos que são elaborados a partir do envasamento de águas minerais, águas potáveis de mesa e de águas purificadas adicionadas de sais ou águas mineralizadas.

No Brasil, a exploração de todas essas águas é regida pela mesma legislação, que lhes dá a denominação de águas minerais. Estão sujeitas ao controle do Departamento Nacional de Produtos Minerais – DNPM, ligado ao Ministério de Minas e Energia, pelo Decreto-Lei N^o 7.841 de 08 de agosto de 1945 (BRASIL, 1945). O controle e a fiscalização sanitária das águas minerais destinadas ao consumo humano está sob a responsabilidade da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, regulamentada pelo Decreto Presidencial N^o 78.171 de 02 de agosto de 1976 (BRASIL, 1976). A água mineral é considerada alimento, daí estar sujeita a uma série de outras normas e resoluções que estão submetidas ao controle e à fiscalização sanitária de alimentos. A legislação específica mais recente para água mineral é a de boas práticas para industrialização e comercialização de água mineral natural e de água natural, regulamentada pela Resolução RDC N^o 173 de 13 de setembro de 2006 (BRASIL, 2006), da Diretoria Colegiada da ANVISA.

Na atual crise que vários países enfrentam no setor do abastecimento de água, Bouguerra (2004, 109-110) destaca a propaganda das indústrias de águas envasadas que exaltam os seus benefícios à população. Apresenta o exemplo de uma marca que anunciou sua mercadoria em um jornal argelino em 2002, com os seguintes dizeres: “Presenteie-se com saúde [...] com preço e qualidade imbatíveis” e, ainda segundo esse autor, “sem maior especificação” a respeito do produto. Acredita ser pouco provável que os argelinos tivessem condição de comprar tal água. Esse autor apresenta diversos relatos sobre os abusos das grandes empresas que industrializam as águas envasadas, como a Nestlé, a Coca Cola, a Danone e outras, que se utilizam das idéias de pureza e saúde que estão relacionadas à água no imaginário das pessoas. Lembra que as águas envasadas precisam da etiqueta ‘pura e límpida’ e conclui dizendo serem estas as qualidades evidentemente básicas de qualquer água potável.

O mesmo autor comenta que a Nestlé, na Bélgica, em 2001, ofereceu a primeira garrafa às famílias “com o objetivo evidente de fidelizá-las e fazê-las perderem o costume de beber água da torneira” (*Ibidem*, p. 177-179 *passim*) e ainda diz que:

É verdade que a água engarrafada se serve de uma propaganda barulhenta, agressiva e multiforme que joga em todas as áreas, a luta contra o envelhecimento e a obesidade, a juventude, a esportividade, à beleza... mas nenhum louvor é dirigido à água da torneira! [...] No momento em que mais de um bilhão de seres humanos não têm acesso à água potável, esse frenesi pela água em garrafas, esses bilhões acumulados por uma indústria hipnotizada pelo dinheiro, vivendo no instante e inundando o mundo com uma publicidade agitada e débil são, simplesmente, obscenos e demonstram que nossas sociedades estão enfermas (BOUGUERRA, 2004, p. 184).

O hábito do uso da água envasada é considerado, na modernidade, um fenômeno social, dado ao crescimento exorbitante de seu consumo nas várias partes do mundo. O consumo de água envasada reflete um tipo de modo de vida. A Europa tem uma longa tradição de seu uso mas, atualmente, esse hábito está se estendendo ao redor do mundo. Em algumas situações ela representa uma alternativa de uso, por exemplo, em casos de contaminação da água de torneira. Mas, em geral, os consumidores pensam que o sabor é melhor, principalmente pela não presença do cloro. O consumidor acredita que essa água seja mais segura do que a água de torneira (FERRIER, 2001, p. 4).

Essa autora (*Ibidem*, p. 4, tradução nossa) associa tal mudança de hábito ao fenômeno da urbanização, que tem contribuído para a degradação da qualidade das águas. Associa também esse novo modo de vida à mudança de hábito dos trabalhadores nos países desenvolvidos, à expansão dos shopping centers. Acrescenta: “beber água envasada é um signo de alto nível na escala social”³³.

O consumo médio de água envasada por pessoa no mundo é de 15 litros por pessoa/ano, sendo os europeus ocidentais os seus principais consumidores – 85 litros por pessoa/ano. De 1999 a 2001, a América Latina aumentou seu consumo em 4% (*Ibidem*, p. 12).

O consumo de água envasada nos Estados Unidos, em 1977, era de 1,5 bilhão de litros, sendo que 20 anos depois o consumo chegou à casa dos 12.600 bilhões de litros (BOUGUERRA, 2004, p. 109).

Segundo Strang (2004, p. 218-219), mais de um quarto da população da Inglaterra considera a água envasada como uma oferta de qualidade segura. Afirma ainda que, mesmo se os gerenciadores das companhias de água e os cientistas julgarem irracional a escolha das pessoas pela dispendiosa água envasada, no lugar de uma água tratada de qualidade, se se

³³ Do original em inglês.

fizer uma apreciação dos significados dessa atitude, será revelado que essa escolha parece ser a mais racional. Pois as pessoas enfrentam um contexto social menos seguro e, ainda, há uma dissonância entre o moderno gerenciamento do recurso e o significado da água em sua cultura.

No Brasil, a água mineral foi o produto que mais apresentou crescimento em consumo entre as famílias brasileiras nos últimos trinta anos, ultrapassando 0,32 litros *per capita*/ano em 1974/1975 e alcançando a marca de 18,541 litros em 2002/2003 (PITALUGA, 2006, f. 6). Segundo esta autora, as principais razões que levam os consumidores a escolherem a água mineral são a falta de confiança na qualidade da água proveniente do sistema da empresa de saneamento local, a percepção de que essa água é melhor do que a água de torneira, a certeza de que essa não provocará nenhum risco à saúde e um novo estilo de vida associado à preocupação com alimentos saudáveis (*Ibidem*, f. 6).

A ocorrência de doenças associadas à água de consumo nos países em desenvolvimento tem um grande impacto sobre a atitude das pessoas. A água envasada é considerada como pura e segura, o que não é necessariamente verdadeiro. Essas questões associadas ao crescente consumo da água envasada, bem como sua qualidade, vêm sendo tema de pesquisa pela comunidade científica internacional, haja vista as pesquisas realizadas por Armas e Sutherland, 1999; Bharath *et al.*, 2003; Blake *et al.*, 1977; Bouguerra, 2004; Bullers, 2002; Fewtrell *et al.*, 1997; Jeena *et al.*, 2006; Kerr *et al.*, 1999; Nsanze e Al Kohaly, 1999; Obiri-Danso *et al.*, 2003; Raj, 2005; Ramalho *et al.*, 2001; Rosenberg, 2003; Warburton *et al.*, 1998 - sobre investigações de contaminação bacteriológica, Al-Saleh e Al-Doush, 1998; Azoulay *et al.*, 2001; Garzon e Eisenberg, 1998; Ikem *et al.*, 2002; Mahajan, 2006; Misund *et al.*, 1999; Pip, 2000; Shotyky *et al.*, 2006 - sobre a quantidade de componentes químicos orgânicos e/ou inorgânicos, e Sanchez *et al.*, 1999 - sobre a detecção de radioatividade.

1.8.2 A água na transmissão de doenças

Na relação do ser humano com o ambiente que o cerca, a água pode afetar a saúde de várias maneiras: por meio da ingestão direta, na preparação de alimentos, na higiene pessoal, na agricultura, na higiene do ambiente, nos processos industriais ou nas atividades de lazer.

As doenças veiculadas pela água estão de algum modo relacionadas à própria água ou às impurezas nela presentes. É necessário distinguir as doenças infecciosas veiculadas pela água

daquelas relacionadas com algumas propriedades químicas presentes na água. Assim, os fatores de riscos para a saúde relacionados com a água podem ser distribuídos em duas categorias (CAIRNCROSS; FEACHEM, 2005, p. 4):

- ✓ Fatores de riscos relacionados com a ingestão de água contaminada por agentes biológicos (bactérias, vírus e parasitos), através de contato direto, ou por meio de insetos vetores que necessitam da água em seu ciclo biológico;

- ✓ Fatores de riscos derivados de poluentes químicos e radioativos, geralmente efluentes de esgotos industriais, ou causados por acidentes ambientais.

A tabela 1.1 mostra a classificação ambiental das infecções relacionadas com a água e as suas adequadas estratégias de prevenção.

Essa classificação ambiental das infecções relacionadas com a água auxilia no entendimento dos possíveis efeitos sobre as relações de várias soluções de engenharia para o problema da disposição dos excretas (CAIRNCROSS; FEACHEM, 2005, p. 11).

Doenças infecciosas são aquelas transmitidas de uma pessoa para outra ou, algumas vezes, de um animal para uma pessoa. Todas as doenças infecciosas da categoria feco-oral, assim como várias outras doenças, são causadas por organismos vivos. Elas são transmitidas por excretas humanos, normalmente as fezes, e são provocadas pela passagem desses organismos do corpo de uma pessoa para outra (*Ibidem*, p. 3).

A qualidade microbiológica da água é geralmente expressa em termos da concentração e frequência de ocorrência de espécies particulares de bactérias. Os principais agentes biológicos encontrados nas águas contaminadas são as bactérias patogênicas, os vírus, os protozoários e os ovos de helmintos. As bactérias patogênicas encontradas na água e/ou alimentos constituem uma das principais fontes de morbidade e mortalidade em nosso meio. São responsáveis por numerosos casos de enterites, diarreias infantis e doenças epidêmicas (como a cólera e a febre tifóide), que podem resultar em casos letais. A detecção e contagem desses patógenos na rotina de controle é muito complexa e, frequentemente, muitos deles são detectados em baixíssimo número. Entretanto, é comum, na prática, detectar e enumerar somente aquelas denominadas bactérias indicadoras. A presença da bactéria indicadora na água é, portanto, indicativo de contaminação fecal, e sugere uma potencial ocorrência de

patógenos e conseqüente risco à saúde. Por convenção, as bactérias mais comumente utilizadas como indicador são as coliformes (CAIRNCROSS; FEACHEM, 2005, p. 29).

TABELA 1.1 - Classificação ambiental das infecções relacionadas com a água

CATEGORIA	INFECÇÃO
1. Feco-oral (transmissão hídrica ou relacionada com a higiene)	Diarréias e disenterias Disenteria amebiana Balantídiase Enterite <i>campylobacteriana</i> Cólera Diarréia por <i>Escherichia coli</i> Giardíase Diarréia por rotavírus Salmonelose Disenteria bacilar Febres entéricas Febre tifóide Febre paratifóide Poliomielite Hepatite A Leptospirose Ascaridíase Tricuríase
2. Relacionada com a higiene	
(a) Infecções da pele e dos olhos	Doenças infecciosas da pele Doenças infecciosas dos olhos
(b) Outras	Tifo transmitido por pulgas Febre recorrente transmitida por pulgas
3. Baseada na água	
(a) Por penetração na pele	Esquistossomose
(b) Por ingestão	Difilobotríase e outras infecções por helmintos
4. Transmissão através de inseto vetor	
(a) Picadura próximo à água	Doença do sono
(b) Procriam na água	Filariose Malária Arboviroses Febre amarela Dengue Leishmaniose*

*Incluído por Heller

Fonte: Cairncross e Feachem (1990) *apud* Heller (1997a)

As substâncias químicas presentes na água também podem levar a doenças, caso não esteja presente um constituinte necessário ou, mais comumente, se existir um excesso de elemento químico prejudicial orgânico ou inorgânico. Essas doenças não são infecciosas e podem ser prevenidas simplesmente pela adição daqueles constituintes deficitários, ou mesmo pela remoção daqueles que são prejudiciais (CAIRNCROSS; FEACHEM, 2005, p. 21).

Atualmente, existem mais de mil diferentes componentes químicos orgânicos identificados na água. Grande parte ocorre em baixíssimas concentrações, frequentemente menores que 1µ/l, e não se registrou ainda nenhum efeito específico na saúde. Entretanto, alguns componentes orgânicos ou grupos de componentes são conhecidos por serem tóxicos ou carcinogênicos, ou por produzirem, algumas vezes, odor ou sabor depois de reação com o cloro usado na desinfecção (CAIRNCROSS; FEACHEM, 2005, p. 23).

Os componentes inorgânicos prejudiciais, que às vezes são encontrados na água, são mais importantes que os orgânicos. Atualmente, é conhecido um número de íons metálicos que causam distúrbios metabólicos no ser humano, pela perturbação da produção e disfunção de certas enzimas, além de uma variedade de outros efeitos tóxicos. Entre esses componentes, podem-se citar o mercúrio, antimônio, cádmio e o chumbo (*Ibidem*, p. 24).

Além da preocupação com a qualidade da água de consumo humano, é relevante destacar a importância da quantidade da água na transmissão das doenças. Curtis (1998, p. 54) mostra resultados obtidos em estudo realizado por Esrey *et al.*, que concluíram que melhorias na disponibilidade do acesso à água foram provavelmente mais importantes do que a qualidade da água. Fewtrell *et al.* (2005, p. 50) afirmam também que as intervenções referentes à água, esgoto e higiene, tal como as suas combinações, são efetivas na redução da morbidade das doenças diarréicas; entretanto, sugerem que as intervenções referentes à distribuição de água tratada tenham efetividade maior que das outras intervenções.

O ser humano bebe 80% de suas doenças. Esse é o provérbio médico citado por Bouguerra (2004, p. 167) quando discute a água como uma questão de saúde pública. Esse autor atenta para o número de leitos dos hospitais que são ocupados por pacientes que sofrem de uma doença de veiculação hídrica e apresenta o depoimento de Halfdan Mahler, ex-diretor da OMS, que diz: “o número de torneiras por milhar de pessoas se tornará um indicador melhor de saúde que o número de leitos dos hospitais”.

De acordo com a OMS (WHO, 2004), milhões de pessoas morrem a cada ano de doenças diarréicas (incluindo a cólera) e, desses, 90% são crianças menores de um ano, principalmente em países em desenvolvimento. 88% das doenças diarréicas são atribuídas ao suprimento de águas de fontes inseguras, esgotamento sanitário e higiene inadequados. A melhoria do abastecimento de água reduz a morbidade entre 6% e 25%. A melhoria do esgotamento sanitário reduz a morbidade por diarreia em 32%. As intervenções de higiene, incluindo a

educação e promoção da prática de lavagem de mãos, pode levar a uma redução de casos de diarreia em 45 %. E ainda, melhorias na qualidade da água de consumo por meio de tratamento doméstico, tais como a cloração no ponto de uso, podem levar à redução de episódios de diarreia entre 35% e 39%.

1.8.3 A água e suas formas domésticas de uso: a higiene

É indiscutível a importância do acesso à água, à coleta de esgotos, de lixo e das águas de chuvas, mas como lembra Bouguerra (2004, p. 173), é também muito importante “ensinar à população os segredos – e as regras – de higiene”, e essas, de acordo com Curtis (1998), estão instituídas em toda parte de cada sociedade, e acrescenta:

Higiene não é somente práticas privadas de indivíduos, mas é uma exigência de cada sociedade. Higiene não é invocada somente pela ciência da saúde pública, mas isso faz-se presente proeminentemente na teologia moral. A higiene proporciona não somente uma barreira para a transmissão da doença, mas também proporciona uma barreira para a desordem, o caos e o colapso social ³⁴ (*Ibidem*, f. 3, tradução nossa).

A importância do comportamento e dos hábitos de higiene na transmissão das doenças infecciosas é tema de muitas pesquisas na literatura (BOOT; CAIRNCROSS, 1993; CAIRNCROSS *et al.*, 2005; CAIRNCROSS; KOCHAR, 1994; CURTIS, 1998; CURTIS, 2001; CURTIS; CAIRNCROSS, 2005).

A higiene é definida por Boot e Cairncross (1993, p. 5, tradução nossa) como “a prática de cuidados próprios de cada pessoa e do ambiente limpo, especialmente para prevenir doença ou disseminação de infecção”³⁵. Assim, a ideia da higiene abrange duas preocupações: evitar a ‘sujeira’ e prevenir doença. Curtis (1998, f. 12) comenta que, se as ideias sobre higiene não são absolutas, também não o são as ideias sobre ‘sujeira’ ou sobre doença, pois esses conceitos variam de cultura para cultura e têm sido modificados ao longo da história. Essa autora acredita que, para estudar sobre a higiene, é necessário esclarecer os conceitos de ‘sujeira’ e as causas das doenças, e considera essa a maior tarefa.

Curtis (*Ibidem*, f. 5-6) lembra que existe atualmente um consenso geral de que uma higiene segura pode exercer um papel importante na prevenção das doenças diarreicas, mas que não existe ainda um consenso sobre que práticas apresentam riscos à saúde ou mesmo como

³⁴ Do original em inglês.

³⁵ Do original em inglês.

mudar essas práticas. Existem ainda múltiplas lacunas no conhecimento sobre a transmissão das doenças diarréicas. Afirma também que, se a mudança no comportamento da higiene é a chave para a redução do impacto das infecções gastro-entéricas, o assunto da higiene permanece confuso. Em estudo realizado em Bobo-Dioulasso, essa autora concluiu que a limpeza é uma virtude pessoal, ou seja, o objetivo da limpeza é ser socialmente aceitável em vez de prevenir doença (CURTIS, 1998, f. 111).

Cairncross e Kochar (1994, p. 35) concluíram que os comportamentos de higiene que podem prevenir a transmissão de doenças pela água e as relacionadas aos esgotos são numerosos e variados, e refletem uma multiplicidade de mecanismos para a interrupção da transmissão de doenças.

Segundo Curtis (1998, f. 52-53), com base em resultados da OMS, há evidências epidemiológicas de que a barreira primária para a prevenção dos patógenos fecais é a disposição segura dos excretas humanos, particularmente as fezes de crianças pequenas e bebês e de crianças com diarreia, seguida pela lavagem de mãos após o manuseio de fezes de bebês, antes da alimentação e do preparo de comida, e ainda pela manutenção da água de beber livre de contaminação, em casa e na fonte.

A melhoria da higiene pública não se reduz à questão de disponibilidade dos recursos financeiros, materiais e humanos necessários, pois também é um problema de educação das populações. É necessário ensinar às pessoas a serem mais racionais e a se preocuparem mais com a saúde, convencê-las de que os resultados valem a pena. Em particular, conscientizar as pessoas com relação às condições de higiene doméstica e pessoal, pois as atitudes em relação à higiene estão intimamente atreladas ao próprio tecido social e se refletem nas religiões, superstições, costumes e hábitos da região (MYRDAL, 1975, p. 369).

A educação e a divulgação de comportamentos mais racionais têm impacto sobre as condições de saúde, que dão ainda mais peso a todas as outras razões restantes para se adotarem medidas que melhorem a educação. Cabe às autoridades sanitárias a tarefa de instruir a população acerca dos riscos particulares que afetam a saúde. Além da necessidade de legislações também é importante o seu cumprimento, aliado às campanhas de educação sanitária (*Ibidem*, p. 371).

1.8.4 A qualidade da água para consumo humano e a diarreia

Para monitorar a qualidade da água para consumo humano e os casos de diarreia que buscam atendimento nas unidades de saúde, o Ministério da Saúde instituiu em todo o Brasil os programas de saúde de Monitorização das Doenças Diarréicas Agudas - MDDA e o de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano - VIGIAGUA.

O Programa MDDA consiste em coletar dados referentes aos casos de diarreia que buscam atendimento nas Unidades de Saúde – US. Por meio dessas informações, o programa acompanha e avalia os casos com o objetivo de detectar alterações no comportamento das diarreias em cada área. Assim, podem-se tomar medidas de prevenção e controle dessas doenças, como também traçar o perfil do número de casos de diarreias no país. A coleta das informações fornece dados para o setor de saneamento de cada estado quanto ao estabelecimento das áreas prioritárias de atuação, qualidade dos serviços prestados; além de avaliar a influência que as ações de saneamento trazem na qualidade de vida das populações.

O Ministério da Saúde preconiza o manejo da Diarreia em quatro planos de tratamento: Planos A, B, C e Ignorado. Esta classificação varia entre a constatação de não desidratação (Plano A), desidratação leve (Plano B), desidratação grave com internação (Plano C) e os casos em que não se pode identificar o seu enquadramento nos planos citados, registrados como Plano Ignorado (SILVA, 1999).

O Programa VIGIAGUA tem como objetivo geral criar estratégia técnica e política para implementação das atividades de vigilância da qualidade da água para consumo humano. A estratégia é criada a partir da avaliação do potencial de risco representado pelos sistemas de abastecimento de água e de fontes alternativas, implementando ações de melhoria das condições sanitárias da água, com vistas a evitar a disseminação de doenças de veiculação hídrica (AGUIAR *et al.*, 2003). As atividades relativas a esse programa estão estabelecidas na Portaria Nº 518/2004, do Ministério da Saúde, que regulamenta a qualidade da água para o consumo humano em todo o território nacional (BRASIL, 2004).

O nível de desenvolvimento das ações do MDDA e do VIGIAGUA varia de estado para estado. Em alguns estados esses programas alcançaram todos os municípios; outros estados ainda não iniciaram suas atividades³⁶.

1.9 O sujeito e a água de consumo humano

A percepção pública sobre a qualidade da água para consumo humano, proveniente de sistema de abastecimento, é tema de várias pesquisas em diversas partes do mundo: Brasil (JULIÃO, 2003; PONTES, 2003), Canadá (JARDINE *et al.*, 1999; JONES, *et al.*, 2005; JONES, *et al.*, 2006a; JONES, *et al.*, 2006b; LEVALLOIS *et al.*, 1998; LEVALLOIS *et al.*, 1999; TURGEON *et al.*, 2004), Estados Unidos da América (DUDA *et al.*, 2003; GALLUP ORGANIZATION'S, 2003; JOHNSON, 2003; MACKKEY *et al.*, 2004; MCGUIRE, 1995; MEANS *et al.*, 2002), Etiópia (MELAKU; ISMAIL, 2002), França (EUZEN, 2003; PIRIOU *et al.*, 2004), Inglaterra (BATES, 2000; FALAHEE; MACRAE, 1995) e Portugal (DORIA *et al.*, 2005).

Os hábitos e costumes relacionados ao uso da água, que constituem a cultura sanitária nacional de cada país, variam de sociedade para sociedade, nos aspectos geográficos e históricos. A cultura sanitária nacional brasileira tem sua origem nos hábitos dos povos indígenas. O uso de banhos diários, a utilização de água pura, a utilização de ervas medicinais, os locais específicos para disposição dos excretas e uma cultura centrada no respeito à natureza são provenientes do indígena. O modo de vida desses povos mostra que era estabelecida uma relação saneamento-saúde (REZENDE; HELLER, 2002).

O modo como a população da área-objeto desta pesquisa, a cidade de Vitória, se relacionou com a água na história, é relatado por diversos autores (ABREU *et al.*, 1993; BROEDEL, 1994; DERENZI, 1965; ELTON, 1999; PACHECO, 1998; SAINT-HILAIRE, 1974)³⁷.

No início do século XVII, essa cidade era uma vila, uma aldeia construída de taipa, onde as casas eram cobertas de sapé ou palha de pindoba. A água utilizada era captada nas fontes da Lapa (atual Parque Moscoso), na fonte Grande, Catão (atual Morro de Santa Clara³⁸) e na Capixaba, e era transportada por escravos. Um grande número de casas utilizava poços perfurados nos quintais, sendo “*esplêndida*” a qualidade dessa água (DERENZI, 1965, p. 81,

³⁶ Para o detalhamento desses programas e atual situação no Espírito Santo cf. Queiroz (2006, f. 47-52).

³⁷ Para mais informações sobre a história do saneamento em Vitória-ES cf. Queiroz *et al.* (2005).

³⁸ Atualmente ainda é o principal reservatório de água que abastece essa cidade.

grifo nosso). Ainda no final desse século, o cientista e naturalista francês Saint-Hilaire, de passagem por Vitória, comentou sobre a vila:

As ruas de Vitória são calçadas, porém mal; têm pouca largura, não apresentando qualquer regularidade. Aqui, entretanto, não se vêem casas abandonadas, como na maioria das cidades de Minas Gerais. Há na Vitória, algumas fontes públicas, que também não concorrem para embelezar a cidade, mas, pelo menos, fornecem aos habitantes *água de excelente qualidade*. A vila de Vitória não tem cais; ora se vê, na praia, terreno sem construção, que tem sido reservado para embarque de mercadorias (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 45, grifo nosso):

Nesse século ocorreram várias epidemias: febre amarela, peste bubônica, impaludismo, disenteria e varíola. A cidade, segundo Derenzi (1965), era:

[...] Suja, sem esgotos, as fezes eram guardadas em tonéis de madeira à espera do despejo à noite. Quintais cobertos de imundícies, moscas, mosquitos, ratos, lixo por todas as ruas, matagal em todos os terrenos baldios. Os cemitérios regurgitavam de cadáveres. A pobreza havia crescido assustadoramente (*Ibidem*, p. 121).

No fim do século XIX, a cidade foi tomada pela cólera (*Ibidem*, p. 121). Com relação à qualidade da água na época, Broedel comenta sobre a importância dos chafarizes para a população, o modo e os utensílios que utilizavam:

O centro de Vitória chegou a possuir diversos chafarizes, espalhados pelos bairros. A população fazia fila diante deles, para recolher água, em recipientes como panelas e bacias. O problema da água na capital, desde meados do século XIX, era um peso para os governos. Constituíam, mesmo, um fato extraordinário qualquer realização nesse importante setor da administração pública, tanto assim que, a 2 de dezembro de 1855, captou-se um TE DEUM, na Capela Nacional, às treze horas, quando se inaugurou o encanamento da Fonte Grande, através de um chafariz. Quando a 13 de maio do ano seguinte, a irmandade de São Benedito inaugurou outro chafariz na base do Morro de São Francisco, o padre honrou o empreendimento com um soneto. E nas repartições oficiais, inaugurações públicas, saraus, etc., em lugar de champagne, guaraná e outras bebidas que estavam no auge, programava-se e servia-se um “profuso copo d’ água”. A água da Capixaba procedia do Morro do Vigia, sendo *apreciadíssima* por todos, tanto pela *frescura* quanto pela *pureza*, pois era nascida de fonte protegida por matas espessas, das mais primitivas da ilha. Dizia-se, então, que quem, vindo de fora, bebesse dessa água, não mais se afastaria do Espírito Santo, tornando-se capixaba de coração (BROEDEL, 1994, p. 19, grifos nossos).

O quadro das condições sanitárias da capital no final do século XIX, segundo Derenzi (1965, p. 121), requeria do governo algumas medidas de prevenção sanitária que não foram realizadas (*Ibidem*, p. 123), tais como:

[...] 3- Canalizar as águas da fonte Grande, as quais descem por uma imunda vala, denominada Reguinho, receptáculo de tudo quanto se quer nele lançar. [...] 7- Mandar canalizar as águas, que descem de um simulacro de chafariz, que existe em um canto da rua Duque de Caxias, que nenhuma utilidade tem, e cujas águas por falta de declive ficam estagnadas na rua (DERENZI, 1965, p. 122).

Até o início da República, a cidade continuava sem infra-estrutura sanitária e eram frequentes as epidemias. As condições da cidade possibilitavam a transmissão dessas doenças, conforme descrição de Broedel (1994):

[...] Havia as águas que desciam dos morros cobertos por uma vasta vegetação, ainda virgem, da Mata Atlântica, entre paredes, e a população nem sempre podia contar com o líquido, pois em época de estiagem baixava consideravelmente o volume. A Capital ficava exposta a constantes epidemias e outros pavores que enlutavam as famílias e prejudicavam a realização do trabalho coletivo. Flagelos que se arrastavam numa cidade sem luz e sem água canalizada. Fotografias antigas atestam os monômios de utensílios: baldes, latas, púcaros, talhas, etc., no lago de Santa Luzia, onde se encontrava o mais importante chafariz popular, compensado pelo transporte em pipas, quando não se comprava água nas canoas do Rio Jucu. Os moradores do Carmo mandavam apanhar água na Fonte Grande, a melhor da cidade. Custava a lata 500 réis. Tudo porque para uma população de mais de doze mil almas, o abastecimento era feito pelos quatro chafarizes, que secavam em época de estiagem, sujeitando os habitantes a receber o líquido de canoas, sem a menor condição de higiene. Os canoeiros, ali dentro, tinham os pés! (*Ibidem*, p. 19).

Logo após a proclamação da República, Derenzi (1965) comenta que o próprio governo do Estado registrou em mensagem as condições da cidades:

A começar pela capital, que foi sempre a principal cidade do Estado, nada achamos dignos de menção. Cidade velha e pessimamente construída, sem alinhamentos, sem esgotos, sem arquitetura, seguindo os caprichos do terreno, apertada entre a baía e um grupo de montanhas; não tendo campo para desenvolver-se sem a dependência de grandes despesas: *mal abastecida de água*; [...] (*Ibidem*, p. 141, grifo nosso).

No início do século XX foi construído o pórtico protetor da nascente potável da fonte da Capixaba, onde foram refeitas as tomadas d'água da Lapa e da Fonte Grande. “A água era abundante, *fresca e pura*”, e sua perenidade era garantida pela mata no desfiladeiro do Morro da Vigia (*Ibidem*, p. 116, grifo nosso).

A transição mais efetiva da cidade colonial para a Vitória moderna realizou-se nos primeiros anos do século XX, quando a cidade, entre outras benfeitorias, foi equipada com serviços redes de água e esgoto (*Ibidem*, p. 32). Broedel (1994) apresenta o seguinte relato:

[...] Em 23 de setembro de 1909, às 17:30 horas, eram, festivamente, inauguradas a luz e a distribuição de água, em Vitória. A da água realizou-se no Morro de Santa Clara, considerada na época como uma verdadeira obra faraônica, [...] A onda popular tomou a ladeira. Os melhores trajes saíram dos armários; bandas de música, foguetes e girândolas. À medida que os encanamentos avançavam nas residências, operários assentavam novos trilhos e abriram leitos para as manilhas. Trabalho penoso, numa cidade cheia de ladeiras, ruas estreitas e solo rochoso. Era a luta que daria à cidade de Vitória os serviços de esgotos, oficialmente inaugurados a 29 de janeiro de 1911. Os serviços de esgotos complementavam-se em dois poços, construídos de cimento armado, ou estações de recalque e tratamento: uma das quais no Porto dos Padres. E a descarga fazia-se no Forte São João, ponto, considerado “fora da cidade” (BROEDEL, 1994, p. 23, grifo do autor).

A partir da segunda década do século XX, Vitória torna-se uma cidade de melhores condições sanitárias (ELTON, 1999, p. 17).

A I Grande Guerra Mundial trouxe sérios problemas para a cidade, afetando a qualidade de vida de seus moradores (ABREU *et al.*, 1993, p. 33). Várias doenças, como a tuberculose, o impaludismo e a febre amarela ainda alastravam-se, causando muitas mortes. Entretanto, as obras de saneamento “purificaram o clima e tornaram a cidade agradável” (DERENZI, 1965, p. 185). Elton (1999, p. 19, grifo nosso) comenta que nessa época, “a água era *pura* e abundante”.

Após 1930, as condições sanitárias melhoraram. Foi erradicada a difteria e ocorreu somente uma epidemia de paralisia infantil no final dessa década. A capacidade do sistema de abastecimento de água foi triplicada com a implantação de adutoras de aço a partir da represa de Duas Bocas, em Cariacica; foi também construído o novo reservatório de água no morro de Santa Clara. Os banheiros mantinham-se limpos, pois era comum a utilização de soda cáustica. Na higiene doméstica eram utilizados o sabão em barras e o sabão de coco e na pessoal usava-se sabonete. Convivia-se com ratos e baratas, usavam ratoeiras e naftalina. Havia periódicas infestações de pulgas, carrapatos, piolhos e bichos de pé, que eram tratados com remédios caseiros (PACHECO, 1998, p. 118, 28). Até 1940, com todas as obras, principalmente os aterros, a cidade adquire novas feições e diferentes contornos (ESPÍRITO SANTO, 2004).

Nos anos 60 e 70, a Ilha de Vitória teve suas encostas ocupadas intensa e desordenadamente, devido principalmente à mudança de eixo da economia capixaba. Com a erradicação dos cafezais no interior e a instalação de indústrias na Grande Vitória, milhares de famílias

migraram rumo à capital (ABREU *et al.*, 1993, p. 39). A partir de 1970, a cidade modifica-se com o aparecimento de grandes empreendimentos e se agrega aos municípios vizinhos Vila Velha, Cariacica, Serra e Viana, formando a denominada Região da Grande Vitória. As antigas doenças tropicais foram substituídas pelas doenças sociais, o desemprego, a miséria e a violência (ABREU *et al.*, 1993, p. 39). Esses autores (*Ibidem*, p. 39) comentam que em meados dos anos 1970, surge o congestionamento da cidade e a expansão das áreas de favela. No fim dessa década iniciou-se o processo de invasão da região do contorno da ilha, formado por manguezais e morros, utilizado pela Prefeitura para dispor todo o lixo da cidade. Em 1980, com cerca de 15 mil habitantes, formou-se a região de São Pedro, região esta invadida, que teve início no mangue, em uma extensão de quase cinco quilômetros (*Ibidem*, p. 39).

As décadas seguintes até os dias atuais estão caracterizadas pela urbanização e adensamento dos bairros com obras de aterros em vários pontos da cidade. Atualmente Vitória integra a Região Metropolitana, constituída pelos municípios de Vila Velha, Cariacica, Viana, Serra e Guarapari. O processo de desenvolvimento de Vitória vem sendo acompanhado por três programas de urbanização que são o Projeto São Pedro, o Projeto Água (urbanização da orla marítima e Rota Manguezal) e o Projeto Terra. Deste projeto constam serviços de obras de urbanização (pavimentação, drenagem, contenção de encostas, abastecimento de água, sistema de esgoto, iluminação pública, melhorias habitacionais, etc.), regularização fundiária (fixação de regras de uso e ocupação do solo e desenvolvimento comunitário), incentivo à formação de cooperativas, atendimento a idosos, crianças, adolescentes e famílias carentes e capacitação profissional, etc.³⁹.

O município de Vitória é atualmente atendido por sistema de abastecimento de água gerenciado pela Companhia Espírito-santense de Saneamento - CESAN. Conta com o Programa de Despoluição e Saneamento do Espírito Santo – PRODESAN -, que anteriormente era conhecido como Programa de Despoluição dos Ecossistemas Litorâneos do Estado do Espírito Santo – PRODESPOL. Esse projeto inclui um componente para apoiar o programa de investimento da Companhia de Água e Saneamento do Estado do Espírito Santo (CESAN), e um componente institucional para fortalecer a capacidade institucional da CESAN e da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEAMA)⁴⁰.

³⁹ Para mais detalhes sobre esses projetos cf. : <http://www.vitoria.es.gov.br/vitfut/terra.htm>.

⁴⁰ Para mais detalhes cf.: http://www.bancomundial.org.br/index.php/content/view_projeto/527.html.

Mas a questão do risco de transmissão de doenças pela água, ao qual a população do Espírito Santo está exposta, tem sido destaque em um dos principais jornais da capital desse estado (A GAZETA, 28/jul./2002, 29/ago./2002 e 02/ago./2004). As manchetes apontam para o hábito da população local de consumir água de fontes não seguras, apesar da existência de sistema de abastecimento de água nos diversos municípios. Apesar de a população local ter acesso ao serviço de distribuição de água, “há bairros em que há o abastecimento, mas que os moradores preferem a água do poço”(A GAZETA, 29/ago./2002) e “até mesmo condomínio de bairro nobre apela para poços a fim de economizar” (A GAZETA, 02/ago./2004).

Outra situação ocorrida no estado, na última década, relacionada à água de consumo humano, foi a epidemia de febre tifóide em Laranja da Terra, município localizado ao sul da cidade de Vitória, onde, segundo Arruda e Araújo (1997), foram notificados 608 casos suspeitos em uma população total de 10.635 habitantes. Destes, 2.044 habitantes na área urbana, onde ocorreram 52% dos casos suspeitos. Dos 2.583 domicílios recenseados, 27% contavam com abastecimento de água (rede geral - água tratada), 35% utilizavam água de poço ou nascente e 38% utilizavam água de outras fontes (água de rio e de córregos). A CESAN, empresa responsável pelo serviço de abastecimento de água na sede, constatou a existência de 46 poços e nascentes, mostrando que, mesmo com a disponibilidade de água tratada no domicílio, a população usava fontes de água não seguras para o seu consumo. Após a realização de análises de amostras de águas das diferentes origens, inclusive do sistema de abastecimento de água, e de alimentos, foi verificada a contaminação por coliformes fecais em praticamente todas as amostras. O estudo concluiu que a transmissão da doença ocorreu na sede do município, e que os casos registrados fora da cidade aconteceram seja por terem comparecido à sede, ou por terem se deslocado para a sede na vigência da transmissão.

Interessante observar nos relatos dos diversos historiadores a caracterização da qualidade da água pela aparência, como ressalta Bachelard (2002, p. 140-141). Outro destaque importante é que está sempre presente nesses relatos a associação da falta de condições sanitárias à falta de higiene e ocorrência de epidemias, como também a constante crítica ao poder público pelo descaso com a população. No desenvolvimento dessa cidade, estão presentes as marcas da modernidade discutidas por Bauman (1999), Giddens (1991, 2003), Hall (2003) e Taylor (1991).

2 A PESQUISA SOBRE ASPECTOS SUBJETIVOS

2.1 A ciência e a crítica ao racionalismo

Até o final do século XX, as pesquisas vinham sendo hegemonicamente categorizadas pela redução como método de conhecimento, o determinismo como conceito principal e a aplicação da lógica mecânica da máquina artificial ao estudo da vida e do social. O princípio da separação instituído por Descartes fundou os progressos do conhecimento na capacidade de separar as dificuldades umas das outras, resolvê-las sucessivamente, de maneira a melhor conhecer um problema, tornando mais difícil a sua contextualização. A partir do início daquele século é que ocorre a revolução no campo da ordem e da certeza, e o reconhecimento da desordem e da incerteza. “A ciência, rainha da ordem, tornou-se uma ciência que busca fazer dialogar a ordem com a desordem [...]”. E somente na sua segunda metade, é que surge o pensamento sistêmico (MORIN, 1999, p. 22-24).

Gonzaléz (1999, f. 1) assinala que esse pensamento simplificador se caracteriza por ser um ponto de vista absoluto, onde existe um observador externo, onisciente, e que essa concepção epistemológica implica a idéia de uma objetividade ilusória absoluta que afeta o sujeito/observador. Acrescenta ainda que esse fracasso do pensamento simplificador e da praxis social e política que dele deriva tem submetido o homem contemporâneo e o seu mundo a uma profunda e radical crise. Daí surge para Morin um novo modo de pensar, o paradigma da complexidade.

Para Prigogine (2003, p. 49) não há dúvida de que, assim como a humanidade está em transição, a ciência também está. Ao afirmar que “reencontrar um tempo que não volte a separar o homem do universo mas que, pelo contrário, assinale a sua pertença a esse universo”⁴¹, acredita que a noção de complexidade marca o ponto de partida dessa evolução. Assemelha-se o mundo que se começa a compreender a um romance, como as *Mil e Uma Noites* “onde as histórias se ligam umas às outras: a história cosmológica, no interior da qual evolui a história da matéria, depois a da vida e, finalmente, a nossa própria história”. Acrescenta que a idéia da certeza dominou a ciência durante séculos e que ainda não estamos acostumados a esta visão muito diferente das coisas, que considera a complexidade do universo (*Idem*, 1996, p. 231- 237 *passim*). Contra uma concepção alienante do universo, diz que

⁴¹ Transcrito do original em português de Portugal.

[...] Procuramos hoje encontrar essa via estreita entre duas concepções alienantes do universo, a determinista, que recusa ao homem a possibilidade de imaginar ou de criar, e a outra, céptica, que diz que o universo é aleatório, estranho à razão. É entre esses dois escolhos que se encontra a direcção a seguir. Nós só encetamos esta aventura, cujos começos são prometedores, face a um universo mais complexo, mais flutuante do que o imaginamos, um universo evolutivo que reclama uma linguagem nova, tanto nas ciências físicas como nas ciências humanas. Só com esta nova linguagem é que poderemos descrever este mundo espantoso em que vivemos (PRIGOGINE, 1996, p. 236-237)⁴².

Morin assinala que a ciência é um domínio de muitas certezas de fato e não o domínio da certeza absoluta no plano teórico, e que a grande descoberta do século XX é que “a ciência não é o reino da certeza” (MORIN, 1996, p. 239). Destaca a importância da obra de Popper “para a compreensão de que uma teoria científica não existe como tal senão na medida em que aceita ser falível e se submete ao jogo da sua ‘possibilidade de ser falsa’” e também a contribuição de Bachelard, pelo início dessa renovação epistemológica (*Ibidem*, p. 240; *Idem*, 1999, p. 24, grifo do autor).

Na discussão do paradoxo do separável e inseparável, Morin aponta para o pensamento de Pascal, quando diz: “todas as coisas sendo ajudadas e ajudantes, causadas e causantes e tudo estando ligado por um laço natural e insensível, considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como considero impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes”. Essa seria a formulação do programa do pensamento contemporâneo (MORIN, 2003, p. 76).

A partir dos três pilares da certeza da ciência clássica - ordem, separabilidade e lógica - é que Morin extrai os três traços que considera fundamentais do pensamento complexo. O primeiro é que pensar a complexidade é respeitar o *complexus* (aquilo que é tecido em conjunto), o complexo que este tecido constitui para além de suas partes; o segundo é a incerteza, onde “o pensamento complexo deve poder não apenas relacionar, mas ter uma estratégia em relação ao incerto”. O terceiro traço é a oposição da racionalização fechada à racionalização aberta, sendo que o pensamento da primeira é o de que a razão está a serviço da lógica e a segunda pensa o inverso. O autor afirma que racionalizar é “acreditar que um sistema é coerente, portanto perfeito e sem necessidade de ser verificado” e que “vivemos sob o domínio de idéias racionalizadoras, que não consideram aquilo que se passa, mas que privilegiam os sistemas fechados, coerentes, consistentes” (*Idem*, 1996, p. 248).

⁴² Transcrito do original em português de Portugal.

Como exemplo de racionalização, Morin apresenta a ciência econômica contemporânea, por não considerar a vida do ser humano, sendo incapaz de realizar uma previsão para um acontecimento inesperado. Lembra que a complexidade também corre os seus riscos, dado que uma sociedade muito complexa concede muitas liberdades de ação aos seus indivíduos e grupos, permitindo-lhes que sejam criativos mas, muitas vezes, delinquentes. Assume que em extrema complexidade a sociedade pode se desintegrar. Para que isso não ocorra, pode se recorrer a medidas de autoridade, mas supõe que caso se queira o mínimo possível de coerção, alerta que o único cimento que resta é o sentimento de solidariedade vivida. Sugere a solidariedade e a ética como caminhos para a religação dos seres e saberes (MORIN, 1996, p. 245-248, 254), em consonância com o caminho apontado por Santos (2002a, p. 65) e por González (1999, f. 439-449), que declara que para a humanidade se conscientizar de sua necessária humanização, o homem precisa se transformar, de um ternário (indivíduo/espécie/sociedade) em uma tetralogia (indivíduo/espécie/sociedade/humanidade), e apresenta, como caminho para a realização dessa tarefa, além da solidariedade, a compaixão, o perdão e o amor.

Morin declara que “de fato, os matemáticos engenheiros estão no seu canto, fazem as suas máquinas, e não podemos absolutamente pensar que possa haver entre eles grandes pensadores. Todavia houve grandes pensadores, podemos dizer que Wiener é um grande pensador, Asby é um grande pensador, von Neumann”. Considera que existe muita resistência a essa forma de pensar em alguns domínios científicos e que “o conhecimento ideal implicava fechar inteiramente um objeto e pesquisá-lo exaustivamente. Isto ainda é o ideal das teses de doutorado que, em geral, são tão estéreis por essa razão” (MORIN, 1999, p. 31, 25). Giddens (1991, p. 15) lembra que o número de cientistas que trabalham no mundo é maior hoje do que antes em toda a história da ciência; a ciência e a tecnologia tornaram-se elas próprias globalizadas. Prigogine (2003, p. 52, 64) alerta para a necessidade de uma união, superação das fragmentações devidas aos filósofos e aos cientistas do passado; assim a ciência poderia fornecer uma mensagem mais universal.

A reforma do pensamento só é possível com a reforma da educação, e esse começo só pode se dar na escola primária e em pequenas classes, na opinião de Morin. Não descarta essa mudança na universidade, mas se reporta à aporia da reforma das instituições pois, se uma reforma não atinge também os espíritos, então ela não serve para nada, como já ocorreu em reformas do ensino no passado. Afirma que o modo complexo de pensar reúne, ensina uma

ética da solidariedade, postula a compreensão entre os humanos. O autor apresenta a seguinte questão: “Como reformar os espíritos se não reformarem as instituições? Círculo vicioso”. E acrescenta: “Mas se tivermos o sentido da espiral, em dado momento começaremos um processo e o círculo vicioso se tornará um círculo virtuoso”. Lembra o problema no segundo paradoxo colocado por Marx a respeito da educação: “Quem educará os educadores?” E responde: “É preciso que eles se eduquem a si mesmos” (MORIN, 1999, p. 34). Quanto a essa resposta de Morin, Bindé (2003, p. 7) concorda que isso é possível e apresenta o exemplo de Spinoza que sobreviveu à ruptura filosófica e espiritual. A necessidade da reforma da educação dá-se pela necessidade da reforma do mundo, pois como salienta Freire (1996, p. 98), “a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

2.2 A pesquisa: quantitativa e qualitativa

Quanto ao método para o estudo da subjetividade, esse deve levar à busca no indivíduo das marcas da sociedade. Para o entendimento das questões que se referem à subjetividade na psicologia, é necessário compreender as finalidades, as instâncias, os meios pelos quais uma determinada cultura forma o indivíduo. Outra dificuldade de se estudar a subjetividade é quanto ao entendimento de uma consciência que se nega a si própria, quando se permite coincidir com a realidade existente. Para o seu estudo devem-se empregar os métodos desenvolvidos pela psicologia e pela sociologia, classificados como qualitativos e quantitativos. Os métodos qualitativos sofrem a crítica de serem subjetivos e não poderem ter generalizados os dados por eles coletados, lembrando que a subjetividade a ser estudada é da mesma ordem daquele que a estuda. Quanto aos métodos quantitativos, a crítica é de que reduzem a riqueza do objeto estudado ao instrumento. Assim, não se deve deixar de utilizar qualquer um dos tipos de métodos sobre a subjetividade, pois enquanto o método qualitativo permite o aprofundamento do que acontece no particular, o método quantitativo possibilita verificar a extensão desse acontecimento (CROCHÍK, 1998, p. 70-76 *passim*).

Na definição da metodologia a ser utilizada nos estudos de representação social, Sá (1998, p. 70, 80) citando Farr (1993) diz que “a teoria das representações sociais não privilegia nenhum método de pesquisa em especial” (*Ibidem*, p. 80), sendo bem amplas as possibilidades de escolhas. Acrescenta que: “à perspectiva de Jodelet correspondem os métodos ditos qualitativos; à perspectiva de Doise, os tratamentos estatísticos correlacionais; à de Abric, o método experimental”, observando-se uma interpenetração entre eles (*Ibidem*, p. 81). Esse autor aconselha ao pesquisador iniciante se ocupar de uma descrição e/ou uma comparação

das representações (SÁ, 1998, p. 70), e alerta para “a necessidade de se informar razoavelmente sobre as possibilidades metodológicas articuladas de coleta e análise dos dados, para poder completar de forma satisfatória a construção do seu objeto de pesquisa” (*Ibidem*, p. 83). E acrescenta:

Trata-se de um campo que ainda permite – e solicita mesmo – algo como um espírito de aventura na perseguição do conhecimento científico. Não há nele procedimentos cristalizados, cuja não-observância possa resultar na imediata exclusão de alguém do rol de ‘pesquisadores sérios’. O que se exige é uma seriedade autêntica no engajamento do pesquisador em sua própria aventura metodológica” (*Ibidem*, p. 85, grifo do autor).

O modo tradicional de realizar uma pesquisa a respeito do que pensa uma determinada coletividade sobre determinado tema é dividir esse tema em uma série de questões estruturadas com alternativas de respostas. Isso reduz a escolha às possibilidades pré-estabelecidas pelo investigador, oferecendo assim, resultados enquadrados nas categorias convencionadas pelas chamadas pesquisas quantitativas. Esse tipo de pesquisa limita muito a expressão do pensamento dos sujeitos pesquisados, desconsiderando-se assim a discursividade, que segundo Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 11) “é um traço constitutivo do pensamento coletivo como fato empírico”. Para superar tal limitação é necessário formular perguntas abertas para o conjunto de sujeitos de alguma forma representativo da coletividade e permitir que estes se expressem produzindo os seus próprios discursos.

A utilização da pesquisa qualitativa permite explorar uma extensa ordem de dimensões do mundo social, incluindo a estrutura e o modo de vida diário, as compreensões, experiências e imaginações dos participantes da pesquisa, os modos dos processos sociais, instituições, discursos ou relações de trabalho (MASON, 2002, p. 1).

Existem muitas tentativas de definir pesquisa qualitativa nas ciências sociais e de determinar se ela pode ou deve ser diferenciada da pesquisa chamada de quantitativa. Entretanto, não há nenhum consenso sobre essa questão e não se deve ficar surpreso com isso, porque a pesquisa qualitativa, o que quer que isso possa ser, certamente não é um conjunto de técnicas ou filosofias, e tem a sua origem no âmbito das tradições disciplinares e intelectuais (*Ibidem*, p. 2).

Tem havido muita discussão sobre as diferenças entre pesquisa quantitativa e qualitativa (BAUER; GASKELL, 2004, p. 22-25). Na tentativa de encontrar um modo de superar a polêmica entre as duas tradições aparentemente tradicionais, por esses autores considerada

‘estéril’, sugerem o apoio em alguns pressupostos, lembrando que não há quantificação sem qualificação e que não há análise estatística sem interpretação.

Segundo Minayo (1992, p. 28), a discussão que se tem estabelecido na prática da pesquisa com abordagem social, referente aos métodos quantitativos e qualitativos, tem se desenvolvido de modo inadequado. Essa autora discute a dicotomia que acontece na prática, e lembra que se deixam à margem pontos importantes e dados que não podem estar contidos em números, como também, às vezes, se contemplam somente os significados subjetivos, omitindo-se a realidade estruturada. Afirma que os dois métodos são interdependentes e que interagem, não podendo ser pensados separados.

Pope e Mays (2005, p. 14) comentam que são geralmente exageradas as diferenças entre a metodologia qualitativa e a quantitativa, e isso tem contribuído para fortalecer a incompreensão da pesquisa qualitativa em certos campos de conhecimento como, por exemplo, na pesquisa em serviços de saúde. Consideram que existe um crescente reconhecimento da sociologia de que a diferença qualitativa e quantitativa pode não ser útil e nem mesmo acurada. Acreditam que essa percepção parece estar infiltrando-se gradualmente na pesquisa na área da saúde, onde os dois métodos estão sendo empregados juntos para responder às questões de pesquisa.

Com a mesma opinião, Green e Thorogood (2005, p. 5) afirmam que o significado de pesquisa qualitativa é talvez mais controverso, pois eles concordam que alguns têm visto a divisão entre as abordagens quantitativa e qualitativa como falsa, e isso é mesmo talvez impossível e indesejável, caracterizar a pesquisa qualitativa de um modo que é completamente separado da pesquisa quantitativa. Embora a pesquisa qualitativa tenda a usar dados de linguagem (escrita ou oral) e a pesquisa quantitativa, dados numéricos, por exemplo, esse não é sempre o caso. Muitos estudos qualitativos usam cálculos de frequência simples, enquanto dados de linguagem podem ser usados em estudos quantitativos. Embora os estudos qualitativos tendam a ter tamanhos menores de amostras, isto certamente não significa que qualquer estudo com uma pequena amostra seja um estudo qualitativo.

Esses autores comentam que existem muitos métodos de coleta de dados que são particularmente associados com métodos qualitativos. Entretanto, esses métodos de coleta de dados podem ser usados em estudos quantitativos, logo isto não é meramente devido ao modo pelo qual os dados são coletados (como entrevista ou por observação) que caracteriza um

estudo como qualitativo. Pode-se melhor caracterizar a pesquisa qualitativa não por tipo de dado produzido ou pelo método usado para produzi-los, mas sim pelos objetivos globais do estudo. O modo mais básico de caracterizar estudos qualitativos é aquele que geralmente procura respostas para questões sobre ‘o que’, ‘como’, ‘porque’ do fenômeno, ao invés de questões sobre ‘quantos’ (GREEN; THOROGOOD, 2005, p. 5).

No que se refere às preocupações dos pesquisadores sobre a polêmica relacionada à inseparabilidade do qualitativo e quantitativo, Rey (2002, p. viii, 1) afirma tratar-se de uma divisão mecanicista entre os dois momentos da construção do conhecimento e afirma que “a diferença entre o qualitativo e o quantitativo é epistemológica, e não metodológica”.

Os métodos qualitativos em pesquisa têm sido utilizados há muito tempo nas ciências sociais. Para estudar os costumes e comportamentos dos povos, a antropologia utiliza-os como os seus principais métodos. Outras áreas, como a sociologia, a semiótica, a psicologia e a educação, também têm utilizado esses métodos. Mais recentemente, os métodos da pesquisa social têm sido aceitos em parte da pesquisa em saúde, em áreas como a saúde pública, cuidados primários, promoção da saúde e enfermagem. A pesquisa em saúde inclui qualquer estudo que aplique conhecimentos da saúde humana, comportamento em saúde ou serviços de saúde (GREEN; THOROGOOD, 2005, p. 4).

Essas diferentes tradições, escolas e disciplinas atuam com diferentes pontos de vista sobre o que faz o mundo social acontecer, conseqüentemente, essas têm diferentes idéias sobre a extensão de qual pesquisa empírica pode dizer qualquer coisa significativa, e naturalmente sobre como isto pode ser feito (MASON, 2002, p. 3).

2.3 Aplicabilidade da pesquisa qualitativa na área de saneamento

A importância do conhecimento da percepção pública sobre as ações de saneamento tem sido tema de pesquisa (MEANS *et al.*, 2002), embora ainda persista uma grande lacuna nesse conhecimento. Strang (2004) afirma que existe a preocupação dos gestores em tornar os sistemas de tratamento de água e de disposição de esgotos cada dia mais sofisticados, incorporando uma série de processos químicos e hidrobiológicos, que requerem habilidades técnicas ou conhecimentos científicos, sendo que esses conhecimentos são exclusivos dos especialistas e inacessíveis à maior parte da população. E alerta para as possíveis conseqüências da exclusão da população na gestão desses serviços.

Existe a preocupação por parte dos gestores dos setores de saúde e de saneamento no investimento em normas e tecnologias que busquem melhorar a qualidade dos serviços prestados. Entretanto, não se pode esquecer de considerar as questões intrínsecas à população, no que diz respeito aos hábitos e modo de vida, para as quais ainda não se conhecem respostas ou mesmo meios para equacioná-las.

Na questão do abastecimento de água público, por exemplo, pode-se destacar que a Portaria Nº 518/2004 regulamenta o controle da qualidade da água distribuída à população até o hidrômetro, o que não garante essa qualidade na torneira do domicílio. O consumidor tem um papel importante nesse processo e, para tanto, faz-se necessário que ele saiba disso e, igualmente importante, que ele saiba como proceder para isso. Para que a população consuma da água do sistema é importante que confie na sua qualidade, o que não vem ocorrendo em muitas localidades. O que se observa, pelo contrário, é o crescente consumo de águas envasadas e a busca por fontes alternativas, o que pode estar levando a possíveis riscos para a saúde. Logo, é importante saber, por exemplo, qual a opinião do consumidor sobre a qualidade da água que recebe, qual água está bebendo, se o direito ao acesso às informações quanto à qualidade da água consumida estabelecido pela Portaria Nº 518/2004 e o Decreto Nº 5.440/2005 está sendo exercido pela população, se a forma que os serviços de saneamento vêm utilizando para repassar os registros da qualidade da água está sendo compreendida pela população.

Na questão do esgotamento sanitário, que a cada dia avança em tecnologias e percentual de atendimento, é problema freqüente para os serviços, por exemplo, a resistência da população quanto aos transtornos na implantação e operação das ETE (Estação de tratamento de esgoto) e EEE (Estação elevatória de esgoto). Registram-se, também, queixas quanto ao pagamento das tarifas, por falta de compreensão da população do valor desse serviço, e da ausência de seu envolvimento na gestão. Enfim, existe uma série de questões a serem respondidas relacionadas também à coleta e destino dos resíduos domiciliares.

Vários autores no Brasil (CUNHA, 1995; FELTMANN, 2002; JULIÃO, 2003; OLIVEIRA, 1996; PONTES, 2003; RÊGO *et al.*; SILVA *et al.*, 2005) têm realizado pesquisas com a aplicação da metodologia qualitativa na área de saneamento.

Borrell e Pasarin (2004, p. 1-2) sugerem, para o futuro da investigação sobre as desigualdades em território urbano, a realização de estudos ecológicos acompanhados de estudos

qualitativos, que possibilitem um conhecimento mais profundo do ponto de vista social, econômico, geográfico, cultural e histórico, auxiliando a definir um marco conceitual da análise mais útil sobre como e por que o território urbano afeta a saúde.

Acrescentam que a metodologia qualitativa pode ser de grande utilidade para elucidar as interações dinâmicas entre as características individuais e as da área de estudo, além de possibilitar uma maior aproximação quantitativa por meio de formulação de novas hipóteses.

Pontes alerta: “É reconhecida a necessidade de realizar outros estudos e outras reflexões envolvendo a problemática da água e seus vínculos com o homem e a natureza” (PONTES, 2003, f. 17). Mesmo com esse reconhecimento, contudo, ainda persiste muitas vezes, por grande parte de pesquisadores que atuam na área, resistência a esse tipo de pesquisa, dada a falta de conhecimento quanto ao desenvolvimento da metodologia qualitativa.

2.4 A investigação sobre o papel do sujeito em relação à água de consumo humano em Vitória-ES

Eu falo da dúvida verdadeira no espírito e não daquela que se encontra freqüentemente quando, em palavras, diz-se duvidar, ainda que o espírito não duvide. Pois não é o método que pode corrigi-la, mas os estudos da obstinação e de seu tratamento (SPINOZA, *De Intellectus emendatione tractatus*, p. 511, *apud* KIERKEGAARD, 2003, p. 1).

Para alcançar os objetivos deste estudo foi necessário realizar um conjunto de procedimentos, a seguir relacionados, que foram implementados de forma concomitante e/ou complementar.

2.4.1 Aprovação da pesquisa no Conselho de Ética em Pesquisa

O projeto de pesquisa foi apresentado ao Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais - COEP/UFMG - em janeiro de 2004 e teve a sua aprovação em 1 de julho do mesmo ano. A cópia da declaração referente a esta aprovação encontra-se no ANEXO 1.

2.4.2 Revisão da literatura

A revisão da literatura foi constituída de atualização de conhecimentos sobre aspectos subjetivos individuais relativos a práticas sociais, incorporadas em atitudes e comportamentos de sujeitos sociais, encontrados no cotidiano, nos seus hábitos e modos de vida em relação à água de consumo humano, por meio de:

✓ Pesquisa bibliográfica sobre a constituição do sujeito, suas atitudes e comportamentos no campo das ciências sociais e humanas.

✓ Pesquisa bibliográfica sobre abordagem qualitativa aplicada à área da saúde.

✓ Levantamento de pesquisas recentes sobre a importância da água e dos hábitos de higiene na transmissão de doenças, e do envolvimento da população na gestão de serviços de saúde e saneamento, com enfoque nas representações, atitudes e comportamentos do sujeito.

2.4.3 Pesquisa documental

Foi realizado levantamento de informações acerca da história do saneamento e da saúde pública do município de Vitória em publicações existentes nas bibliotecas públicas, nas livrarias locais, no Instituto Jones dos Santos Neves - IPES, na CESAN e nos registros das Mensagens de Governo no Arquivo Público Estadual, além de discussões com professores da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES - que atuam nas áreas de urbanismo, arquitetura, história e geografia. Também foram levantados dados referentes às características sócio-econômico-culturais de Vitória em instituições governamentais municipais e estaduais.

2.4.4 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa foi desenvolvida com a aplicação de método qualitativo. Para a organização dos dados coletados foi utilizada a estratégia do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC, segundo metodologia proposta por Lefèvre e Lefèvre (2003). Essa estratégia visa estabelecer uma relação entre a parte e a totalidade social, mediante uma investigação de práticas sociais de indivíduos, que vivem e/ou que interferem em suas localidades residenciais, na tentativa de atingir um grau de profundidade tal que seja possível estabelecer algumas generalizações.

O DSC utiliza uma estratégia discursiva, visando tornar mais clara uma dada representação social. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 19), os discursos produzidos pelos sujeitos nas pesquisas não se anulam ou se reduzem a uma categoria unificadora, o que se busca “é reconstruir, com pedaços de discursos, como um quebra-cabeça, tantos discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre o fenômeno” (*Ibidem*, p. 19, grifo dos autores).

O método do DSC busca preservar a discursividade do sujeito pesquisado em todas as etapas da pesquisa, desde a elaboração do roteiro de perguntas, passando pela coleta, processamento e tabulação dos dados, até a apresentação dos resultados. É uma forma destinada a fazer a coletividade falar diretamente sobre o tema a ser estudado. É um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto por Expressões-Chave (ECH) que têm a mesma Idéia Central (IC) ou Ancoragem (A).

As expressões-chave (ECH) são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que revelam a essência do conteúdo discursivo dos segmentos em que se divide o depoimento.

A idéia central (IC) é a expressão lingüística que revela e descreve, de maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de ECH. Não é uma interpretação, mas uma descrição do sentido de um depoimento ou conjunto de depoimentos, que vai dar nascimento posterior ao DSC.

A ancoragem (A) é a manifestação lingüística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa.

Para a realização do método do DSC foi necessário o cumprimento de uma série de etapas, como a elaboração e pré-teste do roteiro de perguntas, a definição da área/grupo de estudo, a escolha dos sujeitos, a coleta dos dados por meio de entrevistas, o preparo do entrevistador, do ambiente para a entrevista, do equipamento de gravação/fotografia e do clima da entrevista, a tabulação e análise dos dados, a produção dos DSC e sua interpretação.

Para a elaboração dos DSC partiu-se dos discursos em estado bruto, ou seja, como apresentados nas entrevistas gravadas, e estes foram submetidos a um trabalho analítico inicial de decomposição, que consistiu em se utilizarem as figuras metodológicas (ECH, IC e A) presentes em cada um dos discursos individuais, onde se buscou a reconstituição discursiva da representação social.

Para a construção do DSC, após a transcrição integral e literal da gravação de todas as entrevistas, seguiu-se a tabulação dos dados, quando as questões foram analisadas isoladamente para cada sujeito entrevistado. Para a tabulação dos dados utilizaram-se os Instrumentos de Análise 1 e 2 (IAD1 e IAD2) - instrumentos utilizados para organização dos dados levantados.

Na utilização do IAD1, o primeiro passo foi copiar, integralmente, o conteúdo de todas as respostas referente a cada sub-tema na casela expressões-chave. O segundo passo consistiu em identificar, em cada uma dessas respostas, as expressões-chave das idéias centrais, representadas em itálico sublinhada e, quando houve, as expressões-chave das ancoragens, representadas em itálico. O terceiro passo consistiu em identificar as idéias centrais e quando houve as ancoragens a partir das expressões-chave, colocando-as nas caselas correspondentes. Terminada a exposição dos quadros com as IC e seus DSC, procederam-se comentários, descritivos e analíticos, dos dados obtidos em cada sub-tema.

Ao DSC foi associado o software Qualiquantsoft na versão profissional, que possibilitou aumentar significamente o tamanho da amostra e da busca de associações entre todo tipo de variáveis objetivas (idade, renda, nível de escolaridade, etc.) e os discursos coletivos correspondentes. A interpretação e análise dos dados foram realizadas por meio de observações da pesquisadora, com ancoragem na literatura existente sobre o tema em estudo.

2.4.5 Amostra

O estabelecimento da amostra em pesquisas qualitativas de reconstrução de imaginários sociais está relacionado às dificuldades técnicas e operacionais de realização, que implicam analisar detalhes de uma grande massa de depoimentos, muitas vezes densos e complexos, propiciando a sua limitação de tamanho por razão de ordem prática, composta por cinco a dez depoimentos (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 34, 21).

A amostra para a realização do trabalho de campo deste estudo foi obtida em duas etapas:

✓ Primeira etapa (teste)

A primeira etapa teve como unidade de análise a área de Mangue Seco, que fica localizada no extremo norte da ilha de Vitória. A definição dessa área deu-se por se tratar de uma área de favela, com invasão sobre o mangue, em processo de urbanização por meio de melhorias da prefeitura local, e que conta com sistema de abastecimento de água.

A cidade de Vitória é uma das três ilhas-capitais do país. Possui uma área de 104,3 km² e é constituída de 34 ilhas e uma região continental, formada por uma mistura de manguezais e morros. Segundo a CESAN, o serviço de água tratada atende aproximadamente a 290.173 das pessoas residentes do Município, e 128.250 dos munícipes são beneficiados pelo sistema de

esgoto sanitário. Dos domicílios particulares permanentes em Vitória, 99,33% possuem rede geral de abastecimento de água e 89,78% estão ligados à rede geral ou pluvial de esgoto⁴³. A tabela 2.1 mostra as suas principais informações geoeconômicas.

TABELA 2.1 - Informações geoeconômicas de Vitória-ES

Informação	Valor
Área do Município (2000)	104,3 km ²
Localização	Latitude Sul 20°10'09'' e Longitude Oeste 40°20'50'' de Greenwich
Clima	Tropical úmido
Temperatura média	Máxima de 30,4° e mínima de 24°
População censitária (2001)	298.781hab.
População estimada (2002)	299.357 hab.
Taxa média de crescimento anual (1996 / 2000)	2,36%
Densidade demográfica -2002 (hab./km ²)	2.870,15
Esperança de vida ao nascer (2000)	70,74
PIB (2000)*	R\$ 4.590,2 milhão
Renda per capita (2000)*	R\$ 15,7 mil
Participação no PIB Estadual (1998)	21,32%

Fontes: IPES, Simonsen Associados, IBGE, Dieese, Gazeta Mercantil, Secretaria da Fazenda, PMV/SEDEC e SEMFA (ESPÍRITO SANTO, 2004)

*Estimativa com base na participação no PIB do estado em 1998

A figura 2.1 mostra a foto da vista aérea da área de Vitória, com a indicação da área de Mangue Seco, com vôo no ano de 2001 e as figuras 2.2 a 2.4 (A) e (B) mostram cenas dessa área de estudo.

A escolha dos sujeitos para participarem deste estudo ocorreu de forma intencional, com o apoio de duas líderes comunitárias. Essa escolha pautou-se na observação dos itens conhecimento do indivíduo sobre o bairro e seus moradores; localização da residência, em que se procurou visitar residências nas diversas partes da área de Mangue Seco; e disposição do morador para essa participação. Buscou-se assim estabelecer uma amostra exemplar dessa população.

⁴³ Disponível em: < http://www.vitoria.es.gov.br/negocios/guia_investidor/infra_sanea.htm. > Acesso em 15 jan. 2004.

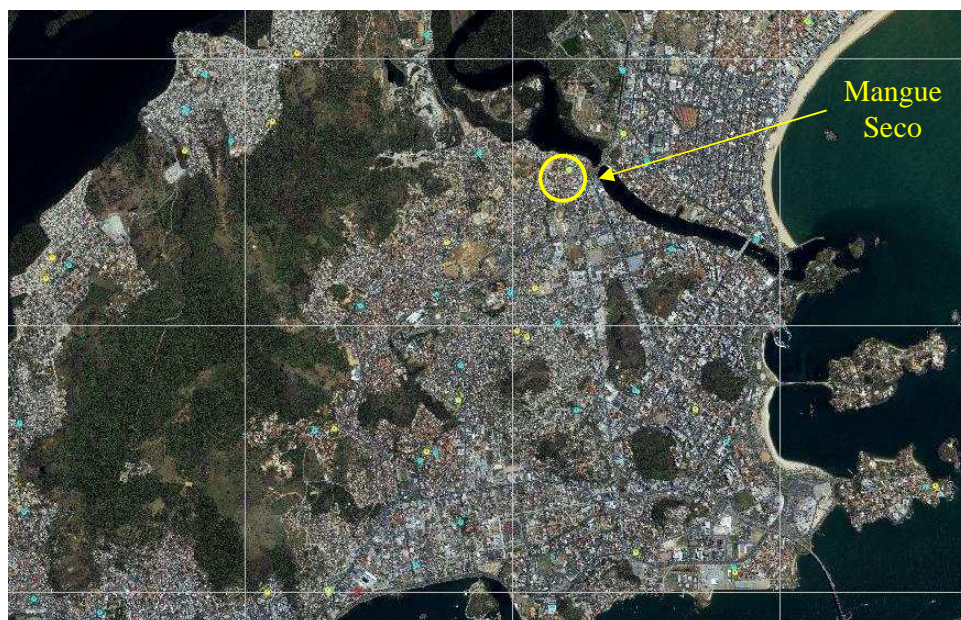


FIGURA 2.1 – Vista aérea da cidade de Vitória - ES - vôo no ano de 2001
Fonte: Arquivo pessoal de Sérgio Silveira dos Santos



FIGURA 2.2 – Vista aérea da área de Mangue Seco - Vitória - ES - vôo no ano 2003
Fonte: Arquivo pessoal de Sérgio Silveira Santos

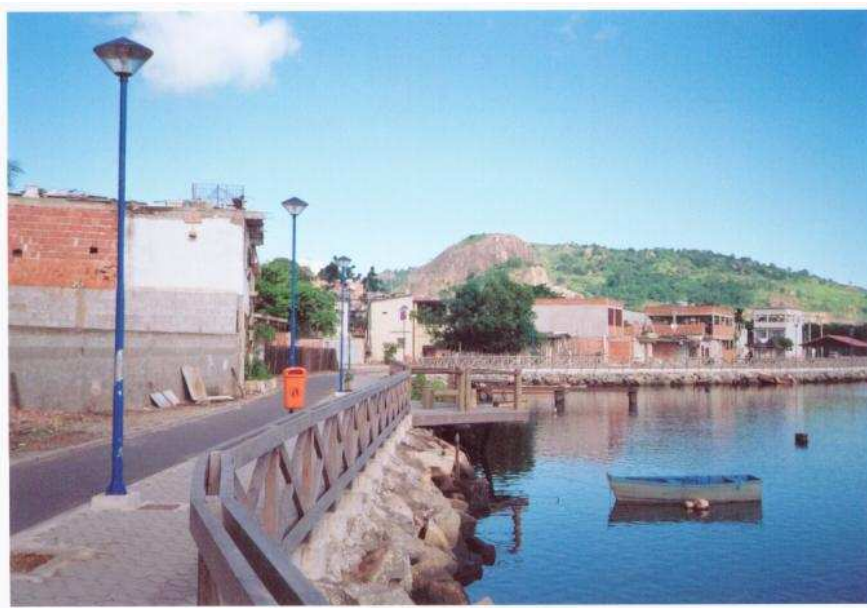
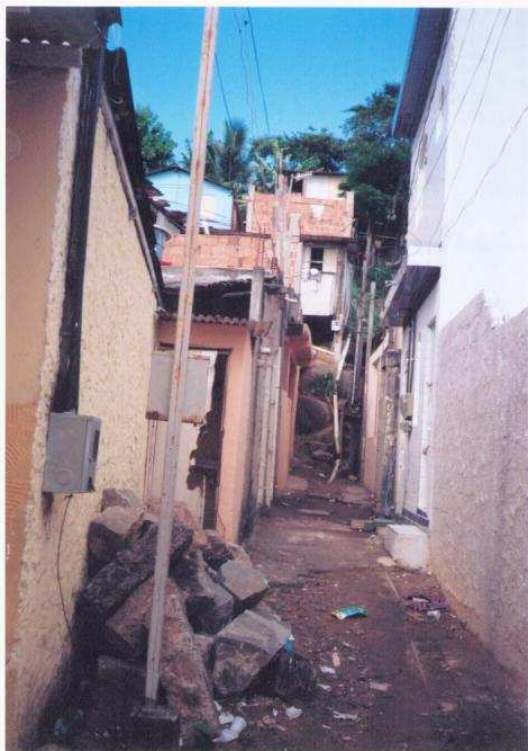
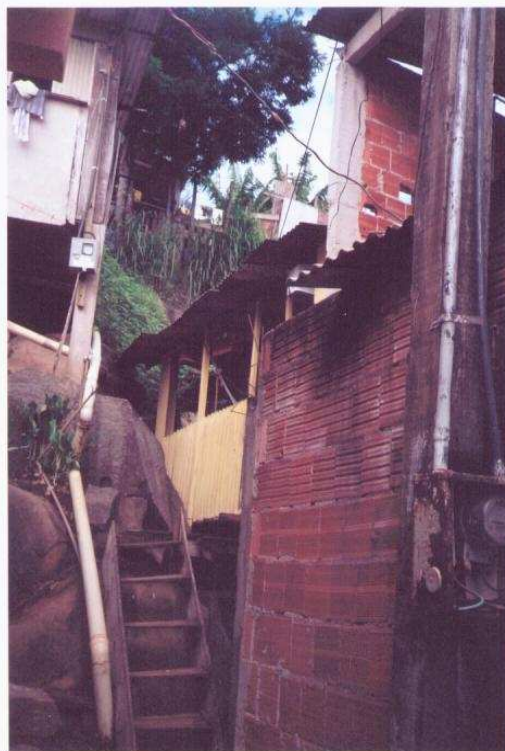


FIGURA 2.3 - Vista da entrada da área de Mangue Seco - Vitória - ES - 10/2004
Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva



(A)



(B)

FIGURA 2.4 (A) e (B) - Imagens de casas em Mangue Seco - Vitória - ES – 10/2004
Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva

Foram visitadas 14 residências, sempre em companhia de um dos líderes comunitários. A pesquisadora era então apresentada ao morador, buscava explicar o propósito da pesquisa e sensibilizá-lo no sentido da importância da sua participação, como também da necessidade de gravação da entrevista e o cumprimento das exigências do COEP/UFMG quanto à leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Dos moradores visitados, dez aderiram ao estudo, sendo todos do sexo feminino. Dos outros quatro restantes, dois eram do sexo masculino. Destes, um colocou-se à disposição para a entrevista caso a pesquisadora retornasse no horário da tarde, pois se encontrava na tarefa de preparo do almoço para os filhos que estavam na escola e o outro disse que não gostaria de participar, alegando falta de tempo. Das outras duas restantes, uma não dispensou atenção para ouvir o objeto da visita e a outra se interessou em participar, mas quando foi informada da necessidade de gravação da entrevista, recusou-se a participar.

✓ Segunda etapa

Para a segunda etapa, foram escolhidos mais três bairros do município de Vitória que atendessem a diferentes tipologias: área de favela não urbanizada com sistema de abastecimento de água, área cuja base econômica predominante fosse a pesca e área com nível socioeconômico médio.

Para a escolha dessas áreas restantes foram extraídas informações da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Universidade Federal de Minas Gerais (SMARH/UFMG), intitulada “Água de consumo humano distribuída à população e a ocorrência de diarreia: um estudo ecológico no município de Vitória - ES”, que resultou em uma dissertação de mestrado (QUEIROZ, 2006). Essa pesquisa está ancorada nos resultados dos programas de saúde de Monitorização das Doenças Diarréicas Agudas (MDDA), do Programa de Vigilância da Qualidade de Água para Consumo Humano (VIGIAGUA) e do Controle de Qualidade da Água de Consumo Humano (CQA), desenvolvidos pelas Secretarias de Saúde Municipal e Estadual, e pela CESAN, respectivamente.

Os critérios que sustentaram essa escolha foram os seguintes:

1 – Existência na área de Unidade de Saúde que desenvolvesse o programa MDDA;

2 – Maiores incidências de diarreia;

3 – Localização de pontos de amostragem do CQA e do VIGIAGUA que apresentassem resultados com maior percentual de violação nos parâmetros de coliforme total, coliforme termotolerante e cloro residual;

4 – Condições socioeconômicas de níveis baixo e médio.

Após avaliação desses critérios, concluiu-se pela escolha das seguintes áreas:

1 – Área de favela urbanizada com sistema de abastecimento de água – Mangue Seco;

2 - Área de favela não urbanizada com sistema de abastecimento de água – Bairro Santa Teresa;

3 - Área cuja base econômica predominante é a pesca – Ilha das Caieiras;

4 – Área com nível socioeconômico médio – Bairro Jardim Camburi.

A figura 2.5 mostra o contorno do município de Vitória e de seus bairros, com a indicação da localização das US, dos pontos de coleta de amostras de água do VIGIAGUA e do CQA e das áreas escolhidas para a realização desta pesquisa.

Para essas áreas também foi considerado o número médio de sujeitos previsto na literatura: de dez depoimentos. Foram, portanto, realizadas mais 30 entrevistas, totalizando assim, 40 entrevistas.

Nessas três áreas restantes foram visitadas 34 residências. A escolha dos sujeitos também ocorreu de forma intencional, com o apoio da equipe do Programa de Saúde da Família – PSF nas áreas de Santa Teresa e Ilha das Caieiras e de líderes comunitários na área de Jardim Camburi (por não contar ainda com o PSF).

O critério de exclusão foi definido pela negação de assinatura da carta convite ou da não permissão para gravação da entrevista. Os quatro sujeitos visitados que não participaram da pesquisa – dois em Ilha das Caieiras e dois em Jardim Camburi – não dispensaram atenção para ouvir o objeto da visita.

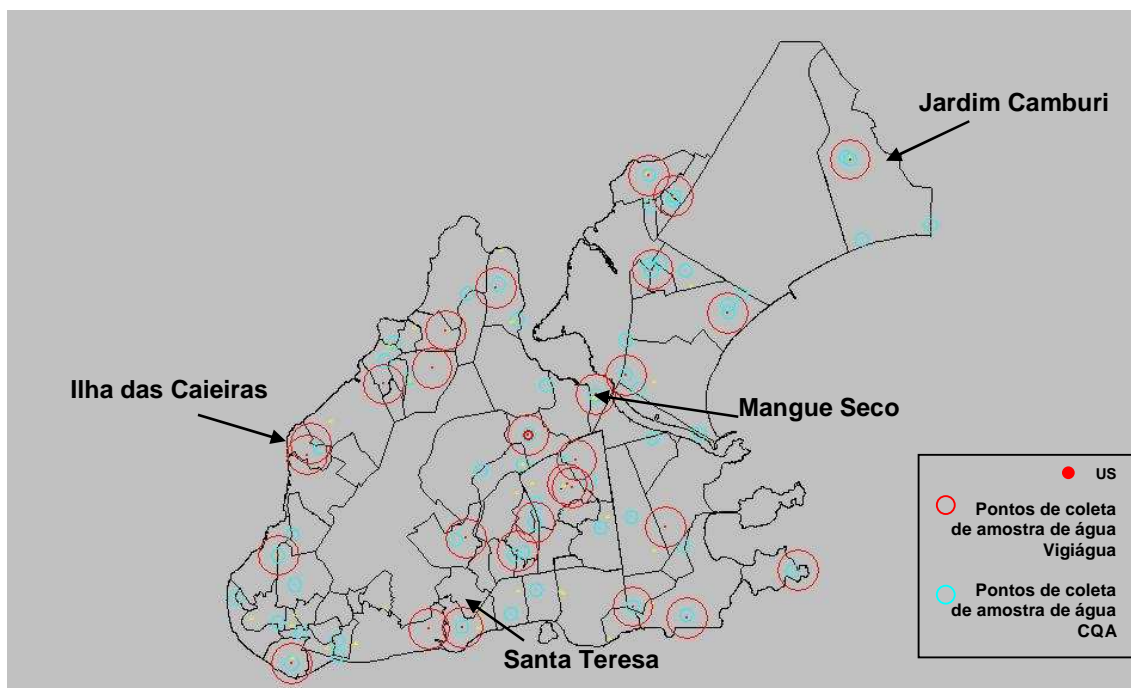
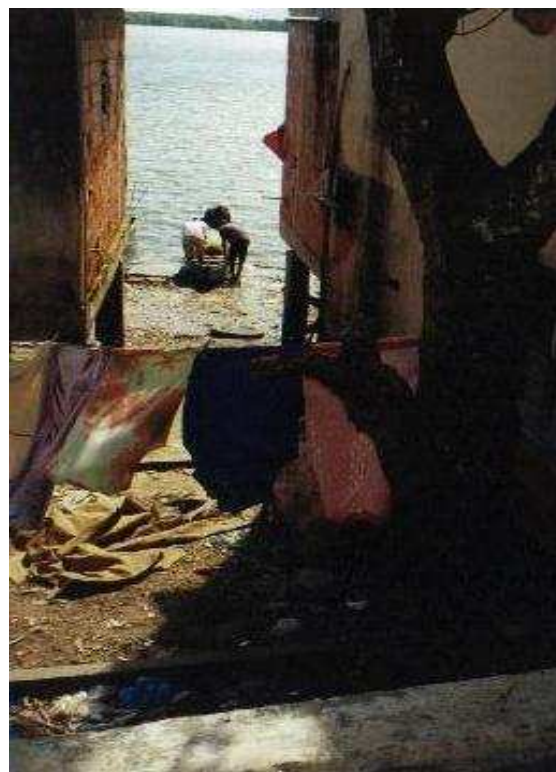


FIGURA 2.5 - Mapa do município de Vitória, com divisão por bairros, localização das US, dos pontos de coleta de amostras de água do VIGIAGUA e do CQA e das áreas escolhidas para a realização desta pesquisa (sem escala)
 Fonte: Queiroz (2006, f. 76) adaptado por Sara Ramos da Silva

As figuras 2.6 a 2.8 (A), (B) e (C) mostram cenas dessas outras três áreas.



(A)



(B)

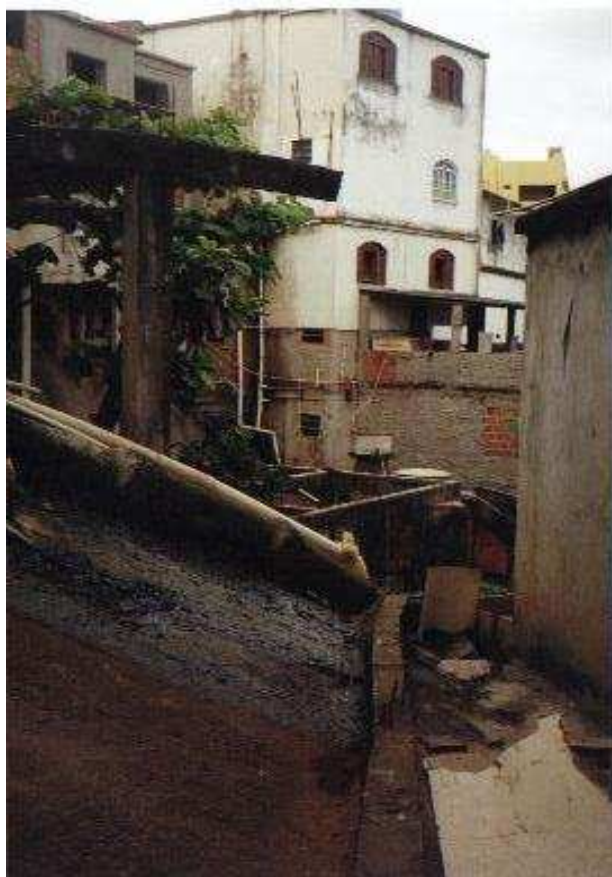
FIGURA 2.6 (A) e (B) – Imagens de Ilha das Caieiras - Vitória - ES - 08/2005

Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva

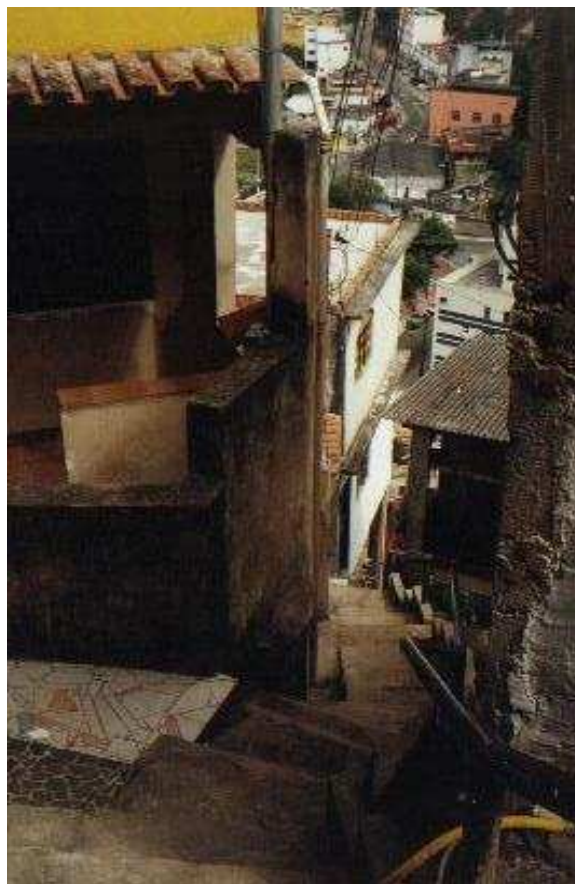


FIGURA 2.7 – Imagem de Jardim Camburi - Vitória - ES - 09/2005

Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva



(A)



(B)



(C)

FIGURA 2.8 (A), (B) e (C) – Imagens de Santa Teresa - Vitória - ES - 08/2005
Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva

2.4.6 Elaboração do questionário

O questionário utilizado para este estudo foi elaborado, testado e reformulado como indicado a seguir:

✓ Pré-teste

A aplicação do pré-teste do questionário teve como objetivo ambientar a pesquisadora ao instrumento de pesquisa escolhido para realização das entrevistas. O pré-teste proporcionou também um roteiro de perguntas que atendessem à definição dos objetivos estabelecidos nesta pesquisa, contemplando:

- as percepções e atitudes em relação à importância, origem e uso da água que os sujeitos consomem, os seus direitos de garantia de qualidade e quantidade da água estabelecida na legislação vigente, os seus deveres de uso e manutenção da qualidade da água recebida;
- as representações dos sujeitos sobre diarreia, práticas de manejo e a importância da qualidade e quantidade da água na transmissão de doenças;
- o grau de informação e o acesso aos programas de saúde e saneamento das instituições locais;
- a relação dos sujeitos com os prestadores de serviços públicos de saúde e saneamento.

O questionário das entrevistas foi submetido à avaliação de um grupo de alunos da pós-graduação nos cursos de mestrado e doutorado do Programa SMARH, havendo então contribuições em seu conteúdo. A questão proposta foi “A importância da água na vida do sujeito”, constituído de 8 sub-temas apresentados no Questionário 1, no APÊNDICE 1 deste trabalho.

Para a realização do pré-teste, somente por questão de facilidade de acesso, foi escolhida a cidade em que se localiza a Escola de Engenharia da UFMG, Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, limite oeste do estado do Espírito Santo, campo da pesquisa.

O pré-teste do instrumento possibilitou a reformulação do conteúdo do questionário, que teve o seu conteúdo ampliado, visando captar mais informações sobre o tema em estudo e que deu

origem ao Questionário 2, mostrado no APÊNDICE 3, utilizado na primeira etapa com o objetivo de testar essa nova versão do Questionário 1.

✓ **Primeira etapa (teste)**

Na primeira etapa foi empregado o Questionário 2. O fato de as entrevistas no teste terem acontecido de uma forma não direcionada acarretou algumas dificuldades na tabulação dos dados para a distribuição dos depoimentos por cada sub-tema. Entretanto, essa forma de abordagem trouxe importantes questões a serem consideradas, possibilitando à pesquisadora perceber uma melhor terminologia a ser utilizada nas entrevistas para a segunda fase da pesquisa, visando contemplar seus objetivos e proporcionando, assim, maior clareza das perguntas, bem como maior facilidade para a tabulação das informações. Essa revisão deu origem a outra versão do questionário, denominado Questionário 3, mostrado no APÊNDICE D, que foi testado com um sujeito de Mangue Seco e em seguida aplicado às demais áreas.

Segunda etapa

Para a realização da segunda etapa da pesquisa foi utilizado o Questionário 3.

2.4.7 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu nos domicílios dos participantes com a utilização de questionário, em entrevistas individuais que foram gravadas e transcritas integralmente com posterior análise.

✓ **Pré-teste**

Para a realização do pré-teste foram realizadas entrevistas do tipo em profundidade, com a aplicação do Questionário 1. A escolha da área e dos sujeitos teve o apoio de uma técnica da equipe do Programa Bolsa Escola da Prefeitura de Belo Horizonte – PBH. Na oportunidade, foram levados em conta a característica de área de favela e o conhecimento prévio dos sujeitos selecionados. Foram escolhidas duas bolsistas do PBH, residentes no Bairro São Geraldo na Região Leste de Belo Horizonte-MG.

O objetivo do pré-teste foi a avaliação da aceitação das pessoas quanto à participação na pesquisa, ao procedimento de leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido aprovado pelo COEP/UFMG, à autorização para gravação, à terminologia empregada, ao tempo de realização da entrevista, ao emprego da metodologia escolhida. Visou, ainda, à busca dos primeiros resultados como exercício de uma análise inicial e reformulação do instrumento utilizado.

A aplicação das entrevistas para o pré-teste do Questionário 1 foi realizada na última semana de setembro de 2004, no período da manhã. As duas participantes escolhidas, após ouvirem os esclarecimentos sobre o objetivo e requisitos necessários à realização das entrevistas, aceitaram prontamente participar da pesquisa.

A pesquisadora explicou a cada participante que essa atividade tratava-se de uma pesquisa vinculada à universidade, na tentativa de se evitar qualquer interferência negativa, na qual os participantes pudessem fazer qualquer relação com a companhia de saneamento ou mesmo com a prefeitura local.

A entrevista iniciava com a pergunta “Qual a importância da água na sua vida?” A partir desse ponto a pesquisadora procurava deixar o entrevistado à vontade, falando livremente acerca do tema proposto. À medida que iam surgindo as idéias sobre o modo de pensar do entrevistado sobre o tema, foram feitas interrupções pela pesquisadora com perguntas do tipo “o que é isso?”, “como é isso?”, “por que é assim?” ou “explique melhor isso”. Essa forma de encaminhamento teve o objetivo de buscar não induzir os entrevistados em suas respostas, permitindo que esses expressassem suas idéias na lógica do seu raciocínio pessoal.

As entrevistas aconteceram no interior das residências, em geral de forma tranqüila, momentos de aprendizado, de ouvir o entrevistado e de estar atenta aos depoimentos. Tais encontros possibilitaram à pesquisadora observar o modo de vida e as condições sanitárias e higiênicas do ambiente domiciliar.

A entrevista se encerrava quando a pesquisadora se certificava de que todos os sub-temas previamente estabelecidos no questionário haviam sido contemplados. O tempo médio de cada entrevista foi de cerca de 30 minutos. Cada visita domiciliar demandou cerca de 60 minutos.

Após o término de cada entrevista, a pesquisadora colocava-se à disposição do entrevistado para qualquer esclarecimento ou mesmo respostas a perguntas que haviam sido colocadas no decorrer da entrevista. Paralelamente, aproveitava a oportunidade para dar orientações sanitárias que se fizessem necessárias, a partir dos depoimentos e das observações das condições sanitárias do domicílio.

A coleta de dados na área de estudo dividiu-se em duas etapas:

✓ **Primeira etapa (teste)**

Na primeira etapa foram realizadas entrevistas com o apoio do Questionário 2. Essa etapa teve como objetivo levantar dados para aplicação e avaliação da metodologia escolhida. A aplicação das entrevistas para esse teste aconteceu em Mangue Seco, Bairro Andorinhas, no município de Vitória-ES, nos dias 15 de outubro, 04 e 05 de novembro de 2004, no período de 8 às 13 horas.

Após a apresentação da pesquisadora ao morador e depois de estabelecido um clima de harmonia para o início da entrevista, o que demandava o tempo médio de meia hora, a líder comunitária se retirava do ambiente domiciliar. Esse procedimento possibilitava à pesquisadora encaminhar as entrevistas sem sua influência direta nos depoimentos dos entrevistados, pois, como ensina Machado (2002, p. 45) “a entrevista de pesquisa é uma relação social que se inicia com um tempo de legitimação que, se mal sucedido, é seguido por resistências”.

Pelo fato de a cidade de Vitória possuir um clima quente nesses meses em que foram realizadas as entrevistas, era comum o oferecimento, por parte dos entrevistados, de um copo de água, situação já esperada pela pesquisadora que, como permanecia somente uma hora em cada domicílio, preferia agradecer e afirmar não estar com sede, dadas as condições gerais sanitárias inseguras de alguns ambientes visitados. O fato de estar preparada para tal situação foi importante, de vez que, dependendo da forma como se é feita tal recusa, a fala ou mesmo a expressão corporal do pesquisador pode constranger o entrevistado. Exemplo disso é o depoimento dado por uma moradora de uma comunidade no subúrbio do Rio de Janeiro, apresentado por Feltmann (2002), que disse:

[...] Uma vez a minha irmã que mora em Gramacho foi em casa e eu ofereci água a ela, - Ah! Não quero água não, só porque ela viu a minha casinha

pequeninha com as manchas da enchente, tá certo, o chão é grosso, mas um dia posso botar um piso, boto tapete por causa da poeira, mas todo o dia eu chego em casa, limpo geladeira, lavo o chão. Não tenho descarga no banheiro, pego água e jogo no banheiro; para tomar banho é de balde. Eu não tenho vergonha de falar da minha casa (FELTMANN, 2002, f. 49).

Foi realizado teste do Questionário 3, com uma moradora de Mangue Seco, no dia 28/01/2005, no período da manhã, desta vez acompanhada pela agente comunitária de saúde da área, quando foram adotados os mesmos procedimentos explicitados para as entrevistas anteriores. A entrevista consumiu o mesmo tempo médio das anteriores. Nesse caso específico, a segunda moradora abordada concordou em participar da pesquisa, já que a primeira moradora não admitiu nem ao menos que a pesquisadora conhecesse a sua casa, alegando que tinha vergonha do estado em que ela se encontrava na ocasião. Mas garantiu que, quando ela melhorasse as condições do lugar, aí sim, ela aceitaria receber a pesquisadora em sua casa.

Sobre essa questão da relação do sujeito com a sua casa, Feltmann (2002, f. 56-67) apresenta o depoimento de um médico, consultor do Banco Mundial, que, na época da pesquisa, morava nos Estados Unidos da América. Falando sobre a sua casa que, no seu tempo de infância se localizava num bairro muito pobre de Porto Alegre, disse: “o estado geral de deterioração da casa, a falta de um banheiro decente e a pobreza geral não nos permitiam convidar colegas da escola para visitar-nos”. Segundo essa autora, “isto levava ao afastamento da sociabilidade pelas condições precárias da casa, as condições mínimas de sobrevivência” e ainda o seguinte comentário “há o constante desejo de melhorar as condições da casa. Ou seria o desejo de melhorar a vida?”.

✓ Segunda etapa

A continuação da coleta de dados para a segunda etapa da pesquisa aconteceu com três grupos de 10 pessoas em Ilha das Caieiras, Santa Teresa e Jardim Camburi, nos meses de agosto e setembro de 2005, no período da manhã para os dois primeiros grupos e à tarde para o último grupo. As entrevistas foram realizadas seguindo os mesmos procedimentos adotados nas anteriores, quando foi utilizado o Questionário 3.

2.4.8 Análise de Dados

As entrevistas foram ordenadas por sub-temas, sendo que os discursos do sujeito coletivo foram elaborados com trechos selecionados dos depoimentos individuais, a partir da fala exata

das pessoas participantes, sem fazer qualquer inserção de conectivos e correções de erros gramaticais, mesmo sendo essas ações admitidas pela metodologia empregada. Por questão de segurança, todas as fitas foram copiadas, de forma a garantir que não houvesse perda de dados por ocasião das repetidas vezes em que foram ouvidas para transcrição e para análise dos depoimentos fornecidos.

A análise dos dados aconteceu concomitantemente à coleta de dados, por meio de categorização dos relatos apresentados nas entrevistas, quando foram realizados tabulação, tratamento e apresentação dos resultados a partir das entrevistas coletadas, gravadas e transcritas.

Na segunda etapa da pesquisa houve a participação da pesquisadora em programa de doutorado sanduíche no ambiente acadêmico da *London School of Hygiene and Tropical Medicine* – LSHTM, da *University of London*, sob a supervisão do Professor Sandy Cairncross, patrocinado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa - CNPq. Essa oportunidade ofereceu condições de ampla abertura nas referências literárias, bem como propiciou apoio na análise e discussão dos dados, contando com a experiência e perfil daquela equipe nos campos temáticos da engenharia sanitária e ambiental, da epidemiologia ambiental, da higiene, da pesquisa social e da antropologia médica, dentre outros temas que foram abordados transversalmente nesta pesquisa.

2.4.9 Características dos grupos entrevistados

As informações gerais sobre os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa nas quatro áreas estão mostradas nas tabelas 2.2 a 2.5.

A maioria dos sujeitos que aceitou participar desta pesquisa (38/40) é do sexo feminino, com faixa etária variando entre 24 (Santa Teresa) e 80 (Jardim Camburi) anos e a idade média de 45 anos. Observa-se que o tempo de residência nas áreas representa a maior parte da vida dos entrevistados.

TABELA 2.2 - Informações gerais sobre os sujeitos selecionados para a pesquisa - Mangue Seco - Vitória - ES

Entrevistado/dados	S¹_{MSe}	S²_{MSe}	S³_{MSe}	S⁴_{MSe}	S⁵_{MSe}	S⁶_{MSe}	S⁷_{MSe}	S⁸_{MSe}	S⁹_{MSe}	S¹⁰_{MSe}
Data da entrevista	15/10/2004	15/10/2004	15/10/2004	04/11/2004	04/11/2004	04/11/2004	04/11/2004	05/11/2004	05/11/2004	05/11/2004
Televisão	Desligada	Ligada	Ligada	Ligada	Ligada	Ligada	Desligada	Ligada	Ligada	Ligada
Sexo	Fem.	Fem.	Fem.	Fem.	Fem.	Fem.	Fem.	Fem.	Fem.	Fem.
Idade (anos)	34	27	32	33	63	56	40	39	25	44
Nível de escolaridade	2º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	2º Grau Completo	1º Grau Incompleto	2º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto
Pessoas residentes no domicílio (grau de parentesco/ idade - anos)	esposo (39), filha (13) e filha (11)	esposo (38), filho (8) e filha (7) (gestante)	mãe (61), esposo (37), filha (13) e filha (10)	esposo (36) e filho (12)	menina (11) (s/ parent.) (viúva)	netos (1), netas (3), sobrin. (4) e cunhada (1)	esposo (35), filho (22) e filha (13)	filho (22), filha (23) (viúva)	filha (6) e filha (2)	esposo (44), filho (14), filha (22), filha (17) e genro (21)
Hidrômetro	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	SIM
Consumo médio mensal registrado (conta últimos 3 meses) m ³ /mês	22,00	Taxa mínima	Taxa mínima	Taxa mínima	21,00	33,00	14,00	Taxa mínima	Taxa mínima	19,00
R\$	23,05	7,00	55,00	16,20	7,58	35,98	42,65	25,00	-	31,17
Água utilizada para beber	Envasada	Filtrada	Torneira	Torneira	Torneira	Filtrada	Filtrada	Filtrada	Envasada	Torneira
Filtro domiciliar	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO
Reservatório de água domiciliar	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Tipo da construção	Alvenaria	Madeira	Alvenaria	Madeira	Alve/Mad.	Alvenaria	Alvenaria	Alvenaria	Madeira	Alvenaria

TABELA 2.3 - Informações gerais sobre os sujeitos selecionados para a pesquisa - Ilha das Caieiras - Vitória - ES

Entrevistado/dados	S¹_{IC}	S²_{IC}	S³_{IC}	S⁴_{IC}	S⁵_{IC}	S⁶_{IC}	S⁷_{IC}	S⁸_{IC}	S⁹_{IC}	S¹⁰_{IC}
Data da entrevista	05/08/2006	05/08/2006	05/08/2006	05/08/2006	05/08/2006	08/08/2006	08/08/2006	08/08/2006	08/08/2006	08/08/2006
Televisão	Desligada	Ligada	Ligada	Ligada	Desligada	Ligada	Desligada	Desligada	Ligada	Rádio/ligado
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino
Idade (anos)	47	48	57	74	38	34	55	35	32	37
Nível de escolaridade	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	Não freq. escola	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto
Ocupação	Desfiadora de siri	Aposent. e Desfiadora de siri	Aposent. e Desfiadora de siri	Aposent. e Desfiadora de siri	Pescadora e Desfiadora de siri	Desfiadora de siri e trabalha Cooperativa	Desfiadora de siri / lava roupa fora	Pescador	Desfiadora de siri	Desfiadora de siri
Origem	Fundão -ES	Vitória - ES	Vitória - ES	S. Leopoldina - ES	NI	NI	Vitória -ES	Vitória - ES	Cons. Pena - MG	Vitória - ES
Tempo resid. Bairro (anos)	27	27	57	71	38	34	55	35	16	37
Pessoas residentes no domicílio (grau de parentesco/ idade - anos)	esposo(48), filhos (27, 25, 19 e 17), filha (22) , nora (NI), neto (1 ano) e neta (5)	filhas (13, 17), filho (21) e esposo (50)	esposo (72), cunhada (69), filho (32) e nora e neto	filhas (34 e 27), neto (13) , neta (3) e genro (40)	marido (40), filhos (20,4) e filhas (19, 4 meses)	filhos (14, 12, 3), sobrinha (22) e marido (35)	marido (58) e filha (36)	esposa (33), irmãos (40, 35) irmã (23), filha (9, 14) e sobrinho (18)	marido (33) e filhas (15, 8 e 5)	marido (42), filhas (18, 4) e filhos (11,8)
Renda familiar	R\$ 1.000,00	R\$ 800,00	R\$ 1.000,00	R\$ 3.000,00	2 a 3 SM	R\$ 250,00	R\$ 400,00	R\$ 300,00	R\$ 400,00	R\$ 300,00
Hidrômetro	SIM -Cortado	NÃO (Gato)	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO
Consumo médio mensal registrado (conta últimos 3 meses)	m ³ /mês R\$	15,00 8,70	Não paga 21,00 33,50	NI 20,00 a 30,00	30,00 38, 00 a 40,00	9,30 11,10	12,00 14,66	NI	Não paga	NI
Água utilizada para beber	Fervida	Torneira e coada c/ pano	Filtrada	Filtrada	Torneira e Envasada	Filtrada	Filtrada	Filtrada	Envasada	Torneira
Filtro domiciliar	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO
Reservatório de água domiciliar	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Tipo da construção	Casa inacabada de alvenaria com laje e piso de cimento	Alvenaria/ cobertura telha cimento amianto/ piso cimentado	Alvenaria com laje e piso cerâmica	Alvenaria com laje e piso cerâmica	inacabada de alvenaria com laje e piso cimento e cerâmica	inacabada de alvenaria com laje e piso cimento	inacabada de alvenaria com laje e piso cimento	Casa inacabada de alvenaria com laje	Casa inacabada de alvenaria com laje	Casa de madeira

Obs.: NI – Não informado.

TABELA 2.4 - Informações gerais sobre os sujeitos selecionados para a pesquisa - Santa Teresa - Vitória - ES

Entrevistado/dados	S¹_{ST}	S²_{ST}	S³_{ST}	S⁴_{ST}	S⁵_{ST}	S⁶_{ST}	S⁷_{ST}	S⁸_{ST}	S⁹_{ST}	S¹⁰_{ST}
Data da entrevista	11/08	11/08	11/08	11/08	11/08	12/09	12/09	12/09	12/09	12/09
Televisão	Ligada	Ligada	Ligada	Ligada	Ligada	Desligada	Desligada	Desligada	Ligada	Ligada
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade (anos)	33	26	38	24	48	69	36	34	48	24
Nível de escolaridade	2º Grau Incompleto	2º Grau Completo	2º Grau Completo	1º Grau Completo	Analfabeta	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	1º Grau Incompleto	2º Grau Completo
Ocupação	Dona de casa	Cabelereira	Dona de casa	Dona de casa	Aposentada	Aposentada	Porteiro	Dona de casa	Dona de casa	Dona de casa
Origem	Vila Velha - ES	Vitoria - ES	Vitoria-ES	Vitoria-ES	MG	MG	Vitoria-ES	MG	Mimoso do Sul - ES	Vitória- ES
Tempo resid. Bairro (anos)	1	26	11	24	28	36	36	5	17	24
Pessoas residentes no domicílio (grau de parentesco/ idade- anos)	esposo (30)	filho (5) e pai do filho (28)	marido (41), filho (12) e filha (6)	esposo (24) e filhos (8,6,5)	marido (44), filho (16,8) e nora gestante (15)	Somente o entrevistado	esposa (31), filho (11) e filha (1)	esposo (47) e filho (3)	filhos (27, 23,21), nora (21) e neta (3)	marido (28) e filha (4)
Renda familiar mensal R\$	700,00	NI	600,00	530,00	300,00	Salario minimo	700,00	NI	NI	900,00
Hidrômetro	SIM	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM
Consumo médio mensal registrado (conta últimos 3 meses) m ³ /mês	12	Ligação dividida c/ cunhada	Ligação dividida c/ cunhada	Ligação dividida c/ avo	Ligação dividida c/ vizinha	Ligação dividida c/ filhos	Ligação dividida c/ irmãos		R\$ 28,00	R\$ 24,51
	R\$ 5,69	R\$ 13,00	R\$ 34,00	R\$ 8,00	R\$ 3,00	Não paga	R\$ 10,00	NI 8,00	Água e esgoto	Água e esgoto
Água utilizada para beber	Envasada	Filtrada	Filtrada	Filtrada	Torneira	Filtrada	Filtrada	Filtrada	Envasada	Envasada
Filtro domiciliar	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO
Reservatório de água domiciliar	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Tipo da construção	Madeira	Alvenaria	Alvenaria	Alvenaria	Madeira	Alvenaria	Alvenaria	Alvenaria	Alvenaria	Alvenaria
	Piso madeira	Laje	Laje	Laje	S/ cond. sanitárias	Laje	Laje	Madeira Piso cimentado	Laje	Laje
		Piso cerâmica	Piso cerâmica	Piso cerâmica		Piso cerâmica	Piso cerâmica		Piso cerâmica	Piso cerâmica

Obs.: NI – Não informado.

TABELA 2.5 - Informações gerais sobre os sujeitos selecionados para a pesquisa - Jardim Camburi - Vitória - ES

Entrevistado/dados	S¹_{JC}	S²_{JC}	S³_{JC}	S⁴_{JC}	S⁵_{JC}	S⁶_{JC}	S⁷_{JC}	S⁸_{JC}	S⁹_{JC}	S¹⁰_{JC}
Data da entrevista	09/08/2006	09/08/2006	25/09/2006	25/09/2006	25/09/2006	26/09/2006	26/09/2006	26/09/2006	26/09/2006	26/09/2006
Televisão	Desligada	Desligada	Desligada	Ligada	Desligada	Ligada	Desligada	Desligada	Ligada	Desligada
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Idade (anos)	60	52	59	70	38	52	80	61	27	60
Nível de escolaridade	1º Grau Incompleto	2º Grau Completo	Graduação Geografia	1º Grau Completo	Graduação Medicina	Graduação História	1º Grau Incompleto	Graduação Economia	Graduação Jornalismo	1º Grau Incompleto
Ocupação	Dona de casa	Esteticista	Aposentada	Aposentado	Pediatra	Artesa	Pensionista	Dona de casa	Comercio	Dona de casa
Origem	Afonso Cláudio - ES	Colatina - ES	Ibiraçu - ES	São José do Calçado- ES	Alegre - ES	Vitória - ES	Castelo - ES	Itaguaçu - ES	Vitória - ES	Resplendor-MG
Tempo resid. Bairro (anos)	34	30	35	30	35	33	38	31	27	34
Pessoas residentes no domicílio (grau de parentesco/ idade- anos)	marido (60), filha (32) e neta (4)	filha (24) e filho (29)	irmã (62)	esposa (68), filho (32) e filha (27)	avó (98) e mãe (72)	mãe (73), irmãs (51, 42, 43), filho (28), sobrinhas (21, 23) e esposo (53)	empregada (17)	filhas (25, 37) e neto (<1)	mãe (46), pai (67), irmãs (26, 22, 22) e irmão (17)	marido (60), filhos (31, 26) e parente (18)
Renda familiar mensal	R\$ 3.000,00	NI	3.000,00	6.500,00	7.500,00	NI	Salário mínimo	5.000,00	9.000,00	NI
Hidrômetro	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Consumo médio mensal registrado (conta últimos 3 meses)	m ³ /mês 19,00	NI	NI	17,00	20,00	41,00	11,00	NI	22,00	17,00
Água utilizada para beber	R\$ 25,92		35,00	45,73	83,22	177,99	34,08	94,00	72,38	57, 83
Filtro domiciliar	Filtrada	Envasada	Filtrada	Envasada	Filtrada	Filtrada	Envasada	Filtrada	Filtrada	Envasada
Reservatório de água domiciliar	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM
Tipo da construção	Alvenaria/laje	Alvenaria/laje	Alvenaria/Laje	Alvenaria/laje	Alvenaria/Laje	Alvenaria/laje	Alvenaria/laje	Alvenaria/laje	Alvenaria/laje	Alvenaria/Laje

Obs.: NI – Não informado.

A área de Ilha das Caieiras apresentou o menor nível de escolaridade. Já as áreas de Mangue Seco e Santa Teresa são similares, com a presença de sujeitos com nível de 2º grau, enquanto Jardim Camburi apresenta um nível de escolaridade mais elevado. Dois sujeitos nunca frequentaram a escola (Ilha das Caieiras e Santa Teresa).

A menor das famílias tem uma pessoa (Santa Teresa) e a maior tem dez pessoas (Ilha das Caieiras), apresentando uma média de quatro pessoas por domicílio, à exceção de Ilha das Caieiras, que apresenta a média de seis pessoas por domicílio. Em Mangue Seco e Jardim Camburi somente dois domicílios possuem crianças com idade ≤ 5 anos, enquanto em Santa Teresa esse número sobe para seis domicílios, ou seja, essa presença verifica-se em 14 dos 40 domicílios.

Todos os domicílios são atendidos pelo sistema de abastecimento de água gerenciado pela CESAN. Em Mangue Seco 50% dos domicílios possuem hidrômetros, enquanto esse valor sobe para 60% em Ilha das Caieiras e Santa Teresa, e para 100% em Jardim Camburi.

Os esgotos possuem diferentes destinos nas quatro áreas. Os bairros Jardim Camburi e Mangue Seco possuem sistema de esgotamento sanitário. Em Ilha das Caieiras, os esgotos das casas são lançados diretamente no mar. Já em Santa Teresa, o esgoto é lançado a céu aberto, embora existam algumas casas ligadas a uma rede coletora.

O menor valor da conta mensal de água é de R\$ 3,00 (Santa Teresa) e o maior valor é de R\$ 178,00 (Jardim Camburi). Nessa conta mensal de água, todos os entrevistados de Jardim Camburi pagam tarifa referente ao serviço de esgoto e, nas demais áreas, somente dois em Santa Teresa o fazem. Em Ilha das Caieiras, dois domicílios utilizam a água da casa do vizinho (ligações clandestinas denominadas “gato”) e não pagam por esse consumo. Em Santa Teresa, seis dos domicílios dividem com um parente ou vizinho a mesma ligação de água e o valor da conta mensal.

A renda familiar variou de R\$ 250,00 (Ilha das Caieiras) a R\$ 9.000,00 (Jardim Camburi). Observa-se que a relação entre o valor da conta mensal de água e a renda familiar é mais expressiva em Ilha das Caieiras (2,7%) e em Santa Teresa (2,3%) do que em Jardim Camburi (1,4%), onde o nível sócio econômico é mais alto.

No que se refere à água de beber, vinte e um sujeitos (52%) consomem água filtrada, oito (20%) consomem água direta da torneira, onze (28%) consomem água envasada e um sujeito em Ilha das

Caieiras ferve a água para beber. Vinte e seis (65%) deles informam que possuem filtro. Somente dois domicílios (Mangue Seco e Santa Teresa) não possuem reservatório de água domiciliar.

Interessante observar que vinte e sete domicílios são constituídos de famílias de núcleo completo, como também a presença, em alguns domicílios, de parentes como avó, tia e primos e de pessoa sem grau de parentesco. A área de Jardim Camburi apresentou o maior número de domicílios sem núcleo completo (6/10), ou seja, sem a presença da figura do esposo. Não foi objeto desta pesquisa perguntar a forma de ligação matrimonial, e a expressão esposo ou marido foi empregada pelos entrevistados.

Giddens (1991, p. 61-75 *passim*) afirma que, entre todas as mudanças que estão ocorrendo no mundo, nenhuma é mais importante do que aquelas que acontecem na vida pessoal do sujeito e entre elas destaca o casamento e a família. Destaca ainda que, em muitas cidades, está se tornando mais freqüente não só o divórcio mas também a coabitação, e que em todos os países continua existindo uma diversidade de formas de família. Exemplifica com o surgimento do casal informal e da união informal. Para explicar esse novo fenômeno da família na pós-modernidade, Bauman (1999) cita Ulrich Beck, que denomina esse período de ‘segunda modernidade’:

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais (BAUMAN, 1999, p. 13).

Quanto à estrutura das edificações, em Mangue Seco, Ilha das Caieiras e Santa Teresa predominam casas simples de alvenaria, em sua maioria inacabadas. Somente quatro casas são de madeira, uma em Ilha das Caieiras e três em Santa Teresa, sendo que, em cada área, uma não possui as mínimas condições de habitabilidade. Todas as casas possuem banheiro e cozinha.

Durante as visitas foi observado que nos espaços internos das casas, mesmo não havendo divisão física em cômodos, o morador consegue organizar o espaço de forma que é possível compreender sua intenção, pela presença de objetos domésticos comuns a esses espaços. Foi também observada a presença, em lugares previsíveis, de ‘carcaças’ de alguns eletrodomésticos como, por exemplo, de máquina de lavar roupa e de microondas. A figura 2.9 mostra o interior de um domicílio em Mangue Seco.



FIGURA 2.9 – Imagem do interior de uma casa em Mangue Seco antes da atuação do Projeto Terra

Fonte: Arquivo Projeto Terra – PMV – Década de 1980

Baudrillard (2004, p. 21, 23) diz que “a configuração do mobiliário é uma imagem fiel das estruturas familiares e sociais de uma época” e ainda que é a publicidade que divulga para o público a ordem da sala de jantar e do quarto de dormir, sendo esta estrutura mobiliária ligada à estrutura imobiliária da casa. Apesar de ‘não serem reais em seus fins’ cumprem o seu papel de desejo de consumo, pelo seu simulacro. Quanto a essa gama de fantasias vividas pelo consumidor no seu cotidiano, Bauman (2001) comenta:

[...] O formidável poder que os meios de comunicação exercem sobre a imaginação popular, coletiva e individual. Imagens poderosas, ‘mais reais que a realidade’, em telas ubíquas estabelecem os padrões da realidade e de sua avaliação, e também a necessidade de tornar mais palatável a realidade ‘vivida’. A vida desejada tende a ser vivida ‘vista na TV’. A vida na telinha diminui e tira o charme de nossa própria vida vivida: é a vida vivida que parece irreal, e continuará a parecer irreal enquanto não for remodelada na forma de imagens que possam aparecer na tela (*Ibidem*, p. 99).

Já as edificações de Jardim Camburi são em alvenaria acabada, com laje e piso em cerâmica ou madeira, apresentando sempre ótimas condições de habitabilidade.

2.4.10 Comentários sobre a investigação e os procedimentos metodológicos adotados

O emprego da estratégia do DSC para o desenvolvimento da abordagem qualitativa nesta pesquisa contribuiu para a organização dos dados e a produção dos discursos. A tabela 2.6 mostra um resumo quantitativo dos entrevistados, perguntas, Idéias Centrais e Discursos do Sujeito Coletivo obtidos por área de estudo.

A estratégia do DSC, bem como as pesquisas já realizadas empregando esta metodologia, sugerem a elaboração de cerca de três perguntas sobre o tema a ser investigado. Já quanto ao número de entrevistados, não há a indicação de um limite, considerando a possibilidade de emprego do software denominado Qualiquantisoft, que permite organizar os dados, produzir os DSC e relatórios das operações realizadas de grande número de entrevistas.

TABELA 2.6 - Resumo quantitativo das perguntas, Idéias Centrais e Discursos do Sujeito Coletivo por área de estudo

		Áreas				TOTAL
		Mangue Seco	Ilha das Caieiras	Santa Teresa	Jardim Camburi	
Entrevistados		10	10	10	10	40
Perguntas (Nº Máximo)	Sub-tema 1		07	07	07	07
	Sub-tema 2		10	10	10	10
	Sub-tema 3		13	13	13	13
	Sub-tema 4		18	18	18	18
	Sub-tema 5		07	07	07	07
	Sub-tema 6		07	07	07	07
	Sub-tema 7		13	13	13	13
	Sub-tema 8		04	04	04	04
	TOTAL		79	79	79	79/79
Idéias Centrais	Sub-tema 1	45	78	73	81	277
	Sub-tema 2	54	74	73	69	270
	Sub-tema 3	67	70	65	49	251
	Sub-tema 4	61	86	81	90	318
	Sub-tema 5	25	50	52	48	175
	Sub-tema 6	35	36	42	39	152
	Sub-tema 7	64	66	58	60	248
	Sub-tema 8	26	23	20	20	89
	TOTAL	377	483	464	456	1780/1780
DSC	Sub-tema 1	14	18	16	15	63/27
	Sub-tema 2	16	20	16	15	67/25
	Sub-tema 3	14	18	15	13	60/21
	Sub-tema 4	12	16	16	17	61/23
	Sub-tema 5	07	17	11	16	51/22
	Sub-tema 6	07	10	07	09	33/10
	Sub-tema 7	12	17	17	11	57/22
	Sub-tema 8	06	08	08	09	31/13
	TOTAL	88	124	106	105	423/163

Para atender aos objetivos propostos nesta pesquisa foram elaboradas 79 perguntas, que foram aplicadas nas áreas de Santa Teresa, Ilha das Caieiras e Jardim Camburi. Entretanto, no decorrer da entrevista pode ter sido feito um número menor de perguntas, conforme o Questionário 3 no APÊNDICE 4. Como já explicitado, para as entrevistas de Mangue Seco foi utilizado o roteiro referente ao Questionário 2 mostrado no APÊNDICE 3. Assim, não foi previsto um número de perguntas e foram apresentados resultados quantitativos inferiores às médias das demais áreas.

Considerando o grande número de perguntas formuladas, os depoimentos geraram 1.780 IC. Dessas IC foram produzidos 423 DSC em todas as áreas. Destes, foi possível produzir, interpretar e analisar 163 DSC para os oito sub-temas estudados, que estão mostrados no APÊNDICE 5.

Foi empregado o software Qualiquantsoft na versão profissional. Esta versão admite o registro de 1500 respostas, não foi assim possível incluir todas as IC expressas como uma só pesquisa, dado que foram obtidas 280 IC acima do que a versão admite.

Como nesta pesquisa foram adotados critérios de escolha das áreas e sujeitos investigados, a produção dos DSC aconteceu por sub-tema, IC e área. Não foi objeto de estudo a produção de DSC a partir de outras variáveis, tais como escolaridade, sexo, etc. Isso não impede a realização de futuros estudos, mais específicos, que utilizem essa grande disponibilidade de dados, o que é possível de se realizar com o software.

Observa-se pela TAB. 2.6 que a área de Ilha das Caieiras foi a que apresentou maior número de IC. As entrevistas nesta área ocorreram em tempo médio de 30 minutos de gravação, semelhante ao tempo das entrevistas de Mangue Seco, em que o questionário empregado foi diferente e com menor conteúdo. A área de Jardim Camburi apresentou o tempo médio de 25 minutos e, a de Santa Teresa, de 20 minutos.

A área que ofereceu maior tranquilidade à pesquisadora para a realização das entrevistas foi a de Ilha das Caieiras, que permitiu livre acesso ao bairro e os moradores foram muito receptivos às entrevistas. No que diz respeito às áreas de Santa Teresa e Mangue Seco, todas as visitas ao bairro foram agendadas e sempre acompanhadas pelas agentes comunitárias de saúde e líderes comunitários, respectivamente, dada a insegurança que aquelas áreas ofereciam na ocasião da realização das entrevistas.

Em Santa Teresa, durante o período da realização das entrevistas, por recomendação da equipe do PSF, foi preciso interromper as visitas por um período de quinze dias, por questões de falta de segurança no bairro. Além disso, foram enfrentados falta de condições sanitárias (os esgotos das residências são lançados a céu aberto), mau cheiro e risco à saúde em razão de um surto de escabiose que ocorreu nesse mesmo período. As entrevistas de Jardim Camburi foram em sua maioria também agendadas e foi observado que alguns entrevistados mostraram certa censura em expressar suas idéias.

Apesar de o número total de pessoas entrevistadas ter sido grande, dado que o número de perguntas também foi extenso, o número de 10 sujeitos escolhidos por área foi considerado suficiente para alcançar respostas às questões propostas. A escolha de quatro áreas com tipologias diferentes também foi muito interessante, pois foi possível discutir as percepções a partir das características específicas de cada área e assim contribuir de uma forma mais rica na exemplaridade da pesquisa.

Todas as etapas desta investigação, desde o contato com as pessoas entrevistadas, as entrevistas propriamente ditas, suas transcrições e registro dos dados no software foram realizadas pela pesquisadora. A possibilidade de transcrição das entrevistas muito contribuiu para a melhor observação, percepção e interpretação das idéias apresentadas, devido à necessidade de audição das fitas repetidas vezes.

O tema escolhido e a adoção de abordagem qualitativa para desenvolvimento desta pesquisa significou um desafio para a pesquisadora, dada a necessidade de adentrar em ‘mares nunca dantes navegados’. A investigação foi extensa, mas não cansativa, pois cada pessoa entrevistada significou uma nova razão para seguir. Acredita-se que os resultados obtidos contribuam, ainda que de uma forma modesta, para o conhecimento científico e a melhoria da qualidade de vida da população.

3 AS PERCEPÇÕES DO SUJEITO COLETIVO SOBRE A ÁGUA DE CONSUMO HUMANO EM VITÓRIA-ES

A realidade para as pessoas é aquilo que as pessoas constroem como sendo real, e elas o fazem, na maior parte das vezes, através do texto e da conversação. E como não temos acesso direto a suas mentes, mas somente a seus discursos, é melhor que nos concentremos nesses discursos (DIJK, 2004, p. 11).

Como indicado na metodologia, o processo de desenvolvimento da estratégia do DSC demanda uma série de etapas, produzindo, assim, um extenso material. Aqui, portanto, estão somente apresentados alguns dos discursos, ou mesmo trechos deles, considerados importantes na discussão de cada tema a ser destacado nesta pesquisa. Todos os discursos produzidos para cada sub-tema são mostrados no APÊNDICE 5.

Como as entrevistas realizadas na área de Mangue Seco (MSe) foram em profundidade, com o apoio do Questionário 1, esta região não apresenta algumas das informações levantadas em Ilha das Caieiras (ICa), Santa Teresa (ST) e Jardim Camburi (JC). Logo, pode ocorrer que, na soma das Idéias Centrais sobre um determinado conteúdo, não se complete o número total de 10 sujeitos. Além disso, para qualquer área de estudo, quando o total de respostas por conteúdo não totaliza 10, é sinal de que o sujeito não expressou idéia alguma ou, então, apresentou mais de uma. Os trechos dos discursos apresentados foram transcritos na íntegra, sem correção gramatical.

As percepções dos sujeitos sobre a sua relação com a água de consumo humano vêm a seguir por sub-tema, Idéia Central e Ancoragem, observando a ordem do Questionário 3, utilizado como apoio às entrevistas.

3.1 Importância da água

A tabela 3.1 mostra uma síntese das Idéias Centrais e Ancoragens referentes ao sub-tema 1.

TABELA 3.1 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 1: Importância da água

Idéia Central		Ancoragem	Área/ Número de Sujeitos			
			MSe	ICa	ST	JC
A importância da água na vida do sujeito	É importante		10	10	10	09
	Tem 50% de importância		-	-	-	01
O acesso ao serviço de água em casa	É importante ter Todas as pessoas têm Nem todas as pessoas têm A comunidade ter é tão importante quanto para a própria pessoa	Visão local	08	10	10	10
			03	02	01	-
		Visão global/mídia	02	08	09	10
			02	10	08	10
A água é direito humano		Direitos humanos	03	-	-	01
A necessidade de apoio aos excluídos por parte das autoridades		Solidariedade	02	01	-	-
As pessoas que não têm acesso à água em casa	Essas pessoas sofrem Por descaso do governo Porque não se esforçam para isso Por desperdício de outros Não sabe o motivo	Experiência de vida	-	06	08	07
			-	02	03	03
			-	03	-	06
			-	-	01	-
			-	01	05	02
A comunidade desperdiça água			-	01	02	-
Mudança no modo de vida		Experiência de vida	05	04	-	02
A importância do serviço de água	É tão importante quanto o serviço de saúde		01	09	08	08
	O serviço de saúde é mais importante		-	-	-	01
	É mais importante do que o serviço de saúde		-	01	01	01
A responsabilidade do acesso à água em casa	É do governo		03	03	05	05
	É do governo e da comunidade		-	01	01	05
	É das companhias de saneamento e do prefeito		-	01	02	-
	Não sabe de quem é		-	01	01	-

3.1.1 A importância da água na vida do sujeito

A água é um elemento essencial para a sobrevivência e é considerada muito importante na vida da maioria dos sujeitos (39/40), por saciar a sede e a fome. Dessa forma, é expressa como a real imagem da vida:

“A água acho que é igual à comida que a gente come...” (MSe); “É um cristal da vida, né?” (ICa).

A valorização do serviço de abastecimento de água em comparação ao serviço de energia elétrica é manifestada pelos sujeitos, sendo possível admitir a ausência da energia, mas nunca a da água:

“É mais que a própria luz, né?” (MSe); “Porque sem a luz a pessoa vive, agora sem água jamais... Porque a gente precisa dela em tudo, né?” (ST).

A água assume valor subjetivo na fala do sujeito, expressa pelo sentimento:

“Acabou a água, pra mim acabou a vida!... Eu tenho paixão pela água!” (JC).

Entretanto, um sujeito em Jardim Camburi não atribui à água a mesma importância que os demais, apesar de reconhecer que a vida depende integralmente dela. A justificativa vem do fato de ele nunca ter enfrentado qualquer dificuldade com isso, pois como lembra Selborne citando um antigo provérbio da gente do campo: “Você só sente falta da água quando o poço seca” (SELBORNE, 2001, p. 57):

“Acho que 50% da minha vida depende da água, na verdade seria 100%, porque eu nunca passei necessidade de não ter água, né?”

3.1.2 O acesso ao serviço de água em casa

O acesso ao serviço de água é considerado de muita importância (38/40), pois possibilita conforto ao sujeito:

“Você carregar água de um lugar para outro?... Você já imaginou se não tivesse encanamento em casa? Que diferença...” (MSe).

A água é uma necessidade básica para a vida, mas o homem assumiu a ‘viabilização do seu acesso’ como necessidade básica. Para isso, precisa lançar mão de tecnologias apropriadas. A água, desde o manancial até a torneira da residência, percorre um longo caminho - o sistema público de abastecimento de água – ‘um conjunto de atos técnicos específicos que modificam a natureza da água’.

Ortega Y Gasset (1991, p. 12) diz que esse conjunto de atos técnicos específicos é a técnica. Esse autor define técnica “como a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades”, ou seja, “a técnica é a reforma da natureza”. Diz ainda que

[...] O sentido e a causa da técnica estão fora dela: ou seja, no emprego que o homem dá às energias que lhe sobram, energias economizadas pela técnica. A missão inicial da técnica é esta: dar liberdade ao homem para ele poder entregar-se a si mesmo (ORTEGA Y GASSET, 1991, p. 35).

O desenvolvimento da sociedade moderna impôs ao homem necessidades básicas de sobrevivência que estão além do que a natureza oferece. O acesso à água, expresso como conforto, possibilita ao sujeito a higiene pessoal e da casa, ir à escola, ir ao trabalho, ter momentos de lazer e descanso, cuidar de si e de sua família. Como disse ainda Ortega Y Gasset (1991, p. 67, 13), em 1939, “hoje, os fundamentos técnicos da vida superam consideravelmente os fundamentos naturais, de tal modo que o homem não pode materialmente viver sem a técnica por ele alcançada. [...] A técnica é adaptação do meio ao sujeito”.

Na voz do entrevistado, água é sinônimo de vida, o que é demonstrado quando, em seu discurso, é feita a comparação à presença física de pessoas em casa, modificando seu estado de objeto para sujeito:

“Uma casa sem água é mesmo que não ter ninguém, né?” (ICa).

A água exerce um fundamental papel na transmissão de doenças. Em todas as áreas de estudo aparecem depoimentos expressando uma esclarecida consciência sobre a necessidade da água para a higiene doméstica e pessoal. A literatura mostra a importância da prática de lavar as mãos na prevenção da transmissão de doenças (CAIRNCROSS, 2003; CURTIS, 1998; CURTIS; CAINRCROSS, 2002, 2003; HOQUE, 2003; LUBY, 2001; PITTET, 2005; WEBER *et al.*, 2003) e, nas entrevistas, apesar do uso da água na higiene pessoal aparecer em depoimentos de todas as áreas, somente nas de Mangue Seco e da Ilha das Caieiras é expressa, claramente, esta prática:

“É pra você fazer a higiene do corpo... Pra você tomar um banho... Escovação de dente, lavar as mãos... Pra você limpar a casa... Lavar as roupas, pra lavar o chão, lavar o banheiro, a descarga, que é necessário, né? Pra mim cozinhar... Lavar as verduras... Lavar as louças... (MSe); “Pra beber, pra tomar um banho, lavar as mãos, lavar roupa... Pra fazer almoço, né?... Lavo roupa, dar descarga... Pra lavar a calçada...” (ICa); “Pra beber... Na minha higiene pessoal, tomar banho, lavar roupa, fazer comida... Lavar as vasilhas, limpo a casa, lavo banheiro... Fazer limpeza geral.” (ST). “Pra beber, tomar banho, escovar dente,

dar descarga, lavar o banheiro, lavar roupa, cozinhar, lavar vasilha... Limpeza, todo serviço de casa, né?... Pra higiene...” (JC).

Strang (2004, p. 27) afirma que foi a revolução industrial que trouxe mais mudanças na relação das pessoas com a água. No Brasil, essas mudanças, associadas ao crescimento populacional, levaram a uma proposta de controle do uso da água regulamentado pela legislação nacional vigente (BRASIL, 1997), conferindo a ela valor econômico. Ainda assim, nos discursos verifica-se que a água é encarada como um dom de Deus:

“Tem que agradecer a Deus! Se eu não tiver isso eu não tenho nada, eu estou de mão atada... Eu nem imagino sem água... Eu rezo na hora que eu abro a torneira... Eu acho lindo!” (JC).

Eles apresentam, ainda, uma confiança em uma força superior, forma de segurança que, segundo Feltmann (2002, f. 66), serve “como apoio nos momentos de maior desamparo, onde as ações do governo estão ausentes”. Também em Bouguerra (2004, p. 135) está presente esse comportamento de religiosidade no depoimento de uma aldeã da África do Sul: “nós somos obrigados a escolher entre a comida e a água. Então, compramos o que comer e rezamos para que a água não nos deixe doentes”.

Strang (2004, p. 28) também discute esse domínio sobre a água. Para isso, se reporta a Goldsmith (1794):

Deus nos contemplou com habilidades para verter esta grande extensão de água para nosso próprio proveito. Ele fez essas coisas, talvez, para outros usos; mas Ele nos deu facilidade para converter isso para nós próprios... Vamos então, corajosamente afirmar, que a terra, e todas as suas maravilhas, são nossas, já que nós somos providos de poder para dirigi-las ao nosso serviço⁴⁴ (GOLDSMITH, 1794, p. 143 *apud* STRANG, 2004, p. 28, tradução nossa).

Ela salienta ainda que essa idéia da água como uma obrigação cristã não desapareceu totalmente, pois os cidadãos, quando pagam suas contas, somente o fazem pela execução e operação do sistema de abastecimento (STRANG, 2004, p. 28), ou seja, pelo pagamento do que a técnica possibilita: o acesso da água na torneira no domicílio.

⁴⁴ Do original em inglês.

O agradecimento a Deus que aparece nos discursos incluídos nesta pesquisa também foi registrado nos depoimentos do trabalho realizado por Strang (2004, p. 58, tradução nossa): “Obrigado, Deus, por ter criado isto”⁴⁵.

A maioria dos sujeitos acredita que existem pessoas que não têm acesso à água em casa (31/40). Essa visão global da questão só foi unânime pelo grupo de sujeitos de Jardim Camburi, possivelmente por causa da melhor condição de acesso à informação, já que a maioria do grupo possui 2º grau completo (6/10).

“A gente vê aí na televisão, né? Ainda muita carência...” (ICa); *“Se vê que tem lugares aí que nem água pra beber eles têm, né?... Acho que nem todo o mundo tem o privilégio que a gente tem!”* (ST); *“Tem muita gente que não tem, né?”* (JC).

Há aqueles que acham que todos têm acesso à água. Talvez isso se dê pelo fato de ele e as pessoas do bairro não sofrerem com o problema, o que se estenderia a todas as pessoas do mundo (6/40):

“Eu acho que hoje é muito difícil não ter alguém que não tenha água encanada em casa. Hoje em dia a CESAN está ajudando muito nessa área, né? Porque a gente vê vários lugares bem distante que já têm a água encanada, tudo direitinho. Isso aí está diminuindo muito, né?” (MSe).

Interessante nesse discurso é atentar para a maneira como os sujeitos reduzem o “mundo” à área de alcance da CESAN, como se a empresa pudesse abastecer toda a população mundial. Eles mostram uma visão da questão limitada ao espaço próprio. Ainda afirmam que o acesso à água está deixando de ser um problema. A falta de informação aparece de forma clara, dado que grande parte da população mundial não tem esse acesso. Como lembra Bouguerra (2004, p. 16-17), a triste realidade do número de crianças que morrem no mundo diariamente por doenças veiculadas pela água não aparece na televisão. E, ainda, de acordo com o RDH 2006: “Esta privação pode ser medida por estatísticas, mas os números não mostram os rostos humanos dos milhões de pessoas a quem é negada a oportunidade de realizar o seu potencial” (PNUD, 2006, p. 17).

⁴⁵ Do original em inglês.

Cairncross e Feachem (2005, p. 47) discutem sobre os enganos na percepção do acesso à água por parte daqueles que pensam que o acesso é para todos. Pelos dados da OMS de 1988, somente cerca de 65% das casas têm ligações à rede, e 20% têm acesso a chafarizes públicos, metade dos quais são intermitentes. Quando se trata da população rural, somente 60% têm acesso à água segura, e apenas uma pequena parcela dessa porcentagem tem ligações prediais (*Ibidem*, p. 47).

A maioria dos sujeitos acha que o fato da comunidade ter acesso à água é tão importante quanto eles próprios o terem (30/40):

“Acho que a mesma importância pra mim, né?” (MSe); *“É o bem mais precioso que tem, todo mundo gosta!”* (ICa); *“Ah, é ótimo para eles também! Deus me livre as pessoas sem água, ué? Todo mundo tem que ter água, todo mundo merece ter água, né?”* (ST); *“Ah, eu acho fantástico, sinceramente maravilhoso, se todos todos pudessem ter, se toda a comunidade, onde existe o ser humano, né? Eu acho que quase todo mundo deve dar muita importância a água, eu acho maravilhoso, né?”* (JC).

3.1.3 A água é um direito humano

Nos discursos, é visível a consciência sobre o acesso desigual à água e uma crença de que ela seja um dom de Deus. É sugestivo pensar que por isso ela também é reconhecida como direito de todos:

“Ah, eu acho que todo mundo deve ter, né? Com certeza um direito, né? Porque a água, ninguém é dona dela, é da natureza, ela é de Deus...” (MSe); *“Todo mundo tem direito, né? E tem muitos que não têm”* (JC).

De acordo com o RDH 2006 : “A água, a essência da vida e um direito humano básico, encontra-se no cerne de uma crise diária que afecta vários milhões das pessoas mais vulneráveis do mundo — uma crise que ameaça a vida e destrói os meios de subsistência a uma escala arrasadora” (PNUD, 2006, p. 17).

O acesso à água potável deve ter a sua distribuição de forma igualitária e justa, conforme está previsto no RDH 2006:

Todas as sociedades estabelecem limites à extensão justificável da desigualdade. A forte desigualdade do acesso à água potável doméstica ou à água produtiva no campo não cumpre os critérios de distribuição justa, especialmente quando associada aos elevados níveis, evitáveis, de morte infantil ou de pobreza (PNUD, 2006, p. 4).

O direito ao serviço de água está cada vez mais popular segundo Ward (1997, p. 6-7), citado por Strang (2004, p. 31, tradução nossa), que afirma:

Este dever moral obrigatório para assegurar-se de que cada casa tivesse acesso ao abastecimento de água limpa e disposição segura para os esgotos foi lentamente aceito em toda parte. Isto veio rapidamente para as cidades, onde as conseqüências da falta de reconhecimento deste dever eram óbvias⁴⁶.

Na pesquisa de Strang (2004), um entrevistado também enxerga a água como um direito de todos: “Nós temos direito a isso — como todas as pessoas neste país —, à água. Você está tratando de um recurso que é... Basicamente essencial para a vida e, portanto, precisa ser direito de todos”⁴⁷ (*Ibidem*, p. 132, tradução nossa). E ainda, segundo Bouguerra (2004, p. 150), “a cultura tradicional indígena, certamente, teve aqui um papel-chave: a água é um dom do céu e foi, desde sempre, administrada coletivamente”.

O Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, também considera a água como direito humano:

O acesso à água segura é uma necessidade humana fundamental e, portanto, um direito humano. A água contaminada põe em risco tanto a saúde física quanto à saúde social das pessoas. Isto é uma afronta à dignidade humana⁴⁸ (WHO, 2003b, tradução nossa).

3.1.4 A necessidade de apoio aos excluídos por parte das autoridades

Há aqueles que entendem a água como uma questão de saúde, apontando para a necessidade de apoio por parte das autoridades àqueles que não têm condições financeiras, principalmente os que moram em lugares mais carentes. Eles sugerem a implantação de um programa de auxílio por parte do governo (3/40):

“Ah, podia ser feito um programa... Num sei, social ou federal... Um programa que ajudasse essas famílias... Sem água, sem higiene em casa, não tem como a pessoa ter saúde não” (MSe); *“Porque muitas pessoas têm condição... Quando mora nos morros é difícil!”* (ICa).

⁴⁶ Do original em inglês.

⁴⁷ Do original em inglês.

⁴⁸ Do original em inglês.

As figuras 3.1 e 3.2 (A) e (B) mostram imagens de como era Mangue Seco nesse passado relatado pelos entrevistados. A Prefeitura Municipal de Vitória vem desenvolvendo obras de melhoria nas áreas carentes do município por meio do Projeto Terra.



FIGURA 3.1 – Imagem de Mangue Seco antes da atuação do Projeto Terra
Fonte: Arquivo Projeto Terra – PMV. Década de 1980

Esse pensamento também é compartilhado por Feltmann, que compreende a existência de condições básicas como uma questão de saúde, argumentando:

Por que não se investir em ações, a fim de propiciar ou mesmo criar possibilidades ao sujeito, para a obtenção de uma morada digna. Não é de luxo que se está falando, e sim de condições para uma vida com dignidade, atendendo, no mínimo, as necessidades básicas do viver. Não seria isso uma questão de saúde? (FELTMANN, 2002, f. 78).



(A)



(B)

FIGURA 3.2 (A) e (B) - Imagens de casas em Mangue Seco antes da atuação do Projeto Terra

Fonte: Arquivo Projeto Terra - Década de 1980

Vários autores mostram, assim, um sentimento de solidariedade aos excluídos. Entretanto, faz-se necessário considerar a disponibilidade técnica, a disposição para um trabalho mais humano por parte dos técnicos, e o papel da comunidade na busca da melhoria da qualidade de vida pois, lembrando Bouguerra (2004):

Contrariamente ao que muitas pessoas pensam, a técnica sozinha não poderia resolver definitivamente os problemas, principalmente porque o sucesso de uma tecnologia depende em larga medida da atitude da população, ela mesma, e da maneira como ela integra seus projetos (*Ibidem*, p. 125).

3.1.5 As percepções sobre as pessoas que não têm acesso à água em casa

A maioria dos sujeitos declara que as pessoas que não têm acesso à água sofrem (21/40). Eles apresentam um discurso a partir de seu próprio sentimento, ou seja, como se estivessem no lugar das vítimas, apontando, entre outras coisas, para o custo que isso representa: a falta de conforto e o risco à saúde. É interessante notar que os sujeitos de Jardim Camburi, quando questionados sobre a importância do seu próprio acesso à água, não destacaram seu uso para lavar as mãos. Porém, quando a questão é para o uso do outro, a necessidade aparece:

“É, a água não tem como ficar sem não! ... Eu vejo quando eles, assim passa no jornal, né? Porque passa na televisão aí esses lugares, aí que as pessoas morrem de sede, né? Eles carregando água no balde, aquelas latinha de água, pra lavar, pra tomar banho, usando canequinha... As pessoas sofrem. Sofrem demais. Sofrem porque fica aquela vontade de ter, mas não tem condição nenhuma de poder comprar os encanamentos pra puxar, às vezes não tem dinheiro, né? E você sabe que a CESAN... Não faz isso de graça, sempre tem que ter aquela taxa e se a pessoa não tem, vai continuar abrindo um poço, vai beber aquela água, né? Ah, eu acho que é muito difícil, né? Ah, elas estão perdendo muita coisa, a oportunidade de não sofrer tanto, ter uma vida mais leve, mais saudável, né?” (ICa); “Eu acho que elas têm mais dificuldade ainda pra poder viver. Olha, acho que deve passar uma vida bem difícil” (ST); “Deve viver numa situação bem precária, né? Sujeita à doença, porque não toma banho, né? A água toda hora é necessária, né? Lavar as mãos, tomar banho, beber água, então, sem a água afeta assim, deve ser difícil, né? Ficar carregando a água ou indo atrás da água. Eu acho que, isso aí é até um crime, eu acho, né? Porque ficar sem água? Já pensou você carregar água?... Você abrir a torneira e não ter água, eu não me imaginaria sem água não, sinceramente... Vivem cheios de problemas, doenças, crianças com problemas, é, tem que ter essa água tratada, eu acho que teria que ter. Sofre muito não, né.” (JC).

Vale destacar a afirmação do RDH 2006: “Todos os cidadãos devem ter acesso a recursos suficientes para satisfazer as suas necessidades básicas e levar uma vida digna. A água potável faz parte do mínimo social, com um requisito mínimo de 20 litros por pessoa e por dia” (PNUD, 2006, p. 3).

Oito sujeitos encontram, no descaso do governo, outra razão para a falta de acesso à água. Há quem cite a corrupção como causa do descaso. Na ocasião em que estas entrevistas foram realizadas, estavam sendo divulgados na mídia escândalos de corrupção na política nacional:

“Ah, eu acho que... Falta de cuidado do governo com a população, né? Então, uns têm demais, outros têm de menos, outros não têm nada. Eu acho que é por falta de... De recurso, não chegou até lá...” (ICa); “Eu acho que é um pouco do descuido do governo também, entendeu? Porque se eles realmente se esforçassem, tinha como colocar água pra eles, porque eles gastam com tanta coisa, por que não vê esse lado, entendeu? Eu acho que o governo deveria se desempenhar mais, né? Eu acho que é falta de interesse das pessoas, não? Das pessoas que mandam, que governam as coisas” (ST); “Eu acho que é o lado social, né?”

É a exclusão social que vive o povo, essa questão da má distribuição de renda, né? Eu acho, o governo ou as pessoas que estão dentro da área, vamos supor, principalmente quem trabalha na área da CESAN, deveria fazer o possível, porque eu acho que é má vontade também, muito, deles, de fazer as coisas, falta de boa vontade. Eu vejo só pela política que está acontecendo no nosso Congresso, você vê porque um dos motivos, essa corrupção” (JC).

Ao mesmo tempo, oito sujeitos declaram não saber o motivo de umas pessoas terem acesso à água e outras não:

“Algumas pessoas têm água em casa e outras não têm... Essa aí eu não vou saber responder não!” (ICa); “Ah, isso aí eu não sei! Sinceramente eu não sei” (ST); “Eu não sei, aí eu já não sei nem te responder” (JC).

Nestes discursos, os entrevistados afirmam que não sabem responder, é sugestivo pensar que eles não sabem responder por que não existe mesmo uma resposta a isso. Porque não ter acesso à água em casa é uma situação indigna e malvada, uns terem acesso e desperdiçarem e outros não terem nada. A água é uma dádiva da natureza para a vida, dádiva que foi “seqüestrada” de alguns, de muitos, algo incompreensível e a ser percebido somente com o sentimento e às vezes com a revolta e não com palavras. “Sem água nós morremos! A água é uma dádiva da natureza!”⁴⁹.

Um sujeito em Santa Teresa aponta como razão o desperdício de água por pessoas que têm acesso a ela:

“Eu acho que muita gente assim, desperdiça a água e isso faz com que outras pessoas às vezes, fiquem em falta. Desperdício de uns, desperdício de outros, aí faz com que o local também não tenha água” (ST).

Enquanto isso, nove sujeitos, seis deles de Jardim Camburi, declaram que as pessoas não têm água em casa porque não se esforçam para isso:

“Podia fazer uma forcinha e ter, né? Oh, eu acho que aí é... Parte das pessoas, interesse deles, de muitos, deveria fazer uma força pra botar, né? Ah, falta de... Controle dentro de

⁴⁹ Fala do Prof. Jorge C. Valadares, gravada em reunião de orientação em 05/12/2006.

casa” (ICa); “Às vezes é falta de desenvolvimento, é falta de cultura também, né? Porque aí depende do lugar onde essas pessoas vivem, né? Que por exemplo, cidade é difícil, né? A

pessoa não ter! Agora uma pessoa que mora em local de difícil acesso, tem esses cantos de rua, né? É difícil pra pessoa ter água em casa, energia, é muito difícil na periferia que não tem água e tal, fica difícil, né? Tem gente que não tem condições dele mesmo fazer a instalação de água, depende do governo e outros já tem mais facilidade, né? É, eu acho que assim, quanto mais carente, né? Mais difícil, eu acho assim, quanto mais carente o bairro, entendeu? Às vezes quanto mais carente a prefeitura ou coisa, as coisas ficam mais difíceis, o acesso à água, o acesso à luz, o acesso a tudo, né? Eu acho falta de esforços deles também, que se você quiser você faz, não faz? Corre atrás! Um pouco relaxamento, do dono da casa por não correr atrás” (JC).

3.1.6 A comunidade desperdiça água

Apesar da discussão sobre a escassez da água mundial ser uma questão tão importante e presente nos dias atuais, somente três dos quarenta entrevistados apontam para o problema do desperdício:

“Tem muitas pessoas que desperdiça água, que lava calçada, lava carro, deixa a mangueira ligada, muito desperdício, depois quando falta água, fica reclamando, faltou água, que não sei o que lá, e a gente passa e pensa, está vendo, oh, o Zé Mané estava lavando ontem o carro ali com torneira ligada, hoje está aí querendo água e não tem a água” (ICa); “Olha, às vezes eu acredito que a comunidade, ela não dá muito valor a água que eles têm, não! Porque às vezes você vê eles lavando pedra, vê pessoas, às vezes, desperdiçando água aí, entendeu? Infelizmente aqui em baixo é quase um desperdício. Porque às vezes deixam a torneira aberta aí gastando água direto” (ST).

Esses depoimentos mostram a falta de importância dada por muitos ao uso adequado da água no domicílio, ou seja, alguns usam exageradamente, enquanto outros não têm acesso ao mínimo que atenda às suas necessidades diárias. Isso mostra a necessidade de se repensar meios que possam motivar as pessoas a modificarem suas atitudes com relação ao uso da água.

3.1.7 Mudança no modo de vida

Na vida de onze entrevistados, ocorreu uma radical mudança no cotidiano: da necessidade de carregar água na cabeça e disputá-la, como faziam nos tempos de infância, para o conforto da torneira no domicílio; do banho de caneco ao banho de chuveiro:

“A água, nós tinha uma água aqui, que só Deus sabe!... Carregava a água todinha na cabeça... Na vista que eu era, hoje eu estou no céu...” (MSe); “A gente não tinha água encanada, né?... Eu com idade de 9 anos, carregava água na cabeça, na lata... Nós já usamos também assim, tomar banho de caneco, né? Essa água da gente aqui foi uma luta... Pelo menos a gente saiu da lata, dos barris, da disputa... Nossa Senhora, a água da CESAN hoje na nossa vida é muito importante!” (ICa); “Hoje eu vivo num paraíso, poder tomar banho de chuveiro, né?” (JC).

Estes depoimentos apontam para os valores essenciais da vida, “seqüestrados” de alguns e deslocados para o supérfluo de outros. Observa-se a valorização do simples evento de a água “correr na torneira”, o que só é possível pela técnica. A questão da água pode ser considerada como essencial, independente da possibilidade de transmissão de doenças. A necessidade de transporte da água, dado o seu peso, por longa distância ou ainda para habitações localizadas em cotas mais altas, lesam a coluna vertebral, como também influencia na disposição para a vida. A mãe que deve buscar água para a sobrevivência de sua família, também precisa, em média, de cerca de 3 horas do dia para o seu deslocamento para ir ao trabalho e retornar à casa. Assim, não sobra tempo para cuidar dos filhos. Isso leva a um desânimo e até mesmo a um cansaço da existência.

Essa percepção também foi apresentada por um representante da OMS no Fórum Mundial da Água em Quioto (março de 2003), citado por Bouguerra (2004):

O fornecimento de água potável aos domicílios, por meio de canalizações, seria provavelmente a maior melhoria para a vida das populações. Fornecer água potável aos domicílios ou num raio de um quilômetro destes, permitiria escolarizar e, portanto, liberar da tarefa obrigatória da água a inúmeras meninas; isso significaria um grande progresso, inicialmente, para a família e, em seguida, para a comunidade (*Ibidem*, p. 117).

Nesses depoimentos é interessante destacar a alegria demonstrada diante do fato de se receber a água corrente em casa e da possibilidade de um banho de chuveiro em vez do uso do caneco. Está claro o sentimento por aquilo que é considerado essencial à vida. Disso pode-se

tirar uma lição: possivelmente, essas pessoas são mais felizes do que tantas que têm o acesso à água em casa e não se dão conta disso. Passam a vida percorrendo shoppings pelo planeta afora em busca de alegria.

A maioria dos sujeitos (38/40) considera que o serviço de água é tão importante como o serviço de saúde:

“Sem água, sem higiene em casa... Não tem como a pessoa ter saúde, não...” (MSe); *“Eu acho que todos são iguais, né?... Não tem diferença não!”* (ICa).

Entretanto, em Jardim Camburi, onde o nível socioeconômico é mais alto e não há dificuldade em se ter acesso à água, um entrevistado considera o acesso ao serviço médico mais importante:

“Então, um e outro, vamos dizer, entre um médico e você ter a torneira dentro de casa, eu sou mais o médico”.

Já em Santa Teresa, onde o problema com o acesso à água é uma questão cotidiana, um dos moradores diz que o serviço de água é mais importante:

“Se tem alguma diferença?... Eu prefiro mais a água!”

3.1.8 A responsabilidade do acesso ao serviço de água

Quanto à responsabilidade do acesso ao serviço de água em casa, de acordo com as opiniões ouvidas, foi apresentada uma diversidade de idéias. Há os que têm a opinião de que o estado é o responsável por este serviço (16/20). A partir da idéia de que ter acesso à água é “obrigatório”, é possível que acreditem na existência de uma legislação que garanta esse direito ao cidadão:

“Por culpa do governo, né? Porque com certeza todo mundo tem que ter, né? Porque é obrigatório, né?... Ah, da prefeitura e do governo, né?” (MSe); *“Eles fala, fala, fala e não faz nada, né?”* (JC).

Ao mesmo tempo, verificam-se aqueles que acreditam que essa responsabilidade é do governo, mas compartilhada com a comunidade (7/40). Eles apontam para a importância da

participação dos moradores na busca de apoio do poder público no atendimento às suas necessidades básicas.

“Parte do governo e parte da sociedade também, entendeu? Olha, eu acho que envolve uma série de pessoas, né? O governo e a própria comunidade, a própria pessoa que de repente vai morar num local difícil, né? ... Se a gente tivesse um pouco de participação, um pouquinho de vontade, não faltaria nada pra ninguém, inclusive a água” (JC).

É sugestivo questionar se alguém, por livre e espontânea vontade, “escolheria” morar em lugares que não apresentam condições mínimas de habitabilidade, ou se é o nível socioeconômico que determina isso.

Há, também, aqueles que acreditam que essa responsabilidade é das companhias de saneamento e do prefeito (3//40):

“É das empresas, né? Que tem as águas, né? A CESAN, as outras que eu não sei o nome...” (ST).

Também há os que acreditam que essa responsabilidade é do próprio indivíduo (3/40):

“Somos nossa mesmo, né? É do próprio morador! Da própria pessoa, todo mundo tem que fazer uma forcinha pra botar, todo mundo tem que lutar, né?...” (ICa).

E, ainda, observam-se aqueles que declaram que não sabem de quem é a responsabilidade do acesso à água em casa (2/40):

“Sei lá... Não tem como explicar...” (ICa).

3.2 A origem e as características da água de consumo utilizada no domicílio

A tabela 3.2 mostra uma síntese das Idéias Centrais e Ancoragens referentes ao sub-tema 2.

TABELA 3.2 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 2: Origem e características da água de consumo utilizada no domicílio

Idéia Central		Ancoragem	Número de Sujeitos/Área			
			MSe	ICa	ST	JC
A origem da água da CESAN	Vem do rio	Mídia	04	07	04	06
	Vem do sistema de tratamento		01	-	-	-
	Vem do tratamento dos esgotos das casas		1	-	-	-
	Não sabe de onde vem		03	03	05	02
	Não sabe o caminho que a água faz para chegar em casa		-	10	09	08
A qualidade da água da CESAN	É boa		07	07	08	08
	É limpa, mas pode apresentar alguma alteração		03	05	06	05
	Não é boa		-	01	-	02
Diferença entre a água de beber e a água para outros usos	Existe		06	04	09	09
	Não existe		03	06	01	-
A água que se bebe	Filtro domiciliar	Mídia	04	05	06	06
	Água da torneira		-	01	01	-
	Água envasada		02	02	03	04
	Água fervida		-	01	-	-
	Água de torneira coada com um pano		01	01	-	-
A água que é considerada boa para o consumo humano	Tem que ser limpa	Experiência de vida	02	01	-	-
	Tem que ser limpa e filtrada		04	03	02	02
	Tem que ser tratada		01	02	03	04
	Teria que ter um tratamento específico		01	-	-	-
	É a que consome		02	01	-	--
	Tem que ser potável		-	01	-	-
	É a água de mina		-	-	01	02
	É a envasada		-	01	04	01
Não sabe dizer	-	01	01	01		

Sobre qual água utilizam em suas residências, todos os entrevistados informam que recebem água da CESAN. Nenhum deles informou ter outra fonte de alimentação de água em suas casas.

3.2.1 A origem da água da CESAN

Diversas opiniões são apresentadas quanto à origem da água que a CESAN distribui. Os depoimentos mostram claramente a falta de conhecimento sobre a origem e o caminho que a água faz para chegar até suas casas. Cerca de 50% dos entrevistados acham que a água vem

do rio (21/40), mas a resposta é dada com um tom de incerteza. Não sabem informar de maneira correta o caminho que a água percorre até seus lares, assim como também não sabem como é o processo de tratamento da água que utilizam, apesar de declararem que ela passa por “*fases de tratamento*” para sua “*purificação*” antes de chegar às casas dos usuários. Além disso, cabe destacar a falta de confiança daqueles que detêm um pouco de conhecimento. Todos estes apresentam, em seu discurso, formas como “*ouvi dizer...*”, “*segundo eles...*”, “*dizem eles que...*”:

“Ah, eu já ouvi dizer que é dos rios, né?... Acho que é do Rio Marinho e do Rio Jucu... Segundo eles é tratada... Dizem eles que vão passando por fases de tratamento até chegar à residência das pessoas... De purificação” (MSe); *“Daqui do Rio Santa Maria, também, né?”* (ICa); *“Olha, vem do Rio Doce, né?”* (ST); *“O Rio Santa Maria, um dos rios, né? Tem outros rios mais, lá pro lado de Vila Velha...”* (JC).

Strang (2004, p. 197, tradução nossa) lembra que “as pessoas podem até saber que a água vem de longe, mas essa passa por uma imensa rede de tubos que são invisíveis: ela simplesmente aparece, jorrando pela torneira, como se ela viesse de uma fonte escondida debaixo da casa”⁵⁰.

As áreas de Mangue Seco, Ilha das Caieiras e Santa Teresa, que estão localizadas na área da ilha do município de Vitória, são atendidas pelo sistema de abastecimento de água de Vale da Esperança, que possui como manancial o Rio Jucu. Já a área de Jardim Camburi, localizada na parte continental do município, é abastecida pelo Sistema de Carapina, cujo manancial é o Rio Santa Maria. Interessante observar a falta de localização espacial do sujeito ao apontar o Rio Doce como manancial, considerando que esse rio fica a cerca de 300 km dessa área.

Há também um sujeito que acredita que a água vem do tratamento dos esgotos das casas:

“Vem das casas, não? Vem do tratamento lá da água do esgoto (risos)” (MSe).

E outro que acha que a água vem de um sistema de tratamento:

“Mas eu sei que é do sistema de tratamento deles, né?” (MSe).

Mas, há aqueles que declaram que não sabem de onde vem a água da CESAN (13/40) e apontam para as mais diferentes suposições, desde o Rio Amazonas ao aproveitamento da água do mar.

⁵⁰ Do original em inglês.

“Eu não sei, não sei te responder... Eu acho que hidrata, né?” (MSe); “Ai você me pegou, eu não sei! ... Rio Amazonas, né?” (ICa); “ Ah, eu acho que vem do Morro da Santa Clara, ali, do Bairro Jucu, né?” (ST); “Do lado da Serra, vou te falar que eu não sei... Do mar, né? Do mar não, dos rios, né? ... Deve ser pela floresta...” (JC).

A falta de conhecimento permeou todas as áreas, mas é interessante destacar que, apesar de a área de Jardim Camburi possuir nível de escolaridade mais elevado, dois sujeitos declaram que não sabem de onde vem a água, seis entrevistados acham que a água vem dos rios, mas mesmo assim sem a certeza de qual rio.

Ao atentar para a fala *“eu acho que hidrata, né?”* é importante considerar a finalidade que é dada ao tratamento de água, hidratar a água. Isto sugere pensar na idéia contrária ao que ocorre como possível consequência da diarreia que é a desidratação, ou seja, hidratando a água se combate a desidratação, e isso tem sentido, pois consumir uma água tratada não provocará a desidratação, consequência da diarreia.

Essa preocupação é também expressa por Strang (2004, p. 40-41), quando diz que no fim do século XX, moradores entrevistados em sua pesquisa tinham pouco ou nenhuma idéia da origem da água que chegava a suas torneiras. Ela afirma que existe a preocupação de tornar os sistemas de tratamento de água e de disposição de esgotos cada dia mais sofisticados, incorporando uma série de processos químicos e hidrobiológicos, que requerem habilidades técnicas ou conhecimentos científicos, sendo que esses conhecimentos são exclusivos dos especialistas e inacessíveis à maior parte da população.

Já a pesquisa realizada pela Gallup Organization's (2003) mostra que os estadunidenses têm conhecimento da origem da água de consumo. Sete em dez que recebem água de um sistema são capazes de identificar a origem da água que consomem.

3.2.2 A qualidade da água da CESAN

Os depoimentos neste estudo mostram a percepção sobre a qualidade da água sob dois principais ângulos. O primeiro, de que normalmente a água se apresenta em boa qualidade, e o outro é que, após a ocorrência de sua falta, a água se apresenta com alguma alteração nas características consideradas normais.

A maioria dos entrevistados (30/40) acha que a água da CESAN é boa e associam essa qualidade ao tratamento que recebe antes de chegar as suas casas:

“Olha, eu acho muito boa, porque é uma água tratada... Você nem paga o valor que tem ser pago por ela!” (MSe); *“A água da CESAN, eu acho ótima, né?... Aquele aspecto assim, muito bonito! Maravilhosa!”* (ICa); *“Eu não tenho o que reclamar, não!”* (ST).

É interessante atentar para a questão do valor dado a água em relação ao seu custo financeiro (*“você nem paga o valor que tem que ser pago por ela”*). Lembrando Bachelard (2002, p. 139), *“a pureza é uma das categorias fundamentais da valorização da água”* e que *“água pura e clara é, com efeito, para o inconsciente, um apelo às poluições”*.

Entretanto, existem aqueles que percebem a água como limpa, mas que pode apresentar alguma alteração (19/40). A percepção da falta da qualidade da água que chega à torneira e as implicações disso estão colocadas nos depoimentos, associadas ao sabor, cor, material em suspensão, contaminação bacteriológica ou problemas anteriores de saúde. Observa-se nos depoimentos a desconfiança quanto à qualidade da água sob o aspecto bacteriológico, mesmo esta apresentando aspecto considerado por eles ‘normal’ quanto a cor, odor e sabor:

“Ah, na maioria das vezes normal, assim, né? Ah, sem aparência de nada, visivelmente, nada, né?... Mas às vezes ela vem barrenta, mas não sei ali, né? Se for pesquisar mesmo, fazer, assim, um teste, se... Mas, provavelmente encontrará assim, algo assim, alguma bactéria, né? ... Bom, às vezes assim, com algum gosto forte, né? ... Mas o que eu penso disso aí é pra matar às vezes algum micróbio que eles põem lá na caixa d’água, né?” (MSe); *“Oh, tem época que ela... Ela é uma água que ela vem meia suja, né?”* (ICa); *“Olha, às vezes cai limpinha, às vezes ela cai um pouco barrenta, quando ela falta, que começa a vir de novo, ela cai um pouco, com bastante sujeira...”* (ST); *“Quando chove sim, aí fica aquela água suja, porque choveu, né?... Tem hora que ela está mais amarelinha, tem hora que ela está mais branquinha, com um cheiro muito forte de cloro... Acho que tem que ser um pouquinho mais tratada... Porque tem falhas... E ela é tratada e nós pagamos isso aí, né?...”* (JC).

Percebe-se que os sujeitos sabem da existência de organismos que podem ser prejudiciais à saúde, mesmo que não possam ser vistos a olho nu. Há também a preocupação em relação à possibilidade do risco de transmissão de doenças pela água. Os entrevistados atentam para

momentos em que percebem gosto na água, fazendo associação à presença de cloro, que acreditam ser colocado na água para eliminar possíveis microrganismos.

Piriou *et al.* (2004), na França e EUA, afirmam que o sabor de cloro na água de torneira é causa de reclamação e insatisfação. Levallois *et al.* (1999), no Quebec, Canadá, obtiveram resultados de insatisfação com a água de torneira em 50% dos consumidores entrevistados. Estudo realizado por Jones *et al.* (2006a) mostram que a preocupação mais presente nos participantes da pesquisa realizada no Canadá, com relação à qualidade da água, foi a contaminação bacteriana e química e seus efeitos negativos à saúde. Também a pesquisa da Gallup Organization's (2003), mostra que os estadunidenses estão mais preocupados com a qualidade da água em relação às questões referentes à saúde, seguidas pelo sabor e pelo conforto.

Os depoimentos apontam para os transtornos que ocorrem na intermitência da água, na influência das chuvas e na utilização do cloro como elemento eliminador de microrganismos prejudiciais à saúde. Registram a falta de confiança na água recebida, até mesmo depois de filtrada, como também o risco a que está exposta a população quando da falta da água. Mas, apesar de terem consciência disso, os sujeitos não tomam outra providência além de esperar a água escoar e voltar ao aspecto de limpeza ao qual estavam acostumados.

Somente no discurso de Jardim Camburi é que aparece a idéia de água como serviço, pois é lembrado que os moradores pagam pelo direito de recebê-la sempre com qualidade. Talvez neste caso haja a influência das características socioeconômicas destacadas por Turgeon *et al.* (2004).

Entretanto, existem aqueles que dizem que a água da CESAN não é boa (3/40), e sempre associam a falta de qualidade às suas características organoléticas:

“Ah, eu acho que não está sendo boa não, está vindo com muito cloro, entendeu? Não tem como beber não, muito cloro. Acho que faz até mal, né?” (ICa); *“Ah, tem dia que está barrenta... Agora o barro eu acho que é por causa da chuva, eu não sei se eles mexem lá também...”* (JC).

Na pesquisa realizada por Jones *et al.* (2006b) no Canadá, sobre a percepção da qualidade da água proveniente de sistemas privados de abastecimento, os resultados apontaram para uma percepção positiva, principalmente em grupos de pessoas de mais idade. O trabalho mostrou

que as pessoas mais jovens enfatizavam grandemente a necessidade de mais informações sobre o sistema de abastecimento e que os participantes de todos os grupos desejavam mais informações sobre as análises da água. Os autores destacam a necessidade de se buscarem estratégias públicas de educação que venham contemplar essa necessidade de informação da população.

Na pesquisa realizada por Julião (2003, f. 41) sobre a percepção da qualidade da água do sistema de abastecimento público de moradores de uma área periférica do município de Ribeirão Preto em São Paulo, nove das quatorze entrevistadas, diante da pergunta “o que você acha dessa água?”, declararam que a achavam boa. Para justificar essa resposta apontaram diversas razões: ser ótima, limpa, tratada, porque não faz mal ou ainda porque não pagam por ela. As cinco restantes informaram não achar a água boa e apresentaram as seguintes justificativas: “às vezes as crianças ficam doentes, com diarreia”; “tem dia que falta, apesar de nunca ter sentido gosto ruim”; “tem muito cloro”; “vem com terra e prejudica a saúde”; “deveriam tratar a água, deixá-la limpa”.

Pontes (2003), no Brasil, apresenta o seguinte relato sobre a qualidade da água de consumo:

Quando a água chega [a água da rede geral] chega é suja, escura, o cheiro é péssimo, um mau cheiro, não tem condição de fazer nada com aquela água... ela passa, eu acho, uma meia hora ou mais assim. Até a gente acha que é para gente desistir de usar. Eu fico até com medo de usar ela quando limpa. Eu digo: isso só saiu a cor (*Ibidem*, f. 7).

Percebe-se que os entrevistados também associam a qualidade da água ao aspecto, mas assim como os entrevistados desta pesquisa, apresentam desconfiança mesmo daquilo que não vêem.

Johnson (2003) em New Jersey, Estados Unidos, concluiu que as informações sobre a qualidade da água preocupam os consumidores e podem mudar atitudes e comportamentos. McGuire (1995), nos Estados Unidos, alerta para o fato de que se os consumidores detectarem a presença de sabor na água, eles poderão acreditar que a água não é segura. Melaku e Ismail (2002), na Etiópia, mostram que as conseqüências sobre o consumo de água de fontes não seguras são claramente entendidas pelos entrevistados. Informam, por outro lado, sobre a existência de uma lacuna entre o conhecimento e a preocupação (baseada em uma percepção errada) com o sabor do cloro na água de consumo, daí a necessidade de programas educacionais que possam dar ênfase a essa questão.

3.2.3 Diferença entre a água de beber e a água para outros usos

Quanto à diferença entre a água de beber e a água para outros usos, muitos opinam que existe essa diferença. Eles afirmam que, apesar de a água recebida já ser tratada, faz-se necessário um tratamento doméstico adicional, seja pela filtração ou mesmo pela fervura (28/40). Nesses depoimentos mais uma vez está colocada a desconfiança na qualidade da água recebida.

“A diferença é que tem que ser filtrada, né? Que se a gente beber a água do jeito que ela vem, às vezes, igual vem barrenta daquele jeito, a gente pode consumir alguma coisa, né?... Porque você vai tomar água direta da torneira? E as bactérias?... A gente vê que é limpa, mas só através de microscópio pra ver se tem alguma coisa ali!” (MSe); “Porque a água pra lavar roupa já sai da torneira, né? E a pra beber a gente pega do filtro ou a gente compra água mineral” (ICa); “Porque a água filtrada mesmo que ela já passou por esse processo todinho, até chegar a minha casa ela... Ainda tem que ser mais um pouco cuidada pra gente tomar” (ST).

Pontes (2003) mostra o seguinte relato:

Nós não temos segurança da qualidade da água, realmente, que nós bebemos. Para o gasto, qualquer água serve. Numa necessidade, qualquer água serve. Agora, para beber, para consumo, não. Para consumo é diferente. É uma preocupação geral das pessoas, na hora de beber, de ingerir um copo de água. Será que é de qualidade? Será que está contaminada? Será que é isso e aquilo outro? (*Ibidem*, f. 79).

Observa-se aqui opinião semelhante quanto à existência de diferença entre a água de beber e a água para outros usos, como também a desconfiança no que diz respeito à qualidade da água para consumo.

Entretanto, há os que acreditam que não existe diferença entre a água de beber e a água para outros usos (11/40):

“Não, é uma água só... Eu uso água da torneira, pra tomar, pra beber, pra cozinhar, pra tudo com a água” (MSe).

3.2.4 A água que se bebe

Quanto à água utilizada para beber, apareceram diferentes percepções. A água precisa ser filtrada para o consumo (21/40), pois os entrevistados afirmam que ela vem limpa para todos

os usos, exceto para beber: para este fim seria necessário que a água fosse um pouco mais limpa. Achrom que a água muda de aspecto ao passar pelo filtro domiciliar. Segundo eles é necessário filtrar a água, pois é possível que a água da CESAN venha com microrganismos e possa trazer algum prejuízo à saúde:

“Ela vem limpa assim, pra lavar, né? Pra cozinhar, agora pra gente consumir ela, não vem totalmente pra gente consumir ela, né?... Tem que limpar mais um pouquinho, né? Quando a água da rua, ela vem às vezes um pouco amarelinha, e tal, e a água já filtrada que a gente bota assim no filtro, aquela água branquinha, né? Mesmo ela passando pelo aquele processo da CESAN, a gente tem que filtrar, né? Por causa da saúde da gente. Eu acho que pra gente tomar tem que ser filtrada. Porque você vai tomar água direta da torneira? E as bactérias?... É porque não dá pra ver, né? A gente vê que é limpa, mas só através de microscópio pra ver se tem alguma coisa ali!” (MSe).

Há quem declara que bebe a água direto da torneira (2/40):

“Pra mim não existe não, porque eu bebo da torneira (Risos)” (ICa).

Numa pesquisa realizada na Bretanha, em 2001, com 1.006 fazendeiros, foi feita a seguinte pergunta “você bebe água da torneira?”. Bouguerra (2004, p. 153) relata que 53% dos entrevistados responderam que “nunca”. Quando perguntados “por que motivo?”, 57,7% disseram “pelo gosto ruim”; 37,8% “por medo de doenças”; 36% “pelo cheiro” e 23,8% “por causa da sua cor”. Com relação à causa desses problemas, 73% responsabilizaram a agricultura e sua série de nitratos, pesticidas, hormônios, antibióticos e outros químicos.

Mas há aqueles que compram água envasada (11/40). Interessante constatar que apesar das dificuldades financeiras que enfrentam para dar conta dos elementos mínimos à sobrevivência, compram água envasada. Justificam isso dizendo que a água envasada tem gosto diferente, e até atribuem a isso uma eventual falsa impressão. Na opinião deles, o correto seria utilizar a água envasada para uso também no preparo de alimentos, mas dizem que isso seria muito caro.

“Eu prefiro comprar água mineral pra tomar. Ué, porque você já não pode comprar água mineral pra fazer outras coisas, fazer comida, que seria o correto, né? Aí, se você compra pelo menos pra você tomar, já ajuda, né? Porque se você for comparar uma água mineral, ela é diferente da água da CESAN, que vem da rua. Ah, sei lá! Parece que ela é mais...”

Gostosa, a água mineral. Deve ser sim, às vezes, quisicológico, né?” (MSe); “A água que a gente compra é bem melhor! Especial, eles falam, né? Eu não sei! Ela tem um gosto diferente” (ICa); “Eu uso a água encanada só pra uso doméstico mesmo, entendeu?” (ST); “Se a da CESAN fosse mais limpa, né? Uma água menos poluída, a gente poderia estar usando a da CESAN, também!” (JC).

Interessante observar a crença dos sujeitos na qualidade da água envasada, criando fantasias sobre seu gosto ou mesmo sonhando em possuir um nível socioeconômico mais elevado para somente dela consumir.

Nos períodos em que foram realizadas as entrevistas era comum ver passando nas ruas os caminhões de revenda de água envasada. Na área de Santa Teresa, que é uma região de característica topográfica acidentada, via-se a presença de caminhões de menor porte, dada a dificuldade de circulação pelas ruas estreitas e íngremes, e sempre com música anunciando a sua passagem. A literatura registra vários trabalhos que apontam a preferência do consumidor pelas águas envasadas e mostram até resultados de presença de contaminação em algumas delas.

Strang (2004, p. 116) discorre sobre a diferença das percepções de gosto das águas de poços e da água da torneira. Ela afirma que o gosto das águas naturais é mais comumente aceito e, quanto à água de torneira acredita-se que, pelo fato de a água ter sido captada, tratada e distribuída, ela possa ter sofrido adulteração e ter tido a sua “naturalidade” comprometida.

Ferrier (2001, p. 4) comenta que o consumidor acredita que a água envasada seja mais segura do que a água de torneira, pois é tida como tal, o que não corresponde necessariamente à realidade. A ocorrência de doenças associadas à água de consumo nos países em desenvolvimento tem um grande impacto sobre a atitude das pessoas.

Doria (2006, p. 273-274) concluiu em sua pesquisa que os dois principais fatores que levam as pessoas a consumirem água envasada são a insatisfação com as características organolépticas da água de torneira, especialmente sabor, e a preocupação com o risco à saúde.

Pitaluga (2006, f. 6) aponta, como razões para tal consumo, a crença de que a água mineral possua qualidade superior e a preocupação dos consumidores com aspectos ligados à saúde, estilo de vida e corpo.

Há, nesta pesquisa, um depoimento em que aparece a prioridade do uso da água envasada para as crianças. Caso não se tenha dinheiro suficiente para comprá-la para todas as pessoas do domicílio, os adultos consomem água do sistema:

“Pra beber, a gente às vezes até bebe, a gente vai na torneira pega água e bebe às vezes, agora pra ela e o menorzinho eu dou água mineral. Porque são pequenininho, né?” (ICa).

A preocupação com as crianças mostrada nesse depoimento também é explicitada pela OMS WHO (2003a), que declara que as crianças são particularmente vulneráveis à poluição ambiental e não podem ser consideradas como “pequenos adultos”. Elas estão particularmente expostas às toxinas da água, dos alimentos e do ar, porque elas bebem mais água, precisam de mais alimentação e respiram proporcionalmente mais que o adulto. Também, elas absorvem mais das propriedades dos alimentos que consomem. Enquanto os adultos absorvem 10% dos metais presentes nos alimentos, as crianças absorvem 40%. Algumas doenças – como alergias, asma e outras doenças respiratórias, disfunções do desenvolvimento e diarreia – relacionadas a fatores ambientais estão aumentando, principalmente entre as crianças. Segundo Margot Wallström, citada em WHO (2003a, tradução nossa)⁵¹:

As crianças são por várias razões particularmente vulneráveis à poluição ambiental no que afeta a sua saúde. As crianças são também impedidas na participação no processo de decisão e têm ainda possibilidades limitadas para influenciar seu futuro e o seu ambiente. É entretanto o nosso dever assegurar que as crianças disponham de saúde para começar a vida. São seus direitos básicos.

Foi registrado, também, um sujeito que declara que para os visitantes também é oferecida água do sistema de abastecimento público:

“Às vezes chega alguém, assim, eu tenho pouca água no galão, lá no bebedouro, aí eu dou da água gelada que tem na geladeira, que é do filtro, entendeu?” (ST).

Há um sujeito que apresenta a alternativa de fervura da água para consumo:

“Mas, geralmente, eu fervero a água e boto na geladeira” (ICa).

Há também dois outros entrevistados cuja alternativa é coar a água:

⁵¹ Do original em inglês.

“Até botei um paninho ali na pia, eu estou com medo, eu tenho que comprar um filtro urgente, mas eu estou usando ela assim” (MSe); “Bom, por enquanto eu estou sem o filtro. Eu estou pegando água da torneira mesmo, da CESAN, né?... Mesmo assim, eu boto um paninho assim, na boca da torneira, pra coar mais ainda, né?” (ICa).

Nichter (1985, p. 667-669) discute a prática de fervura da água e como as mensagens de saúde pública são interpretadas pelas pessoas em países em desenvolvimento. Ele alerta para os prejuízos que podem ser trazidos à população quando essas informações são mal interpretadas.

Jardine *et al.* (1999, p. 97) afirmam que uma parcela substancial dos consumidores está recorrendo a alternativas ao sistema de abastecimento de água, devido a preocupações com características estéticas e com a saúde. A pesquisa desenvolvida por Falahee e MacRae (1995, p. 327) por meio de uma análise em escala multidimensional da escolha da água pelo sabor, mostra que entre 13 diferentes tipos de água, os participantes preferiram águas envasadas e águas não tratadas. Também Jones *et al.* (2006a, p. 125) apresentam resultados de um estudo em que 56% e 61% dos participantes usavam em casa dispositivos de tratamento da água e água envasada, respectivamente, principalmente por perceberem melhoria na segurança e qualidades estéticas em comparação com a água proveniente da torneira. Levallois *et al.* (1998, p. 233) também encontraram o percentual de 56% dos participantes do estudo usando água envasada e água filtrada. Esses autores sugerem ser necessário se obterem dados mais recentes sobre o consumo de água de acordo com o tipo de água que as pessoas estão bebendo. Aconselham também uma avaliação dos padrões da água de consumo entre os consumidores, sendo para isso necessário o emprego de técnicas que levem em conta as particularidades específicas do consumo atual da água.

Também Levallois *et al.* (1999, p. 135) obtiveram resultados de que 50,8% consumiam água da torneira com regularidade e 42,7% consumiam água envasada. A não satisfação com a qualidade da água de torneira não foi associada a problemas de saúde, mas sim às características organolépticas da água, ou seja, 14% estavam insatisfeitos com o odor e 30,6% com o sabor. Esses autores consideram que tais dados demonstram uma necessidade de avaliação mais séria sobre essa questão.

Resultados similares foram encontrados por Jones *et al.* (2006a, p. 125), mostrando que o consumo de água envasada foi comum, representando a fonte primária de consumo por

aproximadamente 27% dos participantes da pesquisa, enquanto 49% usaram dispositivos domésticos de tratamento da água de torneira em casa.

A pesquisa realizada pela Gallup Organization's (2003, p. 6) mostra que 1 em cada 5 estadunidense consome exclusivamente água envasada e que o crescimento desse consumo nos EUA, de 1995 a 2000, apresentou uma média de 10% ao ano. Essa pesquisa mostra também que o consumo de água envasada, filtrada ou fervida se deve à detecção de sabor, odor e cor na água da torneira, às informações sobre poluição que os jornais veiculam e ao conforto que essa forma de consumo pode proporcionar.

3.2.5 A água que é considerada boa para o consumo humano

As opiniões sobre qual seria a água boa para o consumo humano são também as mais diversas. Há aqueles que dizem que uma água boa para o consumo humano tem que ser limpa (3/40):

“Ah, deve ser limpa, né? Aquela água clarinha, sem o gosto, né?... Sem bactéria, aí é boa, né? Porque sempre tem bactéria” (MSe); *“Clara, de bom aspecto, né?”* (ICa).

Existem outros que acreditam que, além de limpa, a água deve ser filtrada (11/40):

“Ah, eu acho que tem que ser bem filtrada, quando vem pra mim, né? Já da estação. Ah, por causa das bactérias... (risos)” (MSe); *“Eu acho que tem que fazer a limpeza, filtrar, que seja bem feita, né?”* (JC).

Que uma água boa para o consumo humano tem que ser tratada é o que também pensam (11/40):

“Que eu considero assim, uma água bem tratada, né? Livre de contaminação, sem risco de pegar uma hepatite, uma verme, né?... Sem gosto, sem cor e tratada. Uma água bem tratada, né?” (JC).

Há quem opine que a água teria que ter um tratamento específico (1/40):

“Uma água boa? Ela tinha que vir já feito um tratamento específico desde lá da CESAN, pra jogar pra gente. A minha água eu considero boa, só... Igual eu estou te falando, eu só não considero ela boa pra gente tomar, pra gente beber.... Você pegar direto...” (MSe).

E somente um sujeito em Ilha das Caieiras diz que uma água boa para o consumo humano tem que ser potável. Entretanto, existem os que consideram boa para o consumo humano a água de que utiliza no momento:

“Uma água limpa, água assim igual a da gente, água da CESAN mesmo” (ICa).

Há quem diz que a uma água boa para o consumo humano é a água de mina (3/40):

“A água boa mesmo de qualidade da gente consumir é aquela lá da roça, que a gente bebia lá nas fontes de inhame, aquilo que era água, né?” (ST); “Pra se beber uma água como antigamente, a gente acredita que existe assim, né? Tirar da fonte e beber, né?” (JC).

Há os que acreditam que uma água boa para o consumo humano é a água envasada (6/40):

“Olha, se eu tivesse condição hoje, de ter na minha casa só água mineral... Só usaria água mineral, entendeu?” (MSe).

Entretanto, há os que dizem que não sabem dizer qual água é a boa para o consumo humano (3/40):

“Ih, aí eu não sei te explicar, não sei mesmo, vou ser sincera” (ST).

Com relação à qualidade da água própria para o consumo humano, diferente de como foi feita a pergunta para esta pesquisa, Julião (2003, f. 41) perguntou “como seria, para você, uma água ruim?”. Seis das quatorze entrevistadas responderam que água ruim é aquela que: é suja; suja, com bicho; poluída, com coisas dentro; não serve para as atividades domésticas; com gosto ruim, de cloro; não tem cloro e não é filtrada. Das quatorze entrevistadas, seis delas não responderam e duas disseram acreditar que não existe água ruim.

Strang (2004, p. 68) aborda as diferentes percepções que as pessoas possuem e associa isso ao contexto social em que vivem, onde as idéias, valores, experiências são recebidas pela sociedade e cita Morphy (1994, p. 258, tradução nossa) “[...] A percepção qualitativa da sensação, e sua interpretação e avaliação, variam de acordo com o contexto e cultura”⁵².

⁵² Do original em inglês.

A água para beber segura segundo Lord Selborne, Presidente da Subcomissão sobre a Ética da Água Doce da COMEST (Comissão Mundial de Ética do Conhecimento Científico e Tecnológico) significa

[...] Que não causará prejuízo à saúde humana, e que está livre de organismos capazes de provocar doenças, assim como de outras substâncias que potencialmente induzem danos fisiológicos. A água de beber precisa também ser esteticamente aceitável: sem cor, sem cheiro ou sabor. Essas condições formam o padrão aceito para a água de beber e quando esse padrão é respeitado a água é considerada potável (SELBORNE, 2001, p. 51)

A definição de água potável de acordo com a Portaria Nº 518/2004 (BRASIL, 2004) é: “Água para consumo humano cujos parâmetros microbiológicos, físicos, químicos e radioativos atendam ao padrão de potabilidade e que não ofereça riscos à saúde”.

3.3 Importância da água de consumo de boa qualidade

A tabela 3.3 mostra uma síntese das Idéias Centrais e Ancoragens referentes ao sub-tema 3.

TABELA 3.3 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 3: Importância da água de boa qualidade

Idéia Central		Ancoragem	Número de Sujeitos/Área			
			MSe	ICa	ST	JC
O consumo de Água tratada	É importante e associa diarreia e água	PSF	09	06	03	04
	É importante e associa água e saúde		-	04	07	06
A diarreia	É compreendida como doença	PSF	09	06	-	01
	Não associa água e diarreia		01	01	-	-
	Ocorre no domicílio		03	06	05	04
	Não é comum a ocorrência no domicílio		07	04	05	06
	Usa soro oral para tratamento	PSF	08	07	08	-
	Busca atendimento na US local	PSF	10	05	10	02
	Busca atendimento médico		-	05	-	08
	Ocorrem outras doenças no domicílio		-	05	04	04
Não existe doença mais comum no domicílio		03	04	04	06	
O atendimento na US	É bom		05	05	07	-
	Tem alguma restrição		03	03	03	02
	Não é bom		01	01	-	-
	Não tem opinião		01	-	-	-
O responsável pela US	É a Prefeitura		03	01	03	02
	É o Ministério da Saúde		01	-	-	-
	É o Secretário de Saúde		-	02	-	01
	É o Médico		-	01	-	-
	É uma pessoa que conhece lá		-	03	05	-
	Não sabe quem é		02	-	01	03

3.3.1 O consumo de água tratada

Dos entrevistados, dezoito deles acham muito importante consumir água tratada e a associam à diarreia, mostrando ter consciência de que a água sem tratamento pode oferecer risco à saúde:

“Se a água não for bem tratada... Aí você está correndo sério risco de trazer qualquer tipo de doença pro seu corpo. Porque não contrai doença, né? Tem várias doenças que é contraída pela água, infecção intestinal, vermes, cólera, diarreia, né?” (MSe); *“Porque a água de boa qualidade é boa pra saúde, né?... Seria muito problema se a água não fosse tão limpa quanto ela é”* (ICa); *“Você vê que quanto melhor a água é tratada e consumida as pessoas tem mais saúde, tem menos problemas de doença, né?”* (JC).

Já dezessete deles também acham muito importante consumir água tratada e fazem associação com a saúde. É interessante notar como os sujeitos de Jardim Camburi apontam para as despesas que se tem na doença. Não se deve perder de vista o fato de que a maioria desses sujeitos não usa o serviço da Unidade de Saúde e pagam por plano de saúde, o que, com certeza, é representativo no orçamento domiciliar:

“Se você tomar uma água limpa filtrada, você não tem problema de passar mal... Mas se você tomar uma água contaminada, aí já era. Porque a gente já tem tantos problemas, imagina se a gente for usar uma água que não tem qualidade, né?” (ICa); *“A importância porque às vezes a gente pode pegar alguma coisa pela água, né? A gente consumir ela ruim de qualidade... Fazer algum mal na gente lá dentro, às vezes a gente bebe, se a água não tiver bem cuidada, tiver alguma... Sei lá, alguma coisa que possa fazer mal, a gente passa mal através da água, né? Fica doente...”* (ST); *“Olha, eu tenho até um livro que fala sobre isso, a água que não é de boa qualidade pode te causar muitos prejuízos à saúde, né? Com gasto de dinheiro mesmo, né? Do consumo do dinheiro...”* (JC).

Existem dois sujeitos que não fazem associação entre a água de consumo e a diarreia, não fazendo relação com a presença de microrganismos e atribuindo a ocorrência da doença a outros fatores. A falta de conhecimento pode levar o sujeito às mais imaginativas suposições, associando a temperatura da água ou do solo à diarreia:

“Pra mim não tem água boa não, pra mim tudo é água, mas eu falo que não tem água ruim... Às vezes, tudo bem, é época do calor, a pessoa vai querer um gole de água, aí te dão aquela água quente, né? Abre aquela torneira lá, te dá aquela água quente, aí, talvez, pode até, entendeu? Te dar uma diarreia...” (MSe); *“Porque geralmente, porque o chão, né? Muitos ficam descalço... Porque o solo, ele... Está muito esquentando e então, está faltando muito oxigênio, então a pessoa fica muito doente por causa disso...”* (ICa).

Curtis (1998, f. 14) comenta que a dificuldade das pessoas em fazerem distinção entre evitar ‘sujeira’ por razões pessoais ou evitar ‘sujeira’ por razões culturais não é única na sociedade pós-Pasteur. Cada sociedade desenvolve suas próprias explicações para a doença. As pessoas em todo o lugar explicam suas regras de higiene em termos de buscar saúde e evitar doença, quer acreditem em micróbio ou não. Essa autora comenta que na Índia, África e na Europa, mães não associam episódios de diarreia à falta de higiene mas, em vez disso, a uma variedade de fatores sociais, climáticos e ambientais, que incluem dentição, mau-olhado,

transgressão de certas regras sociais, alimentos impróprios e a presença de outras doenças concorrentes.

No discurso do sujeito de Mangue Seco que apresentou essa percepção, o que chama a atenção é a contradição apresentada com relação à qualidade da água de consumo. Ao longo da entrevista – que como já exposto, não foi possível apresentar na íntegra nesta parte do trabalho – esse sujeito foi muito repetitivo: “a nossa água é boa” e “que água eu acho tudo uma só” e no discurso sobre a importância do consumo humano de água de qualidade, apresenta o seguinte depoimento:

“Ah, só rico que bebe água boa porque compra água mineral lá. Rico pode beber água boa. Eu não digo que minha água é ruim não, a nossa água é boa, que é limpa, é limpa, mas por isso não, o rico não, vai lá, compra seu litrão de água, bebe água, toma sua água mineral, entendeu? Então, eu acho assim, pra beber, boa mesmo é só o rico. O rico é que... Não, eu não acho, pra mim água é tudo um só. Isso é eles que têm dizer. É isso que fala, né? Que a água mineral... Que a água é isso. Eu não acho diferença não, que a água veio não sei da onde, que a água de lá é melhor, mas eu não acho não, que água eu acho tudo uma só. Falou que é água, é água”.

É interessante pensar o que pode estar por detrás dessa necessidade que o sujeito tem em ficar repetindo que acredita que a água que consome é boa, quando apresenta uma forma de consumo que declara ser a ideal e não ter acesso a ela por questão econômica, que é a água envasada. É sugestivo pensar na possibilidade da influência da mídia, por meio da propaganda, que pode estar levando o sujeito a esse conflito.

Aqui mais uma vez pode estar expresso o poder da propaganda da indústria de água envasada discutida por Bouguerra (2004, 177-184 *passim*) e a posição em que se encontra o consumidor, no conflito de opinião que fica estabelecido a partir do que ele declara (“É isso que fala, né? Que a água mineral... Que a água é isso”). Vale refletir sobre a responsabilidade dos “especialistas” sobre o assunto, na preocupação com aqueles que vão receber a informação, dado que, como lembra Morin (1999, p. 25-33 *passim*), de que forma será feita a contextualização dessa informação? Isso pode levar sofrimento àqueles que não possuem reflexividade, como também pode colocar em risco sua saúde.

Outro aspecto interessante é a expressão de admiração do sujeito diante das pessoas de maior poder aquisitivo (“*rico pode beber água boa*”), pois como lembra Bauman (1999, p. 103), “os ricos se tornam objeto de adoração universal [...] A riqueza como garantia de um estilo de vida mais extravagante e pródigo”.

Diferente compreensão foi encontrada por Julião (2003, f. 42). Para buscar a percepção das entrevistadas sobre a associação da água com alguma doença, perguntou “você acha que a água pode provocar alguma doença?”. Dez das quatorze entrevistadas declararam que sim. Dessas, cinco não sabiam quais doenças; uma falou de dor de barriga e dor de estômago; uma citou a dor de barriga e gripe; duas associaram à dengue; e somente uma associou à diarreia. As quatro restantes falaram que: a água tratada não provoca doenças; já ouviu falar sobre isso; às vezes pode transmitir vermes; a água não provoca doenças. É interessante comentar que, nessa pesquisa, as entrevistadas declaram que agentes comunitárias prestam atendimento na área de estudo, e que já lhes prestaram informações sobre isso. Observa-se um ponto importante, que é a diferença do nível de escolaridade das entrevistadas entre os dois grupos comparados.

3.3.2 A diarreia

Dezesseis dos entrevistados nas áreas pesquisadas compreendem a diarreia como doença sendo que, desse total, em Jardim Camburi somente um sujeito apresentou essa percepção. É evidente a compreensão dos entrevistados acerca da associação da água sem qualidade com a ocorrência de doença, e também da diarreia como doença, nas áreas de atuação do PSF. Para a pesquisadora esse resultado surpreendeu, dado que, no início da implantação do Programa MDDA⁵³ nos municípios, um dos sérios entraves era o fato de que profissionais que atuavam nas Secretarias Municipais de Saúde compreendiam a diarreia não como doença, mas como um sintoma que aparecia e, que na maioria das vezes, era auto-limitado. É sugestivo pensar numa mudança de comportamento dos profissionais de saúde, ao longo desses onze anos de implantação do programa, bem como no papel da equipe do PSF no desenvolvimento de suas atividades cotidianas junto à comunidade.

“Aquela água não tratada vai adoecer muita gente, né? Ah, pode vir, sei lá pode vir alguma bactéria, algum verme, alguma coisa assim, né?... Aí você está correndo sério risco de...

⁵³ O programa MDDA foi implantado no estado do Espírito Santo no ano de 1996 e alcançou todos os municípios em 2002, sob a coordenação e supervisão desta pesquisadora.

Pode causar qualquer tipo de doença. Ela pode ter assim, uma diarreia, né?” (MSe); “A gente fica doente, né?... Causada por água mal tratada” (ICa); “Você vê que quanto melhor a água é tratada e consumida as pessoas têm mais saúde, têm menos problemas de doença, né?... É, até se houver alguma contaminação, é por mercúrio, ou qualquer coisa assim, tem esses riscos, né?”(JC).

Ocorre diarreia no domicílio de dezoito sujeitos:

“De vez em quando dá uma diarreia numa pessoa aí” (ICa).

Curtis (1998, f. 44) comenta que as crianças pequenas ao redor do mundo sofrem de episódios de doenças diarreicas, caracterizadas pela ocorrência de fezes líquidas frequentes. Os sintomas podem ser devidos a um número de causas, entre elas, alergias, irritação química ou infecções com patógenos. Acrescenta que nos países em desenvolvimento a maior parte dos casos de doenças diarreicas pode ser associada a infecções com organismos patogênicos. Lembra, ainda, que no caso das crianças pequenas a contaminação ocorre principalmente no ambiente doméstico.

Mas há 22 sujeitos que declaram que não é comum a ocorrência de diarreia no domicílio:

“Não, muito difícil, graças a Deus, não!”(ST).

O uso do soro no tratamento da diarreia é prática de 23 sujeitos. Interessante é registrar que nenhum desses é da área de Jardim Camburi. Isso possivelmente ocorre devido à ausência do PSF nessa área e à falta da prescrição médica do soro caseiro por parte do atendimento particular, partindo-se sempre para medicações que possam ser adquiridas nas farmácias e drogarias. A grande eficiência do soro caseiro no tratamento da diarreia é reconhecida na literatura como o responsável pela diminuição da taxa de mortalidade infantil em muitas regiões. Os 23 sujeitos afirmam mais uma vez a importância do consumo de água de fonte segura e de se seguir a conduta indicada para o tratamento da diarreia, somente com a introdução do soro:

“Se começasse a reclamar de diarreia, primeiro, o soro caseiro... Não dar nada de remédio, que ela tem que cessar por ela mesmo” (MSe); “Pega a água filtrada, bota num vidro, né? Tampadinho, pego uma pitada de sal e duas colherzinhas de açúcar, mexe e deixa guardada uns minutos, depois eu vou dando aos pouco” (ICa); “Pra poder não desidratar”(ST).

Não existe doença mais comum no domicílio de dezessete sujeitos:

“Bom, comum não tem, né? Geralmente é quando tem mudança de tempo, é resfriado... A gripe, né?” (MSe); *“Mais comum? Dor de barriga, né?”* (ICa); *“Olha, graças a Deus, é tão difícil o pessoal aqui ficar doente!”* (JC).

Julião (2003, f. 42) perguntou às entrevistadas “você acha que alguém, aqui na sua casa, já ficou doente por causa da água?”. Dez das quatorze respondem que acham que não, sendo que destas, duas dizem: *“Graças a Deus”* – aqui também está presente a fé religiosa. Três delas acham que sim. Destas, duas associam à diarreia. Uma delas declara que não sabe informar. Observa-se aqui uma contradição nas respostas em relação à questão respondida anteriormente com relação ao risco de se adoecer pela água.

Em caso de diarreia, busca-se atendimento na US local – é o que declara a maioria dos sujeitos (27/40). É importante destacar que essa informação foi dada por todos os sujeitos de Mangue Seco e Santa Teresa, onde existe o PSF. Ilha das Caieiras, apesar de também ter o PSF nas mesmas condições, é a área que conta com a US em piores condições físicas. Moradores dessa área também buscam atendimento em uma Policlínica bem próxima (5/10), daí que parte dos sujeitos não buscam acesso na US. Da mesma forma, alguns sujeitos de Jardim Camburi (8/10) buscam acesso no sistema privado de saúde, pois informam que possuem plano de saúde. Importante ainda destacar a confiança que eles têm na administração do soro distribuído na unidade de saúde ao expressarem que ele cura rapidamente a diarreia:

“A gente dá um chá caseiro, cuida primeiro! Passou um dia, passou dois e não resolve, aí direto na Unidade de Saúde... Pego o soro de lá... Deu o soro caseiro, corta na hora.” (MSe); *“Aí eles falam pra dar o soro caseiro, né?”* (ST); *“A gente leva no médico, né?... Vai aqui no posto, que é ali pertinho ou então, vai na Policlínica, né?”* (ICa); *“Eu vou ao posto de saúde, se atender, bem, se não atender a gente vai correndo pra o plano de saúde... Ah, fazendo dieta, né? Não comendo, ou bebendo também uma água, né? Só mineral, no caso, né? E tomando algum medicamento, né? Gota digestiva ou floratil”* (JC).

O manejo da diarreia apresentado pela maioria dos sujeitos de Jardim Camburi é completamente adverso ao que é preconizado pelo Ministério da Saúde, que orienta a administração do soro caseiro, ou seja, a hidratação do paciente, aliado a uma alimentação normal e a não administração de remédios, como mostrado na falas dos sujeitos de Mangue Seco e Santa Teresa.

Ocorrem outras doenças no domicílio – é o que informam treze sujeitos, distribuídos igualmente nas áreas de ICa, ST e JC:

“Aqui o que acontece por exemplo, problema de pressão alta, né? É problema na coluna, porque quando a pessoa é pescador fica muito abaixada, né? Ah, bronquite, uma gripe, né?...” (ICa); *“Aqui é gripe, alergia, problema de ouvido e eu sou hipertensa...”* (ST); *“Doenças comuns? Gripe por exemplo, dengue, é hipertensão, né?”* (JC).

3.3.3 O atendimento na US

Dezessete sujeitos se consideram bem atendidos na US, nenhum deles de JC. Mais uma vez aqui se vê a presença da fé religiosa:

“Sempre quando eu vou lá, eu sou bem recebida. Eu não tenho nada o que reclamar não, graças a Deus!” (MSe); *“O atendimento lá é bom...”* (ICa); *“Eu gosto do atendimento! Maravilhoso, muito bom mesmo”* (ST).

Já onze deles, distribuídos igualmente nas quatro áreas, declaram que têm alguma restrição ao atendimento na US. As reclamações vão desde questões pessoais com o médico à demora pelo atendimento e à necessidade de agendamento com antecedência. Mas é interessante destacar que outra vez os sujeitos de JC declaram que são contribuintes do governo por meio dos impostos e que pagam também por este serviço, daí terem o direito de serem bem atendidos:

“Um probleminha só com o atual médico... Olha, se for caso de urgência é atendido rápido. Se não for, demora mesmo, tem que agendar. Ali, mais ou menos” (MSe); *“Ah, o atendimento lá é bom e não é bom, sabe? Principalmente quando a gente vai marcar ficha ali, tem vez que marca daqui a dois, três dias, a gente leva a criança ali, “ah, mãe, mas só posso atender se for urgente!”* (ICa); *“Bom... Não acho ruim não, mas às vezes um pouco demorado, né? ... Às vezes tem uns funcionários que atende a gente bem, agora tem uns que já... Deixa a desejar, viu?”*(ST); *“Olha, ele já foi bom, agora está razoável... Que nós como pagante, a gente merecia ter não”* (JC).

Entretanto, há dois sujeitos que acham que o atendimento na US não é bom:

Ah, uma mer... Não vale nada! Pra mim, eu só vou mesmo no último caso (risos)... Mesmo, eu estou até passando mal, era pra ter ido lá e eu nem fui” (MSe); *“Eu vou dizer, falar a*

verdade, está péssimo! Porque a gente pra conseguir uma consulta a gente tem que sair de casa de madrugada, pra poder conseguir uma ficha..” (ICa).

Somente um sujeito em MSe não tem opinião sobre o atendimento na US:

“Eu não posso dizer muita coisa se é mal, nem que é bom, porque nós não vamos ao médico. Graças a Deus, nem eu e nem ela. Vai ao médico assim como você sabe, pra fazer aqueles exames de todo ano, né?” (MSe).

Essas informações podem ser comparadas às da Avaliação do Programa de Saúde da Família - Município de Vitória, no território de Andorinhas, para o ano de 2004 (PMV, 2004, p. 144). Dentre as dificuldades para o desenvolvimento do trabalho dos Agentes Comunitários, estão registrados: “a unidade é muito pequena para o número de pessoas” e “problema no acesso do agendamento e a forma como o acolhimento é feito”.

3.3.4 O responsável pela US

Quanto à responsabilidade pela unidade de saúde, aparecem percepções diversas. Cinco dos entrevistados (MSe, IC e JC) acham que é da prefeitura:

“Olha, pela Unidade de Saúde em geral é a Prefeitura de Vitória, né?” (ST).

Um sujeito acha que é do Ministério da Saúde:

“Ao Ministério da Saúde, né?” (MSe).

E outros três informam que a responsabilidade da US é do Secretário de Saúde:

“Quem é o responsável? O Secretário de Saúde, né?” (ICa); “É o diretor do órgão da saúde pública, né?”(JC).

Um sujeito afirma que a responsabilidade da US é do médico:

No caso o médico? É o médico, né? (ICa).

Oito deles acham que a responsabilidade da US é de uma pessoa que conhece lá:

“Eu esqueço o que ela faz lá dentro, mas ela é responsável, eu conheço ela, eu só não sei a função dela lá dentro...” (ICa); “Quem que é o responsável? É a pessoa lá dentro, né? Aquela mulher... Eu esqueci o nome dela...” (ST).

Mas há ainda seis sujeitos que não sabem de quem é a responsabilidade da US; três deles, de JC, o que surpreende, dado que é o grupo com maior nível de escolaridade:

“Ih, menina... Não sei quem é não...” (MSe); “Quem é responsável? Não sei quem é” (ST); “Agora no momento eu não sei não...” (JC).

3.4 Formas de uso da água no domicílio

A tabela 3.4 mostra uma síntese das Idéias Centrais e Ancoragens referentes ao sub-tema 4.

TABELA 3.4 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 4: Formas de uso da água no domicílio

Idéia Central		Número de Sujeitos/Área				
		Ancoragem	MSe	ICa	ST	JC
O uso da água na higiene doméstica e pessoal			10	10	10	10
A quantidade de água	Economiza	Mídia	08	08	09	08
	Gasta muita		02	-	-	02
Escuta dizer que é para economizar		Mídia	-	01	-	-
Mudança de comportamento no uso da água			02	-	-	01
O uso do filtro domiciliar	Retém 'sujeiras' que vêm na água		06	03	04	05
	Faz manutenção		-	04	06	10
	Não faz manutenção		-	01	-	-
	Usa por hábito		-	02	03	03
Não usa			-	05	03	-
A fervura elimina os microrganismos da água			-	01	-	-
O uso do reservatório de água domiciliar	Importante no caso de falta de água		05	09	08	04
	Possibilita economizar água		01	-	01	-
	Coberta contribui no controle da dengue	PSF	03	05	02	03
	Faz limpeza		06	10	08	08
	Não faz limpeza		01	-	-	01
	Tem por hábito		-	-	-	05
Na ocorrência de Vazamentos	Se interno, conserta rápido		10	10	10	10
	Se na rua, liga para a CESAN		06	08	06	09
	Se na rua e estiver incomodando, liga para a CESAN		01	-	01	-
	Se na rua, nunca ligou para a CESAN		-	03	04	01
O Atendimento da CESAN	É bom		-	-	01	02
	É demorado		-	07	05	05

3.4.1 O uso da água na higiene doméstica e pessoal

Quanto às formas de uso da água, todos declaram que utilizam a água para beber, fazem uso doméstico e pessoal:

“Pra tomar, principalmente, né? Porque sem água não tem como sobreviver. É pra fazer a higiene do corpo, porque não tem como você ficar suja. É, pra tomar banho, né? Escovação de dente, lavar as mãos. Na casa, uso geral, né? Limpeza, né?... Oh, Lavar as roupas, pra lavar o chão, lavar o banheiro. A descarga, que é necessário, né? Pra mim cozinhar, pra fazer suco, lavar as verduras, bem lavadinho, pra lavar o arroz, lavar o feijão, lavar uma comida dura. Limpar a pia, lavar as louça, lavar as vasilhas... É, tudo depende da água, sem

água eu não faço nenhum tipo de limpeza desses” (MSe); “Ah, eu uso de todo jeito, né? ... Lavo as verduras, antes de fazer o almoço, né? ... Passo pano no chão... Pra lavar a calçada. Eu faço muita coisa com a água, então, a gente faz uso completo da água, a água é importante demais!” (ICa); “ Ah, tudo... Lavo banheiro, molho as plantas, às vezes passar um pano na casa... É higiene da casa” (ST); “Limpeza, todo serviço de casa, né?” (JC).

Pontes (2003) apresenta o seguinte depoimento:

É impossível viver sem água. Eu fico tão provocada quando se fala em água, porque tanto no ser humano, como na natureza, metade é água ... A gente já se gera dentro d’água. Necessita de água a vida inteira e só deixa de necessitar de água quando morre. Água, pra mim, é higiene, é saúde, é tudo (Ibidem, f. 78).

É interessante destacar, em ambos os discursos, o relato da importância da água associada à higiene e à saúde.

3.4.2 A quantidade de água

Quanto à quantidade de água utilizada na rotina diária, a maioria diz que evita o desperdício (33/40). Nos depoimentos está sempre presente a preocupação com o custo da conta mensal de água, como também com a possibilidade da falta de água tanto para si como para as outras pessoas, mostrando a consciência de que é necessário economizar:

“Ah, eu gosto de economizar bastante... A gente escuta falar muito que a água pode acabar... E eu não agüento pagar!... Vigio o máximo... Porque às vezes eu posso usar bastante e o outro lá pode estar em falta, né?” (MSe); “ A gente se preocupa” (ICa); “Eu sou muito controlada sobre essas coisas, entendeu?.. Como eu sei que eu vou ter que pagar...” (ST); “Olha, eu procuro não desperdiçar, né?... Se eu abusar muito da água, vai chegar uma hora que eu não vou poder nem... Vai faltar pra alguém, porque eu tenho medo de ficar sem água ou pagar alto demais a água, vou deixar de comer alguma coisa, que, né?” (JC).

Percebe-se a preocupação deles em relação à situação da água de uma maneira global, mas está presente também a preocupação com relação ao custo da água. Bouguerra apresenta o prognóstico anunciado por Wally N’dow, diretor do Centro para as instituições humanas da ONU, em março de 1996:

[...] Nós acreditamos que, se até 2010 não forem feitas melhorias massivas para a obtenção e para a economia da água, nós teremos que nos confrontar com uma crise monumental... enquanto as guerras do século passado tiveram por motivo o petróleo, estamos firmemente convencidos de que numerosos conflitos políticos e sociais do século XXI girarão em torno da água (BOUGUERRA, 2004, p. 91).

Entretanto, há os que dizem que gastam muita água (4/40). Interessante destacar a questão do consumismo aqui colocado, pois economizar está associado à pobreza. O sonho de consumo é aqui mostrado como o desejo de ser rico para esbanjar água; mas, ao mesmo tempo, os entrevistados percebem que isso não é o comportamento mais adequado:

“Ah, eu gosto de gastar muita água. Muita mesmo! (risos)... Porque eu não sou pessoa que tem muito dinheiro... Se eu fosse uma pessoa que tivesse dinheiro, eu abusava, porque eu adoro água.... Eu gasto... Infelizmente...” (MSe).

O comportamento demonstrado nesse discurso, de desejar poder pagar pelo consumo abusivo, pode ser ilustrado com o exemplo dado por Bouguerra (2004, p. 132): a iniciativa do Banco Mundial, que na tentativa de frear o consumo de água, incita aumentar os preços. Esse autor comenta que essa medida só poderá ter algum efeito sobre os pobres, que não terão mais acesso à água, e acrescenta: “ao contrário, aqueles que dispõem de meios não seriam dissuadidos por uma alta nas tarifas, e continuarão a desperdiçar o recurso porque podem pagar”.

Um sujeito em Ilha das Caieiras diz que escuta dizer que se deve economizar água e aponta para a campanha pela água, realizada pela igreja católica no ano de 2004.

“Ah, na TV, em tudo né? Tem até na igreja católica, teve também a campanha... A campanha da água, né?... Pra que a água serve, como a gente deve utilizar, que a gente deve economizar...”

3.4.3 Mudança de comportamento no uso da água

A mudança de comportamento com relação ao uso da água, devido ao elevado gasto com a conta paga à Companhia, foi registrada por três sujeitos, ancorados na experiência de vida:

“O cara da CESAN até falou comigo: você é uma das pessoas que paga a água mais cara aqui. Eu falei assim: é porque eu sou abusada mesmo. Aí paramos... De ficar lavando carro todo dia, lavar

calçada, lavar quintal... Quando eu tinha animal, eu lavava todo o dia o quintal... Eu falo assim, ai Meu Deus, um gasto de água danado, todo o dia tem que lavar o quintal por causa de cachorro... Tem que economizar um pouco de água, entendeu?... Gastava muito... Aí, eu fui cortando... Eu já consegui assim, economizar bastante... Porque agora, eu estou tendo mais consciência, agora eu economizo mais! (MSe); “Tanto que eu tinha jardim, tirei pra economizar, tinha uma porção de coisa, eu tinha antigamente a mania de lavar a varanda, quando eu tinha cachorro... Mas eu gostava de lavar... Carro eu lavava sempre, agora... Eu lavo uma vez ou outra, entende?”(JC).

3.4.4 O uso do filtro domiciliar

Quanto ao uso do filtro no domicílio, alguns entendem que o filtro retém ‘sujeiras’ que vêm na água (18/40). Novamente, aparece nos depoimentos a preocupação com as crianças, mostrando o entendimento do sujeito acerca da sua vulnerabilidade ao contato com água sem qualidade:

“Por causa das crianças. Porque elas não podem tomar água sem ser filtrada, né? Porque talvez nessa água assim, sem ser filtrada, vem muito é... Alguma desidratação, né? Se tiver o filtro, não vai eliminar, né? A sujeira, qualquer tipo de micróbio, bactéria, que venha, né?” (MSe); “Ai, Meu Deus, devido as impurezas dela, que ela vai chegar, né? Ah, é porque a água fica muito tempo na caixa, junta aquele limo grosso e mais a sujeira que tem, como é que a gente vai beber a água da caixa?” (ICa); “É ... Porque a água não é totalmente limpa, nem servida pra a gente beber diretamente, né? Pra evitar algum tipo de problema, né? Verminose, alguma coisa, um bichozinho, porque a água bate na caixa da gente, mas de repente da caixa pra cá costuma ter algum tipo de... Porque se eu beber ela com sujeira, me faz mal” (ST); “É, porque essa água, eles falam que vem hidratada, mas a gente não tem tanta certeza. Porque por mais que diga que a água é boa, eu não confio na água não! (Risos) Eu acho que filtrando a água é melhor, sai as impurezas, que tiver por acaso... Pra a água ficar mais... Mais própria pra ser bebida, né?” (JC).

Cerca de 50% dos sujeitos reconhecem a importância da manutenção do filtro domiciliar, mas nem todos detêm o conhecimento correto desse procedimento, cada um apresenta um modo diferente:

“Faço. Eu lavo com bucha, sabão, e enxágua ele, só! Ou eu lavo a vela com açúcar, assim, me ensinaram, né?... Esfrego açúcar, tiro a sujeira todinha, enxágua, passo água morna e boto no filtro de novo. Acho que de duas em duas semana, eu lavo ele, ou acho que é de 2 em 2 meses, ou toda semana” (ICa); “Porque ele fica tudo preto... Fica tudo cheio de lama. Eu lavo ele, às vezes com sabão em pó antes, e depois eu vou e lavo com açúcar também, eu passo açúcar com a buchinha, né?” (ST).

O uso do filtro domiciliar por hábito também foi identificado nos depoimentos de oito entrevistados:

“Porque eu gosto daquele gostinho que é diferente, sei lá, o sabor e também porque eu já me acostumei também a encher os canecos de água de lá... Ah, porque a minha avó me criou com filtro de barro e eu quando casei, que tomei responsabilidade de mãe, eu comecei a comprar o filtro, quando ele está velho eu desfaço e compro outro” (ICa).

Mas também há aqueles que não usam o filtro domiciliar (14/40):

“Infelizmente ainda não estou usando filtro não, eu usava, mas agora uso mais não....” (ST).

O discurso sobre o uso do filtro mostra que as pessoas acham que ele retém as ‘sujeiras’ que vêm na água do sistema de abastecimento (*“Se tiver o filtro, não vai eliminar, né? A sujeira, qualquer tipo de micróbio, bactéria que venha, né?”*), como também que a qualidade da água melhora após a sua passagem por ele (*“Aí, passaria para mim já limpinha...”*). Observa-se também a preocupação com a limpeza do filtro (*“Eu troco a vela, porque tem o prazo pra gente trocar ela, não pode usar a vela sempre, tem que trocar ela”*). Mas em nenhum depoimento informam qual é esse prazo, ficando a critério de cada uma delas.

É interessante atentar para o depoimento apresentado por um entrevistado de Mangue Seco (S⁴_{MSe}): *“No momento eu estou até sem filtro... Eu até botei um paninho ali na pia, eu estou até com medo, eu tenho que comprar um filtro urgente, mas eu estou usando ela assim”*, que prova como a falta de informação pode contribuir para a exposição das pessoas ao risco de adoecer. Ele sabe do risco, mas toma uma providência incorreta: foi observado um pano amarrado na torneira da pia da cozinha.

3.4.5 A fervura elimina os microrganismos da água

Dos entrevistados, um sujeito somente utiliza da fervura para beber:

“Eu uso filtro, mas geralmente está quebrado, eu estou fervendo a água. Eu ferveo pra poder matar os micóbios. Porque às vezes, mesmo com a água tratada, vem sempre uns micobiozinhos. A gente não deve confiar!” (ICa).

3.4.6 O uso do reservatório de água domiciliar

A limpeza do reservatório de água domiciliar é uma questão importante entre os entrevistados, pois a maioria (32/40) mostra consciência sobre a importância desse procedimento para a garantia da qualidade da água recebida do sistema mas, infelizmente, ninguém a faz adequadamente, podendo assim colocar em risco a saúde da família:

“Todos de 3 em e 3 meses ou de 6 em 6 meses, a gente tira aquela tampa, eu lavo, seco ela bem secadinha, tiro tudo, o resíduo que tem, depois eu ligo de novo... Porque vem muita sujeira da rua...” (MSe); “De vez em quando faço.... Bom, a gente esvazeia a caixa, limpa ela todinha, e lava direitinho, com uma bucha por dentro, esfrega e tudo, ao redor dela todinha, aí, vou, enxugo ela direitinho com um pano bem limpinho, ou a gente joga uma pitadinha, um pouquinho de cloro dentro da água, pra poder ajudar a matar os micóbios, aí tapo ela e depois bota pra encher outra vez...” (ICa); “Retira a água todinha, aí se ficar uma sujeirinha no fundo, a gente passa um paninho e joga mais um pouquinho de água, até ela ficar limpinha e depois enche de novo... Eu costumo usar vinagre, depois que eu lavo ela todinha, eu enxáguo...” (ST); “Esvazia a caixa toda, bota a água toda pra fora, entra dentro da caixa com a escova, escova toda ela, passa pano, limpa, joga água e enxáguo ela, passa aquele cloro, deixa limpinha mesmo a caixa” (JC).

Mas há dois sujeitos que declaram que não limpam o reservatório de água domiciliar:

“Ah, eu fazia, ultimamente não estou fazendo não, já tem uns dois anos que eu vou te falar que eu não faço” (MSe); “Olha, eu fazia até uns dois anos atrás, depois me disseram que não é muito bom fazer muita limpeza em caixa d’água... Já tem uns dois anos que eu não faço” (JC).

Quanto à finalidade da existência do reservatório de água no domicílio, aparecem diferentes opiniões. A importância devido à falta de água é expressa por grande parte dos entrevistados (26/40):

“Ah, porque a gente às vezes fica com medo de repente faltar água, e aí, como é que eu faço? Então, tendo a caixa, já dá pra controlar melhor, em falta de água a gente tem que ter reserva ali, né?” (MSe); *“Que se houver um problema, quebrar um cano... A gente fica sem água, né?... Porque acaba a água!”* (JC).

Entretanto, há quem declare que tem o reservatório por hábito (5/40), sendo todos os sujeitos de Jardim Camburi. A falta de conhecimento da real necessidade do uso de reservatório de água domiciliar pelos moradores de Jardim Camburi pode estar associada ao fato de que esses não enfrentam problemas com intermitência do serviço de água:

“Ai, Meu Deus! Todo mundo precisa, (risos) não é?... Tem que ter caixa d’água, como que você vai ter uma água na casa se você não tem uma caixa d’água? Acho eu todo mundo tem, né?... Ah, porque eu sempre desde que eu nasci, que eu moro em casa que tem caixa d’água, então, acostumei com caixa d’água, se eu não tivesse condição de ter caixa d’água, que que eu faria?” (JC).

3.4.7 Na ocorrência de vazamentos

Na ocorrência de vazamento na instalação hidráulica interna da edificação, a opinião de todos é que se deve consertar rapidamente e alegam, como razões para esse comportamento, evitar o desperdício e o custo que isso pode acarretar e também mostram a preocupação com o futuro:

“Ah, eu procuro logo acertar o mais rápido possível pra não ter desperdição de água, gente! Fico desesperada de ver a torneira pingando, porque de pingo em pingo, né? Quando você vai ver, já consumiu... Porque senão isso é um dinheirão, é prejuízo pra mim, pro meu bolso. Mais tarde vai fazer falta pra outro. Como eles fala, ah, isso a maioria fala: “Ê gente vamos economizar água, no futuro vai faltar, entendeu?” (MSe); *“Tem que fazer economia, eu mesma estou ajudando a outras pessoas, que falta água pra outras pessoas, eu tenho plena consciência disso”* (JC).

Entretanto, a opinião dos sujeitos diverge quando se trata de vazamento na instalação da rua. A maioria liga para a CESAN (29/40) mostrando a consciência de que eles pagam por esse custo também. A CESAN possui o serviço de atendimento ao consumidor pelo telefone de número 115. Observa-se também o sentimento de solidariedade, da preocupação com o outro. A informação pela televisão aparece contribuindo nessa representação, mas é interessante observar que eles desvinculam de sua realidade o problema da falta de água, dado que, nas três áreas carentes contempladas pela pesquisa, a intermitência faz parte de seu cotidiano. Entretanto, a falta de água enfrentada por eles não ganha destaque na televisão.

“Ah, se for na rua nós tem que chamar a CESAN. Ligo pra CESAN... Porque nós mesmos não estamos pagando ela mais, está saindo da gente também, saindo isso vai fazer falta. Porque é dó você passar no lugar você ver água desperdiçando à vontade, jorrando, assim você lembra, Meu Deus, tanto lugar, que às vezes, tem muito lugar por aí a fora que não tem a água que o pessoal tem, que a gente vê na televisão, tanta gente, no nordeste com falta de água, entendeu?... A gente se incentiva um com outro e chama a CESAN para consertar, eles atendem” (MSe); “Ligo pro 115” (ST); “Ah, eu tenho a mesma consciência, se for em frente a minha calçada e eu ver ligo pra CESAN...” (JC).

Somente dois sujeitos declaram que só ligam para a CESAN se o vazamento estiver incomodando. Aqui se tem um exemplo de uma das preocupações apresentadas por Taylor (1991, p. 37-47 *passim*) sobre os males da modernidade, quando destaca a individualidade do sujeito, o indivíduo centrado em si próprio, atendendo aos seus interesses em vez de buscar o melhor para a comunidade:

“Ah, se tiver me incomodando, eu ligo pra CESAN, se não estiver, deixo lá. Se estiver faltando água lá na minha casa, né? Por causa daquele vazamento. Ah, se não estiver faltando, só se estiver assim, incomodando muito na hora de passar, aquela lama. Senão, eu não ligo não (risos)” (MSe); “Bem, se estiver incomodando só a mim, aí, eu sou obrigada a ligar pra CESAN e falar, né? Agora se for todo mundo, e ninguém estiver se importando, pra mim tanto faz, aí, eu me viro de outro jeito, de outro jeito, de outra forma” (ST).

Mas há aqueles que nunca ligaram para a CESAN em caso de vazamento (8/40):

“Ah, aí tem que ligar pra CESAN, né? Prá alguém vir consertar, né? Mas eu mesmo, eu pra dizer a verdade a você, nunca liguei não” (ICa).

3.4.8 O atendimento da CESAN

Quanto ao atendimento da CESAN, tem aqueles que acham que o atendimento é bom (3/40):

“Eles vem, geralmente eles vem direitinho” (JC).

Enquanto há outros que acham que o atendimento é demorado (17/40):

“Geralmente, eles demora a vir, a gente liga... O prazo é de 24 horas pra poder vir, mas enquanto eles estão demorando, a gente arruma as pessoas e manda consertar lá, a comunidade... Ah, uns dois dias, oh, fica lá vazando água um tempo bom! Aí fica lá jogando água fora um tempo bom. Quando eles chegam a vir, a pessoa... Nós já resolvemos o caso... Tapa de qualquer jeito... Porque eles mesmo, assim mesmo vem e fica com raiva, né? Xinga a gente, porque a gente... Fez o serviço errado... Mas eles demora a vir, né? Não pode deixar a água vazando... Depois que aparece” (ICa); “O atendimento é muito demorado, fico amolando eles, às vezes ele tiram o telefone do gancho, eu acho, né? Porque está sempre ocupado” (JC).

3.5 Esgoto sanitário

A tabela 3.5 mostra uma síntese das Idéias Centrais e Ancoragens referentes ao sub-tema 5.

TABELA 3.5 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 5: Esgoto Sanitário

Idéia Central		Ancoragem	Número de sujeitos/Área			
			MSe	ICa	ST	JC
O destino dos esgotos	A rede pública com destino final no mar		05	09	01	01
	A rede pública com destino final na estação de tratamento		05	-	-	06
	O esgoto é lançado a céu aberto		-	-	07	-
	Não sabe para onde vai o esgoto		-	01	02	03
Mudança no modo de vida		Experiência e vida	03	03	-	-
O acesso ao serviço de esgoto	Todas as pessoas têm	Visão local	04	02	-	01
	Nem todas as pessoas têm	Visão global/Mídia	01	08	10	08
	Todas as pessoas têm direito	Direitos humanos	05	01	02	01
	Necessidade de ajuda do governo	Solidariedade	01	01	-	-
	As pessoas que não têm sofrem		-	05	03	-
	As pessoas não têm por falta de conhecimento		-	01	-	01
	As pessoas não têm porque não se esforçam para isso		-	02	01	03
	As pessoas não têm por descaso do governo		-	02	06	03
	As pessoas não terem traz problemas para a comunidade		-	-	-	02
Não sabe por que umas pessoas têm e outras não têm		-	01	-	01	
A importância do serviço de esgoto	É tão importante como o serviço de água e saúde		-	09	10	07
	O serviço de água é mais importante que o serviço de esgoto e saúde		-	01	-	01
	O serviço de saúde é mais importante do que os serviços de água e esgoto		-	-	-	01
A responsabilidade do acesso ao serviço de esgoto	É do governo		-	04	09	07
	É do governo e da comunidade		-	01	-	01
	É das pessoas		-	02	-	-
	É da CESAN		-	-	01	-

3.5.1 O destino dos esgotos

As opiniões sobre o destino do esgoto nas áreas são as mais diversas também. Alguns afirmam que o esgoto vai para a rede pública, com destino final no mar (17/40). Observa-se aqui a consciência sobre a disposição inadequada dos esgotos e suas conseqüências na saúde ambiental e pessoal:

“Olha, esse esgoto ele estava indo aqui, nessa beira de maré que a gente tem, né? Eu acho que não deve ser assim, né? Que agora é que estão fazendo outro tipo aí, que não é pra sair no mangue mais. Tem que realmente tem que ter aquele tratamento do esgoto... Vão fazer aquele tratamento de esgoto, pra poder jogar direto para um local que chama-se pinicão... Ah, eu acho muito bom! Porque vai limpar as praias, né?” (MSe); “Aqui? Não tem rede de tratamento ainda não, que há muito tempo era pra ter, né? O esgoto vai até a rede e vai pra maré... Eu acho que não é certo, não era para ele ir pra maré! Porque onde vive os pescadores! ... Porque é muita poluição, tudo o que é detrito vai pro mar, né? Aonde polui os mariscos, que a gente... Vive de marisco, peixe, camarão, sururu, a ostra, tantos mariscos... Eu não sei, mas eu acho que eles comem, né? (Risos)... Porque eu acho uma coisa muito suja, as criança toma banho, porque igual meus filhos... Eles gostam de tomar banho de maré, pode pegar uma infecção. Eu acho horrível, porque deveria ter tratamento, né?... Eu acho que a poluição nessa maré, já é demais pelo óleo lubrificante que alguns mecânicos jogam, aí quer dizer que, junta água de esgoto mais o resíduo que eles jogam dentro d’água é uma poluição danada. Então, a água de esgoto que é jogada na maré, afeta nós, né? Eu não acho correto, não! Eu acho ridículo! Mas eles não vem fazer instalação aqui, falaram que vinham fazer e não fez. E tinha um projeto de fazer uma rede de tratamento, até lá atrás perto da creche, mas só ficou no projeto!” (ICa); “Olha, eu imagino e todo mundo fala que vai pra maré, né? Olha, eu acho que poderia ser melhor, né? Porque sim, porque daí está sujando lá, né? Esta poluindo, está... Assim, por exemplo quem gosta lá de comer um peixe lá daquele lugar lá, né? Está comendo peixe... Eu acho que não é certo ir pra maré não” (ST); “Pra mim esse esgoto de Camburi, falam que vai pro pinicão... Mas, pra mim eu acho que ele vai pra praia, dentro do meu coração, eu acho que vai pra praia. Porque eu já peguei pelo menos uma doença de pele, por tomar banho no mar” (JC).

O bairro Jardim Camburi possui um sistema de esgotamento sanitário, implantado desde 1991, composto de rede de coleta com destino à Estação de Tratamento de Esgoto de Camburi (ETE de Camburi). Essa ETE é constituída de uma série de lagoas de estabilização e localizada bem próximo à praia de mesmo nome, mas com lançamento final na área do canal de Vitória, fora da área do bairro.

Em Mangue Seco, na ocasião das entrevistas, estavam sendo realizadas as obras de rede de coleta de esgoto para lançamento na Estação de Tratamento de Mulembá, localizada na Rodovia Serafim Derenzi, fora dessa área. Entretanto, nesse período, o esgoto estava ainda

sendo lançado ao mar. Percebe-se aqui uma confusão de informações, em que parte dos entrevistados informam que o esgoto vai para o mar, o que naquele momento era verdade. Outros deles, ao verem a obra sendo realizada, acreditavam que o problema já estava resolvido.

Em Ilha das Caieiras, dada a proximidade ao mar, os esgotos das casas também são lançados diretamente ao mar. Nas casas mais afastadas o esgoto é coletado por rede que também é lançado ao mar.

Já em Santa Teresa a questão ainda é mais grave pois, por se tratar de uma área localizada em cota mais elevada e com uma topografia acidentada, o esgoto corre a céu aberto, passando pelas casas situadas em um nível mais baixo. O local enfrenta também o problema de depósito de lixo a céu aberto, colocando em risco a saúde da população que lá vive.

O destino adequado dos esgotos domésticos também é uma questão de saúde. Holanda *et al.* (1977, p. 19, grifo nosso) abordam a saúde como compreensão de vida, e apresentam o depoimento de um aluno de 6ª série: “Nas ruas esgotos escorrendo, fios de luz caídos, arborização que falta; não há asfalto, as moradias são inadequadas; tudo isso ‘são coisas comuns’ que podem prejudicar a saúde”. Esses depoimentos mostram claramente a consciência da necessidade de um destino adequado para os esgotos como uma das ‘coisas’ consideradas necessárias à saúde. Ortega Y Gasset (1991, p. 8, grifo nosso), na reflexão sobre as necessidades do homem, diz: “Não há dúvida de que ‘essas coisas’ são condições naturalmente necessárias para viver. O homem reconhece essa necessidade objetiva e porque reconhece, sente-a subjetivamente como necessidade”. As figuras 3.3 e 3.4 mostram esta triste realidade.

Sobre a poluição e o cuidado a ser tomado com as águas dos rios, Bachelard (1997, p. 142) cita um texto antigo escrito por Hesíodo (800 a.C.)⁵⁴: “Cuidado! Nunca urine na embocadura dos rios que correm para o mar, nem em sua fonte. Tampouco satisfaça aí as outras necessidades: isso não é menos funesto”. Bouguerra (2004, p. 29) apresenta algumas citações que também retratam essa importância: o Profeta Maomé dizia: “Nenhum mulçumano deve urinar na água parada”; um outro *hâdith* ensina: “Tomem cuidado com três maldições: não defiquem na água, nem nas estradas, nem à sombra”.

⁵⁴ Hesíodo, *Les travaux et les jours*, p. 127.



FIGURA 3.3 - (A) e (B) – Imagens de Santa Teresa
Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva – 08/2005



FIGURA 3.4 - (A) e (B) – Imagens de Ilha das Caieiras
Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva – 08/2005

Strang (2004, p. 42, tradução nossa) discute sobre o papel de cada um na poluição dos recursos hídricos e apresenta um depoimento de um entrevistado: “Todo ser humano tem a responsabilidade sobre a água... Porque se nós poluímos a água... Como lançamento de óleo e resíduos, se nós poluímos o rio, nós estamos matando os animais e tudo mais”⁵⁵.

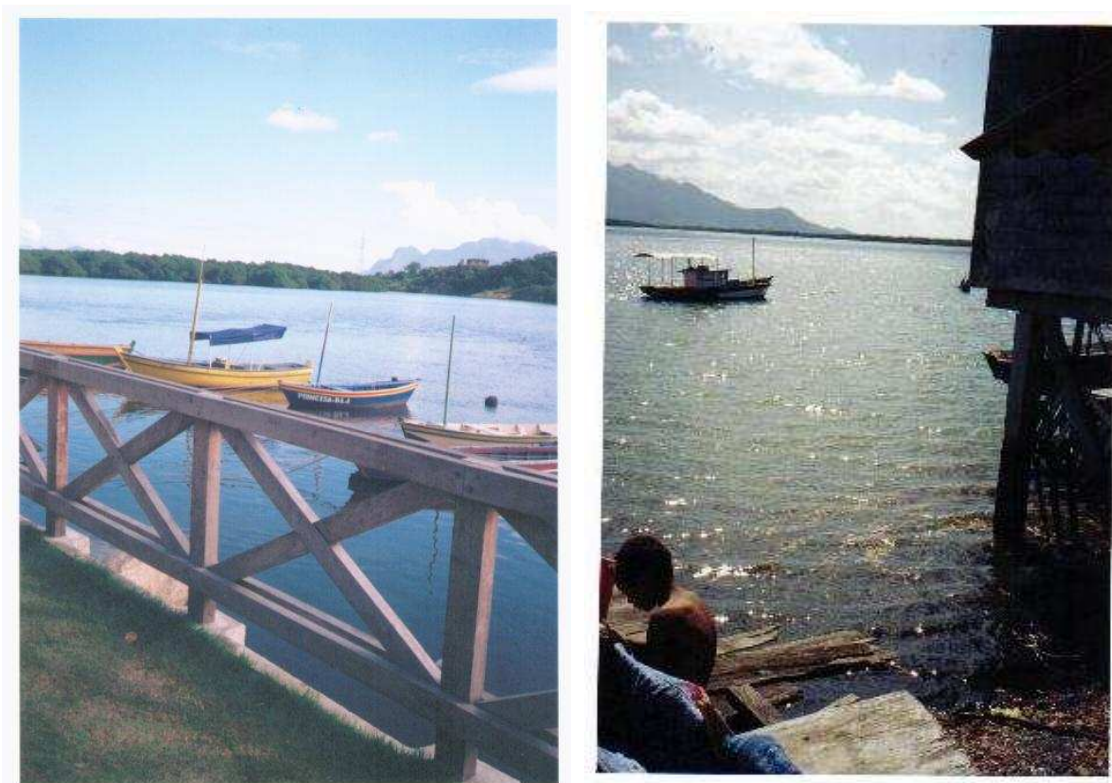
Na discussão de Bouguerra (2004, p. 41-42) sobre a extensão dos prejuízos que a poluição traz para os rios, são citados dois exemplos. O primeiro é o escritor cubano Pedro Juan Gutiérrez, que diz que os rios de seu país não têm nada do que é mostrado nos cartões postais publicitários, nem de praias paradisíacas, e diz: “quando criança eu estava convencido de que todos os rios eram cheios de merda. A primeira vez que vi um em que a água corria, não acreditei nos meus olhos e perguntei onde eles colocavam a merda e a sujeira, para que o rio fosse tão limpo”. E o outro exemplo é Avital Gazit, da Universidade de Tel Aviv, que diz que quando foi perguntado às crianças em Israel, sobre o que é um rio, elas responderam: “é um canal que fede quando você passa ao lado”.

A preocupação quanto a essa situação, com o conhecimento do risco que representa se alimentar desses mariscos, é declarada por um sujeito de Mangue Seco que diz que não os consome: “*Nosso Pai, o bicho come muita porqueira*”. Cabe lembrar Josué de Castro:

A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela e vive dela. E o homem que aí vive se alimenta desta lama sob a forma de caranguejo. (CASTRO, 2004, p. 224).

Essa preocupação procede no sentido de se lembrar que o consumo de peixes e mariscos é típico na alimentação da população de Vitória. Nos dias em que foram feitas as visitas a Mangue Seco e Ilha das Caieiras para a realização das entrevistas, foram observadas crianças se banhando e a presença de homens pescando, como também alguns barcos de pesca ancorados à beira do canal de ligação ao mar, limite norte da ilha de Vitória. A figura 3.5 mostra pequenos barcos pesqueiros nessas áreas.

⁵⁵ Do original em inglês.



(A) (B)
FIGURA 3.5 – (A) e (B) - Imagens de Mangue Seco e de Ilha das Caieiras
Arquivo pessoal: Sara Ramos da Silva – 08/2005

Há quem expresse a opinião de que o esgoto vai para a rede pública com destino final na estação de tratamento de esgoto (11/40):

“Vai tudo pra rede de esgoto. Rede de tratamento de Camburi. Não sei pra onde vai, não! Que eles devem levar pra algum tratamento, né?... Eles explicaram, falaram, mas eu esqueci.” (MSe); *“Sei lá, pra rua tem a rede que passa ali fora, acredito que vai pra alguma área de tratamento da CESAN. Aquele esgoto que eles fizeram, PRODESPOL... Aquele fedo ali, está ali um horror, perto da praia, insuportável, né? Eu ainda não procurei ver qual o benefício que traz isso não, mas eu acho que deve ser bom, né? É bom, só que a gente paga caro por esse serviço... Nunca acaba de pagar isso, entendeu? Eu acho que teria um limite pra pagar isso aí”* (JC).

A maioria dos sujeitos de Santa Teresa (7/10) declara que o esgoto é lançado a céu aberto:

“Esgoto? (risos) Não temos rede de esgoto aqui. Cai em céu aberto, aqui em baixo na buraca. Eu acho um absurdo, né? Eu acho que não é certo, o esgoto correr a céu aberto, porque ali, ratos, muita mosca, barata. Ai, oh! tem caramujo. Ai Meu Deus, caramujo, né? Que eles falam, que é tem uma doença terrível que quando entra em contato com a pele, se deixar pode até matar, né? E às vezes a pessoa demora muito a dar descarga, e quando dá descarga sobe um cheiro ruim à beça aqui, exala tudo aqui. É muito ruim. Horrível! Porque a fedoreira, a nojeira, uma imundície danada! Então, isso aí é prejudicar a saúde da gente mesmo, entendeu? Aquilo ali fica no ar, isso é prejudicial a saúde da gente. Ah, eu acho uma área tão arriscada para a saúde, fica tudo aberto... Ah, um risco muito grande da gente adoecer... Através do ar também a gente pega muitas coisas... Eu acho horrível. Eu acho que a prefeitura tem que tomar a providência mais rápida possível. Porque isso aí já vem há mais de anos que a gente vem lutando, brigando por esta questão de ser chamada buraca, desde quando eu vim pra cá que eles falam que vão acertar isso, mas demoram muito, até hoje não consertou. Então, estamos lutando aí pra ver se a gente consegue, ver se a prefeitura... O prefeito falou que isso aí pra ele é honra é estar consertando isso aí, entendeu? Então, vamos estar aguardando” .

A idéia da possibilidade de contaminação pelo ar está claramente descendente da teoria miasmática, “as doenças eram provocadas por ‘miasmas’, que seriam emanações, vapores, cheiros, venenos... responsáveis pela produção de doenças” (HELLER, 2006a, p. 48, grifo do autor). Para os sujeitos, o cheiro dos esgotos está associado à poluição e essa à possibilidade de transmissão de doenças. A pesquisa realizada por Curtis (1998, p. 39) mostra também que o cheiro foi percebido como incômodo e como causa de doença.

Alguns depoimentos mostraram que há quem não sabe dizer para onde vai o esgoto (6/40):

“Bom, o esgoto da minha casa, eu não sei... Porque a gente podia saber pra onde vai o esgoto daqui, né? Todo mundo precisa se infomar, né? Porque aqui, eu tenho certeza que ninguém quase não sabe pra onde está descendo esse esgoto aí” (ICa); “Vai pra onde? Eu nem sei, pra mim é bom porque não fica nada dentro de casa, agora onde é, eu não sei não” (JC).

Cairncross e Feachem (2005, p. 116-118) consideram o adequado sistema de esgotamento sanitário, para comunidades de alta densidade demográfica e de baixa renda, como o maior desafio a enfrentar em relação à saúde ambiental em países em desenvolvimento. Esses

autores discutem sobre as diferenças entre o sistema de esgoto construído pelo morador em seu terreno com recursos e mão-de-obra próprios (banheiro com sistema de disposição no próprio terreno) e a implantação do sistema de abastecimento de água, que pode significar uma torneira na rua ou uma bomba numa praça, claramente no domínio público.

O uso de sistema de esgotos, porém, requer uma mudança em muitos hábitos individuais no domínio privado da casa, para todos os membros da família. Segundo Curtis (1998, f. 3) essa questão de encorajamento das pessoas a uma mudança de comportamento é antiga na história. Curtis (1998), Cairncross e Feachem (2005) afirmam que, enquanto os sistemas de abastecimento de água são quase universalmente populares, os sistemas de esgoto são menos usados e contam com pouca manutenção, salvo quando há exigência por parte da população.

Diferente da opinião desses autores, nos depoimentos das áreas de Ilha das Caieiras e Santa Teresa, que possuem seus esgotos com destino no mar e lançado a céu aberto, respectivamente, está clara a consciência da importância, como também o desejo dos sujeitos de que haja um destino adequado para os esgotos, apesar de não se perceber nesses depoimentos qualquer movimento dos entrevistados em direção a essa conquista.

Entretanto, em Jardim Camburi a situação é diferente, pois antes da implantação do sistema de esgotamento sanitário em 1991, os moradores tinham, como destino dos esgotos, o sistema constituído de fossa séptica seguida de filtro anaeróbio, construído com recurso e terreno próprios. Assim, era comum não se fazer a manutenção anual que a solução requer e, conseqüentemente, não se ter qualquer gasto com isso. Após a implantação do sistema e conseqüente ligação ao mesmo, a Companhia de Saneamento passou a cobrar tal serviço na conta mensal de água, um adicional em torno de 80% do custo do consumo da água. Atualmente, depois de 15 anos de implantação do sistema, ainda existem moradores que resistem em fazer a ligação predial, continuando com o sistema antigo. Entretanto, foi comum observar nos depoimentos reclamações com relação ao pagamento da conta, como também do cheiro que a estação de tratamento de esgoto produz em determinadas épocas, mostrando assim uma falta de compreensão dos sujeitos quanto aos benefícios do serviço. Pode-se constatar, também, a falta de clareza no que tange à necessidade do pagamento de uma tarifa mensal para manutenção do sistema.

3.5.2 Mudança no modo de vida

Quanto à mudança no cotidiano da área ao longo do tempo, seis sujeitos destacam: “*E os peixes, caranguejo, tudo isso está acabando, antes tinha muito, agora a gente não vê quase*”. Informam sobre as melhorias que a prefeitura local vem realizando por meio do Projeto Terra. Por meio dele, todas as casas que não dispunham de banheiro receberam doação do material para a sua construção.

“Aqui no meu bairro, a gente olha principalmente de manhã, tem muita sujeira. E os peixes, caranguejo, tudo isso está acabando, antes tinha muito, agora a gente não vê quase. Antes do Projeto Terra, tinha pessoas que não tinham banheiro. Aí houve doações de setenta banheiros para o nosso bairro. Tinha umas setenta famílias que moravam nas palafitas ali. Então, essas pessoas eu não conhecia, não é do meu conhecimento o jeito que eles viviam, né? Eu achava que eu passava assim, dificuldade morando assim como moro, igual você está vendo. Quando eu cheguei lá, Eu entrei, as pessoas moravam assim, num cômodo, sem querer desviar da água, moravam em um cômodo, e aí você entrava e eles faziam um cantinho como se fosse um banheiro e furava um buraco na tábua, e usavam ali como banheiro. Não tinha vaso, eu fiquei passada. Não tinha vaso, não tinha chuveiro, nada! Eles tinham que tomar banho jogando água. Aí depois que entrou esse projeto e fizeram as casas para eles, como essas casas modelos, como essa aqui do lado. Aí eles moram lá e todo mundo tem banheiro, aí se organizou tudo. Bom, boa solução eu acho que é, porque no que eles vieram falando, vai ser uma forma de tratamento que não vai ser lançado diretamente ao mar” (MSe); “Ah, eu acho que não vive normal, não. Porque a gente nunca vive normal sem o esgoto, porque já passei por essa também de fossa. Ja morei em lugar assim, que a casa de tauba, era o banheiro também de tauba e fazia um buraco, né? E fazia ali mesmo, não tinha esgoto! E aquilo fedia, dava bicho, entendeu? É um mal cheiro, parecia, quando eu estava fazendo já muito uso, saía aqueles bichinhos andando pelo terreiro, às vezes até dentro de casa entrava, aquele trocinho, ah, aquilo incomodava demais. Já passei até por isso Meu Deus! (risos). Ah, sei lá, faz mal pra gente mesmo ficar respirando aquilo, né? Sei lá! Ah, doença, né? Muita doença! Porque, não vou colocar muito não, há 10 anos atrás você podia chegar na beira da maré e olhar na pedra assim, você via um monte de camarão andando, siri, peixe, aquilo tudo você via ali. Há 10 anos atrás, mas se eu colocar 20 anos, aí era melhor ainda! Porque eram muita coisa que tinha, mas depois dessa poluição toda aí, é água de esgoto, ah, isso aí, com muita poluição marisco e peixe não fica não! ” (ICa).

Vale aqui refletir sobre a incapacidade e mesmo passividade das pessoas diante de tal quadro. Em pleno ano 2005, pessoas vivem sem as mínimas condições sanitárias, sendo que Bouguerra (2004, p. 30, 34) mostra que entre 3000 e 1500 a.C., floresceu na cultura Harappan, hoje Paquistão, “a generalização do uso de vasos sanitários recobertos por madeira, construídos juntos aos muros externos das casas e ligados a um sistema de esgoto municipal sofisticado” e ainda cita que em 993, Bagdá registrava 1500 estabelecimentos para banho e que todas as casas da burguesia possuíam banheira.

A diferença no modo de vida dentro da própria área e da sua preocupação em relação ao vizinho é visto no depoimento de um sujeito de Mangue Seco: “*Eu achava que eu passava assim, dificuldade morando assim como moro, igual você está vendo (pequena casa simples, inacabada, de alvenaria e sem laje). Quando eu cheguei lá, eu entrei, as pessoas moravam assim, num cômodo... E aí você entrava e eles faziam um cantinho como se fosse um banheiro e furava um buraco na tábua, e usavam ali como banheiro, não tinha vaso, eu fiquei passada! Não tinha vaso, não tinha chuveiro, nada! Eles tinham que tomar banho jogando água. Aí depois que entrou esse projeto e fizeram as casas para eles como essas casas modelos como essa aqui do lado. Aí eles moram lá e todo mundo tem banheiro, aí se organizou tudo*”. Como ensina Nancy (2001, p. 70), “no nosso cotidiano, somos sempre um pouco curiosos sobre os outros, sobre sua singularidade, sobre sua estranheza e sobre seu afastamento”, e comenta:

[...] *Curiosus* tem a mesma raiz que a palavra cura, que quer dizer cuidado. *Curiosus* é também aquele que vai a um determinado lugar olhar de perto pelo fato de que toma um certo cuidado. O que no singular é curioso do outro singular é, ao mesmo tempo, o que é indiscreto (o que viola a discrição, a distinção), mas, também, tecido talvez na indiscrição mesma como uma maneira de tomar cuidado ou de se preocupar com o outro (*Ibidem*, p. 70).

Segundo a agente comunitária da área de Mangue Seco, algumas famílias não aceitaram participar da construção da nova casa com o apoio da prefeitura, devido ao valor a ser pago. Quando questionada sobre qual valor seria este, ela informou que dependia da renda familiar e que algumas famílias estavam fazendo as suas reformas ao seu modo e tempo.

Quanto às razões que podem levar as pessoas a não quererem abandonar a sua casa de origem, é interessante observar o que diz Santos (1981) citado por Feltmann (2002, f. 15): “demolir casas, afinal de contas, significa mais do que desfazer abrigos. Significa, às vezes, derrubar um modo de vida”. Bachellard (1978) também citado por Feltmann (2002) pondera:

[...] Além das lembranças da casa, a casa natal está inscrita em nós [...] as moradias do passado são em nós imperecíveis [...] Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida (BACHELLARD, 1978 *apud* FELTMANN, 2002, f. 1-17).

Feltmann (2002, f. 42) cita ainda o depoimento de uma moradora de uma comunidade num subúrbio do Rio de Janeiro, que relata ser traumatizada por ter passado por algumas enchentes e ter perdido tudo e diz: “apesar de tudo isso que aconteceu eu gosto muito de minha casinha”

Foram observadas em Mangue Seco casas que não apresentam qualquer melhoria, mas não existem mais palafitas no local, pois a área está totalmente aterrada e em processo de urbanização. As figuras 3.6 e 3.7 mostram, respectivamente, exemplos de casas que sofreram melhorias e daquelas que ainda continuam sem melhoria.



FIGURA 3.6 – Imagem de casas em Mangue Seco construídas pelo Projeto Terra - PMV

Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva - 08/2005



FIGURA 3.7 - Imagem de uma casa em Mangue Seco que não sofreu melhoria
Fonte: Arquivo pessoal de Sara Ramos da Silva – 08/2005

3.5.3 O acesso ao serviço de esgoto

No discurso referente ao acesso das pessoas à coleta de esgotos, há um número de sujeitos que vêem esse serviço como um direito de todos (8/40). Assim como o direito ao acesso à água percebe-se aqui essa idéia ancorada nos direitos humanos:

“Eu acho que é um direito, e é saúde, né?... Justo não é não, porque o correto é o direito de um é direito de todos, né? É pra todos... Eu acho que... Todo mundo precisa ser tratado do mesmo jeito, né?... Eu acho que tinha que ver um pouquinho isso, porque isso traz muita doença, né? Todo mundo tem que ter esgoto!” (MSe); *“Então, eu acho que todo mundo deveria ter acesso a esgoto, a água...”* (ICa); *“Ah, eu acho assim... A gente, uns poderem aproveitar de uma vantagem e outros não, acho que todo mundo deveria ser igual, ter tudo igual. Tem direito, mas nem todo mundo tem”* (ST); *“Porque todo mundo tem que ter, né?”* (JC).

Há os que expressam que todas as pessoas têm esse acesso (7/40), com base em na realidade local. Por acreditarem que todas as pessoas do bairro tenham acesso ao serviço de esgoto,

estendem esse entendimento para todo o mundo. Mais uma vez aqui se vê a presença da fé religiosa, quando atribuem o benefício do serviço à “graça superior”:

“Olha, eu te digo, esgoto aqui todos nós temos. Todo mundo tem. Todo mundo. Ninguém aqui está em falta. Graças a Deus. Está tudo organizado” (MSe); *“ Eu acho que sim, né?”* (ICa); *“ Se tem que ter? Menina eu acho que sim, deve ter, né? (JC).*

É importante notar aqui que nenhum sujeito de Santa Teresa apresentou essa percepção, dado que nenhum deles tem acesso a esse serviço e convivem com a triste realidade de ter seu esgoto escoando a céu aberto pelas escadarias e becos. Outro ponto é que somente um sujeito em Jardim Camburi expressa essa visão, de vez que essa área é atendida pelo serviço de esgoto. É necessário observar, também, que a maioria dos moradores desta região tem um nível de escolaridade mais elevado, o que lhes poderia propiciar melhor condição de informação e reflexão.

A maioria dos sujeitos, ancorados em numa visão mais abrangente, diz que nem todas as pessoas têm acesso ao serviço (27/40):

“Tem nada! Tem não” (MSe); *“Não. Nem todos, não!”* (ICa); *“Todas as pessoas do mundo? Eu acredito que não nem todas, igual nós aqui, né? Nos aqui tem não, ninguém aqui tem, nessa parte de cá ninguém aqui tem esgoto”* (ST); *“Não. Tem nada, acho que nem a metade da cidade aqui tem. Tem uns que é na fossa, né? A gente vê reportagens na TV, você vê que nem todo mundo tem esse tratamento”* (JC).

Cairncross e Feachem (2005, p. 113) alertam para o engano de se acreditar que todas as pessoas têm acesso ao serviço de esgoto e mostram dados da OMS de 1988, em que somente 67% da população urbana dos países em desenvolvimento têm acesso a adequado destino de esgoto e somente a minoria desses são servidos por redes coletora. Na área rural, somente 19% têm sistemas adequados para o destino dos excretas.

Por outro lado, só dois sujeitos expressam sentimento de solidariedade ao próximo e atribuem a questão da violência com que se convive hoje à falta de qualidade de vida. Mesmo assim, acalentam o sonho de ver as pessoas usufruindo de igualdade de condições de vida, apoiados no sentimento de solidariedade:

“Tem que vir ajuda de órgãos públicos, porque você já pensou... Todo mundo com água encanada, todo mundo, né? Com saneamento básico dentro de casa... A qualidade de vida. Será que o mundo estaria assim, essa revolta, essa guerra como está? As pessoas vendo o conforto dentro de casa, né? Sendo bem tratadas. Já pensou como seria? Uma vida diferente... Porque uns têm, e outros não têm” (MSe); “Eu acho que poderia juntar o secretário de saúde com a prefeitura, ajudar a população... Se eles pudessem, eles estariam como todo mundo, tendo as coisas direitinho, mas você sabe que hoje em dia, hoje fala o que? É o desemprego, isso é o desemprego, as condições são péssimas. Porque muitos trabalham, querem ter as condições, que não precisava, mas você sabe, que eles cobram uma taxa... Porque eles não têm condição de ter uma rede de esgoto. Ah, eu acho que eles ficam muito triste, porque eles não têm condição” (ICa).

A consciência desses entrevistados pode ser ilustrada pela discussão da crise do consumo de água que vários países enfrentam no seu cotidiano, em que Bouguerra (2004, p. 114) diz que “as graves e muitas dificuldades relacionadas à água que se encontram na Argélia cumprem, parece-nos, um papel primordial no ciclo de violência que dura uma década nesse país e no sofrimento que pesa sobre a população”, e esse mesmo autor afirma que as águas usadas “provocam normalmente dramas” e apresenta testemunho de um habitante de Bad Ezzouar:

[...] O problema mais crucial é, incontestavelmente, o direcionamento das águas usadas para fossas sépticas, na falta de uma rede de saneamento. É óbvio que essa situação expõe a vida dos cidadãos a um perigo que provavelmente estará na origem de doenças transmissíveis pela água (MTH) [...] se um lençol chegar a ser contaminado. Esse calvário dos habitantes do lote Douzi III [...] não se limita unicamente às fossas sépticas, pois o fornecimento de água potável ainda não existe. Assim o espetáculo das crianças levando talhas na mão se vê em toda parte, obrigando os habitantes a comprar cisternas mediante altos preços, sem ter, ainda, garantias de que essa água será potável [...] (BOUGUERRA, 2004, p. 114-115)

As pessoas que não tem serviço de esgoto em casa sofrem, é o que expressam (8/40):

“Ah, eu acho que elas pensam o mesmo que eu assim... É horrível, né? Porque eles não têm condição de ter uma rede de esgoto. Ah, eu acho que eles ficam muito triste, porque eles não têm condição. Eu acho errado cair o esgoto na maré. Traz problema respiratório, né? Por causa do cheiro muito forte... Ah, deveria ter, né? Todos deveriam ter, porque isso é muito importante, principalmente pra saúde da gente, né? Porque tem que ter, né? O esgoto em casa pra não pegar doença, né?” (ICa); “Eu acho muito tris... Muito difícil. Eu acho horrível, igual o da gente aqui. Deve ser ruim, né?” (ST).

Há também aqueles que expressam que as pessoas não têm serviço de esgoto em casa por falta de conhecimento (2/40):

“Ah, não tem condições, né? Muitos não têm condições, né? Não tem esclarecimento, pra eles está tudo bem, porque nós já vivemos assim também, eu já vivi... (risos). Falta de conhecimento” (ICa); “Ah, eu acho que é falta de... As pessoas não sabem a importância e também não há uma , uma boa vontade de... Ah, lá vai ter também, igual aqui foi feito, aqui em Jardim Camburi, entendeu? E nem todos os locais, quando é mais de baixa renda, né? Às vezes não tem esgoto” (JC).

Entretanto, há também aqueles que expressam que não sabem por que umas pessoas têm acesso ao serviço de esgoto e outras não (2/40):

“Pois é isso aí também que eu não sei, gostaria saber, por exemplo, igual aqui na rua, porque lá em cima tem essa rede de esgoto e o lá de baixo que não tem, vai pra maré” (ICa); “Aí é que não sei o porquê, mas que devia ter devia! (Risos)” (JC).

As pessoas não têm serviço de esgoto em casa porque não se esforçam para isso:

“Por que outras pessoas não têm? Não vai na prefeitura fazer um pedido, não chega até uma pessoa que entende do serviço pra fazer, né? Porque às vezes a pessoa tem, tem como fazer, talvez não faz porque eles não corre atrás, eles não pede, eles não vão lá exigir o direito deles, e eu acho que falta um pouco também, interesse da comunidade, se a comunidade corre atrás, eu acho que a prefeitura vai atender, nem que demore um pouco, mas atende, né? (ICa); “Ah isso ai... Isso ai é porque as pessoas que moram perto deviam de se reunir, né? E procurar o prefeito, né?” (ST); “É o que eu te falei nesses morros ai, é que o esgoto corre, tem esgoto aberto ainda. Corre no meio da rua. Relaxamento, pobreza, primeiro do proprietário, por ignorância, relaxamento de todos, porque ali deve ter algum, como é que fala? Comunidade? Movimento? Um movimento, uma associação de bairro, que um leva pro outro e a limpeza, a saúde e por aí afora, então envolve todos. E aqui se você procurar deve ter alguém que não tenha também, que foram oferecido, mas muitos já não quiseram. Ou é por problemas financeiros, ou porque não fizeram mesmo... Entendeu? Porque não há uma fiscalização, uma obrigatoriedade, né? Então, a pessoa se acomoda, como eu já ouvi gente falar, “ah, eu não vou a praia, então, por mim, eu que não vou gastar pra ligar, que eu não vou a praia mesmo, então, deixa ir pro mar” (JC).

Há também quem ache que as pessoas que não têm acesso ao serviço de esgoto por descaso do governo:

“Às vezes a prefeitura não dá acesso e não dá condição ao bairro de crescer, e só falam que cresce, mas não cresce o bairro coisa nenhuma, que isso aí é obrigação dela, né? Porque acho que as pessoas mais pobres, eles nem liga, né? Porque não mora na cidade, porque na cidade eles são obrigados a fazer isso, pra num ficar tudo sujo, fedendo lá, e aqui as pessoas que moram assim, igual nós mora nos bairros, eles nem ligam, nem estão aí!” (ICa); “Acho que é a responsabilidade do governo estar lutando por isso aí. Eu acho que é o governo mesmo, que eles procuram ajudar mais as cidades, que são mais visadas e deixar o morro, entendeu? Sei lá, parece que eles prestam mais atenção às áreas que as pessoas que já têm dinheiro, tipo assim Jardim Camburi e Praia do Canto, que nos bairros mais pobres. Assim, as periferias mais recatada, eles procuram só o meio, entendeu? Os canto eles vão deixando, entendeu? Eu acho que a gente está meio largado, porque este esgoto já era pra ter feito há bastante tempo. Acho que é um descaso total” (ST); “ Eu acho muito triste pra elas. Muita carência, né? São as pessoas mais sacrificadas, que têm menos renda, porque... Como se diz? O governo não chegou até essas pessoas ainda, que deveria ter chegado, mas a gente não sabe, né? A exclusão social, né? Eu acho que as pessoas estão se arriscando a ter várias doenças inclusive, né? Porque acho que se eles investigassem e dessem assistência, eles iam resolver. É, eu acho que é o governo que não liga. Descaso político, dinheiro hoje em dia que movimenta tudo, se tiver dinheiro você tem condições de ter as coisas, agora quem não tem, fica à mercê” (JC).

Interessante destacar a opinião de dois sujeitos em Jardim Camburi, que acham que o fato de as pessoas não terem acesso ao serviço de esgoto em casa traz problemas para a comunidade:

“É isso eu nem sei. É, que vai trazer problemas pros rios, pras praias entendeu? E não tem tanto problema assim pra pessoa, em si ali, no dia-a-dia, né? Não tem problema, agora problema maior é pra comunidade, né? Que aqui ia tudo pro mar, né? Isso aí caía no mar poluía...”

3.5.4 A importância do serviço de esgoto

Quanto à responsabilidade pelo acesso ao serviço de esgoto, 50 % dos entrevistados expressa a opinião de que é do governo (20/40):

“Ah, eu acho que a responsabilidade é um conjunto, é da prefeitura, do governo, do Presidente, deles tudo aí! Aqui no Espírito Santo é a CESAN, noutros estados são outros centros de coisa de água e eu acho que tem que ter um um conjunto entre governo e entre a CESAN, um consenso mesmo, né?... Acho que tem umas pessoas mais bem beneficiadas do que a gente. A gente está pouco beneficiado aqui, o prefeito devia de fazer, que ele já devia de ter feito isso aqui, oh, porque a gente está aqui num sufoco” (ST); “Tem que providenciar, porque todo mundo tem que ter, né? Eu acho que aí cabe à CESAN, até a executar o dono da casa ou do prédio que seja, né? Pra eles fazerem, porque é importante, é importante pra saúde das pessoas, né?... De obrigar a pessoa a fazer, fazer e cobrar. Que eles deviam obrigar, né? E eles têm como fazer isso” (JC).

Porém, há também sujeitos que acham que essa responsabilidade é do governo mas compartilhada com a comunidade (2/10):

“Da comunidade, do prefeito, do governador, do vereador, do presidente, de todos” (JC).

Mas há quem declare que essa responsabilidade é das pessoas:

“Porque muitos não tem condições, né? Ah, eu acho que isso é das pessoas mesmo, né? Porque cada um tem que cuidar da sua higiene” (ICa).

Um sujeito em Santa Teresa acha que a responsabilidade é da CESAN:

“De quem que é? Eu acho que é do pessoal lá da CESAN, sei lá. Ah, eu acho assim, né? Deve ser assim, deve ter uns bairros que eles acham que estão abandonado para lá, né? Não liga de passar lá pra ver, né?”

3.6 Aspectos legais da qualidade da água

A tabela 3.6 mostra uma síntese das Idéias Centrais e Ancoragens referentes ao sub-tema 6.

TABELA 3.6 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 6: Aspectos legais da qualidade da água

Idéia Central		Ancoragem	Número de Sujeitos/Área			
			MSe	ICa	ST	JC
A legislação sobre a qualidade da água para o Consumo humano	Existe		06	06	05	06
	Não existe		02	02	01	02
	Não sabe se existe		02	02	04	02
A água e o SUS	Existe relação		05	03	03	09
	Não existe relação		-	04	-	01
	Não sabe se existe relação		-	01	07	-
VIGIAGUA	Não conhece		10	07	10	09
	Já ouviu falar , mas não sabe o que é		-	02	-	01
MDDA	Não conhece		08	08	10	09
	Já ouviu falar, mas não sabe o que é		02	01	-	01

3.6.1 A legislação sobre a qualidade da água para consumo humano

Nos discursos apresentados a respeito da existência de legislação sobre a água de consumo humano, a maioria acha que deve existir legislação para isso, mas declara não conhecer (23/40):

“Acho que deve ter leis, né? Não conheço, meio ambiente? Não sei! Deve ter! Tem sim! Aonde, se não tivesse eles iam esquentar? Primeiro eu acho que é uma necessidade do ser humano ter uma água encanada em casa. E segundo, eles tem que tratar água, porque você já imaginou pegar uma água que não é tratada e mandar pra casa das pessoas? Ela sendo tratada, ela ainda traz algum tipo de problema, você imagina se ela viesse do jeito que nasce lá no rio... Aí vai uma pessoa lá e defeca na beira do rio... Outra vai joga um lixinho... E aí, já pensou? A quantidade de doenças que ia ser lançada pra casa da gente?” (MSe).

Os entrevistados apontam para as propagandas na televisão por ocasião do verão pois, além das questões associadas à estação, Vitória é uma área de litoral e a sua população flutuante aumenta muito nessa época, daí a necessidade de economia de água por parte da população.

“Ah, deve ter sim! Ah, de algum lugar aí que eu não sei. Ah, a Secretaria de Saúde fala, né? Eu já escutei na televisão, sobre a importância da água, não sei explicar” (ICa); “Existir eu acho que existe, eu não sei qual, mas, com certeza existe, porque é uma coisa muito séria”

(ST); *“Me parece que eu vi uma reportagem sobre isso. Eu acho que ela existe e está fora do conhecimento de muitas pessoas... Existe, porque senão quando acontecesse alguma coisa, você não podia entrar na justiça contra eles, né?”* (JC).

Há quem afirme que não existe legislação sobre a qualidade da água para o consumo humano (7/40):

“Minha filha, eu acho que não... Que não tem não!” (MSe); *“Eu acredito que não tenha, mas se tem não está sendo cumprida, tem tanta gente que não tem água. A gente não sabe os nossos direitos”* (JC).

Há também quem declare não saber se existe legislação sobre a qualidade da água para o consumo humano (10/40):

“Se existe? Ai, eu não sei te dizer isso não. Não parei pra pensar ainda não. É, a gente só lembra assim, vai pensar um pouco no caso quando ouve falar, igual no agora no verão mesmo, começa aquele negócio de que tem que economizar... Na televisão, né? Começa as propagandas, né?” (MSe).

3.6.2 A água e o SUS

Os depoimentos mostram que 50% dos entrevistados acham que existe relação entre a água e o SUS:

“Ao Sistema de Saúde. Deve ter, né? Que é saúde, né? É realmente, lógico, que se você tomar uma água que te prejudica a sua saúde, você tem que procurar o SUS, né? (risos). É, a gente não pode ficar sem o médico, também, né? e a água também é a mesma coisa. A gente não pode viver sem a água, né? Claro que tem!”(MSe); *“Entre a água e o SUS? Ah, eu acho que existe sim... Deixa eu ver se eu estou certa, hein? Quer dizer que se eu tomo uma água contaminada em casa, eu vou pegar alguma doença, aí eu tenho que correr pro ... Eu não tenho plano de saúde, tenho nada, aí eu tenho que correr pro SUS, aí então, a relação é essa!”* (ICa); *“Deve de ter né?... O SUS não é do governo? Então, a água também não é? Não é o governo que coisa a água? Então, tem que ter relação do SUS e a água”* (ST); *“O SUS é que deve fiscalizar a água, né? Pra ver se está boa ou não, não é isso?... Reclamações de falta de, como é que fala? De ser mal servido! Ah, o SUS é tratamento de saúde, né? Ele tem que existir pra poder ver a qualidade dessa água que está passando pra população,*

entendeu? Todos dois cuida da saúde, não é não? Que sem a água a gente fica doente e sem o SUS, a gente não tem como melhorar, né?” (JC).

Há também aqueles que não sabem se existe relação entre a água e o SUS (8/40):

“Se existe? Ai eu não sei te dizer (risos). Acho que não, tem? Ah, isso aí devia de ter, né?” (ST).

Entretanto, há aqueles que acham que não existe relação entre a água e o SUS (5/40):

“Água e SUS? Acho que não!” (ICa).

Nos depoimentos dos sujeitos de Mangue Seco e Ilha das Caieiras está presente a água como uma questão de saúde, o que mostra que eles estabelecem relação entre água e saúde. Em Santa Teresa, por outro lado, os entrevistados fazem essa associação a partir da idéia de que tanto a saúde como a água são gerenciadas pelo governo. Já os sujeitos de Jardim Camburi têm uma visão mais ampliada da questão, ao considerarem o SUS como responsável pela água e pela saúde.

3.6.3 O VIGIAGUA

Sobre o Programa de Vigilância da Qualidade da Água para o Consumo Humano – VIGIAGUA, a maioria nunca ouviu falar (36/40):

“Não sei. Nunca ouvi não. É o que significa? (MSe); “VIGIAGUA, pra vigiar? Tomar conta, pra ver se a água está sendo tratada?”(ST).

Pontes (2003) mostra o seguinte relato:

A gente toma a água, a gente usa a água pra tomar banho, a gente usa a água para beber, a gente usa a água para lavar a roupa, a gente usa a água para tudo o que a gente faz no nosso dia-a-dia, a gente sempre usa, tem que ter a água. Só que até hoje nenhum governante, nenhuma Secretaria de Saúde, nenhum sanitarista dos órgãos públicos se interessou em levar a população a conhecer os prejuízos que as águas trazem. Agora, será que é só por que eles não querem? Ou por que a gente, também, a sociedade, ainda não acordou para cobrar isso dos governantes? (*Ibidem*, f. 79).

Os participantes desta pesquisa relatam que não conhecem o programa de saúde, mas também não se posicionaram quanto à interferência do estado no uso da água no seu cotidiano. Já o depoimento na pesquisa de Pontes mostra a reflexão desta pessoa sobre os papéis do estado e da sociedade na responsabilidade de garantir o consumo de água de qualidade. Este

Programa de Pós-graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos da UFMG 174

entrevistado clama por informação. Isso leva a refletir sobre a forma de desenvolvimento desses programas, que não estão contando com a participação da sociedade. Cabe questionar a forma encontrada pela Companhia para a consulta da população à legislação: por internet. É sabido que a maioria das pessoas de nível socioeconômico mais baixo não tem acesso aos meios de comunicação eletrônica. Além disso, o conteúdo das informações prestadas, por meio de cartazes e folders, tanto pela Companhia como pela SESA, nem sempre é de fácil compreensão.

3.6.4 O MDDA

Quanto ao Programa de Monitorização das Doenças Diarréicas Agudas, também a maioria declara que não o conhece (35/40):

“Não. Também não, esse ainda não. É, por enquanto, eu não vi não, né?” (MSe); “Isso deve ser velho e eu estou sabendo agora (Risos)” (ICa).

Entretanto, quatro sujeitos afirmam que já ouviram falar sobre o MDDA, mas não sabem dizer o que é:

“Eu já ouvi falar, mas... (risos) já ouvi. Lá na prefeitura. A gente ia sempre lá. Ah, eles conversando com a gente, né? Conversava... o MDDA é ...” (MSe); “ Já ouvi falar mas não sei o significado, com certeza já ouvi falar” (ICa); “ Isso aí eu já ouvi falar. Não sei o que se trata, sei que existe essas palavras, essas siglas, mas não sei o que elas quer dizer” (JC).

3.7 Relação com o serviço de abastecimento de água

A tabela 3.7 mostra uma síntese das Idéias Centrais e Ancoragens referentes ao sub-tema 7.

TABELA 3.7 – Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 7: Relação com o serviço de abastecimento de água

Idéia Central		Número de Sujeitos/Áreas				
		Ancoragem	MSe	ICa	ST	JC
O gerenciamento da CESAN	Desconhece		07	06	06	03
	É o governo		03	03	03	05
	É o diretor		-	-	01	-
A ligação predial	É significativa na vida do sujeito		10	10	10	10
	Tem valor social		03	01	04	03
	Solicitou e o atendimento foi rápido		03	04	-	01
	Foi um serviço difícil de conseguir		04	03	-	01
	Usa a ligação de água do vizinho		-	01	-	-
	A própria pessoa que fez		-	01	01	-
O pagamento conta mensal de água	Já existia na casa		-	01	05	08
	Tem alguma representatividade no orçamento mas vale a pena		08	03	03	03
	Não tem representatividade no orçamento e vale a pena		02	05	07	04
	Tem representatividade no orçamento e não sabe se vale pelo serviço		-	-	-	03
Intermitência do serviço de água	É ocasional e a CESAN comunica		10	02	-	-
	É freqüente e a CESAN comunica		-	06	-	01
	É difícil faltar água		-	-	06	10
	É freqüente		-	02	04	-
	Declara saber porquê		08	08	03	03
	Carrega água		-	03	01	-
O atendimento da CESAN	É rápido		03	-	-	-
	Tem restrição		-	02	01	-
A suspeita da qualidade da água			05	05	05	05

3.7.1 O gerenciamento da CESAN

Quanto ao gerenciamento da CESAN, o discurso apresentado pela maioria dos sujeitos demonstra que eles não estão informados (22/40). Declaram que nunca pararam para pensar nisso, mas que sabem tratar-se de um serviço de muita responsabilidade:

“Nunca parei pra pensar nisso não. Não sei te dizer não, mas eu sei que deve ser uma pessoa de muita responsabilidade... Porque é uma empresa muito grande. Ou o prefeito, ou o governo, né? Porque a gente não tem essa informação, não informa, a gente não sabe, né?” (MSe).

Entretanto, há aqueles que acham que o responsável pela CESAN é o governo (11/40), mas não sabem exatamente em qual esfera ou setor:

“Eu acho que pra mim que... Isso faz parte do governo, né? É o Secretário da Saúde? Ou é o nosso prefeito? Mas às vezes eu penso que é o governo, né?” (ICa).

Há ainda um sujeito que diz que o responsável pela CESAN é o diretor:

“O Diretor de lá, né?” (ST).

Percebe-se que a CESAN é vista como a figura de um funcionário. É sugestivo pensar que essa personificação da empresa em seus funcionários pode se explicar pelo fato de que as pessoas não vão até a CESAN, enquanto empresa, e a CESAN vai até elas por meio de seus funcionários, seja para a medição da água ou para os reparos de rua.

O desconhecimento do sujeito sobre o gerenciamento do serviço de saneamento não lhe permite saber quem lhe oferece ou mesmo a quem paga por isso, logo não sabe que pode cobrar ou mesmo a quem cobrar pela qualidade desse serviço. Essa exclusão da população do gerenciamento dos recursos hídricos é discutida por Strang (2004, p. 131, tradução nossa): “A exclusão pública do envolvimento no gerenciamento dos recursos de água também significa que é fácil para as pessoas responsabilizar as companhias de água por problemas ecológicos”⁵⁶. Entretanto, a pesquisa realizada pela Gallup Organization’s (2003, p. 1) mostra que a população americana entende a associação entre a origem da água e sua água de consumo e a relação com o serviço de água. Um em cada sete americanos foi capaz de identificar o prestador do serviço de água a que está ligado. Esse registro realça a importância do encorajamento do diálogo entre os consumidores e o serviço de saneamento, objetivando assim maior envolvimento desses nas decisões que afetam a sua saúde.

3.7.2 A ligação predial de água

A ligação predial é significativa na vida de todos os sujeitos; a água é considerada como o bem maior da comunidade e elemento indissociável da vida do sujeito, pois faz parte da sua constituição:

⁵⁶ No original em inglês.

“Ai, Meu Deus! Como é que eu vou dizer... Eu acho que representa muito, né? (MSe); “A água é um bem precioso, né? A riqueza da comunidade é a água, sem ela a gente não é ninguém! (ICa); “Ah, maravilhoso, né? Ah, facilita a vida da gente em muito, né?” (ST).

A ligação predial também apresenta um valor social na vida de parte dos sujeitos (10/40), onde está presente a comparação com os vizinhos – o que um tem o outro também quer possuir. Observa-se aqui a necessidade de igualdade de direitos em relação ao outro. Além disso, um entrevistado aponta a existência de uma moradora do bairro que convive, nos dias atuais, com essa dificuldade, que ficou no passado para os outros, de carregar água na cabeça, dependendo assim da boa vontade dos vizinhos:

“Ah, é importante pelo fato de você ter a sua água encanada. Não ia depender, igual o vizinho ter e eu não ter, eu ter que depender do vizinho?... Eu quero a minha ligada também! (risos)” (MSe); “Eu carreguei muita água. Na cabeça... Tinha que enfrentar a fila... E aqui tem uma vizinha aqui, coitada, acho que ela tem quase 50 anos, ela não tem caixa d’água em casa, ela de vez em quando, quando falta água, ela tem que buscar água lá em cima. Ainda no dia de hoje. Ela mora aqui em baixo, numa casa de tábuas que tem aqui em baixo” (ST).

Na discussão do valor da água na vida do ser humano, Bouguerra (2004, p. 171) diz que “a água contribui enormemente para a dignidade das pessoas e sua ausência – tanto quanto a pobreza que, geralmente, a acompanha – desfalca seriamente os valores humanos fundamentais”.

A solicitação da ligação predial aconteceu de diferentes modos; para uns o atendimento foi rápido (8/40):

“Eu que solicitei. Não demorou não. Uns dois, três dias” (MSe).

Enquanto para outros a ligação foi difícil de conseguir (8/10), mostrando o processo de luta da comunidade para alcançar tal benefício em suas vidas. Expressam a dificuldade em conseguir suas ligações prediais, dado que são moradores antigos da área e só mais recentemente, com as melhorias que a prefeitura local vem realizando, é que a CESAN alcançou todas as casas:

“Foi muito difícil. Quando eu vim morar aqui... Ninguém tinha água... (MSe); “Ah, nós conseguimos a ligação, foi com muito trabalho, ia muito na CESAN, na prefeitura, no estado, caminhadas e mais caminhadas, gastando sola de sapato. Foi a comunidade que ajudou a gente a ter essa água... A gente movimentou o movimento comunitário... Então, conseguimos trazer a água até aqui” (IC).

Em Ilha das Caieiras um sujeito informa que usa a ligação de água do vizinho e não paga pelo serviço:

“Eu tinha água, entendeu? Mas quando eu morava na outra casa... Mas nessa aqui não...” (ICa).

Há também aqueles que fizeram eles próprios a ligação (2/40), mostrando até mesmo a existência de mais de um domicílio utilizando a mesma ligação de água, dividindo o pagamento dessa conta:

“Meu irmão que ligou aqui pra gente, aí ele fez uma ligação só porque nós somos uma família só aqui...” (ICa); “É não foi difícil não minha filha, conseguimos com a gente mesmo, né? Compramos os materiais e fizemos”(ST).

3.7.3 O pagamento da conta mensal de água

O custo do pagamento mensal da conta de água nas áreas em estudo variou entre 1,3 a 2,7% da renda mensal familiar, mostrando que o grupo de pessoas mais carentes, além de possuírem renda familiar mais baixa, pagam mais para ter o acesso à água, ou seja, quanto mais pobre mais se paga pela água. Selborne (2001) afirma que:

[...] A falta de acesso à água de beber segura e ao saneamento básico relaciona-se diretamente com a pobreza e a saúde precária. No entanto, é verdade que os muito pobres pagam muito pela água que consomem, mas esses custos são muitas vezes ocultos. Além disso, embora possam ser obrigados a pagar um preço elevado como indivíduos, não está claro como poderiam contribuir para o pesado investimento de capital necessário para a construção de grandes sistemas de suprimento que no longo prazo reduziriam o seu custo individual. Com a diferença dos preços da água, são inevitáveis os grandes deslocamentos sociais, deixando clara a necessidade de uma bússola ética para adotarmos um caminho apropriado (*Ibidem*, p. 52-53).

De acordo com o RDH 2006, o princípio perverso que se aplica a grande parte do mundo em desenvolvimento é que as pessoas mais pobres não só têm acesso a menos água, e a menos

Programa de Pós-graduação em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos da UFMG 179

água potável, como também pagam algumas das tarifas mais elevadas do mundo (PNUD, 2006, p. 6). É interessante destacar o que concluiu esse Relatório: “O que acontece em muitos países é que as pessoas carentiadas recebem menos, pagam mais e suportam o fardo dos custos de desenvolvimento humano associados à escassez” (PNUD, 2006, p. 3). Esse Relatório propõe a introdução de tarifas subsidiadas, subsídios cruzados e investimentos em fontes públicas para garantir que ninguém seja impedido de ter acesso à água devido à pobreza, com uma despesa máxima em água de 3% do rendimento familiar (*Ibidem*, p. 38).

As tarifas desiguais da água têm conseqüências perversas para a pobreza das famílias. Os 20% de famílias mais pobres em El Salvador, Jamaica e Nicarágua gastam em média mais de 10% do seu rendimento familiar em água. No Reino Unido é considerado um indicador de dificuldades um limiar de 3% do orçamento familiar (PNUD, 2006, p. 6). A pesquisa realizada por Strang (2004, p. 38), na Inglaterra, apresenta o valor de 10% da renda familiar empregado no pagamento da conta mensal de água. Famílias com baixa renda e, em particular, com um número grande de crianças pequenas, para reduzir o custo adotaram medidas de corte de consumo de água, como o acionamento da válvula de descarga somente uma vez ao dia e o uso da mesma água de banho por todos.

O RDH 2006 aponta, como exemplo notável, o serviço público de abastecimento de água de Porto Alegre, no Brasil, que conseguiu tornar a água acessível a todos e a bom preço. Entretanto, lembra que não existem soluções prontas a usar, dado que as políticas que produzem resultados positivos para as pessoas carentiadas num determinado cenário podem fracassar em outro (PNUD, 2006, p. 10).

Sobre o significado do pagamento do valor da conta mensal de água, para cerca de metade dos entrevistados, tem alguma representatividade no orçamento, mas vale o serviço prestado (19/40):

“Acho que pesa um pouquinho. Porque num exemplo, acho que não tem só essa conta só, tem mais de outras contas aí dentro, entendeu?... Vale, porque é necessidade. Eu preciso, porque a gente não pode viver sem água, né?” (MSe); *“Mas infelizmente a gente tem que pagar, né? Se não paga, corta, né? Vale, sem dúvida!”* (ST).

Para outros, o pagamento da conta de água não tem nenhuma representatividade no orçamento, e vale o serviço prestado (18/40). Mostram o valor que a água tem na vida do

entrevistado, que vai além do que pode o dinheiro pagar:

“Eu não acho que pesa não, não pesa porque é pouco, só quando está desempregado, que não tem condição e a pescaria está ruim. Eu sinto prazer em pagar (risos). Vale, vale sim, claro que vale! (ICa).

Mas há três sujeitos em Jardim Camburi que dizem que o pagamento da conta de água tem alguma representatividade no orçamento, e não sabem se vale pelo serviço (3/40):

“As vezes eu não sei, eles cobram uma taxa, que eu acho que é errado, que é a de esgoto. Eu acho que a gente tem que colaborar, claro que eles têm que tirar o dinheiro de algum lugar pra poder fazer o trabalho deles, mas 100 %, praticamente 100%, eu acho um absurdo! Eu acho que o governo tem condição de arrecadar o dinheiro pelo imposto que a gente paga, então, eu acho que eles tinham que rever isso, ou não sei, sabe? Acredito que pelo serviço não, mas vale por você pensar que outras pessoas não tem condições de ter água, vale a pena” (JC).

Pelo fato de o bairro de Jardim Camburi possuir sistema de esgotamento sanitário, é cobrado na conta de água um acréscimo de 80% e, pelos depoimentos, apesar de a maioria dos entrevistados ter considerado o serviço de esgoto como tendo a mesma importância que o serviço de água e de saúde, reclamam desse pagamento. Contudo, há que se considerar que, antes de 1991, quando da implantação do sistema nessa área, a solução adotada para o destino dos esgotos era o sistema domiciliar de fossa séptica seguida de filtro anaeróbio. Para eles representava o custo inicial de implantação e uma manutenção a cada ano, mesmo assim para aqueles que a faziam, pois era comum, com a desculpa de que o sistema ‘funcionava bem’, já que não transbordava ou lhes causava qualquer incômodo, muitos não a faziam. Portanto, não se pagava uma conta mensal por isso, mas também não se vivia em condições precárias como vivem as pessoas que moram em Santa Teresa, por exemplo. É interessante lembrar que muitos depoimentos em outros momentos da entrevista, mostraram a preocupação com a poluição ambiental que era trazida pela solução anterior, dada a proximidade com o mar, impossibilitando-os o acesso à praia para lazer.

Vale lembrar Bouguerra (2004, p. 22) discutindo sobre o valor da água, entendendo-a como elemento vital e não uma mercadoria, quando parafraseia Byron dizendo: “diante dos que conhecem o preço das coisas, mas ignoram o seu valor”, que não é caso dos depoimentos

apresentados. Bachelard também comenta sobre a diferença dada ao valor da água associando a sua necessidade, poluição e escassez:

Para bem compreender o preço de uma água pura, é preciso ter-nos revoltado com toda a nossa sede enganada, após uma caminhada de verão, contra o vinhateiro que fez macerar sua vinha na fonte familiar, contra todos os profanadores – esses Átila das fontes – que acham uma alegria sádica em remexer a vasa do riacho depois de ter bebido nele. Melhor que qualquer outro, o homem do campo conhece o preço de uma água pura porque sabe que é uma pureza em perigo, porque sabe também beber a água clara e fresca no momento oportuno, nos raros instantes em que o insípido tem um sabor, em que o ser inteiro deseja a água pura (BACHELARD, 2002, p. 144).

Rouse *et al.* (2003, p. 187) afirmam que as tarifas de água têm influência sobre o comportamento, entretanto, elas são somente um elemento a ser considerado entre outros. Acreditam que a água deve ter custo para ser valorizada, que os preços e taxas devem ser transparentes e contribuir para uma adequada cobertura sobre os efeitos social, econômico e ambiental. Afirmam, ainda, que a participação pública é importante no estabelecimento de tarifas e no estímulo do gerenciamento financeiro e de demandas para melhores eficiências. Com relação à população pobre, sugerem que existe a necessidade de subsídios que possam ajudá-la, por exemplo, na redução de taxas ou de níveis básicos de água gratuita ou, ainda, de baixas taxas.

3.7.4 A intermitência do serviço de água

Quanto à ocorrência de falta de água, as percepções são diferentes. Nas áreas de MSe, ICa e ST, há quem afirme que a falta d'água é ocasional e que a CESAN comunica o fato com antecedência (19/30), mas não houve essa percepção na área de JC. Os depoimentos mostram como a vizinhança age nessas ocasiões, no apoio à divulgação dessa informação que, como lembra Castro (2004, p. 163), “a mentalidade coletiva exagera o fato e ele ganha foros de verdade, transmitindo-se de uns aos outros”. Apontam também para o transtorno que a falta de água causa em suas vidas:

“Olha, aqui é muito difícil faltar... Às vezes que falta, não é direto não. Geralmente quando falta é avisado. Entendeu?... Às vezes o vizinho lá sabe que eu não estava em casa, você escutou? Você ouviu? Saiu na televisão. Falou no rádio também... Vai faltar água! Economiza a água! Um sai avisando o outro... Quando falta é uma loucura!” (MSe); *“Eles avisam que vai faltar água em tal lugar pela rádio e televisão... Eles já fala a hora que vai faltar a água e o dia que vai retornar”* (ICa).

Sobre essa forma de convivência com os vizinhos na vida cotidiana, em que um vizinho está próximo e atento ao outro no subúrbio, Feltmann (2002, f. 46) apresenta o depoimento de uma moradora de uma comunidade do subúrbio do Rio de Janeiro, que diz: “se eu morasse na zona sul eu não ia ver o vizinho, porque o vizinho faz parte de minha vida. Ele te acolhe, eu me sinto muito bem. Oi, bom dia, tudo bem?”

Para alguns, a falta d'água é freqüente e a CESAN comunica (7/40). Ao mesmo tempo em que mostram o transtorno que isso representa, demonstram também a satisfação que significa ter acesso à água outra vez em casa:

“Tem dia que chega à noite, porque cai na caixa, né? Aí no outro dia, não tem água de novo... De primeiro assim, faltava água no cano, e não tinha água, a gente não tinha água, aí ligava pra pipa e a pipa vinha, aí menina, nós enchia as coisas, enchia tonel, enchia as coisas e depois nós tudo toma banho na maré e aí... Aquela alegria, né? Que vai faltar água, eu fico sabendo pelo rádio, a televisão...” (ICa).

Já para outros, é difícil faltar água (16/40):

“Olha, é muito difícil faltar, mas falta, demora muito faltar água aqui, aí quando falta, falta três dias direto. Na minha casa é raro, na verdade quando falta eu nem percebo, porque a minha água vem direto da caixa. Ah, eu tenho então, que perguntar às outras pessoas se faltou água, porque a minha torneira, todas elas já vem direto da caixa, entendeu? Aí, não dá para sentir falta assim, não” (ST); *“Não, muito difícil Jardim Camburi é muito difícil mesmo! Eles avisam, entendeu? A CESAN tem esse trabalho de avisar pelo rádio e pela televisão, a gente já abastece a água... De vez em quando, mais pra o verão, que falta. Ah, eu tenho que ligar para o 155 e falar com a CESAN, é a marca da CESAN. Não, nunca fiz isso, porque nunca faltou (Risos)”* (JC).

Todos os sujeitos de Jardim Camburi informam que é muito difícil faltar água nessa área, isso já foi mostrado quando a maioria dos entrevistados disse utilizar o reservatório de água domiciliar por hábito, divergindo dos discursos das outras áreas e apontando, assim, para uma desigualdade na prestação do serviço de água às quatro áreas. Mesmo que seis sujeitos em Santa Teresa informem que é difícil faltar água, observam-se depoimentos diferentes dos de Jardim Camburi, pois informam que podem passar de dois a três dias sem água e que, pelo fato de terem reservatório de água domiciliar, podem não perceber que não está chegando

água na caixa, se esta falta for por um curto período. Nos dias das entrevistas foram observadas pelo menos duas residências em que não estava chegando água, o que não ocorreu em Jardim Camburi.

A falta d'água é freqüente para quatro sujeitos em Santa Teresa:

“Falta, assim, mais finais de semana, mas eu acho que é por ser alto, entendeu? O máximo que aqui, pelo menos o tempo que eu estou aqui, que eu vi faltar é um dia, um dia e meio, entendeu? É assim raro o dia que tem durante o dia água direta da rua, aí eu tenho porque fica na caixa, né? Assim, o tempo de verão acontece muito, falta, durante o dia falta o dia todo, assim, à noite que chega água, entendeu?... Oh, minha filha, às vezes... Eu fico esperando ela voltar, eu fico esperando chegar. Não, eu nunca liguei pra CESAN pra reclamar negócio de falta d'água” (ST).

Há também aqueles que, no caso de falta d'água, procuram a CESAN para providências e fazem restrição ao atendimento da CESAN (3/40):

“Providências? Ah, a gente liga pra CESAN. Só o atendimento, eles atende muito bem, às vezes demora um pouquinho, mas às vezes vem logo, né? Eles atendem bem. Mas só que, na hora de vir resolver eles não vêm resolver nada, continua ficar um mês sem água ou a gente chama demora uns dois dias mas eles vêm logo vem atender aqui” (ICa); “A gente liga pra CESAN e eles falam que o prazo de 48 horas estará tudo normalizado, mas é muito difícil em 48 horas” (ST).

Muitos deles também declaram que sabem o porquê da falta de água (21/40). Mostram que sabem o porquê desses eventuais cortes no fornecimento; apesar de não gostarem, acreditam que isso seja uma necessidade para melhorar a qualidade da água que consomem:

“Menina, quando falta água, alguma coisa eles estão fazendo!... Olha, geralmente quando é comunicado é... Um rompimento de alguma adutora, ou é limpeza, essas coisa. Eles lavam aquela caixa, né?... Porque a gente não vai ficar bebendo daquela água direto, alguma coisa que tem que ser acertada. Porque não vai faltar água à toa” (MSe); “Porque joga água pra um canto e o outro fica sem... Falta água porque a maioria não paga, né? Ou é devido a muito desperdício...” (ICa); “Assim, o tempo de verão acontece muito, assim, falta, durante o dia falta o dia todo, à noite que chega água, entendeu?” (ST).

No discurso de um sujeito de Mangue Seco (S¹⁰_{MSe}), chama atenção a contradição apresentada pelo entrevistado no que se refere ao comportamento quanto às providências na falta de água, sobre o discurso apresentado:

“Ah, minha filha, quando falta a gente fica tudo doido, né? Vai procurar em outro lugar que tem, ou um poço, ou... Alguém que... Às vezes muita gente às vezes falta água e não cai nas torneiras, eles rancam o cano, pra água sair ali, nós queremos é a água, entendeu? A gente faz assim,... A gente não, os outros né? Eu não faço nada disso não! Eu só vou pegar, fazer eu não faço não... (risos)” (grifos nossos).

Começa o discurso informando que grupo de moradores “*rancam o cano*”, a seguir informa que “*a gente faz assim*” e depois diz “*eu não faço nada disso não!*” e que ele “*só vai pegar!*”

Oliveira (1996, p. 69) cita um episódio descrito por Cunha (1995), em que um grupo de mulheres de uma comunidade do Complexo de Favelas da Penha, munidas de vassouras, reuniu-se para ameaçar o presidente da associação de moradores e o ‘manobreiro’, para resolver o problema da falta de água.

Myers (2000, p. 71) comenta sobre como o comportamento individual pode sofrer influências sociais, ou seja, no grupo, o indivíduo pode apresentar comportamento que não apresentaria na ação individual, sendo que as influências sociais podem ser enormes, o suficiente para induzir a pessoa a violar sua convicção mais profunda, e ainda lembrando o que diz Durkheim (1966, p. 5) “é assim que indivíduos, em geral perfeitamente inofensivos, podem se deixar arrastar a atos de atrocidade quando reunidos em multidão”.

3.7.5 A suspeita quanto à qualidade da água

A suspeita quanto à qualidade da água que chega aos domicílios foi apontada por 50% dos sujeitos nesta pesquisa, que informam nunca terem procurado a CESAN para reclamar, adotando um comportamento de passividade. Para o exercício de cidadania também se faz necessário o acesso à informação, pois o direito é legalmente garantido, mas não conhecido e exercido pela população. Interessante é também observar como os sujeitos se relacionam com a água quando expressam que ela “*vem*” para a sua casa, que ela “*falta*” e que ela “*volta*” ou “*retorna*”, como se a água tivesse essa mobilidade que lhe é atribuída.

“Aqui já várias vezes. Olha, às vezes você abre a torneira e vê aquela...Tipo igual a leite, branco... Às vezes a água vem amarelada... Chega aquele cheiro de ferrugem, né? Porque tem dia igual, chega a faltar água, quando logo que chega em seguida ela vem suja, entendeu? Tem dia que ela está com odor forte. Que se a gente beber a água do jeito que ela vem, às vezes igual vem barrenta daquele jeito, a gente pode consumir alguma coisa, né? Ah! Eu não procuro não! Nunca procurei!” (MS); “Ah, a água às vezes ela vem boa, às vezes vem amarga, gosto ruim, amarela, cor de ferrugem, chegou a vir barrenta algumas vezes em época de muita chuva. Teve uma época sim, que estava dando muita dor de barriga, aí eu disse: ‘oh gente, isso aí deve ser a água, porque todo mundo sentindo a mesma coisa!’... Primeira coisa que eu faço é deixar a água, que vem às vezes barrenta, sair da torneira, até que ela não fique branquinha eu não uso, eu tenho medo, então, a gente deixa aquela água passar e pega quando vem limpa. A CESAN, ligo não, porque eles falam que limpam a água, por isso esse gosto ruim, do cloro. A gente geralmente não fala nada não, depois a gente espera, espera pra ver se ela limpa, né? Porque logo em seguida é o cloro que vem, parece assim, logo no começo água vem suja!... Mas depois ela vai limpando” (ICa); “ Não, só quando falta água Ai, nisso que ela está vindo, no caso que ela tem que encher a caixa de novo ela desce um pouco escura. Quando ela volta, eu não sei se vem tirando a sujeira dos canos, eu não sei, vem muita.... E a caixa agora? Nossa Senhora, você tem que ver a sujeira da caixa! Nossa você tem que olhar! Eu lavei no dia que faltou água, pode ir lá agora olhar! Você não tem vontade de tomar a água! É muita sujeira que vem! Há um mês e pouco eu lavei a caixa. Eu só deixei escorrer um pouco, que vai sair aquela do cano escura e vai ficar normal. Às vezes eu penso assim que, nem filtrada a gente escapa assim... Deixa assim de tomar algum resíduo que pode fazer mal, acho que nem filtrando... Porque devido a cor dela muito embaçada, eu já vi cair. Eu só suspeito quando tem muito cloro, né? Às vezes eu falo que essa água está com muito cloro, às vezes até o cheiro da água, né? É do cloro, do próprio cloro... Assim, providência de reclamar, alguma coisa assim? Não. Nunca liguei não” (ST); “ Sim, gosto, cloro, barro, né? Às vezes se você abrir, um monte de terra, passando dois minutinho, aí suja mesma. Ai, eu espero correr aquela água suja primeiro, pra depois quando começar a ficar branca, pego e olha na mão... Pensei já, mas... Não, nunca liguei, a água hoje está barro, mas amanhã está limpa, aí dá pra lavar roupa...” (JC).

Com relação à suspeita quanto à qualidade da água associada ao sabor, Strang (2004, p. 58, tradução nossa) mostra o seguinte depoimento: “Se existisse um gosto muito forte de alguma

coisa, eu suspeitaria dela”⁵⁷. Também Doria *et al.* (2005, p. 148), em Lisboa, Portugal, apresentam resultados de pesquisa que mostra que a percepção da qualidade da água é muito influenciada pela presença de sabor, como também pela ocorrência de problemas anteriores de saúde e a presença de cor na água. Entretanto, Mackey *et al.* (2004, p. 331-332), nos Estados Unidos, não observaram diferenças estatísticas significativas entre consumidores de água de torneira quanto à presença do cloro livre (159 pessoas testadas) e cloramina (93 pessoas testadas) (0,8 e 3,7mg/L Cl₂, respectivamente).

Strang (2004, p. 123, grifo da autora, tradução nossa) também mostra depoimento onde há a preocupação das pessoas quanto à presença de microorganismos na água: “As pessoas expressaram uma imensa preocupação sobre a situação da água de consumo, visto conter ‘corpos estranhos’ de qualquer tipo, e tiveram idéias claras sobre que substâncias combinam com eles, e que poluiria ou perturbaria sua integridade física”⁵⁸.

As áreas de Santa Teresa e Ilha das Caieiras ficam mais próximas ao reservatório de água que recebe a adutora do sistema e que distribui água para toda a cidade, daí observando-se nos depoimentos a reclamação maior quanto ao gosto do cloro no cotidiano. Por outro lado, nas áreas de Mangue Seco e Jardim Camburi, que se localizam nas pontas de rede dos respectivos sistemas, os entrevistados reclamam do gosto somente depois da interrupção do abastecimento, quando as redes voltam a distribuir a água, que vem com maior quantidade de cloro, dada a prática de desinfecção na rede de distribuição após reparo.

Essas relações entre a percepção do sabor de cloro na água e a percepção de risco à saúde, e também em função da posição da residência em relação à rede de distribuição, foram analisadas por Turgeon *et al.* (2004, p. 372), no Canadá. Esses autores concluíram que essas relações existem pois, quanto mais próximo da estação de tratamento moram as pessoas, mais é sentido o gosto de cloro na água e isso é logo associado ao risco de saúde. Por outro lado, aqueles que moram em extremidades de rede, por não perceberem esse gosto, não sentem sua saúde ameaçada. Entretanto, afirmam que as características socioeconômicas são importantes para a percepção da qualidade da água de consumo, mas, neste estudo, essas características não interferiram na opinião dos sujeitos entrevistados, sendo semelhantes na média de 50% dos entrevistados de cada área.

⁵⁷ Do original em inglês.

⁵⁸ Do original em inglês.

3.8 Existência e participação em alguma associação no bairro

A tabela 3.8 mostra uma síntese das Idéias Centrais e Ancoragens referentes ao sub-tema 8.

TABELA 3.8 - Síntese das Idéias Centrais e Ancoragens do sub-tema 8: Existência e participação em alguma associação/entidade no bairro

Idéia Central		Ancoragem	Número de Sujeitos/Área			
			MSe	ICa	ST	JC
Associação de bairro	Existe e participa	Modernidade	06	04	03	02
	Pouca participação, mas ocorrem críticas		02	-	-	-
	Pouca participação, mas acredita na possível participação futura dos moradores		01	-	-	-
	Pouca participação dos moradores. Individualismo		03	-	01	01
	Existe associação de bairro e não participa		04	06	05	07
	Pouca participação dos moradores		-	05	05	03
	A associação não ajuda aos moradores		-	03	-	-
	Tem muita confusão na associação		-	02	-	01
	Não sabe se os moradores participam da associação		-	01	01	03
	Os vizinhos participam da associação		-	01	-	-
	Existe a pastoral e já participou.		01	01	-	-
	Os vizinhos não participam da associação		-	-	01	02
	Não sabe se existe associação de moradores		-	-	02	01
	A população precisa do Centro Comunitário		-	-	02	01

3.8.1 Associação de bairro

No discurso referente à existência de associação de bairro, menos da metade dos entrevistados declara que existe associação de bairro e que participa (15/40), e mesmo não podendo participar de reunião, se informa com os vizinhos:

“Aqui tem o movimento comunitário, né?... Eu participo, quando eu posso, né? Porque eu trabalho direto, e às vezes, a reunião que tem dá pra gente ir... Mas sempre mesmo a gente não indo, sempre a gente pergunta quem foi, o que houve, o que aconteceu” (MSe).

Entretanto, há quem diga que é pouca a participação dos moradores, mas ocorrem críticas (2/40). Os depoimentos mostram que eles entendem isso como uma recusa ao direito de todos

os moradores e apresentam a opinião de que as pessoas não comparecem, mas depois fazem críticas às decisões tomadas:

“ Os moradores eles não são muito de participar. Participação que eles têm direito também de pegar e pôr o que eles pensam e o que eles acham. Não comparece, mas depois querem opinar sobre uma decisão já tomada... Mas só que ninguém toma aquela frente, pra falar assim: Eu vou fazer alguma coisa pra mudar! Mas eles são muito assim, de crítica” (MSe).

Enquanto outros dizem que é pouca a participação, mas acreditam numa possível mudança de atitude futura por parte dos moradores (1/40):

“Olha, aqui é o seguinte, os moradores eles não são muito de participar. Muita gente agora que estão se interessando mais. Eles estão vendo o bairro crescendo e quer mais é a melhora do bairro, né? Uma hora eles vão falar: Eu também vou ajudar, vou fazer alguma coisa pra mudar, né?” (MSe).

Há quem aponte a pouca participação dos moradores, alertando para o individualismo presente na comunidade (5/40), aqui novamente mostrada a característica da individualidade na modernidade, apresentada por Taylor (1991, p. 37-47 *passim*).

“Não tem total participação. Só se for interessante pra mim, né? São tipos de pessoas, tipo assim, isolada dos acontecimentos” (MSe); *“A comunidade é muito fraca. A comunidade, ela tem um interesse próprio. Ela não tem interesse um no outro”* (ST); *“ Jardim Camburi, eu sempre falo, eu moro aqui há muitos anos, é uma comunidade muito fechada, muito fechada...”* (JC).

Na ocasião em que as entrevistas estavam sendo realizadas em Jardim Camburi, um tema que sempre aparecia nos depoimentos era o fechamento da via principal do bairro para a realização de uma festa anual de carnaval fora de época em Vitória, denominada “VITAL”. Essa festa é realizada em três dias no mês de novembro, e já acontecia nesta área há cerca de dez anos e essa comunidade vinha lutando há anos para a transferência do evento para outro local, dados os transtornos relativos a trânsito, poluição ambiental e sonora, e violência. Apesar da pouca participação dos moradores nessa luta, de acordo com informação da líder comunitária que acompanhou a pesquisadora nos domicílios, no ano de 2006 a comunidade teve atendida a sua reivindicação. Isso mostra que uma comunidade esclarecida consegue mudar o seu rumo e serve como exemplo para aquelas que têm questões ainda mais sérias

para conquistar, como a comunidade de Santa Teresa, que vive em situação precária, com os esgotos correndo a céu aberto, apesar das promessas de cada novo governo.

A maioria deles afirma que, apesar de existir associações de bairro, eles não participam (22/40):

“Tem sim!... Mas, eu nunca participei não. Porque também eu não tenho tempo, né? Mas as informações chegam (risos)” (MSe).

Quanto à participação dos moradores, alguns afirmam que é pequena (13/40):

“Vizinhos? Eu acho que quase ninguém vai...”(ICa); *“Ah, deve ter alguém que participa, entendeu?”* (JC).

Há aqueles que expressam que a associação não ajuda os moradores (3/40):

“Ah, não tem recursos pra dar ajuda a ninguém, não tem fundos... Então, pra mim não existe, eles não faz nada, não faz nada mesmo!” (ICa).

Como também há muita confusão na associação (3/40):

“É muita política, né? Dá muita encrenca... Eu não gosto não!” (ICa); *“É muita politicagem, por isso que eu não participo... No outro ano sempre elegendendo alguém, quem está metido sempre o outro ano está como vereador ou como deputado, não é aquela participação espontânea”* (JC).

Ou mesmo não sabe se os moradores participam da associação (5/40):

“Não, não tenho idéia, que eu conheço ninguém participa não!” (JC).

Mas há quem afirme que os vizinhos participam (1/40):

“Participam. Eles já me chamaram pra participar, mas...” (ICa).

Somente dois entrevistados em Mangue Seco e Ilha das Caieiras informam da existência da pastoral (“o grupo do pessoal da igreja católica, né?”) e informa que participava desse grupo quando suas crianças eram pequenas (“*ah, pesagem de criança, acompanhamento, essas coisas... Participava até meus meninos fazerem seis anos de idade*”).

Como também há outros que não participam (3/40):

“Eu acredito que não, acho que ninguém por aqui participa” (JC).

Há também os que não sabem se existe associação de moradores (3/40):

“Não sei te dizer, porque eu sou muito filtrada aqui em casa. Se existe, ninguém nunca comentou nada comigo não” (ST).

É mister observar que há alguns sujeitos que destacam a importância do centro comunitário (3/40):

“É, todo mundo precisa, mas ninguém vai procurar nem pra botar negócio de esgoto, nem a água e nem nada, ninguém vai. Que se a comunidade trabalhasse em conjunto, eu tenho certeza que a gente teria atingido o nosso objetivo, né?” (ST); *“Quanto mais a comunidade trabalhar unida, mais fácil se torna”* (JC).

É sabido que quanto mais unida é a comunidade maior é seu poder de desenvolvimento, e isso está presente na consciência dos sujeitos, porém não é o que ocorre em suas ações. Esse debate que é colocado nos discursos, da busca por interesse individual, é a marca da modernidade. Isso é possível também observar em um alerta feito por Strang (2004, p. 19), ao afirmar que “nesse novo milênio, um terço dos moradores da Inglaterra não conhecem os seus vizinhos” e ainda apresenta o seguinte depoimento de um entrevistado:

Eu penso que existem comunidades fortes e comunidades que não são fortes... Eu sou muito interessado nas questões comunitárias, mas... ultimamente, as pessoas não têm tempo. Eu penso que se as pessoas estão empregadas em algum trabalho, basicamente elas não têm tempo para dar à comunidade (*Ibidem*, p. 16, tradução nossa)⁵⁹.

Ainda afirma que:

Apesar de alguns discursos New Age pós-modernos terem tendido a enfatizar uma visão mais individual da relação homem-ambiente, a maioria dos grupos alternativos – religiosos ou laicos – observam que tal reconciliação envolve também novas formas de ‘comunidade’ em nível social. (*Ibidem*, p. 95, grifos da autora, tradução nossa)⁶⁰.

⁵⁹ No original em inglês.

⁶⁰ No original em inglês.

4 O PAPEL DO SUJEITO EM RELAÇÃO À ÁGUA DE CONSUMO HUMANO EM VITÓRIA-ES

Ora, a omissão de um princípio leva ao erro; assim, é preciso possuir a vista bem clara para ver todos os princípios e também o espírito justo para não raciocinar erroneamente sobre princípios conhecidos (PASCAL, 1979, p. 39).

Na elaboração e discussão dos elementos que compõem esta pesquisa é importante lembrar da influência da subjetividade da pesquisadora no desenvolvimento da metodologia qualitativa, tanto na etapa de coleta, quanto no tratamento e análise dos dados, pois como lembra Myers (2000, p. 5), “há uma verdade objetiva em qualquer lugar; mas sempre a consideramos, na ciência e na vida cotidiana, através da lente de nossas convicções e valores”. Além disso, deve-se considerar ainda o tratamento dado aos possíveis significados dos depoimentos dos quais foram produzidos os discursos e também as representações obtidas de cada tema abordado, como lembra Castoriadis (1999, p. 36) ao citar Hegel que “dizia que todo mundo diz Eu, e dizendo Eu diz o que todo mundo diz; dizendo Eu, absorve alguma coisa que não é dele, um vocábulo da linguagem. Em que medida ele é capaz de apropriar-se realmente dessa linguagem, de torná-la realmente sua, é outra história”.

Para a discussão dos resultados obtidos, é interessante retornar à proposta inicial desta pesquisa, de buscar respostas para um conjunto de considerações, questões e hipóteses formuladas que foram explicitadas no quadro 1.1.

As perguntas formuladas foram as seguintes:

- a) quais as percepções do sujeito sobre a importância, origem, formas de uso, direitos e deveres em relação à água que consome? (sub-temas 1, 2, 3 e 4);
- b) quais são as representações sobre as diarreias, práticas de manejo, importância da qualidade e quantidade da água na transmissão de doenças e sobre as ações das instituições de saúde? (sub-tema 3);
- c) quais as percepções do sujeito sobre a importância, acesso, destino, direitos e deveres em relação ao serviço de esgotamento sanitário? (sub-tema 5);
- d) o direito ao acesso às informações da qualidade da água consumida estabelecido pela Portaria Nº 518/2004 e o Decreto Nº 5.440/2005 é exercido pelo sujeito? (sub-temas 6 e 7);

e) existe associação de bairro na comunidade? Qual o nível de participação dos moradores? (sub-tema 8).

E as hipóteses formuladas foram:

a) grande parte da população associa a qualidade da água de consumo com a saúde. (sub-tema 1);

b) grande parte da população desconhece a origem da água de consumo e o destino dos esgotos, a manutenção do filtro e do reservatório de água domiciliares. (sub-temas 2, 4 e 5);

c) apesar da existência do MDDA, a diarreia não é concebida como doença, o que influencia os hábitos do sujeito quanto ao tratamento, sua busca ou não pelo atendimento médico nas Unidades de Saúde. (sub-tema 3);

d) a distribuição de água com qualidade não implica necessariamente seu consumo pela população atendida. (sub-temas 4 e 6);

e) apesar do direito de receber água com qualidade e de ter acesso a informações, o consumidor não reclama por isto. (sub-temas 6 e 7);

f) quanto maior a participação dos moradores em associação de bairro, maiores são os benefícios alcançados pela comunidade. (sub-tema 8).

Os depoimentos mostraram uma multiplicidade de aspectos pessoais dos sujeitos quanto ao modo de vida e hábitos relativos à água de consumo humano. Observa-se que as representações têm suas origens na casa, escola, igreja, associação de bairro, mídia ou nas próprias experiências pessoais, o que deu diferentes ênfases na relação com a água de consumo de acordo com a idade, sexo, nível socioeconômico, escolaridade e outros. Cada sujeito tem a suas próprias percepções sobre essa relação. Na maior parte dos depoimentos é claro o entendimento dos sujeitos sobre a importância da água (39/40), bem como do consumo de água com qualidade (39/40), principalmente no que diz respeito ao risco à saúde, confirmando-se assim a hipótese formulada para o sub-tema 1.

Euzen (2003, p. 265) afirma que essas percepções dependem da história pessoal e do desenvolvimento da preocupação individual de cada um, e ainda discute como os costumes

mudam com o contexto e como cada pessoa constrói sua confiança na água distribuída pelo sistema. Strang (2004, p. 68-69) também ressalta que as idéias, valores e experiências estão ligados ao contexto social em que as pessoas vivem.

Ficou evidente a falta de informação dos entrevistados quanto à origem da água que recebem no domicílio - a maioria (27/30) informa que desconhece o percurso da água até o domicílio. Confirma a hipótese formulada para os sub-temas 2 e 4, dado que os depoimentos mostram que quase a totalidade dos entrevistados desconhece a origem da água.

A questão mais grave é com relação ao uso, desde a opção da água de beber, das formas que os sujeitos acreditam ser as melhores para o consumo, ao desperdício apontado por alguns deles e à manutenção incorreta do filtro e do reservatório de água domiciliar. Alguns depoimentos expressam uma ‘mania de limpeza’, que chega a mostrar uma obsessividade infecunda de higiene, algumas práticas estão sendo feitas em prol da saúde, mas que na realidade estão fazendo pela doença. Nenhum dos entrevistados mostrou conhecer as formas adequadas de manutenção desses, ou seja, as formas que vêm sendo adotadas pelos entrevistados, em alguns casos podem até estar colocando em risco a qualidade da água no domicílio e conseqüentemente a saúde dessas pessoas.

Ao analisar a representação referente ao uso de água envasada (11/40), que a cada dia está invadindo a vida das pessoas, tornando-se um signo convencional na realidade da sociedade, é interessante lembrar o que diz Moscovici (2003, p. 36) citando Lewin (1948, p. 57) que considera que “a realidade é, para a pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade”.

Sobre a propaganda de se substituir o consumo da água proveniente do sistema de abastecimento que está sujeito ao controle e à vigilância de qualidade por água envasada, que possui um custo bem mais elevado, Bouguerra apresenta a seguinte opinião:

Infantilização do cliente, subestimação de seu saber ou tendência a criar uma psicose para levar as pessoas a consumir essas águas em garrafas, onerosas tanto econômica quanto ecologicamente e a abandonar a água de torneira? Esta obsessão psicótica pela água ‘pura’ atiça o apetite de muitos charlatões e falsos cientistas que utilizam pseudocientífico discurso obscuro destinado a enganar as pessoas (BOUGUERRA, 2004, p. 177-178, grifo do autor).

É interessante destacar que o custo de um litro de água envasada gira em torno de R\$ 1,20, enquanto a título de exemplo, um sujeito de Santa Teresa, usuário de água envasada, paga ao

serviço de água o valor de R\$ 5,69 por 12m³/mensal. Ou seja, consome 12.000 litros de água pelo preço da aquisição de cerca de 5 litros de água envasada. Considerando essa residência, onde moram duas pessoas, e que cada uma bebe de 1 a 2 litros de água por dia, tem-se então o consumo mensal aproximado de 90 litros. Isso representa, no caso da água envasada, um custo mensal de cerca de R\$100,00, quase 20 vezes o valor da conta mensal paga ao serviço de água. Além disso, é necessário considerar o risco a que essas pessoas podem estar sujeitas com relação à falta de qualidade da água envasada escolhida para o seu consumo. Nas áreas de Mangue Seco, Ilha das Caieiras e Santa Teresa, onde a renda mensal é bem inferior à de Jardim Camburi, esse custo é representativo no orçamento familiar mensal.

A falta de conhecimento leva cada sujeito a procedimentos diversos na condução de suas formas de lidar com a água no domicílio. Mesmo recebendo água com qualidade, as pessoas podem buscar fontes alternativas para o seu consumo, podendo colocar em risco a saúde pessoal e a da família, de uma forma involuntária, o que também afirma a hipótese referente ao sub-tema 4 e 6, de que a distribuição de água com qualidade não implica necessariamente em seu consumo .

A importância do consumo de água com qualidade é mostrada na literatura científica desde a antiguidade. Portanto, faz-se necessário que as pessoas tenham acesso às informações relativas aos seus direitos e deveres na sua relação com a água de consumo. Essa necessidade de conhecimento e busca pelo que dispõe a legislação sobre o direito do cidadão é importante, como alerta Valadares (2000, p. 88): “para se sustentar, nem sempre o sujeito é um cidadão” e, citando Soalheiros (1998), “há a lei e aquilo que não se consegue com a lei”. Daí se considerar a importância do exercício da cidadania.

O desconhecimento da origem, ou mesmo do processo pelo qual a água é submetida antes de chegar ao domicílio é um fator importante a ser considerado pelos órgãos públicos de saúde e saneamento quando do investimento em atividades que possam promover a confiança do sujeito na qualidade da água que recebe. Importante também é o entendimento, por parte da população, da necessidade de se tomarem certos cuidados no domicílio para garantir a continuidade da qualidade da água para o seu consumo.

A partir da declaração de 50% dos entrevistados sobre a suspeita quanto à qualidade da água em alguma ocasião (20/40), mostra como o desconhecimento do direito de exigir uma água com qualidade pode colocá-los em situação de risco.

A falta de informação pode implicar na falta de confiança na qualidade da água que consomem. Assim, como da mesma forma que é de grande importância o investimento realizado pelas companhias de saneamento para melhorar as tecnologias do sistema de abastecimento, é também importante a preocupação em levar essas informações à população, promovendo a confiança do sujeito no uso da água do sistema. Tal prática pode resultar em maior participação e apoio comunitário, bem como maior envolvimento do sujeito na gestão dos serviços de saneamento. A importância do envolvimento da comunidade em questões ambientais pelos cidadãos tem sido largamente reconhecida na literatura (NICHOLSON *et al.*, 2002, p. 193).

Entretanto, há de se considerar primordialmente a importância da garantia de distribuição de água com qualidade à população pelos prestadores de serviço, considerando por exemplo, que de acordo com Queiroz (2006, f. 114) a qualidade da água distribuída à população de Vitória-ES, no ano de 2004, apresentou pontos em não conformidade com os padrões recomendados pela legislação vigente, tanto pelo controle (CQA) como pela vigilância da qualidade da água de consumo humano (VIGIAGUA). Dentre esses pontos, essa autora apontou as áreas de influência das Unidades de Saúde de Ilha das Caieiras e Jardim Camburi. Somente com essa garantia é possível investir na promoção da confiança da qualidade da água recebida pela população.

O direito do cidadão de receber as informações sobre a qualidade da água que consome já estava previsto na Portaria N^o 518/2004 (BRASIL, 2004) sobre os padrões de potabilidade, mas atualmente está estabelecido no Decreto N^o 5.440 de 4/5/2005 (BRASIL, 2005), de forma mais clara sobre como devem ser esses procedimentos de informação à população, tanto dos responsáveis pelos sistemas de abastecimentos de água como pelas autoridades federais, estaduais e municipais responsáveis pela vigilância da qualidade de água. A partir de 05 de junho de 2005 está legalmente garantido à população receber, nas contas mensais de água, as seguintes informações: divulgação dos locais, formas de acesso e contatos por meio dos quais as informações estarão disponíveis e orientação sobre os cuidados necessários em situações de risco à saúde. E, a partir de 15 de março de 2006, o resumo mensal dos resultados das análises referentes aos parâmetros básicos de qualidade da água, características e problemas do manancial que causem riscos à saúde e alerta sobre os possíveis danos a que estão sujeitos os consumidores, especialmente crianças, idosos e pacientes de hemodiálise, orientando sobre as precauções e medidas corretivas necessárias.

A CESAN tem informado nas contas mensais de água o endereço eletrônico da companhia, para que o usuário possa ter acesso a essas informações. Essa maneira de divulgação tem suas limitações, dado que a menor parte da população tem acesso aos meios eletrônicos de comunicação, que as informações prestadas são técnicas e de difícil compreensão da população em geral e ainda que parte da população de Vitória vive em condomínios, possivelmente nunca tem acesso à conta mensal de água. Para mudança desse quadro, Queiroz (2006, f. 117) recomenda estudos de implantação do Decreto N^o 5.440/2005 e avaliação dos efeitos de sua implementação junto à sociedade civil.

Quanto aos deveres das pessoas em relação à água de consumo humano, é importante o conhecimento do porquê da necessidade do tratamento da água antes do seu consumo, como estabelecido na Portaria N^o 518/2004 (BRASIL, 2004) sobre os padrões de potabilidade, lembrando que esta busca garantir a qualidade da água até a entrada no domicílio. Aqui vale lembrar os deveres das pessoas quanto à garantia da continuidade dessa qualidade no interior do domicílio, no que diz respeito às instalações destinadas ao transporte, reservação e tratamento da água, bem como do seu uso.

Portanto, faz-se necessária a efetiva participação das pessoas para que se possa garantir o seu acesso à água de consumo humano de qualidade. Como pode ser constatado, os depoimentos mostram uma falta de interação entre o distribuidor da água (CESAN), as Secretarias de Saúde Estadual e Municipal e os entrevistados, confirmando assim a hipótese formulada para os sub-temas 6 e 7.

Quanto às representações sobre a diarreia e suas práticas de manejo, observa-se um quadro interessante, dado que a diarreia é compreendida como doença pela maioria dos sujeitos de Mangue Seco e Ilha das Caieiras (15/20) e não apareceu essa compreensão em Santa Teresa, onde são desenvolvidas as mesmas ações do PSF daquelas áreas. Como o nível de escolaridade do grupo entrevistado em Ilha das Caieiras é inferior ao de Santa Teresa, é sugestivo pensar em diferentes formas de atuação das equipes do PSF nas duas áreas. Em Jardim Camburi, onde ainda não foi implantado o PSF, também não apareceu essa compreensão, pois somente um entrevistado apresentou essa idéia. Somente dois entrevistados não associam água e diarreia (MSe e ICa). Outro ponto importante a observar é que nas áreas onde possui o PSF (MSe, ST e ICa) a maioria dos entrevistados (23/30) fazem uso do soro oral no tratamento domiciliar da diarreia. Os depoimentos mostram o manejo da diarreia de acordo com o preconizado pelo Ministério da Saúde, com a reidratação pelo soro

oral, feito com água tratada, como também a busca pelo atendimento na US somente nas áreas com atuação do PSF. Na área de Jardim Camburi o manejo da diarreia mostrou-se diferente das recomendações do Ministério da Saúde e ninguém informa usar o soro oral, ou seja, adotam medidas como o uso de medicamentos hoje proibidos pelo Ministério da Saúde. Isso confirma a hipótese formulada para o sub-tema 3.

Com relação à questão da inexistência do serviço de esgoto em Santa Teresa, a falta de participação e de união na comunidade fortalece a continuação dessa situação, sendo a confirmada a hipótese referente ao sub-tema 8. Os sujeitos reconhecem o quadro caótico das condições sanitárias em que vivem, associadas a ocasional intermitência do serviço de água, mas continuam, ano após ano, aguardando por uma mudança prometida por políticos em ocasião de campanha eleitoral. Os depoimentos apontam para uma consciência esclarecida sobre a disposição inadequada dos esgotos e suas conseqüências na saúde ambiental e pessoal. Entretanto, percebe-se uma confusão de informações, como, por exemplo, quatro sujeitos de Jardim Camburi têm e pagam pelo acesso ao serviço de esgoto e não sabem disso. Isso mostra a ineficácia dos meios de comunicação adotados pela companhia de saneamento e pelas instituições de saúde locais, na divulgação de informações que são necessárias à população.

As tarifas dos serviços de saneamento têm influência sobre o comportamento do sujeito, dado que existem ainda hoje moradores em Jardim Camburi que resistem em fazer a ligação dos esgotos domiciliares à rede coletora, existente desde 1991, e alguns entrevistados mostram insatisfação no pagamento dessa conta. Essas tarifas devem ser transparentes e contribuir para uma adequada cobertura sobre os efeitos social, econômico e ambiental. A participação pública é importante para fortalecer o estabelecimento das tarifas, o estímulo no gerenciamento financeiro e demandas por mais eficiência.

Heller (2006b, p. 841) também discute a importância da participação da comunidade e dos mecanismos para essa participação na gestão e na tomada de decisões sobre o serviço de abastecimento de água. Esse autor afirma que essa participação tem sido crescentemente reconhecida como “um requisito para o bom êxito do serviço e um imperativo democrático, ou seja, uma demanda legítima de uma sociedade democrática, que determina a abertura de canais para a participação do cidadão”.

Além disso, o sujeito bem informado é capaz de fazer escolhas que tenham melhor custo-efetividade e que lhe ofereçam melhor nível de proteção à saúde. Dessa forma, muitos sujeitos

evitam fontes inseguras de água para consumo. Alertam Means *et al.* (2002, p. 32, tradução nossa): “Existe uma aparente desconexão entre o que o público diz e quer e o que os serviços de água frequentemente pensam que o público quer”⁶¹.

Sobre a informação que não chega à população e a detenção das informações no âmbito daqueles que pesquisam, Bouguerra (2004, p. 14-15, grifo do autor) diz que tem a sensação de que os dados só são conhecidos pelos especialistas e comenta: “ora, parafraseando o Prêmio Nobel de Física Erwin Scrodinger, de que adianta uma ciência que os especialistas fiquem murmurando entre si? ‘Maldita seja a ciência que não é útil aos homens’, ensina o provérbio árabe”.

Cabe ressaltar a influência da mídia nas declarações dos entrevistados. Apesar de alguns deles afirmarem ter informações pela televisão (*Você ouviu? Saiu na televisão. Falou no rádio também! Não, do que? Vai faltar água! Economiza a água! Um sai avisando o outro. Graças a Deus, aqui a comunicação é de todos*), os depoimentos mostram que o fato de eles não terem conhecimento da legislação sobre a garantia da qualidade da água e dos seus deveres e direitos sobre o acesso à água de qualidade, a informações recebidas não as estão permitindo qualquer reflexão sobre essa questão, apontando para uma falta de articulação entre as informações recebidas e os seus cotidianos. É importante observar que, em 23 das 40 residências visitadas, a televisão estava ligada na hora da realização das entrevistas, lembrando que, como descrito, as entrevistas aconteceram todas no período da manhã, exceto na área de Jardim Camburi.

Bates (2000, p. S35-S36) discute sobre o papel da mídia na promoção da confiança do consumidor na qualidade da água e alerta que o aumento do controle sobre a qualidade da água e/ou a pouca informação sobre esses benefícios tem um efeito adverso na confiança do consumidor e os tem levado a reduzir o consumo, à utilização de dispositivos de tratamento domiciliar da água e ao uso de água envasada. Entretanto, Mills alerta:

Os meios de comunicação proporcionam muitas informações e notícias sobre o que ocorre no mundo, mas nem sempre permitem ao ouvinte ou espectador ligar sua vida cotidiana com esses acontecimentos maiores. Não ligam a informação que proporcionam sobre as questões públicas com os problemas experimentados pelo indivíduo. Não aumentam a percepção racional das tensões, nem as do indivíduo, nem as da sociedade que se refletem no indivíduo. Pelo contrário, distraem e obscurecem a oportunidade de

⁶¹ Do original em inglês.

compreender-se ou compreender seu mundo, atraindo sua atenção para excitações superficiais que se resolvem dentro da moldura do programa, usualmente pela ação violenta ou por aquilo que chamam de humor. Em suma, para o espectador não oferecem solução alguma. Esses veículos concentram sua atenção dispersiva de tensões, entre o ter ou não ter certos artigos[...] Há sempre o tom geral de diversão animada, mas que não leva a nada e não tem aonde levar. [...] O indivíduo não confia em sua experiência, como eu disse, até que seja confirmada por outro, ou pelos meios de comunicação (MILLS, 1981, p. 368, 365).

Freire (1996, p. 138) indaga “como desocultar verdades escondidas, como desmitificar a farsa ideológica, espécie de arapuca em que facilmente caímos. Como enfrentar o extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua sintaxe que reduz a um mesmo plano o passado e o presente e sugere que o que ainda não há já está feito”. Lembra ainda as diversificações temáticas no noticiário, sem que haja tempo para o sujeito realizar reflexão sobre os variados assuntos abordados. Ele diz: “de uma notícia sobre miss Brasil se passa a um terremoto na China; de um escândalo envolvendo mais um banco dilapidado por diretores inescrupulosos temos cenas de um trem que decarilou em Zurique” (*Ibidem*, p. 139). E ainda chama a atenção para a validação que o sujeito dá à informação recebida e para isso cita Mills (1981): “É verdade, ouvi isso no noticiário das vinte horas” (*Ibidem*, p. 140).

Curtis (1998, f. 151-152) concluiu que as informações passadas à população por vários canais de comunicação, usados concorrentemente e fornecendo as mesmas mensagens, reforçando uma a outra, são mais efetivas que uma usada sozinha e também que as visitas casa a casa são um essencial componente das atividades de comunicação. Essa autora também afirma que as pessoas aprendem mais quando elas riem e estão preparadas para ouvir por um longo tempo uma porção de mensagens se elas estiverem entretidas.

Sobre a informação, Morin assinala que para conhecê-la e compreendê-la torna-se necessária a sua contextualização. Lembra que o pensamento complexo “é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações”. Ao captar uma informação, seja na televisão ou no jornal, nós só poderemos compreendê-la a partir de seu contexto, e se ela faz parte de um sistema, tentando situá-la nesse sistema. E, para isso, diz que “contextualizar e globalizar são os procedimentos normais do espírito e, infelizmente, a partir de um certo nível de especialização, que passa a ser da hiper-especialização, o fechamento e a compartimentização impedem contextualizar e globalizar”. Lembra ainda que contextualizar, principalmente na vida cotidiana, é sempre uma ação espontânea do sujeito e, se falta conhecimento para isso, a contextualização será mal feita (MORIN, 1999, p. 25 e 33). Ainda

segundo esse autor “trata-se de um problema universal para todo cidadão: como adquirir a possibilidade de articular e organizar as informações sobre o mundo? Mas, para articulá-las e organizá-las, faz-se necessário uma reforma no pensamento” (MORIN, 2003, p. 70), pois como lembra Feltmann (2002, f. 76) citando Valadares (2000), “somos tocados pelas coisas do mundo, nem sempre as entendemos ou explicamos”.

A busca de caminhos para que as pessoas venham a ter acesso a esses conhecimentos é necessária; vale lembrar a importância da contextualização discutida por Morin. Nesse autor vê-se o caminho da reforma do pensamento pela reforma da educação. Faz-se necessário rever as formas hoje utilizadas para a informação da população, pois como lembra Valadares (2000, p. 87) “sabemos que não bastam campanhas educativas para nos levar a uma retomada mais frutífera do sistema motor, conduzida por uma reflexão cada vez mais indispensável”. Além do desenvolvimento de pesquisas que busquem melhorar a eficiência da qualidade da água de consumo, deve-se pensar como as pessoas podem alcançar conhecimentos que lhes possibilitem uma melhor qualidade de vida. No dizer de Valadares (2000, p. 95), “vivemos, entretanto, em um mundo onde as pessoas estão cada vez mais despercebidas”. Para o exercício de cidadania também se faz necessário o acesso à informação, pois o direito é legalmente garantido, mas não conhecido e exercido pela população. Interessante ainda lembrar da afirmação do RDH 2006:

A igualdade de oportunidades, um requisito-chave para a justiça social, é diminuída pela insegurança da água. A maioria das pessoas aceitaria que a educação é essencial para a igualdade de oportunidades. Por exemplo, as crianças impossibilitadas de frequentar a escola quando se encontram afectadas por acessos constantes de doenças causados por água imprópria para consumo, não usufruem, em qualquer sentido positivo, do direito à educação (PNUD, 2006, p. 3).

Esta pesquisa tem como enfoque o estudo do papel do sujeito em relação à água de consumo humano, e os depoimentos retratam um exemplo do que vem ocorrendo na sociedade moderna: o sujeito não está desempenhando o papel ‘ideal’ de reconhecer e lutar pelos direitos e cumprir deveres. É sugestivo considerar que, ao estudar a relação do sujeito com os demais serviços prestados, ou até mesmo com a sociedade, isso também ocorra, ou seja, o não exercício pleno da cidadania na sociedade moderna. A falta de vontade e participação das pessoas nos interesses comuns às comunidades não está propiciando a mudança desse panorama. Vale lembrar as observações de Dalai-Lama:

A vida moderna está organizada de modo a exigir que a dependência direta dos outros seja a menor possível... A meu ver, criamos uma sociedade em que as pessoas acham cada vez mais difícil demonstrar um mínimo de afeto aos outros. Em vez de noção de comunidade e da sensação de fazer parte de um grupo, uma característica que achamos tão reconfortante nas sociedades menos afluentes (geralmente nas sociedades rurais), encontramos um alto grau de solidão e perda de laços afetivos (DALAI-LAMA, 2001, p. 17 e 28).

O modo como o sujeito vive na modernidade, seu desenvolvimento materialista e consumista, está destruindo as pessoas e o planeta, aí cabe a questão formulada por Boff: “Como agir para garantirmos um futuro que seja esperançador para todos os seres humanos e para nossa casa comum?” (BOFF, 2001, p. 10). Boff diz que “é nesse contexto que devemos colocar a questão da espiritualidade” (*Ibidem*, p. 10). E acrescenta: “Todos falam de espiritualidade, ela é um tema recorrente em nossa cultura, não só no âmbito das religiões, que é o seu lugar natural, mas também no das buscas humanas, tanto dos jovens, quanto dos intelectuais, de famosos cientistas e – para surpresa nossa – de grandes empresários” (*Ibidem*, p. 11). E o que é espiritualidade? Este autor cita Dalai-Lama: “Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior” (*Ibidem*, p. 16). E essa “mudança interior” está, de acordo com Dalai-Lama (2000, p. 32-33), “relacionada com aquelas qualidades do espírito humano - tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros”. Assim, é sugestivo pensar que somente pela via da reforma do interior - “espírito humano” - de cada pessoa, e conseqüente mudança coletiva de atitudes e comportamentos nas comunidades e instituições, será possível deslumbrar a miséria humana diminuída.

Os relatos mostrados na história de Vitória-ES sugerem que se pense numa população sujeita ao poder público, e que, apesar da associação estabelecida entre falta de condições sanitárias e a presença de doenças, não está presente o envolvimento da população na gestão dos serviços de saúde e saneamento. Os depoimentos apresentados pelos grupos estudados mostram que a população não tem mudado o seu comportamento no caminhar da história, apesar de todas as possibilidades que a modernização e a globalização oferecem por meio das tecnologias e comunicação de massa.

Se a história se refere às pessoas de uma forma coletiva, e ainda sob o olhar de quem governa, é instigante pensar em estimular a realização de pesquisas que contemplem o que pensam e expressam os moradores de Vitória - ES, que possa contribuir no processo de conscientização

da população sobre cidadania, para que no futuro possa ser relatado um novo cenário de qualidade de vida, e ainda, sob a lente dos sujeitos dessa cidade.

Assim, tornam-se necessários o estudo e o planejamento de ações desenvolvidas pelas entidades municipais, estaduais e federais que efetivamente levem à população informações importantes para a garantia da sua saúde, devendo para isso utilizar mecanismos que possibilitem o diálogo, o aumento de consciência e a promoção da confiança na qualidade da água de consumo humano, propiciando ao sujeito a tomada de decisão com informação.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O homem se convence, em geral, melhor com os argumentos que ele mesmo encontra do que com os que ocorrem ao espírito dos outros (PASCAL, 1979, p. 40).

As entrevistas e sua análise indicam os seguintes pontos principais:

1- Variedade de percepções e comportamentos do sujeito em relação à qualidade e origem da água que, em algumas situações, podem colocar a saúde em risco, além de acarretar gasto desnecessário com a aquisição de água envasada.

2- Falta de confiança na qualidade da água recebida, associada ao gosto e à presença de cor ou material sólido em suspensão, levando o sujeito a buscar diferentes formas de água para beber, seja direto da torneira, filtrada, fervida, envasada, ou até mesmo coada por um pano amarrado na torneira. Isso aponta para a necessidade de os órgãos públicos de saúde e as operadoras de serviços de saneamento assegurarem a qualidade da água e investirem na divulgação de informações que garantam ao sujeito a confiança no consumo da água do sistema de distribuição.

3- Desigualdade quanto a cobrança de tarifas, distribuição e intermitência no abastecimento de água e ainda quanto à existência de serviços de esgotamento sanitário nas diferentes áreas de estudo, desigualdades das quais o sujeito está consciente, apesar de não reclamar por tais serviços.

4- Falta de entendimento esclarecido da higiene no que diz respeito às práticas de manutenção do filtro e do reservatório de água domiciliar. Percebe-se claramente nos depoimentos a consciência da importância da higiene desses equipamentos, porém os sujeitos não detêm o conhecimento dos corretos procedimentos necessários a essas práticas, podendo até mesmo colocar em risco a saúde da família.

5- Pequena participação dos entrevistados em associação comunitária, o que pode estar contribuindo para os problemas que vêm enfrentando, como a intermitência no serviço de água e ausência de serviço de esgoto nos bairros Ilha das Caieiras e Santa Teresa.

6- Falta de envolvimento dos entrevistados na gestão dos serviços de água e esgoto, mostrando uma lacuna no conhecimento sobre esses serviços, origem da água e destino dos esgotos e seu gerenciamento.

7- Falta de clareza e divulgação da companhia de saneamento em relação aos critérios empregados na cobrança das tarifas referentes ao serviço de esgoto.

8- Falta de comunicação e identificação entre o sujeito e a companhia de saneamento, levando a consequências como a falta de informação sobre ocorrência de vazamento externo às residências e sobre ligações clandestinas, controle que, possivelmente, a companhia desconheça.

Os depoimentos apresentados mostram a falta de conhecimento da população sobre os seus direitos e deveres em relação à água de consumo humano, como também a inefetividade dos meios de comunicação adotados pela companhia de saneamento e pelas instituições de saúde locais. Ressaltam também a importância de se repensar de que modo as informações devem ser proporcionadas à população, já que a forma como têm sido prestadas não vem facilitando o exercício da cidadania. Acrescentam ainda, a necessidade de ações voltadas para o investimento na auto-estima do sujeito, investimentos afetivos que valorizem os elementos essenciais à vida e não ao consumo e ao mercado.

Alguns discursos do sujeito coletivo sugerem recomendações com relação às ações de saneamento e saúde:

Aos serviços de água e esgoto:

- Os serviços de água e esgoto devem atentar para as medidas necessárias de maneira a assegurar à população a distribuição de água com qualidade e continuidade, propiciando assim a confiabilidade pública na água recebida.
- A necessidade de divulgação dos direitos da população em receber água de qualidade para o consumo humano:

“Olha, isso eu não sei se existe lei, eu acredito que não tenha, mas se tem não está sendo cumprida, tem tanta gente que não tem água. A gente não sabe os nossos direitos” (JC).

- A necessidade de melhor avaliação e transparência no valor das tarifas de água e esgoto:

“Menina, que pesa, pesa, entendeu? Um pouco, né? Acho que pesa um pouquinho. Porque num exemplo, acho que não tem só essa conta só, tem mais de outras contas aí dentro, entendeu? Aqui a gente usa, né? E tem que, eu acho que desde o momento que a gente está usando a água ou a luz, entende? A gente tem que, né? Pagar, né? Porque quando não pagar, aí corta, né? Vale, porque é necessidade. Eu preciso, porque a gente não pode viver sem água, né?” (MSe); “Às vezes eu não sei, eles cobram uma taxa, que eu acho que é errado, que é a de esgoto. Eu acho que a gente tem que colaborar, claro que eles tem que tirar o dinheiro de algum lugar pra poder fazer o trabalho deles, mas 100 %, praticamente 100%, eu acho um absurdo! Eu acho que o governo tem condição de arrecadar o dinheiro pelo imposto que a gente paga, então, eu acho que eles tinham que rever isso, ou não sei, sabe? Acredito que pelo serviço não, mas vale por você pensar que outras pessoas não têm condições de ter água, vale a pena” (JC).

- Os serviços de água e esgoto devem atentar para os valores praticados nas tarifas do serviço de água nas diferentes áreas, buscando subsidiar as áreas mais carentes:

“Acho que pesa um pouquinho. Porque num exemplo, acho que não tem só essa conta só, tem mais de outras contas aí dentro, entendeu?... Vale, porque é necessidade. Eu preciso, porque a gente não pode viver sem água, né?” (MSe); “Mas infelizmente a gente tem que pagar, né? Se não paga, corta, né? Vale, sem duvida!” (ST).

À CESAN:

- Melhor atenção à qualidade da água distribuída à população:

“Ela vem limpa assim, pra lavar, né? Pra cozinhar, agora pra gente consumir ela, não vem totalmente pra gente consumir ela, né? Tem que... Tem que limpar mais um pouquinho, né? Quando a água da rua, ela vem às vezes um pouco amarelinha, e tal, e a água já filtrada que a gente bota assim no filtro, aquela água branquinha, né? Mesmo ela passando pelo aquele processo da CESAN, a gente tem que filtrar, né? Por causa da saúde da gente. Eu acho que pra gente tomar tem que ser filtrada. Porque você vai tomar água direta da torneira? E as bactérias? Sei lá se vêm... É porque não dá pra ver, né? A gente vê que é limpa, mas só através de microscópio pra ver se tem alguma coisa ali!” (MSe); “É limpa, a água é limpa! Sempre que possível limpa. Quando chove sim, aí fica aquela água suja porque choveu, né? Eu, sinceramente que eu acho a água da CESAN, tem dia que a gente abre a torneira, nem

todos os dias... Tem hora que ela está mais amarelinha, tem hora que ela está mais branquinha, com um cheiro muito forte de cloro. Não sei, acho que tem que ser um pouquinho mais tratada. Que eles podiam tratar melhor a água que a gente, né? Que nós usamos, né? Porque tem falhas, tem falhas, tem vez que a água vem suja, suja de você abrir a torneira, a água parece lama, vem suja, ela vem escura, barrenta, aí você deixa sair um pouco... E ela é tratada e nós pagamos isso aí, né?”(JC).

- Melhor atenção para a intermitência no abastecimento de água da Ilha das Caieiras e Santa Teresa:

“Ah, um dia, quer ver, tem dia que chega a noite porque cai na caixa, né? Ai no outro dia não tem água de novo, porque tem uma torneira ali que a gente usa da rua, entendeu? Direta da rua, não é da caixa, tem vez que bota também direta da rua, pra gente usar pra não acabar da caixa, entendeu? Ai falta! Eu até falo com as crianças, né? Que de primeiro assim faltava água no cano, e não tinha água, a gente não tinha água, aí ligava pra pipa e a pipa vinha, aí menina, nós enchia as coisas, enchia tonel, enchia as coisas e depois nós tudo tomava banho na maré e aí era como é que fala? Aquela alegria, né? Que vai faltar água, eu fico sabendo pelo rádio, a televisão, pelo Notícia Agora, né? E realmente o tratamento da CESAN com a gente, com a população é bom..” (ICa); “Falta, assim, mais finais de semana, mas eu acho que é por ser alto, entendeu? O máximo que aqui, pelo menos o tempo que eu estou aqui, que eu vi faltar é um dia, um dia e meio, entendeu? É assim raro o dia que tem durante o dia água direta da rua, aí eu tenho porque fica na caixa, né? Assim, o tempo de verão acontece muito, falta, durante o dia falta o dia todo, assim, a noite que chega água, entendeu? Eu não armazeno água, porque graças a Deus, aqui em casa eu gasto o mínimo, a minha caixa dá pra me manter, entendeu? Oh, minha filha, às vezes eu, eu sabe... Eu fico esperando ela voltar, eu fico esperando chegar. Não, eu nunca liguei pra CESAN pra reclamar negócio de falta d’água ”(ST).

- Melhoria no atendimento aos consumidores da Ilha das Caieiras:

“Ah, na rua, a gente liga pra um telefone e chama e diz onde está o vazamento, aí eles vêm e conserta. O atendimento deles é bom. Às vezes eles fazem um pouquinho de hora, mas eles vêm. (Risos). Geralmente, eles demora a vir, a gente liga, então, o que? O prazo é de 24 horas pra poder vir, mas enquanto eles estão demorando, a gente arruma as pessoas e manda consertar lá, a comunidade. Porque às vezes a gente fala e liga lá pra CESAN e às vezes eles

demoram de vir... Ah, uns dois dias, oh, fica lá vazando água um tempo bom! Aí fica lá jogando água fora um tempo bom. Quando eles chegam a vir, a pessoa... Nós já resolvemos o caso, a pessoa vai e já resolveu... Tapa de qualquer jeito, tapa, porque, eles mesmo, assim mesmo vêm e fica com raiva, né? Xinga a gente, porque a gente... Fez o serviço errado... Mas eles demora a vir, né? Não pode deixar a água vazando... Depois que aparece ”.

- Necessidade de solução para o destino dos esgotos domésticos de Santa Teresa e Ilha das Caieiras. A situação em que vivem os moradores de Santa Teresa é caótica e, de acordo com os depoimentos, há longo tempo os candidatos ao governo dessa cidade têm feito apenas promessas à comunidade:

“Esgoto? (risos) Não temos rede de esgoto aqui. Cai em céu aberto, aqui em baixo na buraca. Eu acho um absurdo, né? Eu acho que não é certo, o esgoto correr a céu aberto, porque ali, ratos, muita mosca, barata. Ai, oh! tem caramujo. Ai Meu Deus, caramujo, né? Que eles falam, que é tem uma doença terrível que quando entra em contato com a pele, se deixar, pode até matar, né? E às vezes a pessoa demora muito a dar descarga, e quando dá descarga sobe um cheiro ruim à beça aqui, exala tudo aqui. É muito ruim. Horrível! Porque a fedoreira, a nojeira, uma imundície danada! Então, isso aí é prejudicar a saúde da gente mesmo, entendeu? Aquilo ali fica no ar, isso é prejudicial à saúde da gente. Ah, eu acho uma área tão arriscada para a saúde, fica tudo aberto... Ah, um risco muito grande da gente adoecer... Através do ar também a gente pega muitas coisa... Eu acho horrível. Eu acho que a prefeitura tem que tomar a providência mais rápida possível. Porque isso aí já vem há mais de anos que a gente vem lutando, brigando por esta questão de ser chamada buraca, desde quando eu vim pra cá que eles falam que vão acertar isso, mas demoram muito, até hoje não consertou. Então, estamos lutando aí pra ver se a gente consegue, ver se a prefeitura... O prefeito falou que isso aí pra ele é honra é estar consertando isso aí, entendeu? Então, vamos estar aguardando” (ST); “Aqui? Não tem rede de tratamento ainda não, que há muito tempo era pra ter, né? O esgoto vai até a rede e vai pra maré. Todas as redes de esgotos aqui da comunidade vai pra maré. Eu acho que não é certo, não era para ele ir pra maré! Porque onde vive os pescadores! Não tem as pessoas que pesca, né? Porque é muita poluição, tudo o que é detrito vai pro mar, né? Aonde polui os mariscos, que a gente... Vive de marisco, peixe, camarão, sururu, a ostra, tantos mariscos... Eu não sei, mas eu acho que eles comem, né? (Risos) Eu acho que eles devem, né?... Sei lá! Porque eu acho uma coisa muito suja, as crianças tomam banho, porque igual meus filhos, meus filhos, eles gostam de tomar banho de

maré, pode pegar uma infecção. Eu acho horrível, porque deveria ter tratamento, né? Oh, se tivesse um tratamento de esgoto igual lá perto da Gazeta, tem um negócio que faz tratamento, se tivesse isso aqui, eu acho que a poluição nessa maré, já é demais pelo óleo lubrificante que alguns mecânicos jogam, aí quer dizer que junta água de esgoto mais o resíduo que eles jogam dentro d'água é uma poluição danada. Então, a água de esgoto que é jogada na maré, afeta nós, né? Eu não acho correto, não! Eu acho ridículo! Mas eles não vêm fazer instalação aqui, falaram que vinham fazer e não fez. E tinha um projeto de fazer uma rede de tratamento, até lá atrás perto da creche, mas a só ficou no projeto!” (ICa).

Aos serviços de saúde:

- Ampliar e melhor divulgar à população as ações dos programas MDDA e VIGIAGUA. Expandir a implantação do PSF nas áreas ainda não atendidas, haja vista os benefícios que este Programa leva às comunidades, bem como ampliar suas ações de orientação sobre a manutenção do filtro e do reservatório de água domiciliar e os demais cuidados com a água no domicílio.

Às Secretarias de Saúde do Estado do Espírito Santo e Municipal de Vitória.

- Promover orientações sobre a manutenção do filtro e do reservatório de água domiciliar, e os demais cuidados com a água no domicílio. Além de informar, é importante considerar a atuação de multiplicadores que convivam com a realidade de cada área, em um trabalho contínuo, que possam lidar com o comportamento:

“Ah, é assim de duas em duas semanas ou de três em três dias. Vem escrito que é para trocar de seis em seis... Ou de ano em ano. Porque ele fica tudo preto, a vela assim por dentro, fica tudo cheio de lama. Eu lavo ele, às vezes com sabão em pó antes, e depois eu vou e lavo com açúcar também, eu passo açúcar com a buchinha, né?” (ST); “Faço limpeza na caixa d'água, eu mesma que faço ou meu marido ou a minha mãe ou é um homem quem vem e limpa. Assim de 6 em 6 meses ou de ano em ano ou de dois em dois anos. Faço assim, esvazia a caixa toda, bota a água toda pra fora, entra dentro da caixa com a escova, escova toda ela, passa pano, limpa, joga água e enxágua ela, passa aquele cloro, deixa limpinha mesma a caixa” (JC).

- Necessidade de implantação do PSF em Jardim Camburi, haja vista o manejo no tratamento da diarreia, em desacordo com as recomendações do Ministério da Saúde:

“Ah, fazendo dieta, né? Não comendo, ou bebendo também uma água, né? Só mineral, no caso, né? E tomando algum medicamento, né? Gota digestiva ou floratil. Ai teria que ir no médico, aqui no bairro mesmo, na clínica aqui, por plano de saúde”.

Aos órgãos públicos de saúde e aos serviços de saneamento:

- Cabe adotar medidas para atender as situações destacadas, sendo fundamental melhorar a comunicação entre esses órgãos e o sujeito, de forma a estabelecer contatos entre as partes, em ambos os sentidos, ou seja, Sujeito – Serviço de Saneamento – Secretarias de Saúde – Sujeito. Essa integração se daria, por exemplo, pelo apoio dos agentes comunitários de saúde, pelos Conselhos de Saúde ou mesmo por meio da criação de comitês que possuam interlocutores que tenham “os pés na comunidade”. Isso pode resultar em maior participação e apoio comunitário, bem como maior envolvimento do sujeito na gestão dos serviços de saneamento e saúde.

Às associações comunitárias:

- Investir na participação comunitária dos moradores, de forma a melhor equacionar as suas necessidades, dado que uma comunidade unida em seus propósitos tem maior chance de alcançar seus objetivos.

Às associações comunitárias de Ilha das Caieiras e Santa Teresa:

- Promover a participação dos moradores para mudar o atual panorama em que vivem, de ausência de serviços de esgoto e intermitência do serviço de abastecimento de água.

Esta pesquisa apontou para significantes aspectos sobre a percepção pública dos serviços de abastecimento de água e de esgotamento sanitário e para a necessidade de novas abordagens educativas por parte dos setores de saúde e saneamento.

A investigação abre aqui espaço para novos trabalhos de pesquisa, entre os profissionais e a comunidade e os profissionais entre si, seja na área da engenharia sanitária e ambiental e/ou na área das ciências sociais e humanas. Isso possibilitaria uma melhor compreensão da

complexidade do tema, dada a lacuna existente na pesquisa nacional sobre a percepção dos sujeitos acerca da qualidade da água para consumo humano e dos serviços prestados e sua gestão. Motivaria, ainda, o desenvolvimento de pesquisa-ação, por exemplo, que pudesse avaliar a eficácia de certas informações e práticas que tornariam possível alguma elaboração, pelo sujeito, de aspectos ligados ao convívio e à solidariedade, por meio da cotidiana utilização de elementos universais como a água.

Considerando que um estudo sobre a percepção do sujeito na sua relação com a água é algo dinâmico, esse estudo aqui não se encerra. Certamente, em outra leitura poder-se-ão identificar novos elementos para análise ou outras possibilidades de análise. Haverá sempre o que acrescentar a esse conhecimento, o que o manterá em contínua re-construção. Com esse estudo deseja-se também que a academia, que pesquisa as diferentes técnicas e instrumentos sustentadores do desenvolvimento cultural e socioeconômico da sociedade contemporânea, não se esqueça do seu mais nobre sentido: concentrar seus esforços e dirigir seu olhar, primordialmente, para a qualidade de vida da humanidade.

REFERÊNCIAS

- ABELSON, R. Are attitudes necessary? In: B. T. KING & E. Mc GINNIES (Eds.). *Attitudes, conflict and social change*. New York: Academic Press, 1972. In: MYERS, D. G. *Psicologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2000. 424 p.
- ABREU, C.; MARTINS, J. B.; VASCONCELLOS, J. G. M. *Vitória: trajetórias de uma cidade*. Vitória: Editora do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1993. 167 p.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *La sociedad: lecciones de sociologia*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Proteo S. C. A., 1969. 208 p.
- A GAZETA. Espírito Santo, 28 jul. 2002, 29 ago. 2002 e 02 ago. 2004.
- AGUIAR, M. M.; SILVA, S. R.; LIMA, M. R. P.; MORAES, L. R. S.; FORMAGGIA, D. M. E.; TAVEIRA, E. J. A. Portaria 1469/2000: Os desafios de sua implantação no estado do Espírito Santo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, 22., 2003, Joinville. [Anais eletrônicos...] Rio de Janeiro: ABES, 2003. 1 CD-ROM.
- AL-SALEH, I.; AL-DOUSH, I. Survey of trace elements in household and bottled drinking water samples collected in Riyadh, Saudi Arabia. *The Science of the Total Environment*, v. 216, p. 181-192, 1998.
- ALTUSSER, L. *Lire Le Capital*. Paris: Théorie; Maspero, 1965 *apud* PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. 2002. 68 p.
- ANDERSON, B. *For Max*. Londres: Verso, 1966 *apud* HALL. S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. 102 p.
- ARGAN, G. C. *Clássico anticlássico: o renascimento de Brunellesch a Bruegel*. São Paulo: Companhia da Letras, 1999. 498 p. In: FELTMANN, C. S. *Um olhar para o homem e sua morada*. 2002. 88 f. Dissertação - (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.
- ARMAS, A. B.; SUTHERLAND, J. P. A survey of the microbiological quality of bottled water sold in the UK and changes occurring during storage. *International Journal of Food Microbiology*, v. 48, p. 59-65, 1999.
- ARRUDA, H. S. A.; ARAUJO, T. M. Epidemia de febre tifóide em Laranja da Terra-Espírito Santo: relato preliminar. *Informe Epidemiológico do SUS*, Brasília, ano VI, n. 2, p. 21-31, abr./jun. 1997.
- AZEVEDO, M. C. Não-moderno, moderno e pós-moderno. *Revista de Educação AEC*. Brasília, ano 22, n. 89, p. 19-35, out./nov. 1993.
- AZOULAY, A.; GARZON, P.; EISENBERG, M. J. Comparison of the mineral content of tap water and bottled waters. *JGIM*. v. 16, mar. 2001.
- BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. 3. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 202 p. (Coleção Tópicos).
- BADARÓ, C. E. *Epistemologia e Ciência: Reflexão e prática na sala de aula*. Bauru: EDUSC, 2005. 192 p.
- BALANDIER, G. *O dédalo: para finalizar o século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999 *apud* CASTIEL, L. D. Dédalo e os dédalos: identidade cultural, subjetividade e os riscos à saúde. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Orgs.). *Promoção da saúde: Conceitos, reflexões, tendências*. 1. reimp. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003b. p. 79-98. 176 p.

- BARCELOS, C.; LAMMERHIRT, C. B.; ALMEIDA, M. A.; SANTOS, E. Distribuição espacial da leptospirose no Rio Grande do Sul, Brasil: recuperando a ecologia dos estudos ecológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1283-1292, set./out. 2003.
- BARRETO, M. L. A Epidemiologia, sua história e crises: notas para pensar o futuro. In: COSTA, D. C. *et. al. Epidemiologia: teoria e objeto*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1994. p. 19-38. 223 p.
- BARRETO, M. L. Ambiente e saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 21-22, 1998.
- BATES, A. J. Water as consumed and its impact on the consumer - do we understand the variables? *Food and Chemical Toxicology*, 38, S29-S36, 2000.
- BAUDRILLARD, J. *O sistema de objetos*. 4. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. 230 p.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 516 p.
- BAUMAN, Z. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 146 p.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p.
- BHARATH, J.; MOSODEEN, M.; MOTILAL, S.; SANDY, S.; SHARMA, S.; TESSARO, T.; THOMAS, K.; UMAMAHESWARAN, M.; SIMEON, D.; ADESIYUN, A. A. Microbial quality of domestic and imported brands of bottled water in Trinidad. *International Journal of Food Microbiology*, n. 81, p. 53-62, 2003.
- BINDÉ, J. Complexidade e crise da representação. In: MENDES, C. (Org.) e LARRETA, E. (Ed.). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 7-24. 248 p.
- BLAKE, P.; ROSEMBERG, M. L.; FLORENCIA, J.; COSTA, J. B.; QUINTINO, L. P.; GANAGAROSA, E. J. Cholera in Portugal, 1974 - Transmission by bottled mineral water. *American Journal of Epidemiology*, v.105, n. 4, p. 344-348, 1977.
- BLAKELY, T. A.; WOODWARD, A. J. Ecological effects in multi-level studies. *Journal of Epidemiologic Community Health*, n. 54, p. 367-374, 2000.
- BOFF, L. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. 94 p.
- BOOT, M. T.; CAIRNCROSS, S. *Actions speak: the study of hygiene behavior in water and sanitation projects*. IRC International Water and Sanitation Centre, The Hague, 1993.
- BORRELL, C.; PASARIN, M. I. Desigualdad en salud y territorio urbano. *Gaceta Sanitaria*, Barcelona, v. 18, n. 1, p. 1-4, feb. 2004.
- BOUGUERRA, M. L. *As batalhas da água*. Petrópolis: Vozes, 2004. 238 p. (Coleção Questões Mundiais).
- BOWER, T. *The perceptual world of the child*. Londres: Fontana, 1977 *apud* MOSCOVICI, S. *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.
- BRANT, L. C. O indivíduo, o sujeito e a epidemiologia. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 221-231, 2001.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. Departamento Nacional de Produção Mineral - DPN. Decreto-Lei n. 7841 de 08/08/1945, DOU de 08/08/1945. Código das Águas Minerais. Disponível em: <<http://www.dnpm.gov.br/conteudo.asp?IDSecao=67&IDPagina=84&IDLegislacao=3>> . Acesso em: 23 nov. 2006.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. DECRETO n. 78.171 de 02 de agosto de 1976. Dispõe sobre o controle e fiscalização sanitária das águas minerais destinadas ao consumo humano. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/e-legis/>>. Acesso em: 12 jan. 2007.

BRASIL. Agência nacional das Águas – ANA. Lei n. 9.433 de 8 de janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal, e altera o art. 1º da Lei nº 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989. Disponível em: <<http://www.ana.gov.br/Legislacao/docs/lei9433.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 518 de 23 de março de 2004. Estabelece os procedimentos e responsabilidades relativas ao controle e vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/sitefunasa/legis/pdfs/portarias_m/pm1518_2004.pdf>. Acesso em: 25 out. 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Decreto n. 5.440 de 04 de maio de 2005. Estabelece definições e procedimentos sobre o controle de qualidade da água de sistemas de abastecimento e institui mecanismos e instrumentos para divulgação de informação ao consumidor sobre a qualidade da água para consumo humano. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br/sitefunasa/legis/pdfs/portarias_m/pm15440_2005.pdf>. Acesso em: 25 maio 2005.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC n. 173 de 13 de setembro de 2006. Dispõe sobre o Regulamento Técnico de Boas Práticas para Industrialização e Comercialização de Água Mineral Natural e de Água Natural e a Lista de Verificação das Boas Práticas para Industrialização e Comercialização de Água Mineral Natural e de Água Natural. Disponível em: <<http://e-legis.anvisa.gov.br/leisref/public/showAct.php?id=23915&word=%C3%A1gua%20mineral>>. Acesso em: 12 jan. 2007.

BRECKLER, S. J.; WIGGINS, E. C. Affect versus evaluation in the structure of attitudes. *Journal of Experimental Social Psychology*. n. 25, p. 253-271, 1989 *apud* MYERS, D. G. *Psicologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2000. 424 p.

BROEDEL, D. *A CESAN e sua História*. Vitória: CESAN, 1994. 80 p.

BULLERS, A. C. Bottled water: better than the tap? *FDA Consumer Magazine*, CIDADE, v. 4, p. 43-46, jul./ago. 2002.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

CAIRNCROSS, S. Why promote sanitation? *WELL FACT SHEET*. 1999. Disponível em: <<http://www.lboro.ac.uk/well/resources/fact-sheets/fact-sheets-htm/wps.htm>>. Acesso em: 22 maio 2006.

CAIRNCROSS, S. Measuring the health impact of water and sanitation. *WELL FACT SHEET*. [1999?]. Disponível em: <<http://www.lboro.ac.uk/well/resources/fact-sheets/fact-sheets-htm/mthiws.htm>>. Acesso em: 22 maio 2006.

CAIRNCROSS, S. Handwashing with soap – a new way to prevent ARIs? *Tropical Medicine and International Health*, v. 8, n. 8, p. 677-679, 2003.

- CAIRNCROSS, S.; FEACHEM, R. G. *Environmental health engineering in the tropics: an introductory text*. 4. ed. Chichester: John Wiley & Sons Ltd., 1990. 283 p. *apud* HELLER, L. *Saneamento e Saúde*. Brasília: OPAS/OMS, Representação do Brasil, 1997a. 98 p.
- CAIRNCROSS, S.; FEACHEM, R. *Environmental health engineering in the tropics: an introductory text*. 2. ed. England: John Wiley & Sons Ltd., 2005. 306 p.
- CAIRNCROSS, S.; KOCHAR, V. *Studying hygiene behavior: methods, issues and experiences*. London: Sage Publications, 1994. 334 p.
- CAIRNCROSS, S.; SHORDT, K.; ZACHARIA, S.; GOVINDAN, B. K. What causes sustainable changes in hygiene behaviour? A cross-sectional study from Kerala, India. *Social Science & Medicine*, n. 61, p. 2212–2220, 2005.
- CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. M. V. Geocomputation techniques for espacial analysis: are they relevant to health data? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, p. 1059-1081, set./out. 2001.
- CAMPOS, E. N. *O lugar do cidadão nos processos de integração: o déficit social da Comunidade Européia e do Mercosul*. Belo Horizonte: Mandamentos, 2002. 373 p.
- CAMPOS, R. H. Psicologia social e direitos humanos. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 422 p.
- CASTIEL, L. D. A palavra - subjetividade e as coisas - subjetividade. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Orgs.) *O Clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2003. p. 95-100. 444 p.
- CASTORÍADIS, C. Para si e subjetividade. In: PENA-VEGA, A., NASCIMENTO, E. P. (Orgs.) *O pensar complexo: Edgard Morin e a crise da modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 204 p.
- CASTRO, J. *Geografia da fome. O dilema brasileiro: pão e aço*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 322 p.
- CHAVES, M. M. *Complexidade e transdisciplinaridade: Uma abordagem multidimensional do setor saúde*. Rio de Janeiro: Rede Cedros, 1998. 18 p. Disponível em: <<http://www.nc.ufrj.br/complexi.htm>>. Acesso em: 26 out. 2002.
- COSTA, D. C. *et al. Epidemiologia: teoria e objeto*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1994. 223 p.
- COSTA, M. C. N., TEIXEIRA, M. G. L. C. A concepção de “espaço” na investigação epidemiológica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 271-279, abr./jun. 1999.
- CROCHÍK, J. L. The contemporary challenges of the study of the subjectivity in psychology. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 69-85, 1998.
- CUNHA, M. B. *Grotão, Parque Proletário, Vila Cruzeiro e outras moradoras: saber e histórias nas favelas da Penha*. 1995. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, 1995 *apud* OLIVEIRA, R. M. Construindo o conhecimento sobre o saneamento básico nas favelas através das “falas” e informações da população. *Cadernos CEDES*, n. 38, p. 62-71, ago. 1996.
- CURTIS, V. A. *The dangers of dirty: Household hygiene and health*. London: (Thesis) London School of Hygiene and Tropical Medicine, University of London, 1998. 175 f.

- CURTIS, V. Hygiene: How myths, monsters, and mothers-in-law can promote behaviour change. *Journal of Infection*, n. 43, p. 75–79, 2001.
- CURTIS, V.; CAIRNCROSS, S.; YONLI, R. Review: Domestic hygiene and diarrhoea – pinpointing the problem. *Journal of Tropical Medicine and International Health*. v. 5, n. 1, p. 22-32, 2000.
- CURTIS, V. A.; CAIRNCROSS, S. Could washing with soap save a million lives? 2002.
- CURTIS, V. A.; CAIRNCROSS, S. Effect of washing hands with soap on diarrhea risk in the community: a systematic review. *The Lancet Infectious Diseases*, 2003, v. 3. Disponível em: <<http://infection.thelancet.com>>. Acesso em: maio 2006.
- CURTIS, V. A.; CAIRNCROSS, S. Water, sanitation, and hygiene at Kyoto. *BMJ*, n. 327, p. 3-4, 2005.
- CYNAMON, S. E. *Lucro o grande impasse para a cidade do futuro – uma proposta de avanço da sociedade*. Rio de Janeiro: SDE/ENSP/FIOCRUZ, 1992. In: FELTMANN, C. S. *Um olhar para o homem e sua morada*. 2002. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.
- CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Orgs.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. 1. reimp. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 176 p.
- CZERESNIA, D.; RIBEIRO, A. M. O conceito de espaço em epidemiologia: uma interpretação histórica e epistemológica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p.595-617, jul./set. 2000.
- DALAI LAMA. *Uma ética para o novo milênio*. 7. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 256 p.
- DERENZI, L. S. *Biografia de uma ilha*. Vitória: EDUFES - Secretaria Municipal de Cultura 1965. 229 p.
- DIJK, T. A. O giro discursivo. In: IÑIGUEZ, L. (Coord.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004. 312 p.
- DOISE, W.; CLÉMENCE, A. *La problématique des droits humains et la psychologie de l'homme*. *Connexions*, 76: 9-27, 1996 *apud* CAMPOS, R. H. Psicologia social e direitos humanos In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 422 p.
- DORIA, M. F. Bottled water versus tap water: understanding consumers' preferences. *Journal of Water and Health*, v. 4, n. 2, p. 271-276, 2006.
- DORIA, M. F.; PIDGEON, N.; HUNTER, P. Perception of tap water risks and quality: a structural equation model approach. *Water Science and Technology*, v. 52, n. 8, p. 143-148, 2005.
- DUDA, M. D. *et al. Understanding the Georgia public perception of water issues and the motivational messages to which they will respond. Final Report*. Georgia Department of Natural Resources Pollution Prevention Assistance Division. 2003. Disponível em: <www.responsivemanagement.com> . Acesso em: mar. 2006.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1966. 137 p.
- DURKHEIM, E. *O suicídio*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. 446 p. (Coleção A obra prima de cada autor).

- ELTON, E. *Logradouros antigos de Vitória*. 3. ed. Vitória: EDUFES - Secretaria Municipal de Cultura, 1999. 147 p.
- ESPÍRITO SANTO. Secretaria Estadual da Fazenda. Disponível em: <www.sefa.es.gov.br/painel/histo01.htm> Acesso em: 25 out. 2004.
- EUZEN, A. How do consumers perceive water quality? Example of an anthropology study carried out in Paris. *Water Science and Technology*, v. 3, n. 3, p. 263-269, 2003.
- FALAHEE, M.; MacRAE, A. W. Consumer appraisal of drinking water: multidimensional scaling analysis. *Food Quality and Preference*, v. 6, p. 327-332, 1995.
- FARR, R. Theory and method in the study of social representations. In: BREAKWELL, G. M.; CANTER D. V. (Orgs.). *Empirical Approaches to social representations*. Oxford: Clarendon Press, p. 15-38, 1993. *apud* SÁ, C. P. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110 p.
- FELTMANN, C. S. *Um olhar para o homem e sua morada*. 2002. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002.
- FERRARA, F. A. *et al.* *Medicina de la comunidad*. 2. ed. Buenos Aires: Intermédica, 1976 *apud* REZENDE, A. L. M. *Saúde: dialética do pensar e do fazer*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 160 p.
- FERRAZ, S. T. A pertinência da adoção da filosofia de Cidades Saudáveis no Brasil. *Saúde em Debate*, n. 41, dez. Disponível em: <www.opas.br/promocao/VploadArq/FERRAZ.pdf> Acesso em: 21 ago. 2004.
- FERRIER, C. Bottled water: understanding a social phenomenon. discussion paper. WWF. 2001. Disponível em: <http://www.panda.org/livingwaters/pubs/bottle_water.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2005.
- FEWTRELL, L.; KAUFMANN, R. B.; KAY, D.; ENANORIA, W.; HALLER, L.; COLFORD Jr., J. M. Water, sanitation, and hygiene interventions to reduce diarrhoea in less developed countries: a systematic review and meta-analysis. *Lancet Infectious Disease*, v. 5, p. 42-52, 2005.
- FEWTRELL, L.; KAY, D.; WYER, M.; GODFREE, A.; O'NEILL, G. Microbiological quality of bottled water. *Water Science Technology*, v. 34, n. 11-12, p. 47-53, 1997.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 80 p. (Coleção Leituras Filosóficas).
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.
- GALLUP ORGANIZATION'S. *Analysis and findings of the Gallup Organization's drinking water customer satisfaction survey*. Pennsylvania, 2003. Disponível em: <www.epa.gov/safewater> Acesso em: 22 maio 2006.
- GALVÃO, L. A. *et al.* Indicadores de saúde e ambiente. Relatório da oficina de trabalho realizada durante o IV Congresso Brasileiro de Epidemiologia - EPIRIO-98. *Informe Epidemiológico do SUS*, Brasília, ano VII, n. 2, abr./jun. 1998.
- GARCIA, R. L.; VALLA, V. V. A fala dos excluídos. *Cadernos CEDES*, n. 38, p. 9-17, ago. 1996.

- GARZON, P.; EISENBERG, M. J. Variation in the mineral content of commercially available bottled waters: Implications for health and disease. *The American Journal of Medicine*, v. 105, p. 125-130, 1998.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991. 178 p.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 234 p.
- GIDDENS, A. *Mundo em descontrole: O que a globalização está fazendo em nós*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 110 p.
- GIORGI, A. A psicologia como ciência humana: uma abordagem fenomenológica. Belo Horizonte: Interlivros, 1978 *apud* REY, F. L. G. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. 292 p.
- GIOVANETTI, J. P. Religião e subjetividade contemporânea. In: DOWELL, J. A. M. (Org.). *Saber filosófico, história e transcendência*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2000. 384 p.
- GOFFMAN, E. *A representação de eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1975. 233 p.
- GOLDSMITH, O. A history of the earth and animated nature. Edinburgh: A. Fullarton, 1794 *apud* STRANG, V. *The meaning of water*. Oxford, UK, Berg Publisher, 2004. 274 p.
- GONZALÉZ, M. S. *Edgard Morin: Complejidad e sujeto humano*. 1999. 488 f. Tesis (Doctorado de Filosofía y Letras) – Departamento de Filosofía, Lógica y Filosofía de La Ciencia y Teoría de la Educación - Universidad de Valladolid, Valladolid, 1999.
- GREEN, J.; THOROGOOD, N. *Qualitative methods for health research*. Reprinted. London: Sage Publications Ltd., 2005. 262 p.
- GUIMARÃES, R. B. Saúde urbana: velho tema, novas questões. *Revista Terra Livre*, São Paulo, n. 17, p. 155-170, 2. sem. 2001.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. 102 p.
- HELLER, L. *Associação entre cenários de saneamento e diarreia em Betim-MG: o emprego do delineamento epidemiológico caso-controle na definição de prioridades de intervenção*. 1995. 294 f. Tese (Doutorado em Ciência Animal) - Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.
- HELLER, L. *Saneamento e Saúde*. Brasília: OPAS/OMS, Representação do Brasil, 1997a. 98 p.
- HELLER, L. Pesquisa em saúde e saneamento no DESA/UFMG: base conceitual e projetos desenvolvidos. In: SEMINÁRIO SANEAMENTO E SAÚDE NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO, 1997, Rio de Janeiro. Anais ..., Livro de Resumos. Rio de Janeiro: CC&P Editores Ltda., 1997b. p. 259-280.
- HELLER, L. Abastecimento de água, sociedade e ambiente. In: HELLER, L.; PÁDUA, V. L. (ORG.). *Abastecimento de água para consumo humano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006a. p. 29-64. 859 p.
- HELLER, L. Gestão dos serviços. In: HELLER, L.; PÁDUA, V. L. (ORG.). *Abastecimento de água para consumo humano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006b. p. 817-844. 859 p.
- HOLANDA, H. H. *et al. Saúde, como compreensão de vida*. Ministério da Saúde (DNES) em convênio com o Ministério da Educação (PREMEM), 1977. 314 p.

- HOQUE, B. A. Handwashing practices and challenges in Bangladesh. *International Journal of Environmental Health Research*, v.13, S81-S877, 2003.
- IKEM, A.; ODUEYNGBO, S.; EGIEBOR, N. O.; NYAVOR, K. Chemical quality of bottled waters from three cities in eastern Alabama. *The Science of the Total Environment*, v. 285, p. 165-175, 2002.
- IÑIGUEZ, L. (Coord.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004. 312 p.
- IÑIGUEZ, L.; ANTAKI, C. El análisis del discurso en psicología social. Boletín de Psicología, v. 44, p. 57-58, [s.d]. In: IÑIGUEZ, L. (Coord.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004. 312 p.
- INOJOSA, R. M. A gestão de políticas de desenvolvimento social: Aspectos organizacionais do aparato do estado. CLAD 97, em outubro de 1997. Disponível em: <<http://www.fundap.sp.gov.br/textec1.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2002.
- JARDINE, C. G.; GIBSON, N.; HRUDEY, S. E. Detection of odor and health risk perception of drinking water. *Water Science and Technology*, v. 40, n. 6, p. 91-98, 1999.
- JEENAA, M. I.; DEEPAA, K. M.; RAHIMANA, M.; SHANTHIA, R. T.; HATHAB, A. A. M. Risk assessment of heterotrophic bacteria from bottled drinking water sold in Indian markets. *International Journal of Hygiene and Environmental Health*, v. 209, p. 191-196, 2006.
- JENSEN, P.K.; ENSINK, J. H. J.; JAYASINGHE, G.; HOEK, W.; CAIRNCROSS, S. Domestic transmission routes of pathogens: the problem of in-house contamination of drinking water during storage in developing countries. *Journal of Tropical Medicine and International Health*. v. 7, n. 7, p. 604-609, 2002.
- JODELET, D. Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. (Org.). *Psychologie sociale*. Paris: PUF, p. 357-378, 1984 *apud* SÁ, C. P. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 110 p.
- JONES, A. Q.; DEWEY, C. E.; DORÉ, K.; MAJOWOWICZ, S. E.; MCEWEN, S. A.; WALTNER-TOEWS, D.; HENSON, S. J.; MATHEWS, E. Public perception of drinking water from private water supplies: focus group analyses. *BMC Public Health*, 5:129, 2005.
- JONES, A. Q.; DEWEY, C. E.; DORÉ, K.; MAJOWOWICZ, S. E.; MCEWEN, S. A.; WALTNER-TOEWS, D.; HENSON, S. J.; MATHEWS, E. Public perception of drinking water from private water supplies: focus group analyses. *BMC Public Health*, 6:94, 2006a.
- JONES, A. Q.; DEWEY, C. E.; DORÉ, K.; MAJOWOWICZ, S. E.; MCEWEN, S. A.; WALTNER-TOEWS. Drinking water consumption patterns of residents in a Canadian community. *Journal of Water and Health*, 04.1, p. 125-138, 2006b.
- JOHNSON, B. B. Do reports on drinking water quality affect customers' concerns? Experiments in report content. *Risk Analysis*, v. 23, n. 5, p. 985-998, 2003.
- JULIÃO, F. C. *Água para consumo humano e saúde: ainda uma iniquidade em área periférica do município de Ribeirão Preto - SP*. 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.
- KAËS, R. *O grupo e o sujeito do grupo*. Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 336 p.
- KAWACHI, I.; KENEDY, B. P.; GLASS, R. Social capital and self-rated health: A contextual analysis. *American Journal of Public Health*, v. 89, n. 8, p. 1187-1193, aug. 1999.

- KERR, M.; FITZGERALD, M.; SHERIDAN, J. J.; McDOWELL, D. A.; BLAIR, I. S. Survival of *Escherichia coli* O157:H7 in bottled natural mineral water. *Journal of Applied Microbiology*, v. 87, p. 833-841, 1999.
- KERR-PONTES, L. R. S.; ROUQUAYROL, M. Z. A medida da saúde coletiva. In: ROUQUAYROL, M. Z. e ALMEIDA F. N. *Epidemiologia e Saúde*. 5. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999. 600 p.
- KHUN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 8. ed. rev. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. 260 p. (Coleção Debates).
- KIERKEGAARD, S. *Johanes Climacus ou É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 136 p.
- KJELLÉN, M. *Health and environmental*. Sweden: SIDA. Health Division Document. 2001. 50 p.
- KOIFMAN, S. Apresentação da segunda edição. In: SNOW, J. *Sobre a Maneira de Transmissão do Cólera*. 2. ed. Brasileira. 1. reimp. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1999. 250 p.
- KRIEGER, N. Theories for social epidemiology in the 21st century: an ecosocial perspective. *International Journal of Epidemiology*, Great Britain, v. 30, p. 668-677, 2001.
- LAIDI, Z. Globalização e universalidade. In: MENDES, C. (Org.) e LARRETA, E. (Ed.). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 248 p.
- LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A. M. C. *O discurso do sujeito coletivo: um enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)*. Caxias do Sul: ABDR, 2003. 256 p.
- LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A. M. C. *Promoção de Saúde: a negação da negação*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004. 168 p.
- LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 494 p.
- LEITE, M. P. Cidadania, Direitos e Sociedade. Disponível em: <<http://www.cfch.ufrj.br/jorpesq/violência/leite.html>>. Acesso em: 10 mar. 2002.
- LEVALLOIS, P; GRONDIN, J.; GINGRAS, S. Evaluation of consumer attitudes on taste and at water alternatives in Québec. *Water Science and Technology*, v. 40, n. 6, p. 135-139, 1999.
- LEVALLOIS, P; GUÉVIN, N.; GINGRAS, S.; LÉVESQUE, B.; WEBER, J. P.; LETARTE, R. New patterns of drinking consumption: results of a pilot study. *The Science of the Total Environment*, 209, p. 233-241, 1998.
- LEWIN, K. *Resolving social conflicts*. New York: Harper & Row, 1948 *apud* MOSCOVICI, S. *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.
- LOCKE, J. An Essay concerning human understanding. Londres: Fontana, p. 212-213, 1967 *apud* HALL. S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. 102 p.
- LUBY, S. The role of handwashing in improving hygiene and health in low-income countries. *American Journal of Infection Control*, v. 29, p. 239-240, 2001.
- LUBY, S. P.; AGBOATWALLA, M.; PAINTER, J.; ALTAF, A.; BILHIMER, W.; HOESKTRA, R. M. Effect of intensive handwashing promotion on childhood diarrhea in

- high-risk communities in Paquistão. *Journal American Medical Association*, v. 291, n. 21, jun. 2004.
- MCGUIRE, M. Off-flavor as the consumer's measure of drinking water safety. *Water Science and Technology*, v. 31, n. 11, p. 1-8, 1995.
- MACHADO, M. N. M. *Entrevista de pesquisa: A interação pesquisador/entrevistado*. Belo Horizonte: C / Arte, 2002. 152 p.
- MACIEL FILHO, A. A. *et al.* Indicadores de vigilância ambiental em saúde. *Informe Epidemiológico do SUS*, Brasília, v. 8, n. 3, p. 59-68, jul./set. 1999.
- MACKAY, E. D.; BARIBEAU, H.; CROZES, G. F.; SUFFET, I. H.; PIRIOU, P. Public thresholds for chlorinous flavors in U.S. tap water. *Water Science and Technology*, v. 49, n. 9, 2004.
- MAHAJAN, R. K.; WALIA, T. P. S.; LARA, B. S.; SUMANJIT. Analysis of physical and chemical parameters of bottled drinking water. *International Journal of Environmental Health Research*, v. 2, n. 16, p. 89-98, 2006.
- MARIOTTI, H. Reduccionismo, "holismo" e pensamentos sistêmico e complexo (Suas consequências na vida cotidiana) Disponível em: < [http:// www.geocities.com/pluriversu/reduhol.html](http://www.geocities.com/pluriversu/reduhol.html)>. Acesso em: 13 mar. 2004.
- MARSHALL, T. H. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1967 citado por LEITE, M. P. *Cidadania, direitos e sociedade*. Disponível em: <<http://www.cfch.ufrj.br/jorpesq/violência/leite.html>>. Acesso em: 10 mar. 2002.
- MASON, J. *Qualitative researching*. 2. ed. London: SAGE Publications, 2002. 223 p.
- MEANS, E. G.; BRUECK, T.; DIXON, L.; MANNING, A.; MILES, J.; PATRICK, R. Drinking water quality in the new millennium: the risk of underestimating public perception. *Journal of AWWA*, p. 28-33, aug. 2002.
- MELAKU, Z.; ISMAIL, S. Perception on fluoride related health problems in area of endemic fluorosis in Ethiopia: an exploratory qualitative study. *Ethiopian Journal of Health Development*, v. 16, n. 1, p. 85-93, 2002.
- MERTENS, T. E.; FERNANDO, M. A.; COUSENS, S. N.; KIRKWOOD, B. R.; MARSHALL, T. F. C.; FEACHEM, R. G. Childhood diarrhoea in Sri Lanka: a case-study of the impact of improved water sources. *Journal of Tropical Medicine Parasit*, n. 41, p. 98-104, 1990.
- MILLS, W. *A elite do poder*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981. 421 p.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992. 270 p.
- MISUND, A.; FRENGSTAD, B.; SIEWERS U.; REIMANN, C. Variation of 66 elements in European bottled mineral waters. *The Science of the Total Environment*, v. 243-244, p. 21-4. 1999.
- MORAES, L. R. S. *Health impact of sewerage and drainage in poor urban areas in Salvador, Brazil*. 1996. 243 f. Tese (Doutorado em Epidemiologia/Saúde Ambiental) - London School of Hygiene and Tropical Medicine da University of London, Londres, 1996.
- MORAES, L. R. S. Avaliação do Impacto sobre a Saúde das Ações de Saneamento Ambiental em Áreas pauperizadas de Salvador - Projeto AISAM. In: SEMINÁRIO SANEAMENTO E SAÚDE NOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO, 1997, Rio de Janeiro. Anais..., Livro de Resumos. Rio de Janeiro: CC&P Editores Ltda., 1997. p. 281-305.

- MORIN, E. Complexidade e liberdade. In: MORIN, E., PRIGOGINE, Y. *et al. A sociedade em busca de valores: Para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. 264 p.
- MORIN, E. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, A.; NASCIMENTO, E. P. (Orgs.) *O pensar complexo: Edgard Morin e a crise da modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 204 p.
- MORIN, E. *As duas globalizações: complexidade e comunicação uma pedagogia do presente*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 86 p.
- MORIN, E. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, C. (Org.) e LARRETA, E. (Ed.). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 248 p.
- MORPHY, H. (1994). Aesthetics is a Cross-Cultural Category: a debate held in the Muriel Stott Centre, John Rylands University Library of Manchester on 30th October 1993, ed. J. Weiner, Group for Debates in Anthropological theory *apud* STRANG, V. *The meaning of water*. Oxford, UK: Berg Publisher, 2004. 274 p.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.
- MYERS, D. G. *Psicologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2000. 424 p.
- MYRDAL, G. *La pobreza de las naciones*. México: Siglo Veintiuno Editores S. A., 1975. 460 p.
- NANCY, J-L. Um sujeito? In: MICHELS, A.; NANCY, J-L.; SAFOUAN, M.; VERNANT, J-P.; WEILL, D. *O homem e o sujeito*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora RevinteR Ltda., 2001. 106 p.
- NICHOLSON, E.; RYAN, J.; HODGKINS, D. Community data - where does the value lie? Assessing confidence limits of community collected water quality data. *Water Science and Technology*, v. 45, n. 11, p. 193-200, 2002.
- NICHTER, M. Drink boiled water: a cultural analysis of a health education message. *Social Science and Medicine*, v. 21, n. 6, p. 667-669, 1985.
- NSANZE, H.; AL KOHALY, Z. B. H. Microbiological quality of bottled drinking water in the USA and the effect of storage at different temperatures. *Environment International*, v. 25, n. 1, p. 53-57, 1999.
- OBIRI-DANSO, K.; OKORE-HANSON, A.; JONES, K. The microbiological quality of drinking water sold on the streets in Kumasi, Ghana. *Letters in Applied Microbiology*, v. 37, p. 334-339, 2003.
- OLIVEIRA, R. M. Construindo o conhecimento sobre o saneamento básico nas favelas através das “falas” e informações da população. *Cadernos CEDES*, n. 38, p. 62-71, ago. 1996.
- OLSON, J. M.; ZANNA, M. P. Attitudes and attitude change. *Annual Review of Psychology*, v. 44, p. 117-154, 1993 *apud* MYERS, D. G. *Psicologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2000. 424 p.
- OMS. *Environmental Health Indicators: Framework and Methodologies*. Protection of the Human Environment. Geneva: Occupational and Environmental Health Series, 1999. 122 p.
- ONU. Direitos Humanos. Carta Magna de 07 de abril de 1948. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php> Acesso em 18 jul. 2002.

- ORTEGA Y GASSET, J. *Meditação sobre a técnica*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1991. n.7, 78 p. (Série Pensamento Liberal).
- PACHECO, R. *Os Dias Antigos*. 1. ed. Vitória: EDUFES - Secretaria Municipal de Cultura, 1998. 155 p.
- PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. *A crise da saúde pública: e a utopia da saúde coletiva*. Salvador: Casa da Qualidade, 2000. 126 p.
- PASCAL, B. *Pensamentos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 279 p. (Coleção Os Pensadores).
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2002. 68 p.
- PENA-VEGA, A.; NASCIMENTO, E. P. (Org.) *O pensar complexo: Edgard Morin e a crise da modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 204 p.
- PETRAGLIA, I. Edgard Morin: *Complexidade, transdisciplinaridade e incerteza*. Disponível em: <http://www.arvore.com.br/artigos/htm_2002/ar0705_3.htm>. Acesso em: 16 set. 2004.
- PIP, E. Survey of Bottled Drinking Water Available in Manitoba, Canada. *Environmental Health Perspectives*, v. 108, n. 9, p. 863-866, 2000.
- PIRIOU, P.; MACKAY, E. D.; SUFFET, L. H.; BRUCHET, A. Chlorinous flavor perception in drinking water. *Water Science and Technology*, v. 49, n. 9, p. 321-328, 2004.
- PITALUGA, C. M. *Análise dos fatores que influenciam o consumo de água mineral*. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Economia e Administração, Universidade Federal de Mato Grosso, Campo Grande, 2006.
- PITTET, D. Clean hands reduce the burden of disease. *The Lancet Infectious Diseases*, v. 366, 2005. Disponível em: <<http://infection.thelancet.com>>. Acesso em: maio 2006.
- PMV. SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. Avaliação do Programa de Saúde da Família – Município de Vitória: Nível Central e Região de Maruípe – Território de Andorinhas, Consolação e Maruípe. Mimeo. 2004. 184 p.
- PONTES, C. A. A. *Urbe água vida*. 2003. 100 f. Tese - (Doutorado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003.
- POPE, C.; MAYS, N. *Pesquisa qualitativa: na atenção à saúde*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 118 p.
- PRIGOGINE, Y. O reencantamento do mundo. In: MORIN, E., PRIGOGINE, Y. et al. autores. *A sociedade em busca de valores: Para fugir à alternativa entre o ceticismo e o dogmatismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. 264 p.
- PRIGOGINE, Y. O fim da certeza. In: MENDES, C. (Org.); LARRETA, E. (Ed.). *Representação e complexidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. 248 p.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. Relatório do Desenvolvimento Humano 2006. 1101 p.
- PRÜSS, A.; KAY, D.; FEWTRELL, L.; BARTRAM, J. Estimating the burden of disease from water, sanitation, and hygiene at a global level. *Environmental Health Perspectives*, v. 110, n. 51, may 2002.

- QUEIROZ, J. T. M. Água de consumo humano distribuída à população e ocorrência de diarreia: Um estudo ecológico no município de Vitória/ES. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos) - Escola de Engenharia da UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- QUEIROZ, J. T. M.; SILVA, S. R.; HELLER, L. O saneamento como ação de saúde pública na história do município de Vitória-ES. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, 23., 2005, Goiânia. [Anais eletrônicos...] Rio de Janeiro: ABES, 2005. 1 CD-ROM.
- RAJ, S. D. Bottled water: how safe is it? *Water Environment Research*, v. 77, n. 7, p. 3013-3018, 2005.
- RAMALHO, R.; CUNHA, J.; TEIXEIRA, P.; GIBBS, P. A. Improved methods for the enumeration of heterotrophic bacteria in bottled mineral waters. *Journal of Microbiological Methods*, v. 44, p. 97-103, 2001.
- RÊGO, R. C. F.; BARRETO, M. L.; KILLINGER, C. L. O que é lixo afinal? O que pensam mulheres residentes na periferia de um grande centro urbano. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1583-1592, nov./dez., 2002.
- RENAUT, A. *O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. 112 p. (Coleção Enfoques Filosofia).
- REY, F. L. G. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson Editores S. A., 2002. 190 p.
- REY, F. L. G. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. 292 p.
- REZENDE, A. L. M. *Saúde: dialética do pensar e do fazer*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989. 160 p.
- REZENDE, S. C.; HELLER, L. *O saneamento no Brasil: políticas e interfaces*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Escola de Engenharia da UFMG, 2002. 310 p.
- ROJAS, L. I. Geografía y salud: temas y perspectivas en América latina. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p. 701-711, out./dez. 1998.
- ROSEN, G. *Uma história da Saúde Pública*. Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1994. 423 p. (Coleção Saúde em Debate, 74).
- ROSENBERG, F. A. The microbiology of bottled water. *Clinical Microbiology Newsletter*. v. 25, n. 6, march 2003.
- ROUSE, M.; FALLENIOUS, U.-B.; TORTAJADA, C. Workshop 6 (synthesis): water pricing. *Water Science and Technology*. v. 47, n. 6, 2003.
- ROUX, A. V. D. The study of group-level factors in epidemiology: rethinking variables, study designs, and analytical approaches. *Epidemiologic Reviews*, U.S.A., v. 26, p. 104-111, 2004.
- SÁ, C. P. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 110 p.
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/Editora Universidade de São Paulo, 1974. 121 p.
- SAMAJA, J. Muestras y representatividad en vigilancia epidemiológica mediante sitios centinelas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 309-319, jul./set. 1996.
- SAMAJA, J. *A Reprodução social e a saúde*. Salvador: Casa da Qualidade, 2000. 103 p.

- SAMAJA, J. Desafios a la epidemiologia (Pasos para uma epidemiologia “Miltoniana”). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 105-120, 2003.
- SANBONMATSU, D. M.; FAZIO, R. H. The role of attitudes in memory-based decision making. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 59, p. 614-622, 1990. *apud* MYERS, D. G. *Psicologia social*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2000. 424 p.
- SANCHEZ, A. M.; MONTERO, M. P. R.; ESCOBAR, V. G.; VARGAS, M. J. Radioactivity in bottled mineral waters. *Applied Radiation and Isotopes*, v. 50, p. 1049-1055, 1999.
- SANTOS, C. N. F (Coord.). *Quando a rua vira casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 2. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, 1981. In: FELTMANN, C. S. *Um olhar para o homem e sua morada*. 2002. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000.
- SANTOS, J. F. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. p. 112. (Coleção Primeiros Passos).
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002a. p. 174.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: EDUSP, 2002b. p. 392.
- SCHWARTZ, S.; SUSSER, E.; SUSSER, M. A future for epidemiology? *Annual Reviews Public Health*, n. 20, p. 15-33, 1999.
- SELBORNE, L. *A Ética do Uso da Água Doce: um levantamento*. Brasília : UNESCO, 2001. 80 p.
- SHOTYK, W.; KRACHLER, M.; CHEN, B. Contamination of Canadian and European bottled waters with antimony from PET containers. *Journal of Environmental Monitoring*, v. 8, p. 288-292, 2006.
- SILVA, E. R. *O curso da água na história: simbologia, moralidade e a gestão de recursos hídricos*. 1998. 167 f. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1998.
- SILVA, S. R. Perfil das doenças diarreicas agudas no Espírito Santo. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, 20., 1999, Rio de Janeiro. [Anais eletrônicos...] Rio de Janeiro: ABES, 1999. 1 CD-ROM.
- SILVA, S. R.; HELLER, L.; VALADARES, J. C. Origem e características da água de consumo humano: o discurso do sujeito coletivo em Mangue Seco – Vitória-ES. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, 23., 2005, Goiânia. [Anais eletrônicos...] Rio de Janeiro: ABES, 2005. 1 CD-ROM.
- SNOW, J. *Sobre a Maneira de Transmissão do Cólera*. 2. ed. Brasileira. 1. reimp. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1999. 250 p.
- SOALHEIROS, N. I. Invenção da assistência: uma orientação ética para a clínica em saúde mental na rede pública. 1988. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1998. *apud* VALADARES, J. C. Qualidade do espaço e habitação humana. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 83-98, 2000.

- SORONDO, F. Os direitos humanos através da história. Porto Alegre: Fundação Friedrich Naumann/ Movimento Justiça e Direitos Humanos, 1991, 16 p. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/educar/redeedh/anthist/sorondo.html>>. Acesso em: 10 mar. 2002.
- SORRE, M. Fundamentos biológicos de la geografia humana. Barcelona: Editorial Juventud, 1955 *apud* GUIMARÃES, R. B. Saúde urbana: velho tema, novas questões. *Revista Terra Livre*, São Paulo, n. 17, p. 155-170, 2. sem. 2001.
- SPERBER, D. L'étude anthropologique des représentations. In: JODELET, D. (Org.) *Les Représentations Sociales*. Paris: Presses Universitaire de France, 1989, p. 113-130 *apud* SPINK, M. J. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./set. 1993.
- SPINK, M. J. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul./set. 1993.
- STAFFORD, M.; MARMOT, M. Neighbourhood deprivation and health: does it affect us all equally? *International Journal of Epidemiology*, Great Britain, v. 32, n. 3, p. 357-366, jun. 2003.
- STRANG, V. *The meaning of water*. Oxford, UK, Berg Publisher, 2004. 274 p.
- SUSSER, M. The logic in Ecological: I. The logic of analysis. *American Journal of Public Health*, U.S.A., v. 84, n. 5, p. 825-829, may 1994a.
- SUSSER, M. The logic in Ecological: II. The logic of analysis. *American Journal of Public Health*, U.S.A., v. 84, n. 5, p. 825-829, may 1994b.
- TAGORE, R. *Sadhana: O caminho da realização*. São Paulo: Paulus, 1994. 140 p. (Coleção Educadores da humanidade).
- TARRIDE, M. I. *Saúde pública: uma complexidade anunciada*. 1. reimp. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 107 p.
- TAYLOR, C. *La ética de la autenticidad*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1991. 146 p.
- TURGEON, S.; RODRIGUEZ, M. J.; THÉRIAULT, M.; LEVALLOIS, P. Perception of drinking water in the Quebec City region (Canada): the influence of water quality and consumer location in the distribution system. *Journal of Environmental Management*, 70, p. 363-373, 2004.
- UJVARI, S. C. *Meio ambiente e epidemias*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004. 188 p. (Série Meio Ambiente).
- VALADARES, J. C. Qualidade do espaço e habitação humana. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 83-98, 2000.
- VERMANT, J-P. Da psicologia histórica à antropologia da Grécia antiga. In: MICHELS, A.; NANCY, J-L.; SAFOUAN, M.; VERNANT, J-P.; WEILL, D. *O homem e o sujeito*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda., 2001. 106 p.
- WARBURTON, D.; HARRISON, B.; CRAWFORD, C.; FOSTER, R.; FOX, C.; GOUR, L.; KROL, P. A further review of the microbiological quality of bottled water sold in Canada: 1992-1997 survey results. *International Journal of Food Microbiology*, n. 39, p. 221-226, 1998.
- WARD, C. Reflected in water: a crisis in social responsibility. London and Washington, DC: Cassell 1997 *apud* STRANG, V. *The meaning of water*. Oxford, UK: Berg Publisher, 2004. 274 p.

- WATERSON, A. *Public health in practice*. Londres: Palgrave Macmillan, 2003. 271 p.
- WEBER, D. J.; SICKBERT-BENNETT, E.; GERGEN, M. F.; RUTALA, W. A. Efficacy of selected hand hygiene agents used to remove *Bacillus atrophaeus* (a Surrogate of *Bacillus anthracis*) from contaminated hands. *Journal of American Medical association*, v. 289, n. 10, p. 1274-1277, 2003.
- WHITE, G. F.; BRADLEY, D. J., WHITE, A. *Drawers of water: domestic water use in East Africa*. Chicago: The University of Chicago Press, Ltd. 1972. 306 p.
- WHO. Protecting our children's health by cutting back pollution. 2003a. Disponível em: <http://europa.eu.int/comm/press_room/presspacks/health/pp_health_en.htm>. Acesso em 04 jul. 2003.
- WHO. Emerging issues in water and infectious disease. 2003 b. Disponível em: <http://www.who.int/water_sanitation_health/emerging/emerging.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2006.
- WHO. Water, sanitation and hygiene links to health. Facts and figures updated November 2004. Disponível em: <http://www.who.int/water_sanitation_health/publications//facts2004/en/index.html>. Acesso em: 22 nov. 2006.
- WHO. Preventing disease through healthy environments. Towards an estimate of the environmental burden of disease. 2006. Disponível em: <http://www.who.int/quantifying_ehimpacts/publications/preventingdisease.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2006.
- YOUNG, B.; BRISCOE, J. A case-study of the effect of environmental sanitation on diarrhoea morbidity in Malawi. *Journal of Epidemiology and Community Health*, v. 42, n. 42, p. 83-88, 1987.

ANEXO

ANEXO 1

Declaração de aprovação da pesquisa pelo COEP/UFMG

UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG - COEP

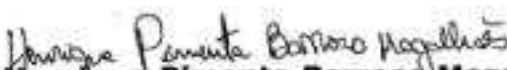
Parecer nº. ETIC 081/04

Interessado: Prof. Dr. Léo Heller
Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental – UFMG

DECISÃO:

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP após cumprimento das solicitações da diligência, aprovou no dia 01 de julho de 2004 o projeto de pesquisa intitulado « **O Papel do Sujeito em Relação à Água de Consumo Humano: Um Estudo na Cidade de Vitória - ES.** » e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do referido projeto.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.


Prof. Dr. Henrique Pimenta Barroso Magalhães
Vice-Presidente do COEP/UFMG

APÊNDICE

APÊNDICE 1
Questionário 1

QUESTIONÁRIO 1

Área de estudo:

Nome:

Endereço:

Sexo:

Idade:

Nível de escolaridade:

Número de pessoas residentes no domicílio:

Número de pessoas residentes no domicílio < 5 anos:

Atendido pelo sistema de abastecimento de água (CESAN):

Consumo médio mensal registrado na conta (m³):

Se não for atendido pelo sistema, qual a origem da água de consumo?

Pergunta: Qual a importância da água na sua vida?

Aspectos a serem abordados pelo entrevistando:

Importância da água para o ser humano

Informações sobre a situação da água no planeta

Origem da água de consumo no domicílio

Características da água consumida

Características de uma água de boa qualidade para consumo humano

Uso de filtro/importância/manutenção

Importância da água de consumo de boa qualidade

Usos da água/desperdício/controle

Manutenção da caixa d'água e vazamentos nas instalações hidráulicas

Destino dos esgotos

Doenças de veiculação hídrica

Conceito de diarreia

Associação entre diarreia e água

Frequência da ocorrência de diarreia no domicílio

Conduta no tratamento da diarreia

Busca por atendimento médico - Unidade de Saúde (qual?) – qualidade do atendimento

Hábitos de higiene pessoal e domicílio

Aspectos legais da qualidade da água

Conhecimento do VIGIAGUA

Conhecimento do MDDA

Providências na falta ou suspeita da qualidade da água

Relação com o serviço de abastecimento de água.

Grau de insistência para a resposta.

Participação na associação do bairro.

Aspectos a serem observados pelo pesquisador/entrevistador:

Condições de higiene do ambiente

APÊNDICE 2

Carta Convite e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CARTA CONVITE E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO SOBRE O PAPEL DO SUJEITO EM RELAÇÃO À ÁGUA DE CONSUMO HUMANO NA CIDADE DE VITÓRIA-ES

Senhor(a) :

Por que da pesquisa e quem participa?

Esta pesquisa faz parte do estudo intitulado “O papel do sujeito em relação à água de consumo humano: um estudo na cidade de Vitória-ES” e busca investigar aspectos pessoais, no que diz respeito às práticas sociais, atitudes, comportamentos e percepções no cotidiano da população que se beneficia de sistema de abastecimento de água, em áreas consideradas de risco na cidade de Vitória – ES. O seu desenvolvimento terá aplicação do método qualitativo empregando a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo e será ancorado na pesquisa documental sobre os resultados por programas desenvolvidos pelas instituições de saúde locais.

Desta forma, convidamos o Sr.(a) a participar desta pesquisa, permitindo tão somente, que a pesquisadora observe, entreviste e filme, se necessário.

Por meio de uma seleção intencional, o Sr.(a) foi escolhido para participar do grupo alvo do estudo. A participação nesta pesquisa não implica em qualquer risco de divulgação das informações aqui prestadas, além de garantido o anonimato dos participantes e que as informações obtidas têm finalidade exclusivamente científica.

Quais os benefícios da pesquisa?

É importante a sua participação, pois estará contribuindo para o fornecimento de subsídios para o estágio atual de conhecimento acerca da relação entre as ações de saneamento e saúde e o papel do sujeito em face das intervenções de abastecimento de água. No espectro mais amplo, talvez possa também contribuir na valorização das intervenções de sujeitos sociais no processo de tomada de decisão das políticas públicas e, em especial, possa colaborar para a construção de estratégias políticas transformadoras.

Os participantes podem se retirar da pesquisa caso queiram?

Tanto os participantes são livres para recusar a participar da pesquisa, podendo se retirar livremente a qualquer momento.

Haverá riscos ou prejuízos previstos ao participante da pesquisa?

Este projeto será submetido à Câmara Departamental do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da Escola de Engenharia da UFMG e à Comissão de Ética da UFMG. Desta forma todos os dados obtidos pelo estudo, serão mantidos em sigilo, mesmo ao serem publicados em revistas científicas. Os dados coletados serão registrados de forma a não permitir a identificação posterior do participante por pessoas alheias à pesquisa.

APÊNDICE 3

Questionário 2

QUESTIONÁRIO 2

Área de estudo:

Nome:

Endereço:

Sexo:

Idade:

Nível de escolaridade:

Pessoas residentes no domicílio (sexo, idade, grau de parentesco):

Atendido pelo sistema de abastecimento de água (CESAN):

Consumo médio mensal registrado na conta nos últimos três meses (m³):

Se não for atendido pelo sistema, qual a origem da água de consumo?

Pergunta: Qual a importância da água na sua vida?

O entrevistador buscará condições para que o entrevistando ao responder a questão proposta aborde os seguintes aspectos:

Importância da água para o ser humano

Origem da água de consumo no domicílio

Características da água consumida

Características de uma água de boa qualidade para consumo humano

Importância da água de consumo de boa qualidade

Formas de uso da água (desperdício/controle)

Uso de filtro/importância/manutenção

Manutenção da caixa d'água e vazamentos nas instalações hidráulicas

Destino dos esgotos

Doenças de veiculação hídrica

Conceito de diarreia

Associação entre diarreia e água

Frequência da ocorrência de diarreia no domicílio

Conduta no tratamento da diarreia

Busca por atendimento médico – se Unidade de Saúde (qual?) – qualidade do atendimento

Hábitos de higiene pessoal e doméstica

Aspectos legais da qualidade da água

Conhecimento do VIGIAGUA

Conhecimento do MDDA

Providências na falta de água ou suspeita da qualidade inadequada da mesma.

Relação com o serviço de abastecimento de água.

Grau de insistência para a resposta quando realizada solicitação ao serviço de abastecimento de água.

Participação na associação do bairro.

Aspectos a serem observados pelo pesquisador/entrevistador:

Condições de higiene do ambiente

APÊNDICE 4

Questionário 3

QUESTIONÁRIO 3

Local:

Data:

Endereço:

Entrevista – Início:

Término:

Informações gerais:

Nome do entrevistado:

Idade:

Sexo:

Nível de escolaridade:

Ocupação:

Cidade de origem:

Tempo de residência no bairro:

Habitação (madeira/tijolo/cobertura/piso/banheiro):

Pessoas que residem no domicílio (grau de parentesco e idade):

Renda familiar:

Hidrômetro: Sim ou Não

Consumo médio mensal de água (últimos 3 meses):

Tema 1: Importância da água na vida da pessoa.

Qual a importância da água para a sua vida? E para a sua comunidade?

O que você acha de ter água em casa?

Todas as pessoas do mundo tem água em casa?

Se Não: O que você acha disso? De quem é essa responsabilidade?

Para você, quanto à importância, existe diferença entre o serviço de água e o serviço da unidade de saúde?

Tema 2: Origem e características da água de consumo humano utilizada no domicílio.

Qual a água que você utiliza na sua casa?

De onde vem essa água? Qual o caminho que a água faz até chegar a sua casa?

O que você acha dessa água? Porque?

Quando você abre a torneira, qual o aspecto da água?

Para você existe diferença entre a água de beber e a água para lavar roupas? Se sim, qual?

Qual a água que usa para beber?

Como deve ser uma água que possa ser considerada de boa qualidade para uma pessoa consumir?

Tema 3: Importância da água de consumo humano.

Para você qual a importância de consumir uma água de boa qualidade?

Se não falar em doença, perguntar: Existe algum problema para uma pessoa se consumir uma água que não seja de boa qualidade? Se sim - Quais?

Se falar em doenças, quais?

Quais as doenças mais comuns que ocorrem na sua casa?

Se citar a diarreia como doença: O que é diarreia? Ocorre a diarreia na sua casa?

Quando ocorre, como você trata? Se falar no soro caseiro: como é que você prepara o soro?

Você procura atendimento na Unidade de Saúde? Se sim - Qual? Como você é atendido lá?

Quem é responsável pela Unidade de Saúde?

Tema 4: Formas de uso da água no domicílio.

Quais os usos que você faz da água na sua casa?

Quanto à quantidade, como você usa a água?

Você usa filtro? Se sim: Porque? Faz limpeza? Como? De quanto em quanto tempo?

Se não: Porque?

Tem caixa d'água? Se sim - Porque? Faz limpeza? Como? De quanto em quanto tempo?

Se não: Porque?

O que você faz quando acontece algum vazamento na sua casa? Porque?

E se for na rua? Porque? Se chama a CESAN: Como faz isso? Como é o atendimento?

Tema 5: Esgoto sanitário.

Para onde vai o esgoto da sua casa?

O que acha dessa solução?

Todas as pessoas do mundo têm o serviço de esgoto em casa?

Se Não: O que você acha sobre as pessoas que não tem o serviço de esgoto em casa?

De quem é essa responsabilidade? Porque umas pessoas têm serviço de esgoto em casa e outras não têm?

Para você, quanto à importância, existe diferença entre o serviço de esgoto, o serviço de água e o serviço da unidade de saúde?

Tema 6: Aspectos legais da qualidade da água.

Existe alguma lei sobre a qualidade da água que o ser humano consome?

Existe alguma relação entre a água e o SUS? Se sim – Qual?

Você conhece o VIGIAGUA? Se sim - O que faz?

Você conhece o MDDA? Se sim - O que faz?

Tema 7: Relação com o serviço de abastecimento de água.

O que você acha da ligação predial de água?

Como você conseguiu?

O pagamento da conta de água é representativo na renda mensal de sua casa?

O pagamento da conta vale pelo serviço?

Falta água na sua casa? Se sim - De quanto em quanto tempo? Porque?

Que providências você toma na falta de água?

Você já suspeitou da qualidade da água da sua casa? Se sim, quando isso acontece você toma alguma providência?

Se procura a CESAN - Como é o atendimento da CESAN? Você insiste?

Quem é responsável pela CESAN?

Tema 8: Existência e participação em alguma associação/entidade no bairro.

Existe alguma associação de bairro no seu bairro?

Se sim – Qual? Você participa? Os seus vizinhos participam?

APÊNDICE 5

Discursos do Sujeito Coletivo

Idéia Central A: A água é importante na vida do sujeito

Mangue Seco

A água é muito importante na minha vida, sem ela, como eu vou viver? (risos) Faz parte da vida da gente, né? A água acho que é igual à comida que a gente come. Pra mim toda importância que tem a água. No dia que a gente fica sem água, a gente vê a diferença que faz. É mais do que a própria luz, né? Eu prefiro sem energia... De que sem água. Sem energia você arruma uma vela e se vira? E água? De tudo tem que ter a água, tudo é usado água, né? Não tem como, ela é fundamental na nossa vida. A água pra gente é tudo! A água é vida, né? (10/10)

Ilha das Caieiras

Pra minha vida? A água pra mim, Nossa Senhora! A água é a sobrevivência da gente, é indispensável, é um cristal da vida, né? (Risos) Uma maravilha! É porque sem a água a gente não é nada, né? Não podemos viver, né? Porque tudo o que a gente precisa depende da água, né? Eu acho maravilhoso! (10/10)

Santa Teresa

A água é a fonte de tudo, né? Eu acho importante, porque sem luz a pessoa vive, agora sem água jamais... A gente precisa dela pra viver. Porque a gente precisa dela em tudo, né? Pra beber, pra mim poder me alimentar, na minha higiene pessoal, tomar banho, lavar roupa, fazer comida, pra tudo, né? Sem a água, ninguém sobrevive sem a água não! A gente não tem asseio sem a água! Nossa... É especial a água pra gente, né? É essencial! Ah, pra mim é muito maravilhoso, hum!.. (10/10)

Jardim Camburi

Pra minha vida, a água é tudo, tudo, né? Ah, a água é vida, acabou a água, pra mim acabou a vida! Eu acho a água mais importante do que o alimento, porque se você não tiver o alimento, mas a água sacia sua fome, entendeu? Ela é tudo no planeta, ela é a sobrevivência da gente pra saúde, pra higiene, pra tudo! É vital. É muito necessária, né? É tudo, né? Eu tenho paixão pela água! (9/10)

Ideia Central B : A água tem 50% de importância vida do sujeito

Jardim Camburi

Acho que 50% da minha vida depende da água, na verdade seria 100% porque eu nunca passei necessidade de não ter água, né? Sem água a gente não sobrevive, né? Então, por eu nunca ter passado, eu dou uma importância de mais ou menos 50% na minha vida. (1/10)

Idéia Central C: É importante ter acesso à água em casa

Mangue Seco

Nossa, muito grande! Primeiro, a pessoa carregar água, você carregar água de um lugar pro outro? Pra você limpar a casa, pra você tomar um banho, não é a mesma coisa de você ter ali na torneira... Muito mais prático você ter na torneira ali, a água pra você estar fazendo as coisas, do que está tendo que se deslocar da sua casa para ir em outro local pegar... E tem muita gente que já não gosta de limpar nem com a água ali na torneira... Já não tem, né? Aquele cuidado com as coisas. Você imagina ter que pegar um balde e ir lá buscar na casa do vizinho... Ah, é muito ruim! Muito ruim a pessoa ficar sem água. Nossa, é uma das melhores idéias que esse pessoal teve aí no mundo, de criatividade, pra você receber água na sua casa, na torneira... Pra você, né? Cuidar da sua casa, cuidar de você... Você já imaginou se não tivesse encanamento de água? Que diferença... (8/10)

Ilha das Caieiras

Bom, a água é indispensável, né? Coisa maravilhosa, né? Uma casa sem água é mesmo que não ter ninguém, né? Porque tudo o que a gente precisa depende da água, né? Porque aí dá pra assim a gente fazer as coisas... Pra poder não desidratar, né? Pra beber, pra tomar um banho, lavar as mãos, pra fazer almoço, né? Tudo depende da água, né? Sem ela é impossível fazer qualquer coisa. Ah, é muito bom, né? Se não tivesse a água a gente faria o que? (Risos) Que não tem lugar de fazer poço, não tem nenhum, né? Tem que ser essa água da CESAN mesmo! Eu acho maravilhoso, né? (10/10)

Santa Teresa

É maravilhoso a água, né? É, porque sem água encanada não tem como a gente sobreviver, porque é muito bom, né? Porque a gente precisa dela em tudo, né? Pra beber, pra lavar a roupa... Pra tomar banho, né? Pra tudo, né? Sem a água você não faz nada! Eu prefiro mais ficar sem a luz que sem a água. Sem a luz você ainda passa, né? Porque... Tem uma vela, mas sem água não passa não, né? Nossa, eu acho ótimo, maravilha! A água é essencial, porque quando falta água a gente não pode fazer nada! (10/10)

Jardim Camburi

Ah, eu acho uma maravilha, excelente, né? É, pra mim é maravilha, né?... Um dom, uma coisa muito boa, né? Tem que agradecer a Deus! É essencial numa casa é a água, é o principal, né? Acho que é preferível faltar energia do que água, no caso se tiver que faltar alguma coisa, acho que a água não pode faltar de maneira nenhuma. Que ela é tratada, e tem que ter pela sobrevivência da gente, imagina se não tivesse? Se eu não tivesse? Como eu faria? Não era difícil? Pra mim é o principal! Se eu não tiver isso eu não tenho nada, eu estou com a mão atada. Eu acho que é, eu nem imagino sem água, acho que é crucial, é importantíssimo... Nossa, eu amo... Eu amo, eu rezo na hora que eu abro a torneira eu tenho paixão pela água quando escorre pela torneira! Eu acho lindo, lindo, lindo! (10/10)

Idéia Central D: Todos os moradores do bairro têm acesso à água em casa

Mangue Seco

Eu acho que sim, é muito difícil não ter! Aqui no meu bairro tem, não conheço ninguém que não tem! Eu acho que hoje é muito difícil não ter alguém que não tenha água encanada em casa. Que não tenha. Até mesmo no interior... A não ser quando há falta muito grande de água, né? Igual há pouco tempo tinha uns morros aí, que não estava subindo a água. (2/10)

Idéia Central E: Nem todos os moradores do bairro têm acesso à água em casa

Ancoragem E: Visão Global

Mangue Seco

É, lá pra cima. Dessa parte da hora em diante, a água não vai lá! Isso aí tem que ter mesmo reserva de água grande, porque a água não vai na torneira. Até que esses dias, de um tempo pra cá, não estou vendo reclamar, não. Estou desconfiada que a água está subindo direto, né? Porque primeiro o carro pipa vinha aqui pra jogar água. Agora não estou vendo mais, ninguém reclamar mais. (1/10)

Idéia Central F: Todas as pessoas têm acesso à água em casa

Ancoragem F: Visão local

Mangue Seco

Todo mundo, né? Eu acho que hoje é muito difícil não ter alguém que não tenha água encanada em casa. Hoje em dia a CESAN está ajudando muito nessa área, né? Porque a gente vê vários lugares bem distante que já têm a água encanada, tudo direitinho. Isso aí está diminuindo muito, né? (3/10)

Ilha das Caieiras

É, eu acho que tem, né? (2/10)

Santa Teresa

Ah, eu acredito que sim, né? (1/10)

Idéia Central G: Nem todas as pessoas têm acesso à água em casa

Ancoragem G: Visão global/ mídia

Mangue Seco

Não tem não. O que eu acho, que isso aí é mais visto pela parte urbana. E a rural, que é a maior parte? Eu vejo que a pessoa que não tem, ela dá mais valor. Porque a que tem, ela desperdiça, ela não vê diferença, a pessoa já tem isso em mãos aqui, quem já recebe tudo encanado, já tem em mãos. Então, não esquento, não está nem aí... Acho que muita gente não tem sabe, por que o seguinte, a CESAN vai lá e liga a água, eles começam a usar a água, lá eles não pagam a conta de água, lógico que a CESAN vai lá e vai cortar. Não vai deixar eles com água sem pagar. (2/10)

Ilha das Caieiras

Eu acho que nem todos têm não, nem todas, né? A gente vê aí na televisão, né? Ainda muita carência, lugares igual, tem a seca aí, noutros lugares aí fora, né? É triste, mas nem todas! (10/10)

Santa Teresa

Não, nem todo mundo, eu acredito que não. Nem todas, assim como a gente tem, não! Se vê que tem lugares aí que nem água pra beber eles têm, né? A gente vê na televisão, tanta gente aí que não tem água aí nem pra beber! Pega água da chuva, aquela água amarela mesmo, de poças de água. Acho que nem todo o mundo tem o privilégio que a gente tem! (9/10)

Jardim Camburi

Não, tem muita gente que não tem, né? (10/10)

Idéia Central H: A água encanada em casa é conforto

Mangue Seco

Banheiro também é uma higiene boa dentro de casa. Quem não tem um banheiro pra usar, sem querer fugir da regra, a mesma coisa é a água. Se você faz um banheiro para uma pessoa que não tem um banheiro, você põe água pra ela dentro de casa, pra poder, né? Ela ter mais um conforto, né? (1/10)

Idéia Central I: A comunidade ter água encanada em casa é tão importante quanto para a própria pessoa

Mangue Seco

Acho que a mesma importância pra mim, né? A mesma importância, pra mim e acho que pra todos, né? Também é importante para a comunidade. (2/10)

Ilha das Caieiras

Pra minha comunidade? Ah, maravilha (risos). Ah, é bem pra todo mundo, né? Porque sem a água ninguém vive, né? Ah, eu acho muito bom, muito maravilhoso, nossa, é uma importância e tanto na vida da gente. É o bem mais precioso que tem, todo mundo gosta! Eu acho também muito bom, né? Pra eles todos também! (10/10)

Santa Teresa

Ah, é ótimo para eles também! Deus me livre as pessoas sem água, ué? Todo mundo tem que ter água, todo mundo merece ter água, né? Sem água a gente não vive! É bom que todo mundo tenha. Deve achar a mesma coisa, né? Deve achar maravilhosa, né? (8/10)

Jardim Camburi

Ah, eu acho fantástico, sinceramente maravilhoso, se todos pudessem ter, se toda a comunidade, onde existe o ser humano, né? Eu acho que quase todo mundo deve dar muita importância a água, eu acho maravilhoso, né? (10/10)

Idéia Central J: A água é direito humano

Ancoragem J: Direitos humanos

Mangue Seco

Ah, eu acho que todo mundo deve ter, né? Com certeza um direito, né? Porque a água, ninguém é dona dela, é da natureza, ela é de Deus. Então, Deus não fez só pra um e outro não. Fez pra todo mundo. Ah, eu acho assim, uma injustiça, né? Porque a água tem que ser pra todos, não pode ser só pra alguns e outros não! (3/10)

Jardim Camburi

Eu acho que as pessoas, todo mundo tem direito, né? E tem muitos que não têm. (1/10)

Idéia Central K: A necessidade de apoio das autoridades aos excluídos

Ancoragem K: Solidariedade

Mangue Seco

Ah, podia ser feito um programa... Num sei, social ou federal, não sei... Mas um programa que ajudasse essas famílias. Porque, de qualquer forma, por mais que essas pessoas não tenham condições, mas se lança um programa, igual tem esses programas habitacionais, isso e aquilo, as pessoas não têm condições, mas quando fazem, entendeu? O governo vem e implanta isso, aí ajuda, beneficia. Mas ele tem aquele compromisso de tirar aquele valorzinho todo mês e poder estar pagando aquilo. Então, se fizerem o mesmo com a água, quer dizer,

eles vão gastar. Eles vão fazer um empreendimento sobre aquilo, mas também vão estar recebendo aos poucos. Tem, tem que ter. No caso, seria o caso dele receber, né? Uma contribuição, uma ajuda, né? Sem água, sem higiene em casa, não tem como a pessoa ter saúde não. (2/10)

Ilha das Caieiras

Porque muitas pessoas têm condição e a outra geralmente... Quando mora nos morros é difícil! É difícil porque não tem como ter contribuições, não tem dinheiro pra poder comprar cano, porque a CESAN exige o cano pra poder ter água. (1/10)

Ideia Central L: As pessoas que não têm água em casa sofrem

Ancoragem L: Experiência de vida

Ilha das Caieiras

É, a água não tem como ficar sem não! É, sem água pra viver, água pra fazer almoço, aí fica difícil! Eu vejo quando eles, assim passa no jornal, né? Porque passa na televisão aí, esses lugares aí que as pessoas morrem de sede, né? Eles carregando água no balde, aquelas latinha de água, pra lavar, pra tomar banho, usando canequinha... As pessoas sofrem. Sofrem demais. Sofrem porque fica aquela vontade de ter, mas não tem condição nenhuma de poder comprar os encanamentos pra puxar, às vezes não tem dinheiro, né? E você sabe que a CESAN... Não faz isso de graça, sempre tem que ter aquela taxa e se a pessoa não tem, vai continuar abrindo um poço, vai beber aquela água, né? Ah, eu acho que é muito difícil, né? Ah, elas estão perdendo muita coisa, a oportunidade de não sofrer tanto, ter uma vida mais leve, mais saudável, né? Eu acho que a água na vida da gente é tudo! É um problema sério, né? Ah, é difícil, né? Muito difícil viver sem ela, né? (6/10)

Santa Teresa

Ah, eu acho que é uma dificuldade tremenda, né? Porque assim, a gente sempre vê passando pela televisão, entendeu? E essas pessoas que não têm, eu acho que elas têm mais dificuldade ainda pra poder viver. Olha, acho que deve passar uma vida bem difícil. É umas pessoas sofredoras, né? Ah, deve ser desesperador. A gente precisa muito dela, sem ela é muito difícil a sobrevivência, porque a gente quando falta água aqui um pouquinho, a gente fica... Todo mundo fica desesperado, querendo água.. Ah, eu acho assim, eu acho que todas elas deveriam ter água, né? Eu acho que é triste, né? (8/10)

Jardim Camburi

Ah, deve ser um sofrimento terrível, né? Deve ser muito sofrimento não ter água em casa, deve viver numa situação bem precária, né? Sujeita à doença, porque não toma banho, né? A água toda hora é necessária, né? Lavar as mãos, tomar banho, beber água, então, sem a água afeta assim, deve ser difícil, né? Ficar carregando a água ou indo atrás da água. Eu acho que, isso aí é até um crime, eu acho, né? Porque ficar sem água? Já pensou você carregar água? A gente... É bom, comodidade, né? Você abrir a torneira e não ter água, eu não me imaginaria sem água não, sinceramente. Tem pena, né? Porque são pessoas que devem passar muito aperto com a falta de água, né? Pra elas deve ser complicado, né? Ah, deve ser uma vida bem difícil pra sobreviver, né? Vivem cheios de problemas, doenças, crianças com problemas, é, tem que ter essa água tratada, eu acho que teria que ter. Sofre muito não, né? (7/10)

Ideia Central M: As pessoas não têm acesso à água por descaso do governo

Ilha das Caieiras

Ah, eu acho que... Falta de cuidado do governo com a população, né? Então, uns têm demais outros têm de menos, outros não têm nada. Eu acho que é por falta de... de recurso, não chegou até lá... (2/10)

Santa Teresa

Eu acho que é um pouco do descuido do governo também, entendeu? Porque se eles realmente se esforçassem, tinha como colocar água pra eles, porque eles gastam com tanta coisa, por que não vê esse lado, entendeu? Eu acho que o governo deveria se desempenhar mais, né? Eu acho que é falta de interesse da pessoas, não? Das pessoas que mandam, que governam as coisas. (3/10)

Jardim Camburi

Eu acho que é o lado social, né? É a exclusão social que vive o povo, essa questão da má distribuição de renda, né? Eu acho, o governo ou as pessoas que estão dentro da área, vamos supor, principalmente quem trabalha na área da CESAN, deveria fazer o possível, porque eu acho que é má vontade também, muito deles, de fazer as coisas, falta de boa vontade. Eu vejo só pela política que está acontecendo no nosso congresso, você vê porque um dos motivos, essa corrupção. (3/10)

Ideia Central N: Não sabem porque umas pessoas têm acesso a água e outras não têm

Ilha das Caieiras

Algumas pessoas têm água em casa e outras não têm... Essa aí eu não vou saber responder não! (1/10)

Santa Teresa

Ah, isso aí eu não sei! Sinceramente eu não sei. (5/10)

Jardim Camburi

Eu não sei, aí eu já não sei nem te responder. (2/10)

Ideia Central O: Tem pessoas que não têm água em casa por desperdício de outros

Santa Teresa

Eu acho que muita gente assim desperdiça a água e isso faz com que outras pessoas às vezes, fiquem em falta. Desperdício de uns, desperdício de outros, aí faz com que o local também não tenha água. (1/10)

Ideia Central P: As pessoas não têm água em casa porque não se esforçam para isso

Ilha das Caieiras

Podia fazer uma forcinha e ter, né? Oh, eu acho que aí é... Parte das pessoas, interesse deles, de muitos, deveria fazer uma força pra botar, né? Ah, falta de... Sei lá, assim... Controle dentro de casa. (3/10)

Jardim Camburi

Às vezes é falta de desenvolvimento, é falta de cultura também, né? Porque aí depende do lugar onde essas pessoas vivem, né? Que por exemplo, cidade é difícil, né? A pessoa não ter! Agora uma pessoa que mora em local de difícil acesso, tem esses cantos de rua, né? É difícil pra pessoa ter água em casa, energia, é muito difícil na periferia que não tem água e tal, fica difícil, né? Tem gente que não tem condições dele mesmo fazer a instalação de água, depende do governo e outros já têm mais facilidade, né? É, eu acho que assim, quanto mais carente, né? Mais difícil, eu acho assim, quanto mais carente o bairro, entendeu? Às vezes, quanto mais carente a prefeitura ou coisa, as coisas ficam mais difíceis, o acesso à água, o acesso à luz, o acesso a tudo, né? Eu acho falta de esforços deles também, que se você quiser você faz, não faz? Corre atrás! Um pouco relaxamento, do dono da casa por não correr atrás. (6/10)

Ideia Central Q: Quando tem água em casa desperdiça

Ancoragem Q: Valorização na perda

Mangue Seco

Eu vejo que a pessoa que não tem ela dá mais valor. Porque a que tem, ela desperdiça, ela não vê diferença, porque aquela que não tem, ela tem aquele trabalho de furar um poço, de ter, de necessitar daquela água, né? De saber que se um dia o poço secar, acabar, ela vai ter de furar outro, ter um trabalho dobrado, e a pessoa já tem isso em mãos aqui, quem já recebe tudo encanado já tem em mãos... Então, não esquentar, não está nem aí... (1/10)

Ideia Central R: A comunidade desperdiça água

Ilha das Caieiras

Tem muitas pessoas que desperdiça água, que lava calçada, lava carro, deixa a mangueira ligada, muito desperdício, depois quando falta água, fica reclamando, faltou água, que não sei o que lá, e a gente passa e pensa, está vendo, oh, o Zé Mané estava lavando ontem o carro ali com torneira ligada, hoje está aí querendo água e não tem a água. (1/10)

Santa Teresa

Olha, às vezes eu acredito que a comunidade, ela não dá muito valor a água que eles têm não! Porque às vezes você vê eles lavando pedra, vê pessoas, às vezes, desperdiçando água aí, entendeu? Infelizmente aqui em baixo é quase um desperdício. Porque às vezes, deixam a torneira aberta aí, gastando água direto. (2/10)

Idéia Central S: Mudança no modo de vida**Ancoragem S: Experiência de vida****Mangue Seco**

Agora presta bem atenção. Quando eu vim morar aqui, era água pura, tudo água. Não tinha rua, não tinha nada, um caminhozinho que passava aqui. Isso aqui tudo era mangue. Tudo aqui era mangue! A água, nós tinha uma água aqui, que só Deus sabe! Um cano, emendado de pedacinho em pedacinho, vinha de cá... Aí essa água vinha de manhã e de tarde não vinha, você tinha que apanhar lata, se não vai acabar. Tinha que carregar água de outros bairros, era muito ruim. Carregava a água todinha na cabeça. Agora eu acho muito bom, agora. Que agora melhorou bastante. Melhorias que teve aqui. Hoje em dia, agora, aí a gente não precisa carregar água na cabeça, né? Eu já morei no interior e sei como é que funciona isso. Outra vida hoje, hoje eu falo... Hoje eu estou no céu! Estou com muita dificuldade, com muita luta, entendeu? Que hoje eu tenho... Não é bom, mas... Na vista que eu era, hoje eu estou no céu. (5/10)

Ilha das Caieiras

Quem viveu como a gente viveu, igual de primeiro, não tinha água pra gente, a gente não tinha água encanada, né? Nós carregava água lá do Sítio do Jacaré. Eu, com idade de 9 anos, carregava água na cabeça, na lata. Aqui na ilha, aquelas latinha de água custava 300 réis, que era assim o dinheiro (risos). Nós já usamos também assim, tomar banho de caneco, né? Essa água da gente aqui foi uma luta... Então, foi uma vitória que nós tivemos... Foi na década de 70. Pelo menos a gente saiu da lata, dos barris, da disputa, então, eu acho assim, agora com água encanda já ficou bem melhor, né? Bem mais fácil fazer as coisas. Nossa Senhora, a água da CESAN hoje na nossa vida é muito importante! (4/10)

Jardim Camburi

Eu venho de um lugar onde não tinha água na minha casa, era na roça, né? Então, hoje eu vivo num paraíso, poder tomar banho de chuveiro, né? E a água limpa, né? Eu carreguei muita água! Então, eu assim, chego eu me arrepio, né? Eu acho lindo, quando eu estou lavando louça, quando eu estou lavando roupa, eu tenho paixão, eu acho lindo! Eu acho lindo, o sol, a lua, tudo eu acho lindo, mas eu acho mais lindo a água saindo da torneira! (2/10)

Idéia Central T: O serviço de água é tão importante quanto o serviço de saúde**Mangue Seco**

Acho que os dois são quase iguais, porque... Sem água, sem higiene em casa... Não tem como a pessoa ter saúde não, sinto muito... (1/10)

Ilha das Caieiras

Eu acho que todos são iguais, né? A água e a saúde, muito importante, todos os dois é valorizado, né? Não tem diferença não! Oh, todos os dois tem importância praticamente igual, né? Porque é muito importante pra gente as duas coisas, tanto a água como a saúde. (9/10)

Santa Teresa

Uma coisa precisa da outra. Ah, todos os dois é necessário, né? Eu acho que a água é questão da saúde, eu acho que os dois são importantes, né? (8/10)

Jardim Camburi

Eu acho que todos dois são importantes na nossa vida. Acho que estão no mesmo nível, os dois se completam, né? (8/10)

Ideia Central U : O serviço de água é mais importante do que o serviço de saúde**Ilha das Caieiras**

Olha, os dois são importantes... Eu acho que é nada mais importante que a água, mas eu acho que estão na mesma é, estão na mesma faixa. (1/10)

Santa Teresa

Se tem alguma diferença? ... Eu prefiro mais a água! (1/10)

Jardim Camburi

Se existe alguma diferença? Eu acho que o serviço de água é melhor, é mais bem prestado porque é pago. O serviço de saúde se é pública, não tem tanta importância, eu creio por nossos governantes. (1/10)

Ideia central V: O serviço de saúde é mais importante do que o serviço de água

Jardim Camburi

Ah, da saúde em relação a água? Olha, eu acho se a saúde não tiver água, ela não pode dar assistência a você! Então, um e outro, vamos dizer, entre um médico e você ter a torneira dentro de casa, eu sou mais o médico. Agora não adianta ter o médico se não tem a higiene pra poder te tratar, porque está até arriscado, ele a até passar uma doença pra você, então, nessa parte a água é necessária pra higiene, pro trabalhos deles, mas a saúde eu acho que está, se for colocar entre um e outro, claro que a saúde está em principal, mas vai depender da água. (1/10)

Idéia Central W: A responsabilidade do acesso à água em casa é do governo

Mangue Seco

Isso é a má distribuição, né? De renda, né? Por culpa do governo, né? Porque com certeza todo mundo tem que ter, né? Porque é obrigatório, né? A responsabilidade é lá de cima, né? Ah, da prefeitura e do governo, né? O Governo Federal! (3/10)

Ilha das Caieiras

Eu acho que isso é do governo! (3/10)

Santa Teresa

Eu acho que é do governo... Do governo, né? Eu já vi na televisão, é no nordeste, nesses lugares que faltam água, tem como eles fazerem aqueles poços, aqueles poços, não tem? E muitas vezes eles não fazem, não se interessam. (5/10)

Jardim Camburi

Eu acho que essa responsabilidade é do governo! Eu acho que é dos representantes, né? Do nosso governo, do nosso país mesmo, eles fala, fala, fala, e não faz nada, né? Então, eu acho que eles tinha que, ser mais humano, respeitar o próximo, porque se respeitasse, cada um respeitando cada um, eu acho que, o mundo seria outro, né? Eu acho é muito necessário que os governantes devam ver isso e cuidar melhor da população. Eu acho que o problema está é no governo. Eu acho que é mais o da prefeitura, porque eu acho que começa dali, porque se ela fizer e exigir, ela vai exigir do governo do estado e o estado vai exigir do federal. (5/10)

Ideia Central X: A responsabilidade do acesso à água em casa é do governo e da comunidade

Ilha das Caieiras

Acho é todos, né? Cada um tem que fazer um pouquinho, né? Não é a gente botar a culpa só no governo não, né? Porque eu acho que o governo faz a parte dele e nós deveremos fazer a nossa também. (1/10)

Santa Teresa

Responsabilidade? Eu acho que é o governo federal também, né? E outra coisa é... Todo mundo sabendo usar a água, eu acho que dá pra todo mundo ter, porque eu acho que no mundo há muito desperdício de água. (1/10)

Jardim Camburi

De quem é essa responsabilidade? Parte do governo e parte da sociedade também, entendeu? Olha, eu acho que isso envolve uma série de pessoas, né? O governo e a própria comunidade, a própria pessoa que derrepente vai morar num local difícil, né? Eu acho que não adianta a gente culpar só o governo, eu acho que a culpa é nossa também, se a gente tivesse um pouco de participação, um pouquinho de vontade, não faltaria nada pra ninguém, inclusive a água. (5/10)

Ideia Central Y: A responsabilidade do acesso à água em casa é das companhias de saneamento e do prefeito.

Ilha das Caieiras

Olha, eu não entendo muito não, mas eu acho assim, que as autoridades mesmo mais... É, as autoridades assim mais competente, igual eles fala é, os empresário, né? Eu acho que são eles, né? (1/10)

Santa Teresa

É das empresas, né? Que tem as águas, né? A CESAN, as outras que eu não sei o nome... (Risos). Ah, é do prefeito, né? (2/10)

Ideia Central Z: A responsabilidade do acesso à água em casa é das pessoas

Ilha das Caieiras

Somos nossa mesmo, né? É do próprio morador! Da própria pessoa, todo mundo tem que fazer uma forcinha pra botar, todo mundo tem que lutar, né? (3/10)

Ideia Central Z': Não sabe de quem é a responsabilidade do acesso à água em casa

Ilha das Caieiras

Sei lá, muito estranho esse negócio. Não tem como explicar. (1/10)

Santa Teresa

Ai eu não sei! Essa eu não sei te responder. (1/10)

Sub-Tema 2: A origem e as características da água de consumo humano utilizada no domicílio

Ideia Central A: A água que utiliza vem da CESAN

Mangue Seco

A água que eu consumo é da tubulação da CESAN. Água da CESAN! (10/10)

Ilha das Caieiras

É água da CESAN. (10/10)

Santa Teresa

Água? Da CESAN. (10/10)

Jardim Camburi

Aqui eu uso água é da CESAN, pra cozinhar, lavar passar, por ai afora... (10/10)

Ideia Central B: A água da CESAN vem do rio

Ancoragem B: Mídia

Mangue Seco

Ah, eu já ouvi dizer que é dos rios, né? Que é do rio que vem a água, né? A CESAN pega de lá do rio, pra gente beber, né? Ah, Passa na televisão, aqui na televisão mesmo, estudando mesmo, que é dos rios. Acho que é do Rio Marinho e do Rio Jucu, se não me engano. Ela passa por um processo lá de limpeza, né? Segundo eles é tratada, tinha um negócio de tratamento de água. De purificação. Aí, ela passa por um processo de, como que eles fala, de decodificação, aí tem uns cano, tinha uns cano lá e dizem eles que vão passando por fases de tratamento até chegar à residência das pessoas, né? (4/10)

Ilha das Caieiras

Eu sei que vem do rio, né? Ah, do Rio Jucu e inclusive daqui do Rio Santa Maria também, né? (7/10)

Santa Teresa

Da onde que vem? Acho que é do rio, não? Olha, vem do Rio Doce, né? (4/10)

Jardim Camburi

De onde vem? Ah, vem dos rios, dos mananciais! É, o Rio Santa Maria, um dos rios, né? Tem outros rios mais, lá pra lá de vila Velha, é um rio de lá que vem que eu não me lembro agora não o nome do rio (Risos). (6/10)

Ideia Central C: A água da CESAN vem do tratamento dos esgotos das casas

Mangue Seco

Vem das casas, não? Vem do tratamento lá da água do esgoto (risos) Ah, não é aquele sistema de saneamento, daquela água de tratamento, eles trata, faz tudinho? Chega naquela estação, chega toda suja, você passa e... Aí, eu não sei. Nossa, deve ser lançado muita química, hein? (risos) (1/10)

Idéia Central D: A água da CESAN vem do sistema de tratamento

Mangue Seco

Mas eu sei que é do sistema de tratamento deles, né? Agora da onde exatamente, eu não sei. Bom, eu não sei direito, eu já ouvi falar mais ou menos assim, que essa água eles tratam em, tipo uns canais, e vão limpando, filtrando ela, com várias, tem até um sistema de filtro com pedrinhas, carvão. Passam por ali, vão filtrando a água, aí por último eles colocam cloro, né? Que é composição de duas coisas, parece, que se misturam e colocam para limpar a água. (1/10)

Idéia Central E: Não sabe de onde vem a água da CESAN

Mangue Seco

Eu não sei, não sei te responder. Não sei o processo (risos). Eu acho que hidrata, né? Hidrata ela. (3/10)

Ilha das Caieiras

A água, da CESAN? (Risos) Eu nem sei... Vem da rua, do cano, né? Da Pedra Azul não, né? Ah, não sei nem como dizer isso! (3/10)

Santa Teresa

Olha, eu vou te falar com sinceridade que eu não sei! (5/10)

Jardim Camburi

Olha, eu não sei, não sei dizer, mas eu sei que ela vem daqui de cima... É, do lado da Serra, vou te falar que eu não sei (Risos). (2/10)

Ideia central F: Não sabe o caminho que a água faz para chegar em casa

Ilha das Caieiras

De onde ela vem? Aí você me pegou, eu não sei! Eu não sei direito, né? Ah, passa por muitos lugares, né? Mas geralmente vem pelo rio, dos rios? Rio Amazonas, né? Vem pelo Amazonas, passa pelos litorais até chegar em Vitória. Diz eles, que passa num cano, um monte de coisa lá, filtro, pra limpar, né? Caixas, mas eu não sei se é verdade, nunca fui lá ver! (10/10)

Santa Teresa

O caminho? Eu não sei (Risos). Ah, eu acho que vem do Morro da Santa Clara, ali, do Bairro Jucu, né? Sei lá, do Rio Jucu. Ah, já nem sei mais... (9/10)

Jardim Camburi

Virge Maria, isso aí só eu pegasse o mapa, (risos) passa por muitos lugares, né? No meio da rua, debaixo do asfalto. Não, não sei... Ah, isso aí a gente já estudou desde criança, né? Eu não lembro agora não. É a rede de saneamento, os canos, né? O tratamento, né? Ah, passa por vários lugares até chegar aqui. Passa por Vila Velha, e vem embora até chegar aqui no nosso bairro. Tem a CESAN lá, que faz a reserva, que vem, né? Do mar, né? Do mar não, dos rios, né? Ah, deve passar pelo interior, ou aliás, porque dentro da cidade não passa, né? Deve ser pela floresta, ou alguma coisa, né? (8/10)

Idéia Central G: A água é boa

Mangue Seco

Bom, a qualidade pra mim é boa. Olha, eu acho muito boa, porque é uma água tratada. Eu tenho até o conhecimento que ela é fluoretado, né? Num vejo diferença nenhuma nela não, ela vem muito limpinha, vem limpinha na sua mão, só você abrir a torneira e pegar. Ah, maravilha, né! Só aqui que a gente tem esse privilégio, porque assim na roça tem os poços artesianos, mas não é essa água tratada igualmente lá, né? A água é gostosa, né? Você nem paga o valor que tem que ser pago por ela. (7/10)

Ilha das Caieiras

A água da CESAN, eu acho ótima, né? Essa água é boa. É uma água apurada, uma água limpa, uma água tratada, né? Ah, sempre clarinha, está sempre bem limpinha a água. Aquele aspecto assim muito bonito! Maravilhosa! (7/10)

Santa Teresa

Olha, pra mim é ótimo, eu não tenho o que reclamar, não! Olha, creio eu que ela é feito um tratamento, ela é analisada, acho que a água antes de chegar até a comunidade ela tem que passar por uma análise, né? Pra saber como que é que está a pureza da água, entendeu? Ah, essa água é muito bem limpa, boa, né? (8/10)

Jardim Camburi

Em relação a qualidade? Pra mim, eu acho boa, eu acho que a água é bem tratada, a água aqui é espetacular, eu acho, entendeu? Bem controlada. (8/10)

Idéia Central H: A água é limpa mas pode apresentar alguma alteração

Mangue Seco

Olha, eu não tenho o que reclamar da água da CESAN não, que a nossa água aqui é bem tratada, entendeu? Ah, na maioria das vezes normal, assim, né? Ah, sem aparência de nada, visivelmente, nada, né? Mas, às vezes ela vem barrenta, mas não sei ali, né? Se for pesquisar mesmo, fazer assim um teste, se... Mas, provavelmente encontrará assim, algo assim, alguma bactéria, né? Alguma coisa, né? Porque visivelmente ela chega... Bom, às vezes assim, com algum gosto forte, né? Tem uma época assim, que eles põem muito cloro na água, então, quando a água vem, vem aquela água muito forte, né? Mas o que eu penso disso aí, é pra matar, às vezes, algum micróbio, que eles põem lá na caixa d'água, né? Pra limpar, mas a nossa água aqui é água boa, a nossa água não é ruinha não, nossa água aqui é limpa. (3/10)

Ilha das Caieiras

Olha, tem vez que ela vem boa... Clara, né? É boa, vem limpa e vem hidratada, né? Oh, tem época que ela... Ela é uma água que ela vem meia suja, né? A semana passada mesmo, ela veio amarelinha e com uns pedacinho de asfalto dentro, se a gente não tiver um filtro pra filtrar, aí fica ruim, né? (5/10)

Santa Teresa

O que eu acho da água? Visivelmente a gente vê ela branca. Olha, às vezes ela cai limpinha, às vezes ela cai um pouco barrenta, quando ela falta, que começa a vir de novo, ela cai um pouco, com bastante sujeira... Aí sempre eu deixo ela correr um pouco e depois eu vou e começo a usar, né? (6/10)

Jardim Camburi

É limpa, a água é limpa! Sempre que possível limpa. Quando chove sim, aí fica aquela água suja, porque choveu, né? Eu, sinceramente que eu acho a água da CESAN, tem dia que a gente abre a torneira, nem todos os dias... Tem hora que ela está mais amarelinha, tem hora que ela está mais branquinha, com um cheiro muito forte de cloro. Não sei, acho que tem que ser um pouquinho mais tratada. Que eles podiam tratar melhor a água que a gente, né? Que nós usamos, né? Porque tem falhas, tem falhas, tem vez que a água vem suja, suja de você abrir a torneira, a água parece lama, vem suja, ela vem escura, barrenta, aí você deixa sair um pouco... E ela é tratada e nós pagamos isso aí, né? (5/10)

Ideia central I: A água da CESAN não é boa

Ilha das Caieiras

Ah, eu acho que não está sendo boa não, está vindo com muito cloro, entendeu? Não tem como beber não, muito cloro. Acho que faz até mal, né? Cloro pra caramba. Ah, tem vez que ela vem branca demais, entendeu? Por causa de muito cloro. (1/10)

Jardim Camburi

Não é muito boa não, tá? Ah, tem dia que está barrenta, tem dia que está que é cloro puro... Tem dia que o cloro está assim bem forte, e o barro também, agora o barro eu acho que é por causa da chuva, eu não sei se eles mexem lá também... (2/10)

Idéia Central J: Existe diferença entre a água de beber e a água para outros usos

Mangue Seco

Acho que existe. Claro que tem! Porque a água tem que, ela tem que ser bem tratada, né? Purificada, pra você jogar pra dentro do seu corpo. Seu corpo não é uma casa que você limpa ali... Joga o desinfetante, qualquer coisa, e ajuda a limpar. A diferença é que tem que ser filtrada, né? Que se a gente beber a água do jeito que ela vem, às vezes, igual vem barrenta daquele jeito, a gente pode consumir alguma coisa, né? Mesmo ela passando pelo aquele processo da CESAN, a gente tem que filtrar, né? No caso, tem que ser filtrada, porque você vai

tomar água direta da torneira? E as bactérias? Sei lá se vem... É porque não dá pra ver, né? A gente vê que é limpa, mas só através de microscópio pra ver se tem alguma coisa ali? (6/10)

Ilha das Caieiras

Existe, né? Porque a água pra lavar roupa já sai da torneira, né? E a pra beber a gente pega do filtro ou a gente compra água mineral. (4/10)

Santa Teresa

Diferença? Existe, né? Ah, eu acho assim, que uma água pra lavar roupa você pode abrir a torneira e lavar, agora pra beber, se não for filtrada ou fervida, não por lá, entendeu? Porque a água filtrada mesmo que ela já passou por esse processo todinho até chegar a minha casa ela... A gente também tem que ter o cuidado com a água, porque a gente vai utilizar a água, né? A água ainda está... Ainda tem que ser mais um pouco cuidada pra gente tomar. (9/10)

Jardim Camburi

Se existe? Olha, eu acho que tem diferença, porque a água de lavar roupa eu já pego direto da torneira e a água de beber ela passa pelo um processo de filtração. (9/10)

Idéia Central K: Não existe diferença entre a água de beber e a água para outros usos

Mangue Seco

Não, é uma água só, a diferença da torneira não tem. É uma água só! Porque vê que eu não tenho filtro, eu uso água da torneira, pra tomar, pra beber, pra cozinhar, pra tudo com a água. (3/10)

Ilha das Caieiras

Não, hoje não existe! Podemos usar a mesma água. (6/10)

Santa Teresa

Pra mim não. (1/10)

Idéia Central L: Para beber usa água do filtro domiciliar

Mangue Seco

Ela vem limpa assim, pra lavar, né? Pra cozinhar, agora pra gente consumir ela, não vem totalmente pra gente consumir ela, né? Tem que... Tem que limpar mais um pouquinho, né? Quando a água da rua, ela vem às vezes um pouco amarelinha, e tal, e a água já filtrada que a gente bota assim no filtro, aquela água branquinha, né? Mesmo ela passando pelo aquele processo da CESAN, a gente tem que filtrar, né? Por causa da saúde da gente. Eu acho que pra gente tomar tem que ser filtrada. Porque você vai tomar água direta da torneira? E as bactérias? Sei lá se vem... É porque não dá pra ver, né? A gente vê que é limpa, mas só através de microscópio pra ver se tem alguma coisa ali! (4/10)

Ilha das Caieiras

Tem um filtro, água filtrada. Eu filtro ela primeiro e depois eu encho os vidros. (5/10)

Santa Teresa

Eu uso a água do filtro. (6/10)

Jardim Camburi

É a água filtrada, da CESAN, né? Eu tenho filtro. Eu uso fitro pra poder beber. (6/10)

Idéia Central M: Para beber compra água envasada

Ancoragem M: Mídia

Mangue Seco

Eu prefiro comprar água mineral pra tomar. Ué, porque você já não pode comprar água mineral pra fazer outras coisas, fazer comida, que seria o correto, né? Aí, se você compra pelo menos pra você tomar, já ajuda, né? Porque se você for comparar uma água mineral, ela é diferente da água da CESAN, que vem da rua. Ah, sei lá! Parece que ela é mais... Gostosa, a água mineral. Deve ser sim, às vezes, quisicológico, né? Mas não sei, tem uma diferença porque parece que água mineral é melhor. (2/10)

Ilha das Caieiras

Eu uso água mineral. Quando tem jeito a gente compra, quando não tem, a gente não compra. Porque pra beber é bem melhor, né? A água que a gente compra é bem melhor! Especial, eles falam, né? Eu não sei! Ela tem um gosto diferente. (2/10)

Santa Teresa

Eu compro água mineral! Eu uso mineral, eu uso a água encanada só pra uso doméstico mesmo, entendeu? Banho, essas coisas assim... (3/10)

Jardim Camburi

É água mineral. Se a da CESAN fosse mais limpa, né? Uma água menos poluída, a gente poderia estar usando a da CESAN, também! (4/10)

Ideia central N: Para beber usa água da torneira**Ilha das Caieiras**

Pra mim não existe não, porque eu bebo da torneira (Risos). Igual dos meninos, entendeu? Os meus meninos foi tudo criado com água da torneira. (1/10)

Santa Teresa

Da torneira, direto. (1/10)

Idéia Central O: Para beber usa água fervida**Ilha das Caieiras**

Mas geralmente eu ferve a água e boto na geladeira. (1/10)

Ideia central P: Para beber usa coar a água com um pano**Mangue Seco**

Até botei um paninho ali na pia, eu estou com medo, eu tenho que comprar um filtro urgente, mas eu estou usando ela assim. (1/10)

Ilha das Caieiras

Bom, por enquanto eu estou sem o filtro. Eu estou pegando água da torneira mesmo, da CESAN, né?... Mesmo assim, eu boto um paninho assim, na boca da torneira, pra coar mais ainda, né? (1/10)

Idéia Central Q: Uma água considerada boa para o consumo humano tem que ser limpa**Mangue Seco**

Ah, deve ser limpa, né? Aquela água clarinha, sem o gosto, né? Tem que ser principalmente limpa, né? Sem bactéria, aí é boa, né? Porque sempre tem bactéria. (2/10)

Ilha das Caieiras

Pra gente poder beber, deve ser limpa, clara, de bom aspecto, né? (1/10)

Idéia Central R: Uma água considerada boa para o consumo humano tem que ser limpa e filtrada**Mangue Seco**

Ah, eu acho que tem que ser bem filtrada, quando vem pra mim, né? Já da estação. Ah, por causa das bactérias... (risos.) Tem que passar pelo processo de limpeza, né? Tem que ser limpa, né? Também tem que ser filtrada, né? (4/10)

Ilha das Caieiras

Ah, eu acho que ela tem que estar sempre bem tratada e limpa, né? (3/10)

Santa Teresa

Pra pessoa consumir? Água limpa, né? Filtrada. (2/10)

Jardim Camburi

Bom, eu acho que tem que fazer a limpeza, filtrar, que seja bem feita, né? (2/10)

Idéia Central S: Uma água considerada boa para o consumo humano tem que tratada

Mangue Seco

Eu acho que uma água tratada, né? Porque essa água, nossa, ela vem tratada. Eles botam um remédio, uma coisa na água, não tem? Então, a gente toma a água e sente, que antigamente não era. Você sentia um gosto enjoado, um gosto ruim, agora não, a água é mais tratada do que antes, ou você fala que é o produtos que eles põem, mas você pode saber que é uma água boa, é água tratada. (1/10)

Ilha das Caieiras

Essa água tem que ser tratada, né? (2/10)

Santa Teresa

Água de qualidade? Uma água acho, bem tratada, né? (3/10)

Jardim Camburi

Que eu considero assim, uma água bem tratada, né? Livre de contaminação, sem risco de pegar uma hepatite, uma verme, né? Essa coisas, né? Sem gosto, sem cor e tratada. Uma água bem tratada, né? (4/10)

Idéia Central T: Uma água considerada boa para o consumo humano teria que ter um tratamento específico

Mangue Seco

Uma água boa? Ela tinha que vir já feito um tratamento específico desde lá da CESAN, pra jogar pra gente. A minha água eu considero boa, só... Igual eu estou te falando, eu só não considero ela boa pra gente tomar, pra gente beber.... Você pegar direto... (1/10)

Idéia Central U: Uma água considerada boa para o consumo humano é a que consome

Mangue Seco

Ah, a água chamada boa, acho que eu nem sei como dizer, porque a água já é boa. Eu acho que melhor do que essa... Essa é a ideal! (2/10)

Ilha das Caieiras

Água assim sem poluição, né? Uma água limpa, água assim igual a gente, água da CESAN mesmo. (1/10)

Ideia central V: Uma água considerada boa para o consumo humano tem que potável

Ilha das Caieiras

Potável. (1/10)

Ideia central W: Uma água considerada boa para o consumo humano é a água de mina

Ancoragem: Experiência de vida

Santa Teresa

A água boa mesmo de qualidade da gente consumir é aquela lá da roça, que a gente bebia lá nas fontes de inhame, aquilo que era água, né? (1/10)

Jardim Camburi

Eu acho que ela não pode ter gosto de nada, uma água, pura... Ah, uma água pura, né? Que eu acho que hoje em dia não existe mais, né? Que é sem poluição, e sem detritos. Então, por isso é que hoje não dá, né? Pra se beber uma água como antigamente, a gente acredita que existe assim, né? Tirar da fonte e beber, né? (2/10)

Ideia central X: Uma água considerada boa para o consumo humano é a envasada

Ancoragem X: Mídia

Ilha das Caieiras

Oh, água mineral, acho que é só, né? (1/10)

Jardim Camburi

A água mineral (risos). (1/10)

Santa Teresa

Pra pessoa consumir? Olha, eu se eu tivesse condições hoje, de ter na minha casa só água mineral, a água mineral, que eles falam? Eu consumiria só água mineral. Compraria os galão e só usaria água mineral, entendeu? (4/10)

Ideia Central Y: Não sabe dizer qual água é considerada boa para o consumo humano

Ilha das Caieiras

Eu não sei dizer. (1/10)

Santa Teresa

Ih, aí eu não sei te explicar, não sei mesmo, vou ser sincera. (1/10)

Jardim Camburi

Aí é difícil, hein? Ah, acho que tem que ser muito estudada, né? Tem que ser muito estudada. Agora pra falar assim qual? Não sei, eu teria que ser é uma química da CESAN pra responder, pra estudar a água aí... (1/10)

Sub-Tema 3: Importância da água de consumo humano
--

Idéia Central A: É importante consumir água tratada e associa diarreia e água

Ancoragem A: PSF

Mangue Seco

Lógico! Eu acho, muito importante. Se a água não for bem tratada, tipo assim, quando a gente bebe água de um rio, né? Aí você está correndo sério risco de trazer qualquer tipo de doença pro seu corpo. Porque não contrai doença, né? Tem várias doenças que é contraída pela água, infecção intestinal, vermes, cólera, diarreia, né? Pra nós é importante, tem que ter água de qualidade, por causa da saúde. (9/10)

Ilha das Caieiras

Ah, é bom pra saúde da gente, né? Porque a água de boa qualidade é boa pra saúde, né? A gente, vindo água boa, a gente sempre tem saúde, né? Às vezes você bebe uma água que não está boa, a gente fica doente, né? Essas doenças que aparecem por aí da água, um bocado de doenças que tem, até mesmo a cólera. Então, faz mal, pode dar diarreia, né? A criança evacua mole, e fedido, né? Umas fezes líquidas, né? Um monte de doenças! Por causa da água, né? Diarreia, vômito, às vezes dor de barriga, né? Desidratação das crianças, as crianças ser desnutridas, seria muito problema se a água não fosse tão limpa quanto ela é. (6/10)

Santa Teresa

Qual importância? Acho que uma saúde boa, né? Ah, porque através da água também a gente adquire algumas doenças, né? Tipo diarreia, doenças na pele. Se dá problema? Claro, dá verme, né? Verminose, dá diarreias, essas coisas assim. Causa a diarreia, causando assim a dor de barriga e as fezes, né? Fica muito mole, assim causa vômito... (3/10)

Jardim Camburi

É isso aí é muito importante pra saúde, a água é a essência da vida! Uma água clara e límpida, você usa sem problema nenhum sem preocupação, né? E já uma água escura, né? Você não sabe por que, né? Uma água suja... Acarretar problema na saúde, né? Ah, problemas gastro, né? Ah, outra doença que pode causar é a diarreia, né? Você vê que quanto melhor a água é tratada e consumida, as pessoas tem mais saúde, tem menos problemas de doença, né? (4/10)

Ideia Central B: É importante consumir água tratada e associa água e saúde

Ilha das Caieiras

É tudo, né? É muito mesmo! Pra saúde, né? Pra aquela pessoa não vai ficar doente. Se você tomar uma água limpa filtrada, você não tem problema de passar mal, mais cedo ou mais tarde, mas se você tomar uma água contaminada, aí já era. Porque a gente já tem tantos problema, imagina se a gente for usar uma água que não tem qualidade, né? Antigamente a gente tomava essas águas, a gente mesmo tinha muito verme, aquela

lombriga, giárdia, tinha aquela ... Ah, porque a gente sente sintoma, vomitava até as bichas. Dor de barriga, a barriga crescia, né? Ficava barriga alta, dor de barriga, aí os pais da gente falava: 'ah, fulano está cheio de verme', aí dava o remédio pra verme, tomava muito essa erva santa, numa época a gente tomava, levava pra os médico, também tinha remédio pra verme, meus filhos tomaram muito, porque eles já foram criados com a água sem tratar, né? (4/10)

Santa Teresa

Eu acho assim, ideal pra saúde, né? A importância porque às vezes a gente pode pegar alguma coisa pela água, né? A gente consumir ela ruim de qualidade, ela ao invés de ser boa ela piora a gente, né? Fazer algum mal na gente lá dentro, às vezes a gente bebe, se a água não tiver bem cuidada, tiver alguma... Sei lá, alguma coisa que possa fazer mal, a gente passa mal através da água, né? Fica doente... (7/10)

Jardim Camburi

A importância dela? É muito importante, porque aí você não está é contraindo doenças. É bom pra saúde, eu acho que melhora muito a saúde, porque se você não toma uma água de qualidade é provável dar até uma infecção. É, porque você até doença você pega pela água, né? Acho que até verme, né? Olha, eu tenho até um livro que fala sobre isso, a água que não é de boa qualidade pode te causar muitos prejuízos a saúde, né? Com gasto de dinheiro mesmo, né? Do consumo do dinheiro, porque a saúde é tudo na vida da gente, né? Se a gente não tem a boa saúde, né? (6/10)

Idéia Central C: Não associa água e diarreia

Mangue Seco

Ah, água boa, que tem de importante, é essa aí que eu estou te dizendo, entendeu? Pra mim não tem água boa não, pra mim tudo é água, mas eu falo que não tem água ruim. Às vezes, tudo bem, é época do calor, a pessoa vai querer um gole de água, aí te dão aquela água quente, né? Abre aquela torneira lá, te dá aquela água quente, aí, talvez, pode até, entendeu? Te dar uma diarreia. Eu já morei tanto em roça, nossa água era água de poço, confio até hoje. Entendeu? Nunca fez mal pra gente! (1/10)

Ilha das Caieiras

Porque geralmente, porque, o chão né? Muitos ficam descalço... Porque o solo, ele... Está muito esquentando e então está faltando muito oxigênio, então a pessoa fica muito doente por causa disso. (1/10)

Idéia Central D: A diarreia é compreendida como doença

Ancoragem D: PSF

Mangue Seco

Aquela água não tratada vai adoecer muita gente, né? Ah, pode vim, sei lá, pode vir alguma bactéria, algum verme, alguma coisa assim, né? Ela faz qualquer coisa com a gente, aí você está correndo sério risco de trazer qualquer tipo de doença pra o seu corpo, pode causar qualquer tipo de doença. Ela pode ter assim, uma diarreia, né? É doença, né? Ah, eu penso assim, aperta o tecido intestinal da gente, né? Aí começa a provocar aquela dor, pode até sentir dores no abdômen, a pessoa evacua várias vezes ao dia, aquela coisa bem mole, aquela água pura, né? E assim, direto, a pessoa vai desfalecendo, perdendo líquido. Nossa, a pessoa fica tão magra, né? Começa dar febre, dá tudo, desânimo no corpo, desidratada, né? (Risos) (9/10)

Ilha das Caieiras

A gente fica doente, né? Um monte de doenças, causada por água mal tratada. Se beber qualquer água, daqui há pouco fica com dor de barriga, toda hora tem que ir no banheiro, tem que tomar soro. Dá alguma doença, tem criança que dá diarreia, quando a água está mal tratada, né? Oh, diarreia é assim, a criança ficar com dor de barriga, fica direto no banheiro, evacuando... Evacua ralo, né? (6/10)

Jardim Camburi

É, importante pra saúde, né? Quanto mais... Você vê que quanto melhor a água é tratada e consumida as pessoas tem mais saúde, tem menos problemas de doença, né? Olha, Hepatite, é, verminoses, vários tipos de verminoses... É, Até se houver alguma contaminação, é por mercúrio, ou qualquer coisa assim tem esses riscos, né? Se a água não for bem tratada, aí... É risco pra saúde... Ah, outra doença, né? Que pode causar, porque eu trabalho muito com criança é a diarreia, né? É a diarreia. (1/10)

Idéia Central E: Ocorre diarreia no domicílio**Mangue Seco**

Teve. Há pouco tempo teve o meu menino. Lá ou vez ou outra acontece. (3/10)

Ilha das Caieiras

Diarréia, já deu... É, já aconteceu! Às vezes dá diarréia, de vez em quando dá uma diarréia numa pessoa aí. (6/10)

Santa Teresa

Aqui em casa, acontece sim, de vez em quando acontece, fica o tempo todo assim, ah, vai no banheiro, faz cocozinho, daqui a pouco vai de novo, aquela dor, aí da palidez, a criança fica desidratada. (5/10)

Jardim Camburi

Acontece, de vez em quando tem diarréia mesmo. (4/10)

Idéia Central F: Não é comum a ocorrência de diarreia no domicílio**Mangue Seco**

É muito difícil, aqui em casa, por enquanto, graças a Deus, não! (7/10)

Ilha das Caieiras

Não. Muito difícil mesmo. (4/10)

Santa Teresa

Não, muito difícil, graças a Deus, não! (5/10)

Jardim Camburi

Não, muito difícil. (6/10)

Idéia Central G: O uso do soro no tratamento da diarreia**Ancoragem G: PSF****Mangue Seco**

Se começasse a reclamar de diarréia, primeiro, o soro caseiro, um copo de água, uma colherinha de açúcar e uma pitadinha de sal. Mas uma água, igual eu estou te falando, de boa qualidade, né? A gente tenta cortar, né? E alimentação, né? Correta também, né? Bom, pelo pouco que eu sei é comer arroz, cenoura, coisas assim pra prender, assim com um chazinho, com uma banana, né? Água de coco e bastante líquido, né? Assim que a gente faz, alguma coisa para segurar a diarréia. Não dar nada de remédio, que ela tem que cessar por ela mesmo. (8/10)

Ilha das Caieiras

Ah, a gente dá logo um soro, um sorozinho caseiro, né? Pega a água filtrada, bota num vidro, né? Tampadinho, pego uma pitada de sal e duas colherzinhas de açúcar, mexe e deixa guardada uns minuto, depois eu vou dando aos poucos. (7/10)

Santa Teresa

Olha, primeiro eu assim, eu dou o soro caseiro, né? Pra poder não desidratar. A água ela é filtrada, um pouquinho de sal, tem a medida e um pouquinho de açúcar. (8/10)

Idéia Central H: Em caso de diarreia busca atendimento na US local**Ancoragem H: PSF****Mangue Seco**

A gente dá um chá caseiro, cuida primeiro, passou um dia, passou dois e não resolve, aí direto na Unidade de Saúde. Tem que consultar. A gente leva lá no Posto de Saúde de Andorinhas. Ela passou soro oral. Pego o soro de lá, porque o soro de lá é, assim, deu, não sei nas outras casas, mas aqui na minha casa, deu o soro caseiro, corta na hora. (10/10)

Ilha das Caieiras

Ah, a gente leva no médico, né? Vou aqui no Posto de Saúde aqui da Ilha. (5/10)

Santa Teresa

Tem que, tem que levar pro médico, né? Eu vou aqui em cima mesmo, em Santa Teresa. Aí eles falam pra dar o soro caseiro, né? (10/10)

Jardim Camburi

Eu vou ao Posto de Saúde, se atender, bem, se não atender a gente vai correndo pra o plano de saúde. (2/10)

Ideia Central I: Em caso de diarreia busca atendimento médico**Ilha das Caieiras**

A gente leva no médico, né? Vai ao médico, né? Vai aqui no posto, que é ali pertinho ou então, vai na Policlínica, né? (5/10)

Jardim Camburi

Ah, fazendo dieta, né? Não comendo, ou bebendo também uma água, né? Só mineral, no caso, né? E tomando algum medicamento, né? Gota digestiva ou floratil. Aí, teria que ir no médico, aqui no bairro mesmo, na clínica aqui, por plano de saúde. (8/10)

Idéia Central J: Não existe doença mais comum no domicílio**Mangue Seco**

Doença? Bom, comum não tem, né? Geralmente é quando tem mudança de tempo é resfriado... A gripe, né? (3/10)

Ilha das Caieiras

Aqui ultimamente... Hi, faz... Mais comum, dor de barriga, né? (4/10)

Santa Teresa

Não, aqui não, graças a Deus não! (4/10)

Jardim Camburi

Olha, graças a Deus, é tão difícil o pessoal aqui ficar doente! (6/10)

Ideia Central K: Ocorrem outras doenças no domicilio**Ilha das Caieiras**

Aqui o que acontece por exemplo, problema de pressão alta, né? É problema na coluna, porque quando a pessoa é pescador fica muito abaixada, né? Ah, bronquite Uma gripe, né? Isso que acontece... (5/10)

Santa Teresa

Uma doença mais comum? Olha, minha filha, aqui é gripe, alergia, problema de ouvido e eu sou hipertensa, é essa doença que tem aqui. (4/10)

Jardim Camburi

Doenças comuns? Gripe, por exemplo, dengue, é hipertensão, né? (4/10)

Idéia Central L: Considera-se bem atendido na US**Mangue Seco**

Ah, o atendimento é bom, eu gosto. Sempre quando eu vou lá, eu sou bem recebida. Eu não tenho nada o que reclamar não, graças a Deus. (5/10)

Ilha das Caieiras

O atendimento lá é bom. Eu não tenho que reclamar dali não. (5/10)

Santa Teresa

Eu gosto do atendimento! Maravilhoso, muito bom mesmo. (7/10)

Idéia Central M: Tem alguma restrição ao atendimento na US

Mangue Seco

Bom, o atendimento lá é bom, né? Mas... (risos) Um probleminha só com o atual médico que tem lá. Olha, se for caso de urgência é atendido rápido. Se não for, demora mesmo, tem que agendar. Ali, mais ou menos. (3/10)

Ilha das Caieiras

Ali na Ilha das Caieiras? Ah, o atendimento lá é bom e não é bom, sabe? Principalmente quando a gente vai marcar ficha ali, tem vez que marca daqui a dois, três dias, a gente leva a criança ali, “ah, mãe, mas só posso atender se for urgente!” (3/10)

Santa Teresa

O atendimento aqui no bairro? Bom... Não acho ruim não, mas às vezes um pouco demorado, né? Às vezes o atendimento é bom, às vezes tem uns funcionários que atende a gente bem, agora tem uns que já... Deixa a desejar, viu? (3/10)

Jardim Camburi

Olha, ele já foi bom, agora está razoável. O atendimento do Posto de Saúde não é aquela coisa assim, como é que fala? Que nós como pagante, a gente merecia ter não! (2/10)

Idéia Central N: O atendimento na US não é bom

Mangue Seco

Ah, uma mer... Não vale nada!! Pra mim, eu só vou mesmo no último caso (risos)... Mesmo, eu estou até passando mal, era pra ter ido lá e eu nem fui. (1/10)

Ilha das Caieiras

Ah, utilizo. Oh, ultimamente, eu vou dizer, falar a verdade, está péssimo! Porque a gente pra conseguir uma consulta a gente tem que sair de casa de madrugada, pra poder conseguir uma ficha, e não sei agora se é de 15 em 15 dias que estão marcando.... (1/10)

Idéia Central O: Não tem opinião sobre o atendimento na US

Mangue Seco

Eu não posso dizer muita coisa se é mal nem que é bom, porque nós não vamos ao médico. Graças a Deus, nem eu e nem ela. Vai ao médico assim como você sabe, pra fazer aqueles exames de todo ano, né? (1/10)

Idéia Central P: A Prefeitura é responsável pela US

Mangue Seco

Responsável? A prefeitura. (3/10)

Ilha das Caieiras

Daqui? É a Prefeitura Municipal de Vitória. (1/10)

Santa Teresa

Olha, pela Unidade de Saúde em geral é a Prefeitura de Vitória, né? (3/10)

Jardim Camburi

Ah, a Prefeitura. (2/10)

Idéia Central Q: A responsabilidade da US é do Ministério da Saúde

Mangue Seco

Ao Ministério da Saúde, né? (1/10)

Ideia Central R: A responsabilidade da US é o secretário de saúde

Ilha das Caieiras

Quem é o responsável? O Secretário de Saúde, né? (2/10)

Jardim Camburi

Quem é o responsável? Responsável pra mim é o diretor do órgão da saúde pública, né?(1/10)

Ideia Central S: A responsabilidade da US é do médico**Ilha das Caieiras**

No caso o médico? É o médico, né? (1/10)

Ideia Central T: A responsabilidade da US é de uma pessoa que conhece lá**Ilha das Caieiras**

Dali deles? Eu esqueço o que ela faz lá dentro, mas ela é responsável, eu conheço ela, eu só não sei a função dela lá dentro, o nome eu sei. (3/10)

Santa Teresa

Quem que é o responsável? É a pessoa lá dentro, né? Aquela mulher... É a Meri ou é Rita ali, né? Eu esqueci o nome dela... (5/10)

Idéia Central U: Não sabe de quem é a responsabilidade da US**Mangue Seco**

Ih, menina, acho que é a presidente do Centro de Saúde, não, da Unidade. Não sei quem é não, mas eu não sei! (2/10)

Santa Teresa

Nessa daqui? Quem é responsável? Não sei quem é. (1/10)

Jardim Camburi

Agora no momento eu não sei não... (3/10)

Sub-Tema 4: Formas de uso da água no domicílio**Idéia Central A: O uso da água na higiene doméstica e pessoal****Mangue Seco**

Como que eu uso? Pra tomar, principalmente, né? Porque sem água não tem como sobreviver. É pra fazer a higiene do corpo, porque não tem como você ficar suja. É, pra tomar banho, né? Escovação de dente, lavar as mãos. Na casa, uso geral, né? Limpeza, né? arrumar casa, né? Oh, Lavar as roupas, pra lavar o chão, lavar o banheiro. A descarga, que é necessário, né? Pra mim cozinhar, pra fazer suco, lavar as verdura, bem lavadinho, pra lavar o arroz, lavar o feijão, lavar uma comida dura. Limpar a pia, lavar as louça, lavar as vasilhas, pra limpar o fogão, limpar a geladeira. É, tudo depende da água, sem água eu não faço nenhum tipo de limpeza desses. (10/10)

Ilha das Caieiras

Como eu uso? Ah, eu uso de todo jeito, né? Pra beber, lavar as mãos, tomar banho, lavar roupa, fazer comida, lavo as verdura, antes de fazer o almoço, né? Eu lavo roupa, dar descarga, passo pano no chão, pra limpar a casa, pra lavar a calçada. Eu faço muita coisa com a água, então, a gente faz uso completo da água, a água é importante demais! (10/10)

Santa Teresa

Quais são os usos? Ah, tudo, pra beber, lavo roupa, cozinho, fazer o almoço, a janta, lavar as vasilhas, tomo banho, limpo a casa, lavo banheiro, molho as plantas, às vezes passar um pano na casa, essas coisas assim, dessa forma, fazer limpeza geral. É higiene da casa. (10/10)

Jardim Camburi

Em que eu uso? Eu uso pra beber, tomar banho, escovar dente, dar descarga, lavar o banheiro, lavar roupa, cozinhar, lavar vasilha, molho planta, o pano que passa na casa, né? Jogo água na calçada, lavar as coisas em geral, limpeza, todo serviço de casa, né? (10/10)

Idéia Central B: Economiza água
Ancoragem B: Mídia

Mangue Seco

A quantidade? Ah, eu gosto de economizar bastante, eu procuro economizar, a gente escuta falar muito que a água pode acabar, eu procuro economizar, fazendo o necessário, usar o menos possível. Ah, você estar lavando o quintal? Estou lavando sim, mas é com água que eu enxáguo a roupa, não é com água de torneira, pra não vir a conta muito alta no final do mês (risos). E eu não agüento pagar! É assim que eu faço. Vigio o máximo... Porque às vezes eu posso usar bastante e o outro lá pode estar em falta, né? A outra pessoa pode estar faltando. É, tem que economizar, né? (8/10)

Ilha das Caieiras

Quanto a quantidade? Ah, eu tenho muito cuidado com o tanto de água que eu estou gastando. Bom, eu abro primeiro, ensaboo tudo e depois eu abro pra enxaguar. Não deixo a torneira aberta assim, correndo água a vontade, só tiro o que preciso e pronto. Por exemplo, se eu ver uma torneira aberta sem ninguém estar utilizando, a obrigação da gente é fechar, né? A gente se preocupa. (8/10)

Santa Teresa

Quantidade de água? Ah, até que eu não gasto muita água não, eu sou muito controlada sobre essas coisas, entendeu? Eu gasto muito pouco, não sou assim de ficar desperdiçando, como eu sei que eu vou ter que pagar, sempre que eu termino de usar eu fecho a torneira. (9/10)

Jardim Camburi

Olha, eu procuro não desperdiçar, né? Eu faço economia porque eu pago no final do mês a conta, se eu abusar muito da água vai chegar uma hora que eu não vou poder nem... Vou usar demais, vai faltar pra alguém, porque eu tenho medo de ficar sem água ou pagar alto demais a água, vou deixar de comer alguma coisa, que, né? (8/10)

Idéia Central C: Gasta muita água

Mangue Seco

Ah, eu gosto de gastar muita água. Muita mesmo! (risos) Eu falo mesmo! (risos) Porque eu não sou pessoa que tem muito dinheiro, mas seu eu tivesse, assim... Se eu fosse uma pessoa que tivesse dinheiro, eu abusava, porque eu adoro água. Gasto muito água. Eu gasto... Infelizmente... Aqui gasta muito, né? (2/10)

Jardim Camburi

Ah, eu não economizo, não! Eu não economizo, vamos dizer, se tiver que lavar o prato, eu passo água, limpo com pano, esfrego, vou lá e esfrego duas, três vezes e entende? Não passo uma vezinha e penduro, não, eu lavo, esfrego, vou outra vez, enxáguo, vou lá e lavo esfrego outra vez. Até que, a única hora que eu economizo água, eu acho que é pra escovar dente, banho eu sou muito de economizar, agora pra o resto não. (2/10)

Ideia Central D: Escuta dizer que é pra economizar água

Ancoragem D: Mídia

Ilha das Caieiras

Ah, na nas TV em tudo né? Tem até na igreja católica, teve também a campanha... A campanha da água, né? Que a gente deve... Pra que que a água serve, como a gente deve utilizar, que a gente deve economizar, por exemplo, não vê, se eu ver uma torneira aberta sem estar... E ninguém está utilizando, a obrigação da gente é fechar, né? E é o que eu faço também, vê um cano quebrado na rua, muitas e muitas vezes já liguei pra CESAN, pra avisar que um cano quebrado vazando água, a gente se preocupa. (1/10)

Idéia Central E: Mudança de comportamento no uso da água

Ancoragem E: Experiência de vida

Mangue Seco

O cara da CESAN até falou comigo: 'Você é uma das pessoas que paga a água mais cara aqui'. Eu falei assim: 'É porque eu sou abusada mesmo'. Aí paramos assim, né? De ficar lavando carro todo dia, lavar calçada, lavar quintal, eu não lavo quase todo dia. Quando eu tinha animal eu lavava todo o dia o quintal, todo dia, eu falo assim, ai Meu Deus, um gasto de água danado, todo o dia tem que lavar o quintal por causa de cachorro, então, eu falei assim, tem que economizar um pouco de água, entendeu? Mas aí, eu passo assim um pano, joga uma água mais ou menos, porque antes a gente, abusadamente, jogava o mangueirão e... Aí, né? Gastava

muíto... Aí, eu fui cortando, cortando... Eu tive que conseguir, eu já consegui assim economizar bastante... Porque agora, eu estou tendo mais consciência, agora eu economizo mais! (2/10)

Jardim Camburi

Ah, eu não economizo, não! Tanto que eu tinha jardim, tirei pra economizar, tinha uma porção de coisa, eu tinha antigamente a mania de lavar a varanda, quando eu tinha cachorro, todo o dia eu lavava, mas eu gostava de lavar, eu lavava. Carro, eu lavava sempre, agora eu já não lavo, eu lavo uma vez ou outra, entende? (1/10)

Idéia Central F: O filtro domiciliar retém ‘sujeiras’ que vem na água

Mangue Seco

Por causa das crianças. Porque elas não podem tomar água sem ser filtrada, né? Porque, talvez nessa água assim, sem ser filtrada, vem muito é... Coisa assim, alguma desidratação, né? Se tiver o filtro, não vai eliminar, né? A sujeira, qualquer tipo de micróbio, bactéria, que venha, né? Fica no filtro, na vela do filtro. Aí, passaria pra mim já limpinha, porque, né? Eu troco a vela, porque tem o prazo pra gente trocar ela, não pode usar a vela sempre, tem que trocar ela. (6/10)

Ilha das Caieiras

Ah, porque é necessário, né? Ah, pra filtrar a água. Sabe que a água filtrada é melhor do que beber uma água qualquer, né? Não faz bem. Ai, Meu Deus, devido as impurezas dela, que ela vai chegar, né? Ah, é porque a água fica muito tempo na caixa, junta aquele limo grosso e mais a sujeira que tem, como é que a gente vai beber a água da caixa? Aí, fica ruim, né? (3/10)

Santa Teresa

A gente filtra a água. É por causa da água, porque a água não é totalmente limpa, nem servida pra a gente beber diretamente, né? Pra evitar algum tipo de problema, né? Verminose, alguma coisa, um bixozinho, porque a água bate na caixa da gente, mas derrepente da caixa pra cá costuma ter algum tipo de... Entendeu? Porque se eu beber ela com sujeira, me faz mal. (4/10)

Jardim Camburi

É, porque essa água, eles falam que vem hidratada, mas a gente não tem tanta certeza. Porque por mais que diga que a água é boa, eu não confio na água não! (Risos) Eu acho que filtrando a água é melhor, sai as impurezas, que tiver por acaso, sai as impurezas. Pra a água ficar mais... Mais própria pra ser bebida, né? (5/10)

Ideia Central G: Faz manutenção no filtro domiciliar

Ilha das Caieiras

Faço. Eu lavo com bucha, sabão, e enxáguo ele, só! Ou eu lavo a vela com açúcar, assim me ensinaram, né? Tiro elas, esfrego açúcar, tiro a sujeira todinha, enxáguo, passo água morna e boto no filtro de novo. Acho que de duas em duas semana, eu lavo ele, ou acho que é de 2 em 2 meses, ou toda semana. (4/10)

Santa Teresa

Faço. Ah, é assim, de duas em duas semanas ou de três em três dias. Vem escrito que é para trocar de seis em seis... Ou de ano em ano. Porque ele fica tudo preto, a vela assim por dentro, fica tudo cheio de lama. Eu lavo ele, às vezes com sabão em pó antes, e depois eu vou e lavo com açúcar também, eu passo açúcar com a buchinha, né? (6/10)

Jardim Camburi

Filtro? Eu tenho filtro a vela, nossa, lavo, tiro as velas de 15 em 15 dias, limpo direitinho e depois recoloco, lavo por dentro da vasilha. Ou um filtro diferente, de seis em seis meses a gente troca, né? Ou aquele que você usa e depois de 6 meses joga fora. Eu não sei se é de de 4 em 4 meses, esse filtro que a gente utiliza aqui. (10/10)

Ideia Central H: Não faz manutenção no filtro domiciliar

Ilha das Caieiras

Esse agora eu não faço não, porque ele é o que? Tem uns de vela, né? Mas esse eu esqueci como é. (1/10)

Ideia Central I: Usa o filtro domiciliar por hábito

Ilha das Caieiras

Porque eu gosto daquele gostinho que é diferente, sei lá, o sabor e também porque eu já me acostumei também a encher os canecos de água de lá... Ah, porque a minha avó me criou com filtro de barro e eu quando casei, que tomei responsabilidade de mãe, eu comecei a comprar o filtro, quando ele está velho eu desfaço e compro outro. (2/10)

Santa Teresa

Ah, pra filtrar a água. É, porque eu acho que é necessário, né? Pra saúde da gente, pra gente tomar água filtrada. (3/10)

Jardim Camburi

Eu tenho filtro. Porque? Uso por causa de comida, né? Por às vezes eu faço com a água filtrada. Não sei, porque a gente foi acostumado, né? Sempre a ter filtro, então? (3/10)

Ideia Central J: Não usa o filtro domiciliar

Ilha das Caieiras

Não, não tenho filtro, infelizmente ainda não estou usando filtro não, eu usava, mas agora uso mais não. Quebrou na torneira ou tem um gosto muito ruim de barro. Eu acho que é importante ter o filtro, porque quanto mais a água tratada melhor ainda, apesar dela já vim tratada, a gente dar um trato nela em casa não custa nada! Então, a gente tratar mais um pouquinho! Porque eu estou pra comprar, né? Esperando receber pra poder comprar um filtro pra mim. (5/10)

Santa Teresa

Não. Tenho, mas não estou usando, compro a água ou porque eu não tenho... (3/10)

Ideia Central K: A fervura elimina os micróbios da água

Ilha das Caieiras

Eu uso filtro, mas geralmente está quebrado, eu estou fervendo a água. Eu ferver pra poder matar os micróbios. Porque às vezes mesmo com a água tratada vêm sempre uns microbiosinhos. A gente não deve confiar! (1/10)

Idéia Central L: A importância do reservatório domiciliar no caso de falta de água

Mangue Seco

Porque? Ah, porque a gente às vezes fica com medo de repente faltar água, e aí, como é que eu faço? Então, tendo a caixa, já dá pra controlar melhor, em falta de água a gente tem que ter reserva ali, né? (5/10)

Ilha das Caieiras

Bom, a caixa d'água é um reservatório, né? Pra gente ter sempre a água em casa, né? Porque de vez em quando falta água aqui, fica até três dias... Três, quatro dias e tem que ter um reservatório. Porque se faltar água da rua a gente tem água da caixa. (9/10)

Santa Teresa

Ah, tem que ter pra reservar água, né? Tem que ter caixa d'água, como que você vai ter uma água na casa se você não tem uma caixa d'água? Acho que toda casa é bom ter um reservatório, por exemplo, se tiver diretamente água da rua, aí faltar, aí a gente tem água da caixa. (8/10)

Jardim Camburi

Uai, pra encher de água! Ah, pra água sair nos chuveiros, pra sair nas torneiras, depois acaba, aí a gente fica na mão! Que se houver um problema, quebrar um cano, tá, tá, tá, a gente fica sem água, né? E tendo a caixa d'água já tem a água. Porque acaba a água! (4/10)

Idéia Central M: O reservatório de água domiciliar possibilita economizar água

Mangue Seco

Ué, porque tem que ter caixa d'água!! Tem que ter caixa d'água porque uma porque se você botar direto do relógio, você vai gastar muito mais! Então, enchendo as caixas não. Quer dizer, com as caixas estando cheia, você vai gastar o que está na caixa, entendeu? (1/10)

Santa Teresa

Sim. Ah, porque eu acho que é importante você ter um abastecimento de água, entendeu? Você, enquanto você tem uma água ali, o seu registro está fechado, você não gasta tanta água, aí você consegue, entendeu? (1/10)

Idéia Central N: O reservatório de água domiciliar coberto contribui no controle da dengue**Ancoragem N: PSF****Mangue Seco**

Está sempre bem tapadinho, lacrada. É pra não cair... Porcaria dentro, né? E como tem esse negócio da dengue, né? Pra não entrar mosquito, pra não pousar lá, botar a dengue... Pra evitar, né? O mosquito da dengue. Que é o que está aí. (3/10)

Ilha das Caieiras

A gente cobre, tampo a caixa, é bem tapadinha! É, porque pra evitar de cair sujeira na caixa, evitar mosquito também, né? É por causa dos mosquitos da dengue. Evita esse negócio da dengue. (5/10)

Santa Teresa

Ela tem tampa. Coberta, tampadinha. Ah, pra poder não entrar sujeira e mosquito, para evitar a dengue. (2/10)

Jardim Camburi

Nas caixas? Todas cobertas. Tudo tampadinha. Pra não entrar o mosquito da dengue. (3/10)

Idéia Central O: Limpa o reservatório de água domiciliar**Mangue Seco**

Limpo. Todos de 3 em 3 meses ou de 6 em 6 meses, a gente tira aquela tampa, eu lavo, seco ela bem secadinha, tiro tudo, o resíduo que tem, depois eu ligo de novo. Ah! não precisa porque a caixa é tampada? Precisa, precisa porque vem muita sujeira da rua. Sempre o agente comunitário vem aqui, coloca uma colherzinha daquele remedinho pra, pra os mosquitos da dengue... (6/10)

Ilha das Caieiras

Faço, de vez em quando faço ou o meu marido ou os meninos fazem. Bom, a gente esvazie a caixa, limpa ela todinha, e lava direitinho com uma bucha por dentro, esfrega e tudo, ao redor dela todinha, aí, vou enxugo ela direitinho com um pano bem limpinho, ou a gente joga, uma pitadinha, um pouquinho de cloro dentro da água, pra poder ajudar a matar os micóbios, aí tapo ela e depois bota pra encher outra vez. Eles falam pra fazer de seis em seis meses, eu faço de três em três (risos), ou acho que de 2 em 2 meses ou lavava com uns oito meses. (10/10)

Santa Teresa

De vez em quando. Ah, faço, ou meu marido que limpa, retira a água todinha, aí se ficar uma sujeirinha no fundo, a gente passa um paninho e joga mais um pouquinho de água, até ela ficar limpinha e depois enche de novo. Acho que usa cloro pra lavar, ou eu costumo usar vinagre, depois que eu lavo ela todinha, eu enxáguo, costumo passar o vinagre, depois enxáguo de novo, entendeu? (8/10)

Jardim Camburi

Faço limpeza na caixa d'água, eu mesma que faço ou meu marido ou a minha mãe ou é um homem que vem e limpa. Assim de 6 em 6 meses, ou de ano em ano ou de dois em dois anos. Faço assim, esvazia a caixa toda, bota a água toda pra fora, entra dentro da caixa com a escova, escova toda ela, passa pano, limpa, joga água e enxáguo ela, passa aquele cloro, deixa limpinha mesma a caixa. (8/10)

Idéia central P: Não limpa o reservatório de água domiciliar**Mangue Seco**

Ah, eu fazia, ultimamente não estou fazendo não, já tem uns dois anos que eu vou te falar que eu não faço. (1/10)

Jardim Camburi

Olha, eu fazia até uns dois anos atrás, depois me disseram que não é muito bom fazer muita limpeza em caixa d'água, porque sei pode... Já tem uns dois anos que eu não faço. (1/10)

Ideia central Q: Tem o reservatório domiciliar de água por hábito

Jardim Camburi

Eu tenho. Ai, Meu Deus! Todo mundo precisa, (risos) não é? Pra o depósito, né? Tem que ter caixa d'água, como que você vai ter uma água na casa se você não tem uma caixa d'água? Acho eu todo mundo tem, né? Um depósito para manter a água em casa. Ah, porque eu sempre desde que eu nasci, que eu moro em casa que tem caixa d'água, então, acostumei com caixa d'água, se eu não tivesse condição de ter caixa d'água, que que eu faria? (5/10)

Idéia Central R: Em caso de vazamento interno conserta rápido

Mangue Seco

Ah, eu procuro logo acertar o mais rápido possível pra não ter desperdição de água, gente! Fico desesperada de ver a torneira pingando, porque de pingo em pingo, né? Quando você vai ver, já consumiu. Vivo sempre de olho pra não ficar gastando muita água, né? Porque senão isso é um dinheirão, é prejuízo pra mim, pro meu bolso. Mais tarde vai fazer faltar pra outro. Como eles fala, ah, isso a maioria fala: 'É gente vamos economizar água, no futuro vai faltar', entendeu? (10/10)

Ilha das Caieiras

Vazamento? A gente conserta, né? Porque fica desperdiçando, né? Pra não perder água, né? Eu tento consertar eu mesmo, ou meu cunhado ou meu marido, ou os meninos mesmo que conserta imediatamente, pra poder economizar mesmo, pra evitar desperdício e senão, o relógio vai a mil... Pra não dar prejuízo, né? No próprio bolso da gente, né? (Risos) (10/10)

Santa Teresa

Vazamento? Ah, conserta logo, meu marido conserta ou chamo o meu cunhado ou a gente chama alguém ou os meninos pra consertar pra mim. Pra poder não ficar vazando, porque desperdiça água. Ah, tem que correr e fazer e consertar, não gastar água, pra não ficar estragando a água, se não tem que pagar mais, né? (10/10)

Jardim Camburi

Se descobrir um pingo, ou qualquer coisa assim, ah, eu procuro tampar na hora, rapidinho. Procuro logo um bombeiro hidráulico, chamo o meu pai ou meu noivo, ué, pra não desperdiçar, né? Primeiro que vai acarretar no meu bolso, e segundo que a água vai embora muito rápido. Tem que fazer economia, eu mesma estou ajudando a outras pessoas, que falta água pra outras pessoas, eu tenho plena consciência disso. (10/10)

Idéia Central S: Em caso de vazamento na rua liga para a CESAN

Mangue Seco

Ah, se for na rua nós tem que chamar a CESAN. Ligo pra CESAN: 'Oh, tem um vazamento'. Tem que ligar, né? Porque nós mesmo não estamos pagando ela mais, está saindo da gente também, saindo isso vai fazer falta. Porque é dó você passar no lugar você vê água desperdiçando à vontade, jorrando, assim você lembra, Meu Deus, tanto lugar, que às vezes, tem muito lugar por aí a fora que não tem a água que o pessoal tem, que a gente vê na televisão, tanta gente, no nordeste com falta de água, entendeu? E a gente vê uma desperdição de água, a gente fica louco de ver aquilo ali, minha filha, Deus me livre! A gente se incentiva um com outro e chama a CESAN para consertar, eles atende. (6/10)

Ilha das Caieiras

Aonde eu ver vazamento, bom, na rua a gente liga pra CESAN, né? A gente chama a CESAN pra vim consertar. Porque está desperdiçando a água, né? (risos) (8/10)

Santa Teresa

Ah, vazamento na rua, eu acho que deixa todo mundo sem água, porque prejudica todo mundo, e todo mundo liga pra CESAN pra vir consertar... Ai, tem que ligar pra a CESAN, eu procuro entrar em contato o mais rápido com a CESAN. 115 agora, né? Ligo pro 115. (6/10)

Jardim Camburi

Se o vazamento for lá na rua? Ah, eu tenho a mesma consciência, se for em frente a minha calçada e eu ver, ligo pra CESAN, como já liguei Eu telefono pra CESAN comunicando. (9/10)

Idéia Central T: Em caso de vazamento na rua, se estiver incomodando, liga para a CESAN

Mangue Seco

Ah, se tiver me incomodando, eu ligo pra CESAN, se não tiver, deixo lá. Se tiver faltando água lá na minha casa, né? Por causa daquele vazamento. Ah, se não tiver faltando, só se tiver assim, incomodando muito na hora de passar, aquela lama. Senão, eu não ligo não (risos). (1/10)

Santa Teresa

Aí, tem que ser com a CESAN, né? Bem, se tiver incomodando só a mim, aí eu sou obrigada a ligar pra CESAN e falar, né? Agora se for todo mundo, e ninguém tiver se importando, pra mim tanto faz, aí, eu me viro de outro jeito, de outro jeito, de outra forma. (1/10)

Ideia central U: Em caso de vazamento na rua nunca ligou para a CESAN

Ilha das Caieiras

Ah, aí tem que ligar pra CESAN, né? Pra alguém vir consertar, né? Mas eu mesmo, eu pra dizer a verdade a você, nunca liguei não. (3/10)

Santa Teresa

Ah, na rua a gente tem que telefonar para a CESAN, né? Ah, o ideal seria chamar uma pessoa responsável para cuidar disso, né? Nada, (Risos) Faço nada! (4/10)

Jardim Camburi

Aí tem que procurar a CESAN, procuro, mas nunca aconteceu de precisar procurar não, aqui não, não. (1/10)

Ideia Central V: O atendimento da CESAN é bom

Santa Teresa

É bom! (1/10)

Jardim Camburi

Aí tem que procurar a CESAN, procuro, mas nunca aconteceu de precisar procurar não, aqui não, não. Eles vêm, geralmente eles vêm direitinho. (2/10)

Ideia Central W: O atendimento da CESAN é demorado

Ilha das Caieiras

Ah, na rua, a gente liga pra um telefone e chama e diz onde está o vazamento, aí eles vem e conserta. O atendimento deles é bom. Às vezes eles fazem um pouquinho de hora, mas eles vêm. (Risos). Geralmente, eles demora a vir, a gente liga, então, o que? O prazo é de 24 horas pra poder vir, mas enquanto eles estão demorando a gente arruma as pessoas e manda consertar lá, a comunidade. Porque às vezes a gente fala e liga lá pra CESAN e às vezes eles demoram de vir... Ah, uns dois dias, oh, fica lá vazando água um tempo bom! Aí, fica lá jogando água fora um tempo bom. Quando eles chegam a vir, a pessoa... Nós já resolvemos o caso, a pessoa vai e já resolveu... Tapa de qualquer jeito, tapa, porque eles mesmo, assim mesmo vêm e fica com raiva, né? Xinga a gente, porque a gente... Fez o serviço errado... Mas eles demora a vir, né? Não pode deixar a água vazando... Depois que aparece. (7/10)

Santa Teresa

Olha, demora! Isso aí eu posso falar que demora, né? O atendimento da CESAN é muito lerdo! (5/10)

Jardim Camburi

Menina, tem vez que demora, o atendimento é muito demorado, fico amolando eles, às vezes ele tiram o telefone do gancho, eu acho, né? Porque está sempre ocupado. A CESAN aqui demora a vir, né? (5/10)

Idéia Central A: O esgoto vai para a rede pública com destino final no mar

Mangue Seco

Vai pra o esgoto, né? Ele é jogado na rede da rua mesmo. Olha, esse esgoto ele estava indo aqui, nessa beira de maré que a gente tem, né? Eu acho que não deve ser assim, né? Que agora é que estão fazendo outro tipo aí, que não é pra sair no mangue mais. Tem que realmente tem que ter aquele tratamento do esgoto. Mas já está todo um um emanilhamento grande. Uma rede de esgoto nova, né? Vão fazer aquele tratamento de esgoto, pra poder jogar direto para um local que chama-se pinicão. Então, ali quando terminar essas obras, que ainda não foi ligado ainda, nosso esgoto ainda não foi ligado. Então, assim que ficar pronta essas obras aqui, eles vão ligar nossa rede de esgoto naquela rede que está lá, né? Pra poder ser jogado no pinicão, pra lá fazer um tratamento. Ah, eu acho muito bom! Porque vai limpar as praias, né? (5/10)

Ilha das Caieiras

Aqui? Não tem rede de tratamento ainda não, que há muito tempo era pra ter, né? O esgoto vai até a rede e vai pra maré. Todas as redes de esgotos aqui da comunidade vai pra maré. Eu acho que não é certo, não era para ele ir pra maré! Porque onde vive os pescadores! Não tem as pessoas que pesca, né? Porque é muita poluição, tudo o que é detrito vai pro mar, né? Aonde polui os mariscos, que a gente... Vive de marisco, peixe, camarão, sururu, a ostra, tantos mariscos... Eu não sei, mas eu acho que eles comem, né? (Risos) Eu acho que eles devem, né? Sei lá! Porque eu acho uma coisa muito suja, as criança toma banho, porque igual meus filhos, meus filhos, eles gostam de tomar banho de maré, pode pegar uma infecção. Eu acho horrível, porque deveria ter tratamento, né? Oh, se tivesse um tratamento de esgoto igual lá perto da Gazeta, tem um um negócio que faz tratamento, se tivesse isso aqui, eu acho que a poluição nessa maré, já é demais pelo óleo lubrificante que alguns mecânicos jogam, aí quer dizer que junta água de esgoto mais o resíduo que eles jogam dentro d'água é uma poluição danada. Então, a água de esgoto que é jogada na maré, afeta nós, né? Eu não acho correto, não! Eu acho ridículo! Mas eles não vêm fazer instalação aqui, falaram que vinham fazer e não fez. E tinha um projeto de fazer uma rede de tratamento, até lá atrás perto da creche, mas só ficou no projeto! (9/10)

Santa Teresa

Olha, eu imagino e todo mundo fala que vai pra maré, né? Olha, eu acho que poderia ser melhor, né? Porque sim, porque daí está sujando lá, né? Está poluindo, está... Assim, por exemplo, quem gosta lá de comer um peixe lá daquele lugar lá, né? Está comendo peixe... Está sujando, né? Eu acho que não é certo ir pra maré não. (1/10)

Jardim Camburi

Pra mim esse esgoto de Camburi, falam que vai pro pinicão, uma coisa assim, né? Mas, pra mim eu acho que ele vai pra praia, dentro do meu coração, eu acho que vai pra praia. Porque eu já peguei pelo menos uma doença de pele por tomar banho no mar. (1/10)

Idéia Central B: O esgoto vai para a rede pública com destino final na estação de tratamento

Mangue Seco

Vai para o esgoto, né? Vai tudo pra rede de esgoto. Rede de tratamento de Camburi. Não sei pra onde vai, não! Que eles devem levar pra algum tratamento, né? Dizem aí que é vai pra ser tratada novamente, né? Pensou, que situação? Eles explicaram, falaram, mas eu esqueci. Ah, é bem, bem feito o esgoto aqui. Antes saía assim na maré, mas agora está tendo a rede de esgoto direitinho, né? Eles arrumaram já. Já está ligado na rede. Está bem! (5/10)

Jardim Camburi

Sei lá, pra rua tem a rede que passa ali fora, acredito que vai pra alguma área de tratamento da CESAN. Aquele esgoto que eles fizeram, PRODESPOL, um negócio que eles fizeram aí, que sai daqui, que antigamente era fossa, aí tivemos que ligar na rua pra ir pro tratamento de esgoto lá da CESAN. Aquele fedo ali, está ali um horror, perto da praia, insuportável, né? Eu ainda não procurei ver qual o benefício que traz isso não, mas eu acho que deve ser bom, né? É bom, só que a gente paga caro por esse serviço, que a gente paga, nunca acaba de pagar isso, entendeu? Eu acho que teria um limite pra pagar isso aí. (6/10)

Ideia Central C: O esgoto é lançado a céu aberto

Santa Teresa

Esgoto? (risos) Não temos rede de esgoto aqui. Cai em céu aberto, aqui em baixo na buraca. Eu acho um absurdo, né? Eu acho que não é certo, o esgoto correr a céu aberto, porque ali, ratos, muita mosca, barata. Aí oh! tem caramujo. Ai, Meu Deus, caramujo, né? Que eles falam, que é tem uma doença terrível que quando entra em contato com a pele, se deixar pode até matar, né? E às vezes, a pessoa demora muito a dar descarga, e quando dá descarga sobe um cheiro ruim a beça aqui, exala tudo aqui. É muito ruim. Horrível! Porque a fedoreira, a nojeira, uma imundície danada! Então, isso aí é prejudicar a saúde da gente mesmo, entendeu? Aquilo ali fica no ar, isso é prejudicial a saúde da gente. Ah, eu acho uma área tão arriscada para a saúde, fica tudo aberto... Ah, um risco muito grande da gente adoecer... Através do ar também a gente pega muitas coisa... Eu acho horrível. Eu acho que a prefeitura tem que tomar a providência mais rápida possível. Porque isso aí já vem há mais de anos que a gente vem lutando, brigando por esta questão de ser chamada buraca, desde quando eu vim pra cá que eles falam que vão acertar isso, mas demoram muito, até hoje não consertou. Então, estamos lutando aí pra ver se a gente consegue, vê se a prefeitura... O prefeito falou que isso aí pra ele é honra é estar consertando isso aí, entendeu? Então, vamos estar aguardando. (7/10)

Ideia Central D: Não sabe para onde vai o esgoto

Ilha das Caieiras

Bom, o esgoto da minha casa, eu não sei ... Porque a gente podia saber pra onde vai o esgoto daqui, né? Todo mundo precisa se infomar, né? Porque aqui, eu tenho certeza que ninguém quase não sabe pra onde está descendo esse esgoto aí. (1/10)

Santa Teresa

Pra onde que vai? Olha... O esgoto vai direto pra... Onde que é? Negócio central aqui em baixo, que não sabe pra onde vai, desce tudo junto... Desde criança que eu escuto falando que o esgoto vai todo vai pra maré, então, por exemplo se a maré fosse limpa, as pessoas poderiam até pescar, até tomar banho, né? Acho que ninguém tem coragem de entrar naquela maré ali, mas eu não tenho certeza, eu não sei. (2/10)

Jardim Camburi

Vai pra onde? Eu nem sei, pra mim é bom porque não fica nada dentro de casa, agora onde é eu não sei não. (3/10)

Idéia Central E: Mudança de modo de vida

Ancoragem E: Experiência de vida

Mangue Seco

Aqui no meu bairro, a gente olha principalmente de manhã, tem muita sujeira. E os peixes, caranguejo, tudo isso está acabando, antes tinha muito, agora a gente não vê quase. Antes do Projeto Terra, tinha pessoas que não tinham banheiro. Aí, houve doações de setenta banheiros para o nosso bairro. Tinha umas setenta famílias que moravam nas palafitas ali. Então, essas pessoas eu não conhecia, não é do meu conhecimento o jeito que eles viviam, né? Eu achava que eu passava assim, dificuldade morando assim como moro, igual você está vendo. Quando eu cheguei lá, eu entrei, as pessoas moravam assim, num cômodo, sem querer desviar da água, moravam em um cômodo, e aí você entrava e eles faziam um cantinho como se fosse um banheiro e furava um buraco na tábua, e usavam ali como banheiro. Não tinha vaso, eu fiquei passada. Não tinha vaso, não tinha chuveiro, nada! Eles tinham que tomar banho jogando água. Aí, depois que entrou esse projeto e fizeram as casas para eles como essas casas modelos como essa aqui do lado. Aí, eles moram lá e todo mundo tem banheiro, aí se organizou tudo. Bom, boa solução eu acho que é, porque no que eles vieram falando, vai ser uma forma de tratamento que não vai ser lançado diretamente ao mar. (3/10)

Ilha das Caieiras

Ah, eu acho que não vive normal, não. Porque a gente nunca vive normal sem o esgoto, porque já passei por essa também de fossa. Já morei em lugar assim que a casa de tauba, era o banheiro também de tauba e fazia um buraco, né? E fazia ali mesmo, não tinha esgoto! E aquilo fedia, dava bicho, entendeu? É um mau cheiro, parecia, quando eu estava fazendo já muito uso, saía aqueles bichinhos andando pelo terreiro, às vezes até dentro de casa entrava, aquele trocinho, ah, aquilo incomodava demais. Já passei até por isso Meu Deus! (risos). Ah, sei lá, faz mal pra gente mesmo ficar respirando aquilo, né? Sei lá! Ah, doença, né? Muita doença! Porque, não vou colocar muito não, há 10 anos atrás você podia chegar na beira da maré e olhar na pedra assim, você via um monte de camarão andando, siri, peixe, aquilo tudo você via ali. Há 10 anos atrás, mas se

eu colocar 20 anos, aí era melhor ainda! Porque eram muita coisa que tinha, mas depois dessa poluição toda aí, é água de esgoto, ah, isso aí, com muita poluição marisco e peixe não fica não! (3/10)

Idéia Central F: Todas as pessoas têm direito ao serviço de esgoto

Ancoragem F: Direitos humanos

Mangue Seco

Eu acho que é um direito, e é saúde, né? Justo não é não! Justo não é não, porque o correto é o direito de um é direito de todos, né? É pra todos... Eu acho que... Todo mundo precisa ser tratado do mesmo jeito, né? De igual para igual e não ter essa indiferença. Eu acho que tinha que ver um pouquinho isso, porque isso traz muita doença, né? Todo mundo tem que ter esgoto! (5/10)

Ilha das Caieiras

Então, eu acho que todo mundo deveria ter acesso a esgoto, a água... (1/10)

Santa Teresa

Ah, eu acho assim, é chato, né? A gente, uns poderem aproveitar de uma vantagem e outros não, acho que todo mundo deveria ser igual, ter tudo igual. Tem direito, mas nem todo mundo tem. (2/10)

Jardim Camburi

Porque todo mundo tem que ter, né? (1/10)

Idéia Central G: Todas as pessoas têm acesso ao serviço de esgoto

Ancoragem G: Visão local

Mangue Seco

Olha, eu te digo, esgoto aqui todos nós temos. Todo mundo tem. Todo mundo. Ninguém aqui está em falta. Graças a Deus. Está tudo organizado. (4/10)

Ilha das Caieiras

Eu acho que sim, né? (2/10)

Jardim Camburi

Se tem que ter? Menina eu acho que sim, deve ter, né? (1/10)

Idéia Central H: Nem todas as pessoas têm acesso ao serviço de esgoto

Ancoragem H: Visão global/mídia

Mangue Seco

Tem nada! Tem não. (1/10)

Ilha das Caieiras

Não. Nem todos, não! (8/10)

Santa Teresa

Todas as pessoas do mundo? Eu acredito que não nem todas, igual nós aqui, né? Nós aqui tem não, ninguém aqui tem, nessa parte de cá ninguém aqui tem esgoto. (10/10)

Jardim Camburi

Não. tem nada, acho que nem a metade da cidade aqui tem. Tem uns que é na fossa, né? A gente vê reportagens na TV, você vê que nem todo mundo tem esse tratamento. (8/10)

Idéia Central I: Necessidade de ajuda do governo

Ancoragem I: Solidariedade

Mangue Seco

Tem que vir ajuda de órgãos públicos, porque você já pensou, se esse projeto que existe hoje, existisse há quinze anos atrás, vinte anos, como seria a cidade? Agora você imagina se fosse a quinze, vinte anos atrás... Todo mundo com água encanada, todo mundo, né? Com saneamento básico dentro de casa. Suas casas organizada. A qualidade de vida. Será que o mundo estaria assim, essa revolta, essa guerra como está? As pessoas vendo o

conforto dentro de casa, né? Sendo bem tratadas. Já pensou como seria? Uma vida diferente... Porque uns têm, e outros não têm. (1/10)

Ilha das Caieiras

Eu acho que poderia juntar o secretário de saúde com a prefeitura, ajudar a população. Porque não tem condição, principalmente existe muito céu aberto, porque eles não tem condição mesmo. Se eles pudessem, eles estariam como todo mundo, tendo as coisas direitinho, mas você sabe que hoje em dia, hoje fala o que? É o desemprego, isso é o desemprego, as condições são péssimas. Porque muitos trabalham e querem ter as condições que não precisava, mas você sabe, que eles combram uma taxa... Porque eles não tem condição de ter uma rede de esgoto. Ah, eu acho que eles ficam muito triste, porque eles não tem condição. (1/10)

Ideia Central J: As pessoas que não tem acesso ao serviço de esgoto sofrem

Ilha das Caieiras

Ah, eu acho que elas pensam o mesmo que eu assim... É horrível, né? Porque eles não condição de ter uma rede de esgoto. Ah eu acho que eles ficam muito triste, porque eles não têm condição. Eu acho errado cair o esgoto na maré. Traz problema respiratório, né? Por causa do cheiro muito forte... Ah, deveria ter, né? Todos deveriam ter, porque isso é muito importante, principalmente pra saúde da gente, né? Porque tem que ter, né? O esgoto em casa pra não pegar doença, né? (5/10)

Santa Teresa

Eu acho muito tris... Muito difícil. Eu acho horrível, igual o da gente aqui. Deve ser ruim, né? (3/10)

Ideia Central K: As pessoas que não tem acesso ao serviço de esgoto por descaso do governo

Ilha das Caieiras

Às vezes a prefeitura não dá acesso e não dá condição ao bairro de crescer, e só falam que cresce mas não cresce o bairro coisa nenhuma, que isso aí é obrigação dela, né? Porque acho que as pessoas mais pobres, eles nem liga, né? Porque não mora na cidade, porque na cidade eles são obrigados a fazer isso, pra num ficar tudo sujo, fedendo lá, e aqui as pessoas que moram assim igual nos mora nos bairros, eles nem ligam, nem estão aí! (2/10)

Santa Teresa

Acho que é a responsabilidade do governo estar lutando por isso aí. Eu acho que é o governo mesmo, que eles procuram ajudar mais as cidades, que são mais visadas e deixar o morro, entendeu? Sei lá, parece que eles prestam mais atenção as áreas que as pessoas que já tem dinheiro, tipo assim Jardim Camburi e Praia do canto que nos bairros mais pobres. Assim, as periferias mais recatada, eles procuram só o meio, entendeu? Os canto eles vão deixando, entendeu? Eu acho que a gente está meio largado, porque este esgoto já era pra ter feito há bastante tempo. Acho que é um descaso total. (6/10)

Jardim Camburi

Eu acho muito triste pra elas. Muita carência, né? São as pessoas mais sacrificadas, que tem menos renda, porque... Como se diz? O governo não chegou até essas pessoas ainda, que deveria ter chegado, mas a gente não sabe, né? A exclusão social, né? Eu acho que as pessoas estão se arriscando a ter várias doenças, inclusive, né? Porque acho que se eles investigassem e dessem assistência, eles iam resolve. É, eu acho que é o governo que não liga. Descaso político, dinheiro hoje em dia que movimenta tudo, se tiver dinheiro você tem condições de ter as coisas, agora quem não tem, fica a mercê. (3/10)

Ideia Central L: As pessoas não tem serviço de esgoto em casa por falta de conhecimento

Ilha das Caieiras

Ah, não tem condições, né? Muitos não tem condições, né? Não tem esclarecimento, pra eles está tudo bem, porque nos já vivemos assim também, eu já vivi... (risos). Falta de conhecimento. (1/10)

Jardim Camburi

Ah, eu acho que é falta de... As pessoas não sabem a importância e também não há uma, uma boa vontade de... Ah, lá vai ter também, igual aqui foi feito, aqui em Jardim Camburi, entendeu? E nem todos os locais, quando é mais de baixa renda, né? Às vezes não tem esgoto. (1/10)

Ideia Central M: As pessoas não tem serviço de esgoto em casa porque não se esforçam para isso

Ilha das Caieiras

Porque outras pessoas não têm? Não vai na prefeitura fazer um pedido, não chega até uma pessoa que entende do serviço pra fazer, né? Porque às vezes a pessoa tem, tem como fazer, talvez não faz porque eles não corre atrás, eles não pede, eles não vão lá exigir o direito deles, e eu acho que falta um pouco também, interesse da comunidade, se a comunidade corre atrás, eu acho que a prefeitura vai atender, nem que demore um pouco, mas atende, né? (2/10)

Santa Teresa

Ah isso aí... Isso aí é porque as pessoas que moram perto deviam de se reunir, né? E procurar o prefeito, né? (1/10)

Jardim Camburi

É o que eu te falei, nesses morros aí é que o esgoto corre, tem esgoto aberto ainda. Corre no meio da rua. Relaxamento, pobreza, primeiro do proprietario, por ignorância, relaxamento de todos, porque ali deve ter algum, como é que fala? Comunidade? Movimento? Um movimento, uma associação de bairro, que um leva pra o outro e a limpeza, a saúde e por aí afora, então, envolve todos. E aqui se você procurar deve ter alguém que não tenha também, que foram oferecido mas muitos já não quiseram. Ou é por problemas financeiros, ou porque não fizeram mesmo... Entendeu? Porque não há uma fiscalização, uma obrigatoriedade, né? Então, a pessoa se acomoda, como eu ja ouvi gente falar: 'ah, eu não vou a praia, então por mim, eu que não vou gastar pra ligar, que eu não vou a praia mesmo, então, deixa ir pro mar'. (3/10)

Ideia Central N: As pessoas não terem acesso ao serviço de esgoto em casa traz problemas para a comunidade

Jardim Camburi

É isso eu nem sei. É, que vai trazer problemas pros rios, pra as praias entendeu? E não tem tanto problema assim pra pessoa, em si ali, no dia a dia, né? Não tem problema, agora problema maior é pra comunidade, né? Que aqui ia tudo pro mar, né? Isso ai caia no mar, poluia... (2/10)

Ideia Central O: Não sabe porque umas pessoas tem acesso ao serviço de esgoto e outras não tem

Ilha das Caieiras

Pois é isso aí também que eu não sei, gostaria de saber, por exemplo, igual aqui na rua, porque lá em cima tem essa rede de esgoto e o lá de baixo que não tem, vai pra maré. (1/10)

Jardim Camburi

Aí é que não sei o porque, mas que devia ter devia! (Risos) (1/10)

Ideia Central P: O serviço de esgoto é tão importante quanto os serviços de água e saúde

Ilha das Caieiras

Diferença? Todos são importantes, né? Acho que são iguais, porque vai terminar o serviço de água ajuda na saúde, né? O esgoto também, né? Acho a importância é uma só, né? (9/10)

Santa Teresa

Se tem diferença? Acho que não, todos são importantes, porque todos eles estão ali pra ajudar a gente, entendeu? Porque se o serviço de esgoto, que é a CESAN, também é o responsável, cuidar do esgoto e da água, a Unidade de Saúde também junto com a CESAN, eu creio que evitará certos tipos de doenças, entendeu? Vários tipos de doenças, né? Então, quer dizer se trabalharem em conjunto, creio que não haverá problema. Todos os três são bem importantes. (10/10)

Jardim Camburi

Se tem diferença? Todos três tem que andar junto ter, né? Todos três tem importância na nossa vida. (7/10)

Ideia Central Q: O serviço de água é mais importante que os serviços de saúde e esgoto

Ilha das Caieiras

Cada um tem a sua importância, né? Entre os três, o que eu acho mais importante, não que não seja importante os outro, mas é a água, né? (1/10)

Jardim Camburi

Se tem diferença? Sim, eu acho que sim, com certeza! Eu acho a água, porque se nós não tivéssemos a água como a gente ia... Nós não poderíamos ter Unidade de Saúde aqui também não, né? (1/10)

Ideia Central R: O serviço de saúde é mais importante que os serviços de água e esgoto

Jardim Camburi

De Saúde, de saúde é importante. (1/10)

Ideia Central S: A responsabilidade do acesso ao serviço de esgoto em casa é do governo

Ilha das Caieiras

Eu acho que deve ser da prefeitura! (4/10)

Santa Teresa

Ah, eu acho que a responsabilidade é um conjunto, é da prefeitura, do governo, do Presidente, deles tudo aí! Aqui no Espírito Santo é a CESAN, nos outros estados são outros centros de coisa de água e eu acho que tem que ter um conjunto entre governo e entre a CESAN, um consenso mesmo, né? Pra eles cuidarem tudo junto. Acho que tem umas pessoas mais bem beneficiadas do que a gente. A gente está pouco beneficiado aqui, o prefeito devia de fazer, que ele já devia de ter feito isso aqui, oh, porque a gente está aqui num sufoco. (9/10)

Jardim Camburi

A responsabilidade? Pra mim é do governo. Com certeza! Eu acho que é os nossos políticos que nós elegemos. Que dizem que faz coisas, que se utilizassem menos propaganda, porque a cada espaço de propaganda de televisão, dava pra fazer uma rede de esgoto na casa de uma pessoa mais pobre. Tem que providenciar, porque todo mundo tem que ter, né? Eu acho que aí cabe a CESAN até a executar o dono da casa ou do prédio que seja, né? Pra eles fazerem, porque é importante, é importante pra saúde das pessoas, né? Eu acho que aí podia até caber ao poder público, né? De obrigar a pessoa a fazer, fazer e cobrar. Que eles deviam obrigar, né? E eles têm como fazer isso. (7/10)

Ideia Central T: A responsabilidade do acesso ao serviço de esgoto em casa é do governo e da comunidade

Ilha das Caieiras

Eu acho que assim, é responsabilidade da pessoa mesmo ou se não da prefeitura. (1/10)

Jardim Camburi

Da comunidade, do prefeito, do governador, do vereador, do presidente, de todos. (1/10)

Ideia Central U: A responsabilidade do acesso ao serviço de esgoto em casa é das pessoas

Ilha das Caieiras

Porque muitos não têm condições, né? Ah, eu acho que isso é das pessoas mesmo, né? Porque cada um tem que cuidar da sua higiene. (2/10)

Ideia Central V: A responsabilidade do acesso ao serviço de esgoto em casa é da CESAN

Santa Teresa

De quem que é? Eu acho que é do pessoal lá da CESAN, sei lá. Ah, eu acho assim, né? Deve ser assim, deve ter uns bairros que eles acham que estão abandonado para lá, né? Não liga de passar lá pra ver, né? (1/10)

Idéia Central A: Existe legislação sobre a qualidade da água para o consumo humano

Mangue Seco

Acho que deve ter leis, né? Não conheço, meio ambiente? Não sei! Deve ter! Tem sim! Aonde, se não tivesse eles iam esquentar? Primeiro, eu acho que é uma necessidade do ser humano ter uma água encanada em casa. E segundo, eles tem que tratar água, porque você já imaginou pegar uma água que não é tratada e mandar pra casa das pessoas? Ela sendo tratada, ela ainda traz algum tipo de problema, você imagina se ela viesse do jeito que nasce lá no rio... Aí vai uma pessoa lá e defeca na beira do rio... Outra vai joga um lixinho... E aí, já pensou? A quantidade de doenças que ia ser lançada pra casa da gente? Eu acho porque ele quer o bem estar, né? Das pessoas, né? Quer o melhor, né? Eu acho que sim, né? Tem que ter. Ah, através de laboratório que eles têm instalado lá, né? (6/10)

Ilha das Caieiras

Lei? Eu acho que existe sim. Ah, deve ter sim! Ah, de algum lugar aí que eu não sei. Ah, a Secretaria de Saúde fala, né? Eu já escutei na televisão, sobre a importância da água, não sei explicar. (6/10)

Santa Teresa

Ah, deve ter, eu não conheço, mas deve ter. Existir eu acho que existe, eu não sei qual, mas com certeza existe, porque é uma coisa muito séria. (5/10)

Jardim Camburi

Eu acho que deve existir sim apesar de eu não saber te dizer qual é a lei, me parece que eu vi uma reportagem sobre isso. Eu acho que ela existe e está fora do conhecimento de muitas pessoas, por conta de instrução. Existe porque senão quando acontecesse alguma coisa, você não podia entrar na justiça contra eles, né? (6/10)

Idéia Central B: Não existe legislação sobre a qualidade da água para o consumo humano

Mangue Seco

Minha filha, eu acho que não, menina. Que não tem não! (2/10)

Ilha das Caieiras

Não. Eu acho que não! (2/10)

Santa Teresa

Se existe algum regulamento? É, eles passam na televisão pra gente não desperdiçar muito a água, pra gente usar a água como for necessário e não desperdiçar, né? Acho que não. (1/10)

Jardim Camburi

Olha, isso eu não sei se existe lei, eu acredito que não tenha, mas se tem não está sendo cumprida, tem tanta gente que não tem água. a gente não sabe os nossos direitos. (2/10)

Idéia Central C: Não sabe se existe legislação sobre a qualidade da água para o consumo humano

Mangue Seco

Se existe? Aí, eu não sei te dizer isso não. Não, não parei pra pensar ainda não. É, a gente só lembra assim, vai pensar um pouco no caso quando vê falar, igual agora no verão mesmo, começa aquele negócio de que tem que economizar, a gente pensa mais, não chega a pensar tanto, só pensa naquela hora. Na televisão, né? Começa as propagandas, né? Dessas coisas.... (2/10)

Ilha das Caieiras

Não sei não. Ah, isso aí eu não sei te informar não! (2/10)

Santa Teresa

Se existe alguma lei? Sobre a qualidade? Ai, Meu Deus, sobre isso eu não sei. (4/10)

Jardim Camburi

Menina, isso aí eu não sei te responder. (2/10)

Idéia Central D: Existe relação entre a água e o SUS

Mangue Seco

Ao Sistema de Saúde. Deve ter, né? Que é saúde, né? É realmente, lógico, que se você tomar uma água que te prejudica a sua saúde, você tem que procurar o SUS, né? (risos). É, a gente não pode ficar sem o médico, também, né? E a água também é a mesma coisa. A gente não pode viver sem a água, né? Claro que tem! (5/10)

Ilha das Caieiras

Entre a água e o SUS? Ah, eu acho que existe sim. Sem a água eles não pode fazer nada. Deixa eu ver se eu estou certa, hein? Quer dizer que se eu tomo uma água contaminada em casa, eu vou pegar alguma doença, aí eu tenho que correr pro... Eu não tenho plano de saúde, tenho nada, aí eu tenho que correr pro SUS, aí então, a relação é essa! (3/10)

Santa Teresa

Relação? O SUS é a água? Deve de ter né? Acho que tem. Ah eu acho assim, o SUS precisa da água, entendeu? Por exemplo, o posto lá, ele não pode ficar sem limpeza sem ser tratado, entendeu? O SUS não é do governo? Então, a água também não é? Não é o governo que que coisa a água? Então, tem que ter relação do SUS e a água. (3/10)

Jardim Camburi

Relação? É o principal pra eles, né? Se não como eles vão funcionar? Mesmo o médico trabalhando sem água, não adianta, né? O SUS é que deve fiscalizar a água, né? Pra ver se está boa ou não, não é isso? Reclamações! Reclamações de falta de, como é que fala? De ser mal servido! Ah, o SUS é tratamento de saúde, né? Ele tem que existir pra poder ver a qualidade dessa água que está passando pra população, entendeu? Todos dois cuida da saúde, não é não? Que sem a água a gente fica doente e sem o SUS, a gente não tem como melhorar, né? (9/10)

Ideia Central E: Não existe relação entre a água e o SUS

Ilha das Caieiras

Água e SUS? Acho que não! (4/10)

Jardim Camburi

Que eu saiba não. (1/10)

Ideia Central F: Não sabe se Existe relação entre a água e o SUS

Ilha das Caieiras

Não sei! (1/10)

Santa Teresa

Se existe? Aí eu não sei te dizer (risos). Acho que não, tem? Ah, isso aí devia de ter, né? (7/10)

Idéia Central G: Não conhece o VIGIAGUA

Mangue Seco

VIGIAGUA, o que significa Vigi...? Não sei. Nunca ouvi não. É o quê que significa? (10/10)

Ilha das Caieiras

VIGIAGUA? Nunca ouvi falar não. (7/10)

Santa Teresa

Não. VIGIAGUA, pra vigiar? Tomar conta, pra ver se a água está sendo tratada? (10/10)

Jardim Camburi

VIGIAGUA? Não, nunca ouvi falar. (9/10)

Ideia Central H: Já ouviu falar do VIGIAGUA, mas não sabe o que é

Ilha das Caieiras

Ah, ja ouvi falar mas acho que é... (2/10)

Jardim camburi

Acho que já, não sei não, como, eu não nem vou te responder que já, mas não sei como que eu vi. (1/10)

Idéia Central I: Não conhece o MDDA**Mangue Seco**

Não. Também não, esse ainda não. É, por enquanto, eu não vi não, né? (8/10)

Ilha das Caieiras

Não, acho que é a primera vez, isso deve ser velho e eu estou sabendo agora (Risos) (8/10)

Santa Teresa

MDDA? Não. (10/10)

Jardim Camburi

Também não! (9/10)

Idéia Central J: Já ouviu falar do MDDA, mas não sabe o que é**Mangue Seco**

Eu já ouvi falar, mas... (risos) já ouvi. Lá na. prefeitura. A gente ia sempre lá. Ah, eles conversando com a gente, né? Conversava... o MDDA é ... (2/10)

Ilha das Caieiras

Não. Já ouvi falar mas não sei o significado, com certeza já ouvi falar. (1/10)

Jardim Camburi

Já. Isso aí eu já ouvi falar. Não sei o que se trata, sei que existe essas palavras, essas siglas, mas não sei o que elas quer dizer. (1/10)

Tema 7: Relação com o serviço de abastecimento de água

Idéia Central A: Desconhece o gerenciamento da CESAN**Mangue Seco**

Ah, nunca pensei nisso, nunca parei pra pensar nisso não. Não sei te dizer não, mas eu sei que deve ser uma pessoa de muita responsabilidade. Ah, eu acho que tem um técnico responsável. Um químico responsável pra poder fazer a experiência com ela, pra ver em que nível ela está boa pra ela ser mandada pra gente. Ah, veio uma pessoa esperta, um inteligente lá, tipo assim, descobre uma mina de água. Acho que veio eles, porque vê a necessidade da população, né? Porque é uma empresa muito grande. Ou o prefeito ou o governo, né? Porque a gente não tem essa informação, não informa, a gente não sabe, né? (7/10)

Ilha das Caieiras

Ah, não sei, (risos) não sei! Ah, dos órgãos, né? Eu acho que é alguma empresa aí, porque eu acho que não é a prefeitura não! Não sei te dizer não! (6/10)

Santa Teresa

Quem que é responsável pela CESAN? Olha, eu não sei quem é... (6/10)

Jardim Camburi

Ah, eu nao sei! (Risos) (3/10)

Idéia Central B: O responsável pela CESAN é o governo**Mangue Seco**

Eu acho que é o governo. Lá do palácio, né? É do Estado, né? A saúde também, né? Porque se a água vier de qualquer jeito, né? Como é que vai ter saúde? (3/10)

Ilha das Caieiras

Eu acho que pra mim que... Isso faz parte do governo, né? É o secretário da saúde? Ou é o nosso prefeito? Mas às vezes eu penso que é o governo, né? (3/10)

Santa Teresa

Olha, eu creio que é o governo, né? (3/10)

Jardim Camburi

Eu acho que é o governo, não é? (5/10)

Ideia Central C: O responsável pela CESAN é o diretor**Santa Teresa**

O Diretor de lá, né? (1/10)

Ideia Central D: Solicitou a ligação predial de água e o atendimento foi rápido**Mangue Seco**

Eu que solicitei. Não demorou não. Uns dois, três dias. (3/10)

Ilha das Caieiras

Ah, isso aí já há muito tempo Eu fui lá na CESAN ou a gente ligou pra CESAN e fiz o pedido. Aí eu comprei o padrão, coloquei e aí eles vieram colocar o relógio, vieram fazer a ligação de água. Foi fácil. (4/10)

Jardim Camburi

Ah, pedindo, né? Ao departamento, né? Autorizar, né? (1/10)

Ideia Central E: A ligação predial de água foi um serviço difícil de conseguir**Mangue Seco**

Foi, foi muito difícil. Quando eu vim morar aqui, aqui não tinha água, aqui não tinha energia. Ninguém tinha água aqui no começo. A gente teve que trazer água lá de Joana D'arc, no próprio cano da gente, a gente comprou vários e vários canos, emendado de pedacinho em pedacinho. Nossa Senhora da Penha! A água, nós tinha uma água aqui, que só Deus sabe! Aí, essa água vinha de manhã e de tarde não vinha, você tinha que apanhar lata. Aí, depois foi juntando mais gente, aqui foi... Entendeu? Aí, todo mundo foi fazendo suas casinhas, aí foram pedindo água na CESAN. Então, quando a CESAN veio e fez uma coisa de água pra todo mundo, entendeu? (4/10)

Ilha das Caieiras

Ah, nós conseguimos a ligação, foi com muito trabalho, ia muito na CESAN, na prefeitura, no estado, caminhadas e mais caminhadas, gastando sola de sapato. Foi a comunidade que ajudou a gente a ter essa água, porque a gente não tinha, foi justamente nesta década de 70 que a gente movimentou o movimento comunitário, a comunidade, então, conseguimos trazer a água até aqui. (3/10)

Jardim Camburi

Olha, nós sofremos muito, nós sofremos muito, porque nós não tínhamos água, nós compramos essa casa aqui, no tempo que era cruzeiro, né? (1/10)

Ideia Central F: A ligação predial de água é significativa na vida do sujeito**Mangue Seco**

Aí, Meu Deus! Como é que eu vou dizer? Ah, claro que tem, né? É importante, né? Quando eu vim morar aqui, aqui não tinha água, aqui não tinha energia... Eu acho que representa muito, né? Representa coisa boa, porque a gente, vamos dizer se eles não fizessem isso, a gente não ia poder ter água na casa da gente. Tem que ter, né? Porque se não tiver, como é que eu vou viver, né? É importante pelo fato de você ter a sua água encanada. Pra gente ter a água, né? Dentro da casa da gente. Ah, eu acho uma coisa muito boa, né? (10/10)

Ilha das Caieiras

A ligação de água em casa? Eu acho maravilhoso! Nossa, eu adoro, eu adoro! A água é um bem precioso, né? A riqueza da comunidade é a água, sem ela a gente não é ninguém! Eu acho que é muito bom, é muito importante para a minha família, pra mim e o mundo inteiro, né? Se a gente não tivesse essa ligação de água, como a gente

vai viver sem a água? Porque quem não tem, tem que pedir aos outro, né? Uai, você não precisa ficar carregando água na cabeça, né? Aí fica difícil! Bom, ótimo! Pra mim é ótimo ter água dentro de casa. (10/10)

Santa Teresa

Ah, maravilhoso né? Ah, facilita a vida da gente em muito, né? Nossa! Já pensou se nós tivéssemos que subir esse morro com a lata na cabeça e voltar ou se eu tivesse que ir lá em um bairro vizinho para buscar um balde de água? Ou buscar agora no poço? Quando a gente era menor aqui, não tinha essa água, a gente buscava água lá em cima não tinha essa água, a gente buscava água lá em cima... A ligação de água em casa é muito importante. (10/10)

Jardim Camburi

Ah, pra mim é essencial porque traz muito benefício pra uma casa, voce não consegue fazer nada se não tiver a água, entendeu? Ficaria muito difícil você ter, viver ali dentro sem ter água, onde você ia ter essa água? Como que uma família pode viver sem água? Não me vejo sem uma água, né? Quando falta água, né? É complicado! (10/10)

Ideia Central G: A ligação predial de água já existia na casa

Ilha das Caieiras

Aqui? Eu quando eu cheguei aqui já tinha água aqui, quando eu vim morar com meu marido. (1/10)

Santa Teresa

Olha, não fui eu, acho que há muitos anos que a gente vem com essa água ai, né? Quando eu vim morar aqui já tinha, entendeu? (5/10)

Jardim Camburi

Como é que eu consegui? Ah, isso aí faz um monte de tempo, né? Quando a gente veio morar aqui já tinha água. (8/10)

Ideia Central H: A própria pessoa que fez a ligação predial de água

Ilha das Caieiras

Oi? Meu irmão que ligou aqui pra gente, aí ele fez uma ligação só porque nós somos uma família só aqui, aí ele pegou e fez uma ligação só, né? Mandou fazer uma ligação só. (1/10)

Santa Teresa

Aqui dentro? É, não foi difícil não minha filha, conseguimos com a gente mesmo, né? Compramos os materiais e fizemos. (1/10)

Idéia Central I: Valor social da ligação predial de água

Mangue Seco

Porque que é importante? Ah, é importante pelo fato de você ter a sua água encanada. Não ia depender, igual o vizinho ter e eu não ter, eu ter que depender do vizinho? Sou uma das pessoas mais velhas que mora aqui, sou eu. Depois veio mais gente morar, fazer barraco, entendeu? Mas eu estou aqui muito tempo. Eu quero a minha ligada também! (risos) (3/10)

Ilha das Caieiras

Aqui a gente morava tipo uma invasão ali no lixo, né? Não tinha nada encanado, a gente carregava água na lata e quando tinha água também na rua, quando caía, né? Ficava esperando, tinha vez que chegava 10, 11 horas e a gente carregava água, botava nas caixa, né? Porque não tinha instalação. Eu tinha, eu acho que, 14 anos. Ah, a gente ficava mais de uma hora carregando água. Bem mais, oh, porque a gente ficava esperando, muita gente, ficava em fila, esperando. Pegava assim, na rua, né? Tinha aqueles canos na rua assim, e a gente ficava na fila esperando. No balde, na lata, carregando, a cabeça da gente chegava a doer, né? Tinha vez que os braços doiam, né? Com os dois baldes, carregava na cabeça! Nós ficava com raiva quando ia gente lá lavar roupa, lavar vasilha, entendeu? Porque demorava bem mais! Tem vez que a gente perdia até aula, né? Quando estava estudando ainda. Não era todo dia que tinha água lá não, mas quando tinha a gente carregava, mas tinha vez que ficava muito tarde da água chegar e aí a gente não carregava, entendeu? Dependia o horário que tinha água. Do cano da rua, dependia do horário que tinha água, né? Tinha torneira não, eles tampavam com uma rolha, entendeu? Não tinha torneira, era muito difícil! (1/10)

Santa Teresa

Eu carreguei muita água. Na cabeça. Quando a gente era menor aqui, não tinha essa água, a gente buscava água lá em cima, na latinha, porque a gente era pequeno. Todo dia, pra tomar banho, beber e fazer comida. A gente carregava até quanto a gente aguentava, de dia, de tarde, só a noite que a gente parava, mas enquanto a gente aguentava a gente carregava. Tinha que enfrentar a fila ainda, ficava na fila pra pegar e encher as latas, né? Porque tinha gente demais! Ah, tinha que encher os tonel. E aqui tem uma vizinha aqui, coitada, acho que ela tem quase 50 anos, ela não tem caixa d'água em casa, ela de vez em quando, quando falta água, ela tem que buscar água lá em cima. Ainda no dia de hoje. Ela mora aqui em baixo, numa casa de tábuas que tem aqui em baixo. (4/10)

Jardim Camburi

Nós compramos essa casa por trinta cruzeiros, era barro puro isso aqui, a rua era um barreiro só, lama até no meio da canela, nós passamos isso tudo aqui e a água oh, se eu lavava os lençóis, se eu botava os lençóis, era uma água, você já misturou água com café? É da cor da água com café! Tivemos sim, mas era água ruim, aí de tanto a gente sofrer e reclamar, eles deram um jeito lá, sei que aí passou a água pra nosso bairro, água boa, aí já veio a água que a gente podia usar. Pra você encher um balde d'água, você tinha que deixar lá a torneira, você ir embora, você esquecer aquele balde ali, pra poder você colher aquela água. Além de ser ruim, ainda a quantidade era pequena. Olha, eu acho que é um conforto que a gente tem, uma água tratada, e uma das coisas que eu acho que mais barato, no mundo, é a água, né? Nós somos privilegiados na vida termos esse serviço em casa, que não deveria ser só pra determinadas pessoas, acho que a humanidade em peso deveria ter essa água. E não é bem assim, né?(3/10)

Idéia Central J: A falta d'água é ocasional e a CESAN comunica Ancoragem J: Divulgação na mídia

Mangue Seco

Olha, aqui é muito difícil falar. Às vezes, às vezes que falta, não é direto não. Geralmente quando falta é avisado. Entendeu? Ah, comunica. Às vezes o vizinho lá sabe que eu não estava em casa, você escutou? Você ouviu? Saiu na televisão. Falou no rádio também! Não, do que? Vai faltar água! Economiza a água! Um sai avisando o outro. Graça a Deus aqui a comunicação é de todos. Quando falta é uma loucura! (10/10)

Ilha das Caieiras

Não, muito difícil falar água aqui, muito difícil! Quando falta água a gente já fica sabendo. Eles avisam que vai faltar água em tal lugar pela rádio e televisão, aí eles passam a informação, tal lugar vai faltar água, São Pedro, Santa Marta, e Santo Antonio, e vai embora, os bairros todinho aqui, aí a gente já fica sabendo, eles já fala a hora que vai faltar a água e o dia que vai retornar. (2/10)

Idéia Central K: Em caso de falta d'água procura a CESAN para providências e o atendimento é rápido

Mangue Seco

É, aguardo, geralmente a gente aguarda o período de 12 a 24 horas. Se passar disso, aí a gente liga pra procurar informações, pra saber o porquê. Ué, nós começamos a ligar, pra eles tomarem providências. Eles tenta consertar ou colocar novos canos, né? Foi rapidinho! Rapidinho eles deram um jeito. (3/10)

Idéia Central L: Declara saber o porque da falta de água

Mangue Seco

Menina, quando falta água, alguma coisa eles estão fazendo! É ruim, é péssimo (risos). Olha, geralmente quando é comunicado é uma adutora, ou um rompimento de alguma adutora, ou é limpeza, essas coisa. Eles lavam aquela caixa, né? Acho que eles lavam de 15 em 15 dias, não sei. Porque a gente não vai ficar bebendo daquela água direto, alguma coisa que tem que ser acertada. Porque não vai faltar água à toa. Ah, eu acho bom, que eles estão melhorando, né? (8/10)

Ilha das Caieiras

Eles avisam que vai faltar água em tal lugar, pra reforma ou pra conserto da adutora em tal lugar assim ou porque joga água pra um canto e o outro fica sem. Uma limpeza lá na represa ou por causa das limpeza dos rio. Porque eles estão limpando, né? Mas não sei se é verdade, né? Falta água porque a maioria não paga, né? Ou é devido a muito desperdício, tem muita gente que desperdiça muito, né? Às vezes, algum cano quebrado, entendeu? Aí eles vem e conserta, aí pronto, aí volta de novo ela. E se a água não pode retornar no mesmo dia e horário que eles avisaram, eles já passam outro anúncio, a água não foi possível chegar em tal localidade

porque houve um problema em tal lugar assim, assim, então, amanhã a partir de tal hora, ou mais tarde a partir de tal horário, a água retorna. (8/10)

Santa Teresa

Assim, o tempo de verão acontece muito, assim, falta, durante o dia falta o dia todo, a noite que chega água, entendeu? Ou é porque acontece assim algum vazamento aqui em cima ou estoura algum cano importante, ligação geral, é mais por isso, mas eles consertam logo, mas não passa assim de uns dois dias, entendeu? (2/10)

Jardim Camburi

Sei, porque deve ser limpeza nas caixas, ou conserto de algum cano por aí fora. Mais pra o verão, que falta. Eu acredito que seja algum tipo de tática da Cesan para não faltar a água generalizada. (3/10)

Ideia Central M: Na falta de água carrega água

Ilha das Caieiras

Não, aqui em casa quando falta, eu procuro algum lugar que tenha, por exemplo, às vezes, uma pessoa que tenha um reservatório maior que o meu, aí eu vou e peço um balde, dois... (3/10)

Santa Teresa

Eu peço aos vizinhos um pouquinho de água pra fazer comida. Com balde. Ah, tem vezes que falta assim... Fica o dia todinho. Ah, tem, né? (1/10)

Ideia Central N: Usa a ligação de água do vizinho

Ilha das Caieiras

Eu tinha água, entendeu? Mas quando eu morava na outra casa... Mas nessa aqui não... (1/10)

Ideia Central O: A falta d'água é frequente e a CESAN comunica

Ilha das Caieiras

Costuma. Ah, um dia, quer ver, tem dia que chega à noite, porque cai na caixa, né? Aí, no outro dia não tem água de novo, porque tem uma torneira ali que a gente usa da rua, entendeu? Direta da rua, não é da caixa, tem vez que bota, também direta da rua, pra gente usar pra não acabar da caixa, entendeu? Aí, falta! Eu até falo com as crianças, né? Que de primeiro assim, faltava água no cano, e não tinha água, a gente não tinha água, aí ligava pra pipa e a pipa vinha, aí menina, nós enchia as coisas, enchia tonel, enchia as coisas e depois nós tudo toma banho na maré e aí era como é que fala? Aquela alegria, né? Que vai faltar água, eu fico sabendo pelo rádio, a televisão, pelo Notícia Agora, né? E realmente o tratamento da CESAN com a gente, com a população é bom. (6/10)

Santa Teresa

Mas na minha, é da casa dos outros. (1/10)

Ideia Central P: É difícil faltar água

Santa Teresa

Olha, é muito difícil faltar, mas falta, demora muito faltar água aqui, aí quando falta, falta três dias direto. Na minha casa é raro, na verdade quando falta eu nem percebo, porque a minha água vem direto da caixa. Ah, eu tenho então, que perguntar as outras pessoas se faltou água, porque a minha torneira, todas elas já vem direto da caixa, entendeu? Aí, não dá para sentir falta assim, não. (6/10)

Jardim Camburi

Não, muito difícil. Jardim Camburi é muito difícil mesmo! Eles avisam, entendeu? A CESAN tem esse trabalho de avisar pelo rádio e pela televisão, a gente já abastece a água... De vez em quando, mais pro verão, que falta. Ah, eu tenho que ligar para o 155 e falar com a CESAN, é a marca da CESAN. Não, nunca fiz isso, porque nunca faltou (Risos). (10/10)

Ideia Central Q: A falta d'água é frequente

Ilha das Caieiras

Hi, falta, falta uma semana, ou de mês a mês. É difícil, é difícil assim o tempo, né? Mas às vezes, falta dois dias. (2/10)

Santa Teresa

Falta assim, mais finais de semana, mas eu acho que é por ser alto, entendeu? O máximo que aqui, pelo menos o tempo que eu estou aqui, que eu vi faltar é um dia, um dia e meio, entendeu? É assim raro o dia que tem durante o dia água direta da rua, aí eu tenho porque fica na caixa, né? Assim, o tempo de verão acontece muito, falta, durante o dia falta, assim, a noite que chega água, entendeu? Eu não armazeno água porque graças a Deus aqui em casa eu gasto o mínimo, a minha caixa dá pra me manter, entendeu? Oh, minha filha, às vezes eu eu sabe... Eu fico esperando ela voltar, eu fico esperando chegar. Não, eu nunca liguei pra CESAN pra reclamar negocio de falta d'água. (4/10)

Ideia Central R: Em caso de falta d'água procura a CESAN para providências e tem restrição ao atendimento da CESAN**Ilha das Caieiras**

Providências? Ah, a gente liga pra CESAN. Só o atendimento, eles atende muito bem, às vezes demora um pouquinho, mas às vezes vem logo, né? Eles atende bem. Mas só que, na hora de vir resolver eles não vêm resolver nada, continua ficar um mês sem água ou a gente chama demora uns dois dias, mas eles vêm logo vem atender aqui. (2/10)

Santa Teresa

A gente liga pra CESAN e eles falam que o prazo de 48 horas estará tudo normalizado, mas é muito difícil em 48 horas. (1/10)

Idéia Central S: O pagamento da conta de água tem alguma representatividade no orçamento mas vale o serviço prestado**Mangue Seco**

Menina, que pesa, pesa, entendeu? Um pouco, né? Acho que pesa um pouquinho. Porque em um exemplo, acho que não tem só essa conta só, tem mais de outras contas aí dentro, entendeu? Aqui a gente usa, né? E tem que, eu acho que desde o momento que a gente está usando a água ou a luz, entende? A gente tem que, né? Pagar, né? Porque quando não pagar, aí corta, né? Vale, porque é necessidade. Eu preciso, porque a gente não pode viver sem água, né? (8/10)

Ilha das Caieiras

Ah, ela pesa sim! É porque às vezes pesa, né? Vale, vale a pena! Vale e muito! (3/10)

Santa Teresa

Olha, pesa, né? A gente tem que ter ela, né? Mas infelizmente a gente tem que pagar, né? Se não paga, corta, né? Vale, sem duvida! (3/10)

Jardim Camburi

Bom, tudo pesa, né? Falou que é pagar, pesa (risos). Vale, eu acho. (3/10)

Idéia Central T: O pagamento da conta de água não tem alguma representatividade no orçamento mas vale o serviço prestado**Mangue Seco**

Ah, mas não pesa tanto porque se tivesse relógio mesmo, aí sim, pesaria bem mais, né? Está bom demais! Porque é bom! Ótimo, vale, Nossa Senhora! (2/10)

Ilha das Caieiras

Eu não acho que pesa não, não pesa porque é pouco, só quando está desempregado, que não tem condição e a pescaria esta ruim. Eu sinto prazer em pagar (risos). Vale, vale sim, claro que vale! (5/10)

Santa Teresa

Graças a Deus não pesa não, pesa muito não porque é pouquinho que a gente paga, né? Acho que vale, porque ela chega em casa direitinho. (7/10)

Jardim Camburi

Nao, eu acho que não. Ah, vale, com certeza! (4/10)

Ideia Central U: O pagamento da conta de água tem alguma representatividade no orçamento e não sabe se vale pelo serviço

Jardim Camburi

Às vezes eu não sei, eles cobram uma taxa, que eu acho que é errado, que é a de esgoto. Eu acho que a gente tem que colaborar, claro que eles têm que tirar o dinheiro de algum lugar pra poder fazer o trabalho deles, mas 100 %, praticamente 100%, eu acho um absurdo! Eu acho que o governo tem condição de arrecadar o dinheiro pelo imposto que a gente paga, então, eu acho que eles tinham que rever isso, ou não sei, sabe? Acredito que pelo serviço não, mas vale por você pensar que outras pessoas não tem condições de ter água, vale a pena. (3/10)

Idéia Central V: Já suspeitou da qualidade da água mas não procurou a CESAN

Mangue Seco

Aqui já várias vezes. Olha, às vezes você abre a torneira e vê aquele tipo igual a leite, branco. Já! Às vezes a água vem amarelada, às vezes ela vem barrenta. Chega aquele cheiro de ferrugem, né? Porque tem dia igual, chega a faltar água, quando logo que chega em seguida ela vem suja, entendeu? Tem dia que ela está com odor forte. Que se a gente beber a água do jeito que ela vem, às vezes, igual vem barrenta daquele jeito, a gente pode consumir alguma coisa, né? Ah! Eu não procuro não! Nunca procurei! (5/10)

Ilha das Caieiras

Ah, a água às vezes ela vem boa, às vezes vem amarga, gosto ruim, amarela, cor de ferrugem, chegou a vir barrenta algumas vezes em época de muita chuva. Teve uma época sim, que estava dando muita dor de barriga, aí eu disse: oh gente, isso aí deve ser a água, porque todo mundo sentindo a mesma coisa!'. Depois passou, não sei se foi só suspeita... Às vezes uma poluição num rio, quando eu vi no jornal, né? A gente já fica ligado pensando que é no rio que a água vem pra gente, isso aí preocupa um pouco. Primeira coisa que eu faço é deixar a água, que vem às vezes barrenta, sair da torneira, até que ela não fique branquinha eu não uso, eu tenho medo, então, a gente deixa aquela água passar e pega quando vem limpa. A CESAN, ligo não, porque eles falam que limpam a água, por isso que está com esse gosto ruim, do cloro. A gente geralmente não fala nada não, depois a gente espera, espera pra ver se ela limpa, né? Porque logo em seguida é o cloro que vem, parece assim, logo no começo água vem suja! Mas acho que é a espuma da água, mas depois ela vai limpando. (5/10)

Santa Teresa

Não, só quando falta água Ai, nisso que ela está vindo, no caso que ela tem que encher a caixa de novo ela desce um pouco escura. Quando ela volta, eu não sei se vem tirando a sujeira dos canos, eu não sei, vem muita.... E a caixa agora? Nossa Senhora, você tem que ver a sujeira da caixa! Nossa, você tem que olhar! Eu lavei no dia que faltou água, pode ir lá agora olhar! Você não tem vontade de tomar a água! É muita sujeira que vem! Há um mês e pouco eu lavei a caixa. Eu só deixei escorrer um pouco, que vai sair aquela do cano escura e vai ficar normal. Às vezes eu penso assim que, nem filtrada a gente escapa assim... Deixa assim de tomar algum resíduo que pode fazer mal, acho que nem filtrando... Porque devido a cor dela muito embaçada, eu já vi cair. Eu só suspeito quando tem muito cloro, né? Às vezes, eu falo que essa água está com muito cloro, às vezes até o cheiro da água, né? É do cloro, do próprio cloro... Assim, providência de reclamar, alguma coisa assim? Não. Nunca liguei não. (5/10)

Jardim Camburi

Sim, gosto, cloro, barro, né? Às vezes, se você abre, um monte de terra, passando dois minutinho, aí suja mesma. Aí eu espero correr aquela água suja primeiro pra depois quando começar a ficar branca, pego e olha na mão... Pensei já, mas... Não, nunca liguei, a água hoje está barro, mas amanhã está limpa, aí dá pra lavar roupa, então... (5/10)

Tema 8: Existência e participação em alguma associação/ entidade no bairro

Idéia Central A: Existe associação de bairro e participa

Mangue Seco

Aqui tem o movimento comunitário, né? Pelo que o pessoal fala, tem assim três anos e pouco que fizeram aqui uma associação aí, no nosso bairro. Agora que nós montamos um movimento comunitário e os documentos ficaram prontos quarta-feira agora. Então, a gente vai começar a trabalhar mesmo agora. Tem a Sueli, que mora ali embaixo. Ela é líder do comunitário. Eu participo quando eu posso, né? Porque eu trabalho direto, e

às vezes a reunião que tem dá pra gente ir, à vezes não. É, eu gosto. Mas sempre mesmo a gente não indo, sempre a gente pergunta quem foi, o que houve, o que aconteceu. (6/10)

Ilha das Caieiras

Associação de bairro? De Moradores? Existe, precariamente, mas existe. Eu participo... (4/10)

Santa Teresa

Tem. Participo. Muito difícil eu participar... Tem vez que eu vou... Aí tem vez que eu não vou. (3/10)

Jardim Camburi

Existe, tem sim. Agora eu sei onde tem um movimento comunitário trabalhando bem, participo. (2/10)

Idéia Central B: Pouca participação dos moradores, mas ocorrem críticas

Mangue Seco

Olha, aqui é o seguinte, os moradores eles não são muito de participar. Participação que eles têm direito também de pegar e por o que eles pensam e o que eles acham. Não comparece, mas depois querem opinar sobre uma decisão já tomada. Eles chegam até a gente pra criticar, pra saber o que está acontecendo ali no bairro, mas só que ninguém toma aquela frente, pra falar assim: Eu vou fazer alguma coisa pra mudar! Mas eles são muito assim, de crítica. (2/10)

Idéia Central C - Pouca participação mas acredita na possível participação futura dos moradores

Mangue Seco

Olha, aqui é o seguinte, os moradores eles não são muito de participar. Muita gente agora que estão se interessando mais. Eles estão vendo o bairro crescendo e quer mais é a melhora do bairro, né? Uma hora eles vão falar: Eu também vou ajudar, vou fazer alguma coisa pra mudar, né? (2/10)

Idéia Central D: Existe a pastoral e já participou

Mangue Seco

O grupo do pessoal da Igreja Católica, né? Ah, pesagem das crianças, acompanhamento, essas coisas. Participava até meus meninos, fazerem seis anos de idade. (1/10)

Ilha das Caieiras

Todas as reuniões que tem, eu participo da igreja.. Católica.... (1/10)

Idéia Central E: Pouca participação dos moradores – Individualismo

Ancoragem E: Modernidade

Mangue Seco

Não tem total participação. Só se for interessante pra mim, né? São tipos de pessoas, tipo assim, isolada dos acontecimentos. (3/10)

Santa Teresa

A comunidade é muito fraca. A comunidade ela tem um interesse próprio. Ela não tem interesse um no outro. (1/10)

Jardim Camburi

Não, não.. Jardim Camburi, eu sempre falo, eu moro aqui há muitos anos, é uma comunidade muito fechada, muito fechada... (1/10)

Idéia Central F: Existe associação de bairro e não participa

Mangue Seco

Tem sim!... Está até provisório na casa de Sueli. Mas, eu nunca participei não. Porque também eu não tenho tempo, né? Mas as informações chegam (risos). (4/10)

Ilha das Caieiras

Associação de moradores? Existe, tem o centro comunitário ali, mas eu não participo... (6/10)

Santa Teresa

Existe. Tem, aqui pra cima, Pra ser sincera, não! (5/10)

Jardim Camburi

Existe. Não, eu não tenho, não tenho nem tempo, eu sei que tem... (7/10)

Ideia Central G: Pouca participação dos moradores**Ilha das Caieiras**

Vizinhos? Eu acho que quase ninguém vai, pouca gente... Alguns vão... Se você quer saber! (5/10)

Santa Teresa

Participam, eu sei de umas pessoas que participam. Nem todos aqui... (5/10)

Jardim Camburi

Ah, deve ter alguém que participa, entendeu? Eu sei que tem gente que participa sim. (3/10)

Ideia Central H: A associação não ajuda aos moradores**Ilha das Caieiras**

É, só que tem uma reunião a gente vai. Ah, não tem recursos pra dar ajuda a ninguém, não tem fundos... Então, pra mim não existe, eles não faz nada, não faz nada mesmo! (3/10)

Ideia Central I: Tem muita confusão na associação**Ilha das Caieiras**

É muita política, né? Dá muita encrenca. É muita confusão, às vezes tem muita confusão. Um quer uma coisa e outro não quer, e ali fica aquela confusão e às vezes quando a maioria chega até a vencer, ali fica aquele impasse, eles são muito... Muita confusão pelas coisas... Eu não gosto não! (2/10)

Jardim Camburi

É muita politicagem, por isso que eu não participo, acredito que é muita politicagem, no outro ano sempre elegendo alguém, quem está metido sempre o outro ano está como vereador ou como deputado, não é aquela participação espontânea. (1/10)

Ideia Central J: Não sabe se os moradores participam da associação**Santa Teresa**

Bom, não sei não. (1/10)

Ilha das Caieiras

Não sei dizer não! (1/10)

Jardim Camburi

Não, não tenho idéia, que eu conheço ninguém participa não! (3/10)

Ideia Central L: Os vizinhos participam da associação**Ilha das Caieiras**

Participam. Eles já me chamaram pra participar mas... (1/10)

Ideia Central M: Os vizinhos não participam da associação**Santa Teresa**

Olha minha filha, eu acho que não. (1/10)

Jardim Camburi

Eu acredito que não, acho que ninguém por aqui participa. (2/10)

Ideia Central N: Não sabe se existe associação de moradores

Santa Teresa

Não sei te dizer, porque eu sou muito filtrada aqui em casa. Se existe ninguém nunca comentou nada comigo não. (2/10)

Jardim Camburi

Não, menina, acho que não tem não. (1/10)

Ideia Central O: A população precisa do centro comunitario

Santa Teresa

É, todo mundo precisa, mas ninguém vai procurar nem pra botar negócio de esgoto, nem a água e nem nada, ninguém vai. Que se a comunidade trabalhasse em conjunto eu tenho certeza que a gente teria atingido o nosso objetivo, né? (2/10)

Jardim Camburi

Quanto mais a comunidade trabalhar unida, mais fácil se torna. (1/10)